

SENSO E SENSIBILIDADE

Jane Austen

InfoLivros.org



SINOPSE DE RAZÃO E SENSIBILIDADE

Razão e Sensibilidade é uma das obras mais famosas de Jane Austen, ambientada na Inglaterra do início do século XIX. Ela conta a história das vicissitudes amorosas de duas irmãs com personalidades muito diferentes.

Logo ficarem sem seu pai, Elinor e Marianne devem se mudar de sua casa natal e ficar com seus parentes. Em sua nova casa, ambas se apaixonam intensamente, Marianne sem restrições e abertamente, Elinor discreta e tentando não expressar seus sentimentos. Mas logo eles terão que experimentar a experiência de sentir mágoa por razões totalmente injustas.

Este é um romance no qual entendemos que o equilíbrio entre razão e emoção pode salvar um grande amor.

Se você quiser ler mais sobre este livro, você pode visitar o seguinte link

[Razão e Sensibilidade por Jane Austen em InfoLivros.org](#)

Se desejar ler este trabalho noutras línguas, basta clicar nos links correspondentes:

- Inglês InfoBooks.org: [Sense and Sensibility author Jane Austen](#)
 - Espanhol InfoLibros.org: [Sentido y Sensibilidad autor Jane Austen](#)
 - Francês InfoLivres.org: [Sens et Sensibilite auteur Jane Austen](#)
-

Se quiser ler e descarregar mais livros de Jane Austen em formato PDF, convidamo-lo a visitar esta página:

- [Jane Austen Books em formato PDF em InfoLivros.org](#)
-

Se quiser aceder à nossa biblioteca digital com mais de 3.500 livros para ler e descarregar gratuitamente, convidamo-lo a visitar esta página:

- [+3,500 livros gratuitos em formato PDF em InfoLivros.org](#)

CAPITULO I

A família Dashwood há muito tempo se estabelecera em Sussex[1]. Sua propriedade era grande e a residência ficava em Norland Park[2], no centro de suas terras, onde, por muitas gerações, viveram de maneira tão respeitosa que conquistaram uma boa reputação entre os vizinhos. O último proprietário dessas terras era um homem solteiro, que viveu até a mais avançada idade, e que durante grande parte de sua vida teve a irmã como fiel companheira e governanta. No entanto, a morte da irmã, dez anos antes da sua, produziu uma grande alteração na casa e para tentar suprir tamanha perda, ele convidou e recebeu em sua casa a família de seu sobrinho, Mr. Henry Dashwood, o herdeiro legal da propriedade de Norland e a pessoa a quem ele pretendia deixar os seus bens. Na companhia da família de seu sobrinho, os dias do velho cavalheiro transcorreram de maneira agradável. Seu apego aos familiares cresceu com o tempo. O frequente atendimento de Mr. Henry Dashwood e sua esposa aos desejos do tio, demonstrando que não agiam por mero interesse, mas por pura bondade de coração, garantiu ao senhor o bom conforto que sua idade merecia, assim como a alegria das crianças acrescentou novos prazeres à sua existência.

Mr. Henry Dashwood tinha um filho de seu primeiro casamento e três filhas de sua esposa atual. O filho, um jovem sério e respeitável, tinha o futuro garantido pela fortuna de sua mãe –

metade desta grande herança ele recebeu quando atingiu a maioridade. Além disso, logo em seguida ele fez um ótimo casamento, o que aumentou ainda mais a sua riqueza. De modo que, receber a propriedade de Norland como herança não era tão importante para ele quanto para suas irmãs; a fortuna delas, independentemente do que poderiam receber como herança pelo fato de o pai herdar essa propriedade, não deixava de ser nada além de escassos recursos. A mãe das moças não possuía nada, e o pai, apenas sete mil libras à disposição; porque a outra metade da fortuna de sua primeira esposa cabia também ao seu filho, e ele tinha apenas o usufruto.

O velho cavalheiro morreu, seu testamento foi lido e, como quase todos os testamentos, trouxe desilusões e alegrias. O cavalheiro não fora nem injusto nem mal agradecido ao deixar sua propriedade para seu sobrinho. No entanto, deixou sob tais condições que praticamente reduziram pela metade o valor da herança. Mr. Dashwood desejava essa propriedade mais por causa de sua esposa e de suas filhas, do que para si mesmo ou seu filho; mas a herança estava vinculada ao filho e ao seu neto, uma criança de quatro anos de idade, de tal maneira, que ele não tinha meios de garantir rendimentos para aquelas a quem amava e que mais necessitavam de apoio. Elas não poderiam receber qualquer quantia, nem mesmo pela venda da madeira de excelente qualidade que havia na propriedade. Tudo foi acertado para que o menino fosse o beneficiário, uma

vez que em suas visitas ocasionais à Norland em companhia dos pais, conquistou o afeto do tio com travessuras típicas de uma criança de dois ou três anos; uma dicção imperfeita, um ardente desejo de impor sua vontade, muitos truques espertos e bastante barulho, acabaram por superar o valor de todas as atenções que por anos recebeu da sobrinha e de suas filhas. Ele não tinha a intenção de ser indelicado,

porém, e como demonstração de seu afeto pelas três meninas, deixou mil libras para cada uma.

Em um primeiro momento a decepção de Mr. Dashwood foi grande, mas seu temperamento era alegre e otimista e a esperança de viver por muitos anos, economizando, poderia render uma soma considerável da produção de uma propriedade tão grande, e capaz de melhorias quase imediatas. Mas a fortuna, que havia demorado tanto a chegar, foi sua somente por um ano. Ele viveu apenas doze meses mais que o tio e um total de dez mil libras, incluídos os legados do falecido, foi o que restou para sua viúva e suas filhas.

Seu filho foi chamado assim que a saúde de Mr. Dashwood se agravou, e, com toda gravidade e urgência de seu estado, o pai recomendou ao filho que cuidasse dos interesses de sua madrasta e das meias-irmãs.

Mr. John Dashwood não tinha fortes sentimentos pelo resto da família, mas se comoveu com a recomendação, de tal natureza

e feita em tal hora, que prometeu fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para o bem de suas parentas. Seu pai se tranquilizou após sua promessa, e Mr. John Dashwood teve tempo para considerar o quanto poderia ajudá-las de maneira prudente.

John Dashwood não era um jovem de má disposição, a menos que se considere assim um homem um tanto frio e egoísta, mas, de modo geral, era respeitado, já que agia corretamente e cumpria com suas obrigações. Se tivesse se casado com uma mulher mais amável, poderia ser mais respeitado do que era, poderia até ter se tornado mais agradável, uma vez que ainda era muito jovem quando se casou e estava bastante apaixonado pela esposa. A esposa, no entanto, era uma forte caricatura dele mesmo, mas bem mais mesquinha e egoísta.

Quando ele fez a promessa ao pai, pensou consigo mesmo em aumentar a renda de suas irmãs presenteando-as com mil libras cada uma. Nesse momento se sentiu a altura de tal gesto. A perspectiva de quatro mil libras anuais, somadas às suas rendas, além do restante da herança de sua mãe, lhe alegrou o coração e o fez sentir-se muito generoso. “Sim, daria às irmãs três mil libras! Seria um gesto bonito e generoso! Seria o suficiente para que vivessem bem. Três mil libras! Ele poderia economizar tal quantia sem grandes inconvenientes.” Ele pensou nisso o dia inteiro, e por vários dias seguidos, sem que se arrependesse.

Nem bem havia terminado o funeral de seu pai, quando sua esposa, sem nenhum aviso prévio para a sogra, chegou com o filho e os empregados. Ninguém poderia discutir seu direito de vir, a casa pertencia ao marido desde a morte do pai, porém a indelicadeza de sua conduta era enorme, e para uma mulher na situação de Mrs. Dashwood, tão suscetível, deve ter sido tremendamente desagradável. Porém em sua mente havia um sentimento de honra tão intenso, uma generosidade tão romântica, que qualquer ofensa desse tipo, seja quem for que a provocasse ou recebesse, era para ela motivo de um desgosto irreparável. A esposa de Mr. John Dashwood nunca foi muito benquista pelos parentes de seu marido, mas até o momento, ela não tinha tido a oportunidade de mostrar-lhes com que falta de consideração pelos outros seria capaz de agir quando a ocasião exigisse.

Mrs. Dashwood sentiu tão intensamente este comportamento grosseiro e desenvolveu tamanho desprezo pela nora por causa dele, que saíria da casa para sempre assim que ela entrasse, não fosse o conselho da filha mais velha para que refletisse um pouco mais sobre a

conveniência de partir. Graças ao terno amor que sentia pelas filhas decidiu permanecer, para evitar um desentendimento delas com o irmão.

Elinor[3], sua primogênita, cujo conselho fora tão eficaz, possuía sólida capacidade de compreensão e grande serenidade de juízo que a qualificavam – mesmo com apenas dezenove anos, a ser conselheira da mãe. Desta forma ela se permitia frequentemente contrariar a mãe para o bem de toda família, pois essa impaciência de espírito de Mrs. Dashwood geralmente a conduzia para a imprudência. A moça tinha um bom coração, um caráter afetuoso e sentimentos profundos, mas sabia como governá-los; algo que sua mãe ainda tinha que aprender e que uma de suas irmãs resolvera que jamais aprenderia.

Em muitos aspectos, as qualidades de Marianne eram bastante parecidas com as de Elinor. Ela era uma moça sensata e inteligente, mas ansiosa em tudo: suas angústias e suas alegrias não tinham moderação. Era generosa, amigável, interessante, enfim, ela era tudo, menos prudente. Desta forma a semelhança entre Marianne e sua mãe era notável.

Elinor via com preocupação a excessiva sensibilidade de sua irmã; já Mrs. Dashwood a valorizava e incentivava. Nas difíceis circunstâncias em que viviam, encorajavam uma à outra. A agonia do desgosto que a princípio as dominou era renovada, procurada e fortalecida, sempre e sempre. Entregaram-se completamente à angústia, buscando aumentar sua miséria em qualquer pensamento ou atitude que se permitissem, e decidiram jamais admitir consolo no futuro. Elinor também estava profundamente angustiada, contudo, ainda se sentia

capaz de lutar, de se empenhar. Ela poderia consultar seu irmão, receber sua cunhada assim que chegasse e oferecer-lhe a devida atenção; e podia se esforçar para convencer sua mãe a realizar igual esforço e animá-la a alcançar semelhante domínio de si mesma.

Margaret, a outra irmã, era uma menina bem humorada e bem-disposta, mas como ela já tinha absorvido bastante do romantismo de Marianne, sem ter muito de sua sensatez, aos trezes anos não pretendia igualar-se às irmãs, já em uma etapa mais avançada da vida.

[1] Um dos condados tradicionais da Inglaterra, localiza-se na região sul. (N. T.)

[2] Park são as terras pertencentes a uma propriedade rural incluindo pastagens, jardins e bosques. (N. T.)

[3] Por ser a filha mais velha, Elinor frequentemente será chamada de Miss Dashwood. Enquanto as outras duas irmãs serão tratadas pelo primeiro nome. (N.T.)

CAPÍTULO II

Mrs. John Dashwood[1] agora se estabelecera como senhora de Norland e sua sogra e cunhadas foram rebaixadas à condição de visitantes. Entretanto, ela as tratava com bastante polidez e seu marido, com tanta bondade quanto ele podia sentir por alguém que não fosse ele mesmo, sua esposa e seu filho. Com veemência insistiu para que elas considerassem Norland como seu lar, e como para Mrs. Dashwood nada parecia mais viável do que continuar ali até que encontrassem uma casa nas vizinhanças, decidiram aceitar o convite.

Permanecer em um lugar onde tudo lhe fazia recordar os antigos prazeres era exatamente o que melhor convinha ao seu espírito. Nos tempos de alegria, nenhum temperamento poderia ser mais alegre do que o dela, ou possuir em maior grau aquela calorosa expectativa de felicidade que é a própria felicidade. Mas, nos momentos de angústia, ela se deixava igualmente levar pela imaginação, a ponto do consolo e do prazer estarem fora do seu alcance.

Mrs. John Dashwood não aprovou de forma nenhuma o que seu marido pretendia fazer pelas irmãs. Diminuir em três mil libras a fortuna de seu querido filhinho significaria empobrecê-lo cruelmente. Ela implorou para que ele pensasse melhor no assunto. Como ele, conscientemente, poderia roubar tão alta quantia de seu único filho? E que direitos poderiam ter as filhas

de seu pai, que eram apenas suas meias-irmãs – que Mrs. John Dashwood sequer considerava como parentes – em contar com a generosidade de receber tão alta quantia? Todos sabiam que não era de se esperar algum tipo de afeição entre filhos de casamentos diferentes, então porque haveria ele de se arruinar e ainda arriscar o pobrezinho do Harry, enquanto dispunha todo o seu dinheiro para suas meias-irmãs?

- Foi o último pedido de meu pai, devo ser responsável por dar assistência à sua viúva e suas filhas – respondeu o marido.

- Ele não sabia do que estava falando, tenho certeza que estava mal da cabeça quando disse aquilo. Se ele estivesse em seu juízo perfeito, jamais teria pensado em lhe implorar que se desfizesse de metade da fortuna de seu próprio filho.

- Ele não estipulou nenhuma quantia, minha querida Fanny, apenas me pediu, de um modo geral, que as ajudasse e providenciasse para que ficassem em uma situação mais cômoda do que a que ele poderia oferecer. Talvez tivesse sido melhor deixar que eu decidisse. Ele não deveria supor que eu as abandonaria à própria sorte. No entanto, como ele exigiu a promessa, não pude recusar – pelo menos foi o que pensei naquele momento. Agora, como já fiz a promessa, devo cumprir-la. Algo deve ser feito por elas quando se mudarem de Norland e se estabelecerem em um novo lugar.

- Está bem, faça algo por elas, mas que esse “algo” não precise ser três mil libras. Leve em consideração – acrescentou

ela – que o dinheiro vai e nunca mais volta. Suas irmãs irão se casar e, aí sim, o dinheiro estará perdido para sempre. Se ao menos houvesse alguma chance de devolvê-lo ao nosso filhinho!

- Com certeza – disse o marido, com bastante seriedade – esta devolução faria uma grande diferença. Poderá chegar o dia em que Harry se lamentará de ter perdido tamanha quantia em dinheiro. Se ele tiver uma família numerosa, por exemplo, esse dinheiro fará uma grande diferença.

- Estou certa que sim!

- Talvez, então, seja melhor para ambas as partes se a quantia for diminuída pela metade. Quinhentas libras já será um aumento significativo no rendimento delas!

- Oh! Muito mais do que podem imaginar! Que irmão faria metade disso pelas irmãs, mesmo se fossem irmãs legítimas! Mas elas são apenas meias-irmãs! Você é, realmente, muito generoso!

- Na verdade eu não queria que nada parecesse mesquinho – respondeu ele. Em ocasiões como essas, é melhor fazer mais do que fazer muito pouco. Ao menos ninguém pode pensar que não fiz o suficiente por elas, até elas mesmas, dificilmente esperariam algo melhor.

- Não sabemos o que elas esperam - disse ela - mas não creio que devemos nos preocupar com o que elas pensam, a questão é o tamanho do sacrifício que você tem condições de fazer.

-Exatamente! E eu acho que posso me esforçar e oferecer-lhes quinhentas libras para cada uma. Assim como as coisas estão, sem nenhuma ajuda da minha parte, cada uma delas receberá três mil libras após a morte da mãe; o que é uma quantia razoável para qualquer jovem.

- Sem sombra de dúvida! E, de fato, imagino que elas podem não querer nenhum tipo de ajuda financeira. Elas terão dez mil libras para serem divididas entre si. Se elas se casarem, certamente se casarão bem. E, se não se casarem, podem viver juntas de maneira bastante confortável com o rendimento dessas dez mil libras.

- Você está certa. Além disso, creio que seria mais aconselhável ajudar a viúva enquanto ainda está viva, ao invés de fazer algo pelas irmãs. Oferecendo-lhe uma quantia anual, tanto a mãe quanto as filhas sentirão os benefícios dessa ajuda. Acredito que cem libras por ano farão com que fiquem perfeitamente confortáveis.

Sua esposa, porém, hesitou um pouco em concordar com o plano.

- Para ser sincera – disse ela – é melhor do que dar mil e quinhentas libras de uma só vez. Porém, se Mrs. Dashwood viver mais que quinze anos seremos prejudicados.
- Quinze anos! Minha querida Fanny, a vida dela não vale nem a metade disso!
- É claro que não, mas se você reparar, as pessoas vivem muito mais do que se espera quando recebem uma pensão anual. E ela é muito forte e saudável, mal completou quarenta anos. Uma pensão anual é negócio muito sério, se repete ano após ano, e não há como você se livrar dela. Você não tem consciência do que está fazendo. Eu conheço os problemas que uma pensão anual pode causar porque minha mãe era obrigada a pagá-las a três empregados aposentados, pois meu pai havia estabelecido isso em seu testamento. E você não pode imaginar o quanto ela achou desagradável. Essas pensões tinham que ser pagas duas vezes ao ano; e, além disso, havia o transtorno de lhes enviar o dinheiro. Depois disseram que uma delas

falecera, e em seguida descobrimos que não era verdade. Minha mãe quase adoeceu com esse transtorno. Dizia que sua renda não lhe pertencia, com essas pensões perpétuas e que foi falta de consideração de meu pai, porque, de outra forma, o dinheiro estaria completamente à disposição de minha mãe, sem nenhuma restrição. Desde então me aborreço quando se

fala em pensões, e estou certa de que nada nesse mundo me faria fazer tal promessa.

- Certamente é uma situação desagradável ter esse tipo de desvio de fundos anual – respondeu Mr. Dashwood. Como sabiamente disse sua mãe, os bens de uma pessoa não lhe pertencem. Ter a obrigação de pagar regularmente uma quantia como essa, todos os anos, não é algo que alguém deseja, acaba com toda a independência da pessoa.

- Sem dúvida! E, além disso, elas nem lhe agradecerão. Elas pensam que estão seguras e que você não faz nada além de sua obrigação, por isso não serão gratas. Se eu estivesse em seu lugar, qualquer decisão que tomasse seria para o meu próprio benefício. Jamais me comprometeria a pagar-lhes algum valor anualmente. Daqui a alguns anos, pode ser muito inconveniente abrir mão de cem, ou até mesmo de cinquenta libras retiradas de nossos rendimentos.

- Creio que você está certa, meu amor, será melhor eu não prometer nenhuma pensão anual. Neste caso, o que lhes der ocasionalmente será mais proveitoso do que uma quantia anual, já que se sentiriam seguras ao receber uma quantia maior e elevariam o estilo de vida, e com isso não ficariam mais ricas no final do ano. De todas as opções essa é a melhor. Um presente de cinquenta libras de vez em quando impedirá que se preocupem com assuntos relacionados a dinheiro, e creio que assim eu cumprirei a promessa feita ao meu pai.

- Estou certa que sim. Para dizer a verdade, estou convencida de que seu pai não tinha planos de lhes dar nenhuma quantia em dinheiro. A assistência que ele pensava era o que razoavelmente se poderia esperar de você, por exemplo, encontrar uma casinha confortável para elas, ajudá-las com a mudança, enviar produtos de caça e pesca, ou produtos da estação. Apostaria minha vida que ele não pensava em mais nada. Além disso, de fato, seria estranho e irracional se ele o fizesse. Considere, meu querido Mr. Dashwood, o quão confortável sua madrasta e suas irmãs viveriam com sete mil libras, além das mil libras que cada menina tem direito, o que lhes dá cerca de cinquenta libras anuais por pessoa. É claro, pagarão à mãe pelo alojamento. Juntas, terão quinhentas libras e o que mais quatro mulheres podem desejar? Viverão com tanta simplicidade! As despesas da casa não representarão quase nada. Não terão carruagem, cavalos, e quase nenhum empregado e não receberão visitas. Então, quais serão os seus gastos? Pense no quanto ficarão confortáveis! Quinhentas libras por ano! Nem consigo imaginar como elas conseguiriam gastar metade dessa quantia! E se você lhes der mais isso, será uma loucura. Em breve elas estarão em tão boas condições, que serão elas quem lhe oferecerão ajuda.

- Dou minha palavra – disse Mr. Dashwood. Creio que você está completamente certa. Obviamente meu pai não poderia me pedir nada além do que você disse. Agora compreendo

claramente meu papel, e cumprirei fielmente meu compromisso com atos de solidariedade e gentileza, como você descreveu. Quanto à mudança de minha madrasta para outra casa, estarei pronto a ajudar no que puder. Acho até aceitável dar-lhes alguma mobília

como presente.

- Certamente - respondeu Mrs. John Dashwood. Mas uma coisa deve ser levada em conta. Quando seu pai e sua madrasta se mudaram para Norland, venderam toda a mobília de Stanhill, porém guardaram toda a porcelana, a prataria e a roupa de cama e mesa, que agora ficarão com sua madrasta. Assim que ela tomar posse desses objetos, sua casa estará completamente equipada.

- Sem dúvida, essa é uma consideração importante. Um legado valioso! E uma parte da prataria até seria uma grata adição à que temos aqui.

- Sim, e o jogo de porcelana é muito mais bonito do que o que está nessa casa. Em minha opinião, é muito bonito, independente do lugar em que elas possam vir a morar. De qualquer modo, é assim que as coisas são. Seu pai pensou apenas nelas. E devo dizer que você não deve nenhuma gratidão especial a ele, nem deve se preocupar com os desejos dele, pois sabemos bem que se ele pudesse, teria deixado tudo no mundo para elas.

Este argumento foi definitivo. E John Dashwood encontrou nele todas as forças que faltavam para tomar suas decisões; e, por fim, resolveu que era absolutamente desnecessário, se não completamente inadequado, fazer mais pela viúva e filhas de seu pai do que essas gentilezas que sua esposa havia mencionado.

[1] Trata-se de Fanny Dashwood, casada como John Dashwood (meio-irmão de Elinor, Marianne e Margaret). (N.T.)

CAPÍTULO III

Mrs. Dashwood permaneceu em Norland por vários meses, não porque não desejasse sair dali, quando a visão dos lugares que tão bem conhecia deixou de despertar-lhe a violenta emoção que durante tanto tempo havia provocado. Quando seu ânimo começou a voltar ao normal e sua mente pôde se dedicar a algo mais que exaltar sua aflição através de recordações melancólicas, ela ficou impaciente para ir embora e infatigavelmente se dedicou a procurar por uma residência adequada na vizinhança de Norland, já que era impossível mudar-se para muito longe daquele lugar querido. Não teve notícias, porém, de nenhum lugar que lhe fosse agradável e cômodo, e, ao mesmo tempo, satisfizesse a prudência da filha mais velha, cuja sensatez fez com que rejeitasse várias casas que sua mãe teria aprovado, considerando-as demasiadamente grandes para seus rendimentos. Mrs. Dashwood fora informada pelo marido a respeito da solene promessa feita por seu filho em favor delas, e que lhe serviu de consolo em seus últimos momentos na terra. Ela não duvidava da sinceridade deste compromisso mais do que o falecido marido teria feito. A respeito da promessa, sentia grande satisfação pelo benefício das filhas, embora estivesse convencida de que, para ela própria, uma quantia muito menor do que sete mil libras seria o suficiente para viver em abundância. Também ficou feliz pelo irmão de suas filhas, que

mostrou ter bom coração, e reprovou-se por antes ter acreditado que ele seria incapaz de tamanha generosidade. O comportamento atencioso dele para com ela e as filhas a convenceram de que ele se preocupava com o bem estar de todas, e, por um bom tempo, ela confiou firmemente na generosidade de suas intenções.

O desprezo que ela sentiu, desde que conhecera a nora, aumentou ainda mais à medida que conhecia seu caráter. Após seis meses morando todos juntos, e, apesar das demonstrações de cortesia e de afeto maternal que a primeira havia demonstrado, as duas senhoras teriam considerado impossível viverem juntas por tanto tempo, se não houvesse ocorrido uma circunstância em particular que aumentou a possibilidade, segundo a opinião de Mrs. Dashwood, da permanência de suas filhas em Norland.

Esta circunstância era uma crescente afeição entre sua filha mais velha e o irmão de Mrs. John Dashwood – um cavalheiro gentil e agradável, que fora apresentado às moças assim que sua irmã se fixou em Norland, e que, desde então, passava a maior parte do tempo ali.

Algumas mães poderiam ter encorajado a intimidade por motivos interesseiros – pois Edward Ferrars era o filho mais velho de um homem que morrera riquíssimo – enquanto outras teriam reprimido a intimidade por prudência, já que, com exceção de uma quantia insignificante, toda sua fortuna dependia da herança da mãe. Porém Mrs. Dashwood não levou

em consideração nenhuma dessas opções. Já lhe bastava que o rapaz fosse amável, que ele amasse sua filha, e que Elinor lhe correspondesse. Era contrária a todas as crenças de que a diferença de fortuna deveria ser motivo de separação entre casais que estivessem atraídos devido à semelhança de temperamento. Para ela era impossível que os méritos de Elinor não fossem reconhecidos por todos que a conheciam.

Edward Ferrars não caiu no bom grado da família por nenhuma graça em particular. Ele não era bonito, e seus modos exigiam intimidade para que se tornassem agradáveis. Era muito acanhado para dizer a verdade, porém quando vencida sua timidez habitual, seu comportamento revelava um coração franco e afetuoso. Era um rapaz inteligente, e sua educação lhe garantia um sólido respaldo. Porém era desprovido de certas habilidades sociais e não tinha disposição para corresponder aos desejos de sua mãe e de sua irmã, que ansiavam por vê-lo em uma posição de destaque na sociedade, nem elas mesmas sabiam qual. Queriam que, de uma maneira ou outra, ele ocupasse um lugar importante no mundo. Sua mãe desejava que se interessasse por política, que ingressasse no parlamento, ou queria vê-lo ligado a algum figurão do momento. Mrs. John Dashwood desejava o mesmo, entretanto, nesse meio tempo, até que uma dessas bênçãos divinas fosse alcançada, já seria satisfatório ver o irmão conduzindo uma carruagem[1]. Mas Edward não tinha nenhum interesse por grandes homens nem

por carruagens. Todos os seus desejos se concentravam no conforto da vida doméstica e na tranquilidade da vida privada. Felizmente ele tinha um irmão mais jovem que era mais promissor.

Edward já estava há várias semanas na residência, antes de conquistar a atenção de Mrs. Dashwood; já que nessa época o estado de aflição dela a deixava indiferente a qualquer assunto que a rodeasse. Apenas observou que o rapaz era calado e discreto, e gostou dele por isso. Ele não perturbava seus pensamentos com conversas inoportunas. A primeira vez que passou a observá-lo com mais atenção e aprová-lo foi após uma reflexão feita por Elinor, a respeito da diferença entre ele e a irmã. Esse contraste fez com que sua mãe o considerasse ainda mais.

- É suficiente dizer que ele não é parecido com Fanny - disse ela. - O que implica que se pode encontrar nele o que há de mais amável e só por isso já posso amá-lo.
- Eu creio que chegará a gostar dele quando o conhecer melhor - disse Elinor.
- Gostar dele! - respondeu sua mãe sorrindo. Não posso sentir nenhum sentimento de admiração inferior ao amor.
- Você pode estimá-lo.
- Ainda não sei o que é separar a estima do amor.

Mrs. Dashwood a partir daí passou a se esforçar para conhecê-lo melhor. Com suas maneiras afetuosas logo venceria a reserva do rapaz. Rapidamente percebeu todos os seus méritos, talvez a persistência da estima dele por Elinor tenha ajudado seu entendimento, mas estava certa de seu valor. E até mesmo o jeito quieto de Edward, que era contrário às ideias de Mrs. Dashwood a respeito de como deveriam ser as atitudes de um rapaz, deixou de parecer-lhe desinteressante, quando percebeu que ele tinha um bom coração e um temperamento afetuoso.

Tão logo Mrs. Dashwood percebeu algum sintoma de amor no comportamento de Edward para com Elinor, considerou como certa a existência de um vínculo sério entre eles e passou a pensar no casamento dos dois como algo que logo se tornaria realidade.

Disse ela:

- Em poucos meses, minha querida Marianne, com toda certeza, Elinor se estabelecerá para a vida toda. Sentiremos sua falta, mas estou certa que será muito feliz.
- Ah, mamãe, o que faremos sem ela?
- Meu amor, será apenas uma separação. Nós viveremos a poucos quilômetros uma da outra, e nos veremos todos os dias. Você ganhará um irmão, um irmão de verdade, carinhoso. Eu tenho a melhor opinião do mundo a respeito dos sentimentos

de Edward. Mas você parece séria, Marianne; não aprova a decisão de sua irmã?

- Talvez - disse Marianne. - Confesso que estou surpresa. Edward é muito amável e sinto uma grande ternura por ele. Mesmo assim, acho que ele não é o tipo de rapaz... Parece que falta algo, ele não se sobressai por sua aparência, não possui aquele charme que eu esperaria de um homem pelo qual minha irmã se sentisse seriamente atraída. Falta-lhe mais vivacidade nos olhos, aquele fogo que, ao mesmo tempo, anuncia virtude e inteligência. E, além disso, sinto dizer mamãe, mas ele não tem bom gosto. Parece que nem a música o atrai, e, embora ele admire muito os desenhos de Elinor, não é a admiração de uma pessoa que possa entender seu valor. Está evidente que ele não sabe nada desse assunto, apesar de estar sempre atento a ela enquanto desenha. Ele a admira como enamorado, não como profundo conhecedor do assunto. Para me sentir satisfeita, essas características devem vir juntas. Eu não poderia ser feliz com um homem cujo gosto não coincidissem com o meu. Ele deve penetrar em todos os meus sentimentos, os mesmos livros, a mesma música devem encantar aos dois. Oh, mamãe! Como era desanimado o jeito que Edward leu para nós na noite passada! Senti muito por minha irmã. Mas ela suportou tudo aquilo com tamanha compostura que parecia nem notar. Eu mal me podia aguentar no lugar. Escutar aqueles versos tão lindos que quase me fazem perder o sentido, pronunciados com aquela calma impenetrável e tamanha indiferença!

- Certamente ele teria feito jus a uma prosa simples e elegante. Naquela hora pensei que você deveria ter lhe dado um livro de Cowper[2].
- Não, mamãe, creio que nem Cowper seria capaz de animá-lo! Mas devemos admitir que existam diferenças de gosto. Elinor não tem os mesmos sentimentos que eu, e pode então passar por cima disso e ser feliz com ele. Mas uma situação como essa teria partido meu coração, se eu o amasse, e o ouvisse ler com tamanha falta de sensibilidade. Mamãe, quanto mais conheço o mundo, mais estou convencida de que nunca encontrarei um homem a quem eu possa amar verdadeiramente. Sou muito exigente! Ele deve possuir todas as virtudes de Edward, e sua aparência e modos devem embelezar sua bondade com todo charme possível.
- Meu amor, lembre-se que você não tem nem dezessete anos. Ainda é muito cedo para desistir da felicidade. Por que você teria menos sorte que sua mãe? Apenas em uma circunstância, querida Marianne, espero que seu destino seja diferente do meu!

[1] No original barouche: um tipo de carruagem normalmente puxada por quatro cavalos, com quatro rodas e teto conversível na metade traseira. O condutor fica na frente do veículo e acomoda de quatro a seis pessoas em seu interior. Esta

carruagem era utilizada em passeios menos formais no parque ou no campo. (N. T.)

[2] William Cowper (1731 – 1800) – poeta conhecido por sua atenção às paisagens e assuntos melancólicos. Era um dos autores favoritos de Austen. (N. T.)

CAPÍTULO IV

- Elinor, que pena que Edward não tem gosto pelo desenho!
- disse Marianne.

- Não tem gosto pelo desenho! – respondeu Elinor. – Por que diz isso? De fato ele não faz nenhum tipo de desenho, mas tem grande prazer em observar o desempenho de outras pessoas, e lhe asseguro que ele não é desprovido de bom gosto, embora não tenha tido nenhuma oportunidade de demonstrá-lo. Se ele tivesse a oportunidade de aprender, creio que desenharia muito bem. Ele desconfia tanto de seu próprio julgamento em questões como essas, que se esquivava de dar sua opinião sobre qualquer desenho. Contudo, possui um gosto inato e simples, que de um modo geral, o conduz perfeitamente.

Marianne tinha medo de ofender a irmã, e não disse mais nada sobre o assunto; mas o tipo de aprovação que, segundo Elinor, despertavam nele os desenhos de outras pessoas estava muito longe do prazer arrebatador que, em sua opinião, era merecedor de ser chamado de gosto. Não obstante, ainda que rindo por dentro pelo engano, aprovou a irmã pela cega parcialidade para com Edward, que a induzia ao erro.

- Eu espero, Marianne, que você não o considere uma pessoa de gosto duvidoso – continuou Elinor. – Na verdade, creio que você não pode pensar isso, porque seu comportamento com ele é bastante cordial; e se essa fosse sua

opinião, estou certa de que você não seria capaz de ser gentil com ele.

Marianne não sabia o que dizer. Não queria ferir os sentimentos da irmã por nenhum motivo, mas era impossível dizer algo que não acreditasse. Finalmente respondeu:

- Não se ofenda Elinor, se os elogios que posso fazer a respeito de Edward não se igualam à sua percepção dos méritos dele. Não tenho tido muitas oportunidades, como você, de apreciar os mínimos detalhes de sua mente, suas inclinações e gostos, mas eu o tenho na mais alta conta do mundo por sua bondade e sensatez. Penso que ele possui tudo de mais valioso e amável.

- Estou certa de que seus amigos mais queridos não ficariam insatisfeitos com um elogio como esse - respondeu Elinor com um sorriso. Não consigo imaginar como poderia se expressar mais calorosamente.

Marianne ficou feliz ao ver a irmã contentar-se tão facilmente. Elinor continuou:

- De seu bom senso e sua bondade, creio que ninguém que tenha tido uma boa conversa com ele pode duvidar. A excelência de seu discernimento e seus princípios só podem ser ofuscados pela timidez que muitas vezes o silencia. Você o conhece o suficiente para fazer justiça ao seu grande valor. Mas, de suas mínimas inclinações, como as chama, creio que algumas circunstâncias particulares mantiveram você mais

ignorante do que eu. Em diversas ocasiões, ele e eu passamos um bom tempo juntos, enquanto você, tomada pelo mais afetuosos impulso, ficou completamente absorvida, dedicada à mãe. Observei muitas coisas nele,

estudei seus sentimentos e escutei suas opiniões a respeito de literatura e gosto e, acima de tudo, me atrevo a afirmar que ele possui uma mente bem informada, que o prazer que encontra nos livros é muito grande, sua imaginação é fértil, suas observações são justas e corretas, e seu gosto é delicado e puro. Quando o conhecemos melhor é que suas habilidades se destacam, em todos os aspectos, assim como suas maneiras e sua aparência. É verdade, que à primeira vista, seu trato não causa grande admiração e sua aparência dificilmente poderia ser chamada de bonita, até se perceber a expressão de seus olhos, que são extraordinariamente bondosos, e a doçura de seu semblante. No momento, o conheço tão bem que acho Edward muito bonito - ou pelo menos quase. O que me diz Marianne?

- Logo o acharei bonito, Elinor, se é que já não o acho. Quando você me disser para amá-lo como um irmão, já não mais verei imperfeições em seu rosto, como não as vejo hoje em seu coração.

Elinor assustou-se com essa declaração e se arrependeu de ter falado de Edward com tanto ardor. Sentia que Edward ocupava

uma alta posição em seus afetos. Acreditava que a estima era mútua, mas precisava ter maior certeza disso para dizer a Marianne que considerava agradável a ligação entre os dois. Sabia que o que Marianne e sua mãe pensavam em um momento, no momento seguinte já era certeza. Para elas, o desejo era esperança, e a esperança, expectativa. Então decidiu explicar à irmã a real situação.

- Não é minha intenção negar, disse ela, que eu tenho grande apreço por ele, que o estimo e gosto dele.

Diante disso, Marianne explodiu indignada:

- Tem grande estima e gosta muito dele! Insensível Elinor! Oh! Pior que insensível! Envergonhada por ser outra coisa. Use essas palavras novamente e sairei da sala imediatamente.

Elinor não pôde deixar de rir e disse:

- Desculpe-me e tenha certeza que não tive a intenção de lhe ofender ao me referir com palavras tão contidas a respeito de meus sentimentos. Acredite que eles são maiores do que eu disse. Em suma, acredite que estão à altura dos méritos dele, e a suspeita... a esperança, na verdade, de que sinta afeto por mim se justifica, sem imprudência ou loucura. Porém, não deve acreditar em nada mais que isso. Não tenho certeza de seu afeto por mim. Há momentos em que parece duvidoso e, até que seus sentimentos sejam completamente conhecidos, você não pode estranhar meu desejo de evitar qualquer encorajamento, acreditando ou esperando mais do que na

verdade é. No fundo do meu coração, sinto pouca, quase nenhuma dúvida de sua preferência. Entretanto, há outros pontos que devem ser levados em conta, além de seu interesse por mim. Ele está muito longe de ser independente. Não podemos saber como sua mãe realmente é, mas as observações ocasionais de Fanny a respeito de sua conduta e opiniões nunca nos dispuseram a considerá-la amável e, ou estou muito equivocada, ou o próprio Edward não tem consciência de que haverá muitas dificuldades em seu caminho, caso ele tenha o desejo de se casar com uma mulher que não possua uma grande fortuna nem alta posição.

Marianne ficou bastante surpresa ao perceber o quanto sua imaginação e a de sua

mãe a desviaram da verdade.

- E você não está realmente comprometida com ele! - disse ela. - Estou certa que isso logo acontecerá. Mas esse adiamento tem duas vantagens. Eu não a perderei tão cedo e Edward terá mais oportunidades de melhorar aquele gosto natural por sua ocupação favorita, tão indispensável para sua felicidade futura. Ah! Se ao menos se interessasse em desenhar também, como seria agradável!

Elinor havia dado sua verdadeira opinião à irmã. Não poderia considerar seu interesse por Edward a partir de uma perspectiva tão favorável quanto Marianne havia suposto. Às

vezes, havia nele uma falta de ânimo que, se não denotava indiferença, indicava algo pouco promissor. Algumas dúvidas sobre o afeto dela, se é que as tinha, não lhe provocariam mais do que inquietação. Certamente não lhe provocariam aquele abatimento de ânimo que frequentemente o atingia. Uma causa mais provável encontrava-se em sua situação de dependência, o que o impedia de entregar-se aos seus afetos. Ela sabia que sua mãe não se comportaria de maneira a facilitar as coisas para o filho, nem lhe daria segurança alguma de que poderia ter uma casa própria, a não ser que Edward atendesse a todas as suas exigências. Sabendo disto, Elinor não conseguia se sentir tranquila para falar do assunto. Estava longe de confiar no resultado do simples interesse de Edward por ela, coisa que sua irmã e sua mãe consideravam como certo. Não, quanto mais tempo passavam juntos, mais duvidosa parecia a natureza de seu afeto e, às vezes, por breves e dolorosos minutos, ela acreditava que se tratava apenas de amizade.

Mas, quaisquer que fossem os limites desse sentimento, quando a irmã de Edward percebeu, foi o suficiente para inquietá-la e, ao mesmo tempo (o que era ainda mais comum), torná-la mal educada. Ela aproveitou a primeira oportunidade para afrontar a sogra, falando-lhe tão expressivamente sobre as grandes expectativas que tinham para o irmão, da decisão de Mrs. Ferrars de que ambos os filhos fizessem bons casamentos, e do perigo que cercava qualquer juvenzinha que tentasse agarrá-lo

- que Mrs. Dashwood não pôde fingir que não havia se dado conta, nem esforçar-se por ficar tranquila. Deu-lhe uma resposta que revelava seu desdém, e imediatamente deixou a sala, decidindo que, quaisquer que fossem os inconvenientes ou despesas de uma partida súbita, sua querida filha Elinor não deveria ficar exposta a tais insinuações nem mais uma semana.

Foi nesse estado de espírito que recebeu uma carta do correio com uma proposta particularmente oportuna. Um parente seu, cavalheiro de posses e boa reputação, morador de Devonshire[1], oferecia-lhe uma casa pequena com preço justo. A carta fora enviada pelo próprio cavalheiro e escrita com a melhor das intenções de oferecer uma acomodação hospitaleira. Ele entendia que ela precisava de um lugar para morar e, embora a casa que agora lhe oferecia não passasse de um chalé, garantiu-lhe que tudo o que ela achasse necessário seria feito, se fosse de seu agrado. Depois de descrever os detalhes da casa e do jardim, insistiu seriamente para que ela e as filhas fossem para Barton Park, lugar de sua própria residência, e de onde ela poderia julgar por si mesma, uma vez que as casas pertenciam à mesma vizinhança, se o Chalé de Barton poderia, após algumas reformas, tornar-se um lugar aprazível para sua moradia. Ele parecia realmente ansioso para acomodá-las e o restante da carta foi escrito de maneira tão gentil que não deixou de agradar à prima, especialmente nesse momento em que

ela sofria tanto por causa do comportamento frio e insensível de seus parentes mais próximos. Não precisou de muito tempo para deliberações ou consultas. Ao terminar de ler a carta já havia tomado sua decisão. A localização de Barton, em um condado tão distante de Sussex quanto Devonshire – que algumas horas antes teria sido motivo de objeção suficiente para contestar todas as possíveis vantagens do lugar – agora era sua principal recomendação. Deixar a vizinhança de Norland não era mais um empecilho, ao contrário, era um objeto de desejo, uma benção, se comparada ao tormento de continuar sendo hóspede de sua nora. Mudar-se para sempre desse lugar amado seria menos doloroso que morar ali, ou visitá-lo, enquanto essa mulher fosse sua dona. Imediatamente, Mrs. Dashwood escreveu uma carta para Sir John Middleton, demonstrando agradecimento pela bondade e aceitando sua proposta – em seguida, se apressou a mostrar as duas cartas às filhas, assegurando-se da aprovação delas antes de enviar a resposta.

Elinor sempre havia pensando que seria mais prudente para elas se morassem a certa distância de Norland do que permanecer nas proximidades de seus atuais parentes. Nesse sentido, não se opôs às intenções de sua mãe de se mudarem para Devonshire. A casa, da maneira como Sir John a descreveu, parecia ser tão modesta, e o aluguel tão incrivelmente módico, que não lhe dava o direito de fazer qualquer tipo de objeção. E assim, mesmo que não fosse um

plano que lhe seduzisse a fantasia, e embora essa mudança das vizinhanças de Norland não estivesse nos seus planos, não tentou dissuadir sua mãe de enviar uma carta de aceitação.

[1] Condado localizado no sudoeste da Inglaterra. (N.T.)

CAPITULO V

Tão logo enviou a carta, Mrs. Dashwood tratou de anunciar, com prazer, ao seu enteado e à esposa, que havia encontrado uma casa e que, assim que tudo estivesse resolvido, não os incomodaria mais. Eles ouviram com surpresa. Mrs. John Dashwood não disse nada, mas seu marido desejou, de maneira bastante cortês, que elas não fossem morar longe de Norland. Mrs. Dashwood, com grande satisfação, respondeu que iria se mudar para Devonshire. Edward, que estava presente na sala, ao ouvir a notícia virou-se bruscamente em sua direção e, com uma voz de surpresa e preocupação, que não precisava de explicação, repetiu:

- Devonshire! Vocês estão mesmo se mudando para lá? É tão longe daqui! E em que parte do condado?

Ela explicou a localização, ficava a seis quilômetros e meio de Exeter[1].

- É apenas um chalé, continuou Mrs. Dashwood. Mas, espero receber ali todos os meus amigos. É possível acrescentar um ou dois cômodos e se meus amigos não encontrarem dificuldade em viajar para tão longe para me ver, estou certa que não terei dificuldade em acomodá-los.

Ela concluiu a conversa fazendo um convite gentil a Mr. Dashwood e à sua esposa para que a visitassem em Barton, e estendeu o convite a Edward com maior afeição. Embora sua

última conversa com a nora tivesse feito com que ela decidisse permanecer em Norland não mais que o necessário, não tinha a intenção de satisfazer-lhe os desejos. Separar Edward e Elinor não era seu objetivo e, ao fazer o convite ao irmão de Mrs. John Dashwood, quis demonstrar quão pouco se importava com a sua desaprovação ao relacionamento entre os dois.

Mr. John Dashwood reiterou à madrasta o quanto ele se sentia aborrecido por ela ter escolhido uma casa tão distante de Norland, o que lhe impedia de oferecer-lhe seus serviços para o transporte da mobília. Ele se sentia verdadeiramente abalado pela situação, pois a única coisa à qual reduzira a promessa feita ao pai, agora seria impossível de cumprir. A mobília foi transportada por navio, e consistia de roupas de cama e mesa, prataria, porcelana, livros e o lindo piano de Marianne. Mrs. John Dashwood, viu a mudança partir com um suspiro: não pôde deixar de pensar em como uma renda tão insignificante quanto à de Mrs. Dashwood, comparada com a sua, lhe permitia que possuísse tão linda mobília.

Mrs. Dashwood alugou por um ano a casa que já estava mobiliada e poderia ser ocupada imediatamente. Não houve nenhuma dificuldade entre as partes, e ela esperou apenas que a mudança partisse de Norland e que fossem escolhidos seus empregados para partir em direção ao oeste, e, devido ao interesse com que se dedicou, rapidamente tudo estava pronto. Os cavalos que o marido lhe deixara foram vendidos logo após sua morte e, assim que apareceu uma oportunidade de vender

sua carruagem, acabou aceitando, por conselho de sua filha mais velha. Para o conforto de suas filhas, se tivesse consultado apenas seus próprios desejos, teria ficado com a carruagem, mas o bom juízo de Elinor prevaleceu. Foi também a sabedoria da filha que reduziu o número de empregados a três: duas moças e um

homem, que rapidamente escolheram entre os empregados que as serviam em Norland.

O homem e uma das empregadas foram enviados imediatamente a Devonshire, para preparar a casa para a chegada da patroa. Como Mrs. Dashwood não conhecia Lady Middleton, preferiu ir diretamente para o chalé que ser hóspede em Barton Park – tinha tanta confiança na descrição que Sir John fez da casa, que não teve curiosidade de examiná-la antes de ir morar lá. Seu desejo de sair de Norland não diminuiu graças à evidente satisfação de sua nora com a perspectiva de sua mudança. Uma satisfação que era dissimulada por trás de um protocolar convite para que ficasse mais tempo. Agora chegara o momento em que a promessa de John Dashwood a seu pai poderia se cumprir satisfatoriamente. Como descuidou de cumpri-la ao chegar a Norland, o momento da partida parecia ser o mais adequado. Mas Mrs. Dashwood logo desistiu de ter alguma esperança e começou a se convencer, pelo rumo geral das suas palavras, que a ajuda ficaria restrita ao fato de ter-lhes oferecido abrigo em Norland por seis meses. Ele falava

frequentemente do aumento de despesas com a propriedade e dos incalculáveis gastos a que qualquer cavalheiro respeitável estava exposto, que ele próprio mais parecia necessitado de dinheiro do que disposto a doá-lo.

Poucas semanas após a primeira carta de Sir John Middleton tudo já estava resolvido a respeito da futura residência, de modo que Mrs. Dashwood e suas filhas poderiam começar sua viagem. Muitas foram as lágrimas derramadas na hora de se dizer adeus ao lugar que tanto haviam amado.

- Minha querida Norland! - disse Marianne, enquanto caminhava sozinha pela frente da casa, na última tarde que passaram lá.

- Quando deixarei de ter saudades? Quando aprenderei chamar um outro lugar de lar? Oh, doce lar, se pudesse imaginar como me sinto agora lhe observando deste lugar, do qual talvez jamais volte a vê-lo! E vocês, árvores tão familiares!... Vocês continuarão as mesmas, nenhuma folha cairá porque estamos de partida, nenhum galho ficará imóvel, embora não mais possamos observá-las. Não... Vocês continuarão as mesmas, inconscientes do prazer ou do pesar que provocam, e insensíveis a qualquer mudança com aqueles que caminham debaixo de suas sombras! E agora, quem irá apreciá-las?

[1] Cidade histórica. (N.T.)

CAPÍTULO VI

A primeira parte da viagem ocorreu na mais profunda melancolia, o que a tornou bem mais entediante e desagradável. Porém, à medida que se aproximava o fim da viagem, o interesse pela aparência da região onde iriam morar se sobrepôs à tristeza e a vista do Vale de Barton, quando ali chegaram, as revigorou. Era um lugar agradável, fértil, com grandes bosques e ricas pastagens. Após terem percorrido cerca de dois quilômetros, finalmente chegaram a casa. Em frente, havia um pequeno jardim cuja entrada se fazia por um portão simples.

Como residência, o Chalé Barton, embora pequeno, era confortável e compacto, mas como casa de campo deixava a desejar, pois a construção era comum, com teto de telhas; as venezianas das janelas não eram pintadas de verde, nem as paredes cobertas de madressilvas. Um corredor estreito levava diretamente da casa ao jardim dos fundos. Em cada lado da entrada ficava uma sala de estar de, aproximadamente, cinco metros quadrados; atrás ficavam as dependências de serviço e as escadas. Quatro quartos e dois sótãos compunham o resto da casa. Não era muito velha e estava em boas condições. Em comparação com Norland, certamente era muito pequena e pobre! No entanto, as lágrimas que as lembranças produziram, logo secaram. Elas ficaram alegres tão logo perceberam a

alegria dos empregados ao recebê-las, e então pensaram umas nas outras e decidiram ficar contentes.

Era o comecinho de setembro, o tempo estava bom e, após uma primeira observação do local sob a influência de um clima tão agradável, tiveram uma boa impressão, o que fez com que este recebesse sua aprovação final.

A localização da casa era boa e bem atrás dela, não muito distante, havia algumas colinas – uma parte era composta de campos abertos, outra era cultivada e ainda uma terceira parte era arborizada. O vilarejo de Barton estava situado, quase que em sua grande totalidade, em uma dessas colinas. Assim, as janelas da casa ofereciam uma vista agradável. Já na perspectiva da frente, a visão era mais ampla e alcançava todo o vale, inclusive os campos além dele. As colinas que rodeavam o chalé limitavam o vale naquela direção, o qual, com outro nome e outro formato, se ramificava novamente entre dois montes mais escarpados.

Mrs. Dashwood estava bastante satisfeita com o tamanho da casa e com os móveis; embora seu antigo estilo de vida exigisse que algumas melhorias fossem indispensáveis, sempre era um prazer ampliar e aperfeiçoar as coisas – e agora ela tinha dinheiro suficiente para acrescentar aos aposentos o que fosse de mais elegante.

– Quanto a casa em si, disse ela, é muito pequena para nossa família, mas faremos o máximo para que fique toleravelmente

confortável no momento, já que está muito tarde para fazer melhorias ainda esse ano. Talvez na primavera[1], se eu tiver dinheiro suficiente, como eu planejo, poderemos pensar em construir. Essas duas salas são pequenas demais para o grupo de amigos que espero ver frequentemente reunido aqui e tenho planos de incluir um corredor em uma delas, talvez aumentando um cômodo com parte do outro, e deixando o restante como

um vestíbulo; este, mais uma nova sala, que pode ser facilmente agregada, mais um dormitório e um sótão acima, farão desse chalé uma casa muito acolhedora. Eu preferiria que as escadas fossem mais bonitas. Mas não se pode esperar tudo, se bem que acredito que não será difícil ampliá-las. Quando a primavera chegar terei uma ideia de quanto disponho em dinheiro e assim poderemos fazer as melhorias de acordo com nossa renda.

Enquanto isso, até que todas as melhorias pudessem ser feitas com as economias de uma mulher com renda anual de quinhentas libras e que nunca havia feito economias na vida, elas foram bastante sábias para se contentarem com a casa do jeito que estava. Além disso, cada uma delas estava ocupada demais em organizar suas próprias coisas, empenhando-se em arrumar os livros e outros objetos de modo que a casa lhes parecesse um verdadeiro lar. O piano de Marianne foi devidamente desembalado e instalado e os desenhos de Elinor afixados nas paredes da sala de estar.

No dia seguinte, no meio da arrumação da mudança, na qual estavam envolvidas, foram interrompidas logo após o café da manhã pelo seu senhorio, que chegou para dar-lhes as boas vindas à Barton e oferecer-lhes acomodação em sua própria casa, enquanto tudo não estivesse organizado no chalé. Sir John Middleton era um homem de boa aparência, com cerca de quarenta anos de idade. Já estivera em Stanhill, mas fora há tanto tempo que suas jovens primas nem se lembravam dele. Era bem humorado e seus modos eram tão amigáveis quanto havia demonstrado em sua carta. A chegada das primas parecia motivo de real satisfação e acomodá-las adequadamente era seu principal objetivo. Falou bastante a respeito de seu desejo de que as famílias vivessem do modo mais cordial possível e pressionou-as tão cordialmente a jantar em Barton Park todas as noites até que estivessem completamente instaladas, que era impossível sentirem-se ofendidas por ele. Sua generosidade não se limitava às palavras, pois apenas uma hora depois que ele deixara o chalé, chegou de Barton Park uma grande cesta cheia de hortaliças e frutas, e antes que o dia terminasse chegou uma outra cesta com carne de caça. Além disso, Sir John insistiu em levar todas suas cartas ao correio e trazer as que chegassem, e não se privou da satisfação de enviar seu jornal diariamente[2].

Lady Middleton enviou por ele uma mensagem muito cortês, manifestando sua intenção de receber Mrs. Dashwood assim que esta pudesse visitá-la sem inconvenientes e, como esta

mensagem recebeu uma resposta igualmente educada, foram apresentadas à senhoria no dia seguinte.

Elas estavam, é claro, muito ansiosas para encontrar a pessoa de quem tanto dependia seu conforto em Barton, e ficaram favoravelmente impressionadas por sua aparência e elegância. Lady Middleton não tinha mais que vinte e seis ou vinte e sete anos; tinha um bonito rosto, era alta e imponente, e de aparência muito graciosa. Suas maneiras tinham toda a elegância que faltava ao seu marido; seriam, porém, mais realçadas se ela possuísse a franqueza e a hospitalidade dele. A visita se prolongou o suficiente para que a admiração inicial fosse diminuída, ao demonstrar que, ainda que muito educada, era reservada, fria e não tinha nada para falar além de perguntas e observações banais.

Apesar disso, não faltou conversa, pois Sir John era muito falante e Lady Middleton tomara a sábia precaução de levar consigo o filho mais velho – um belo menino de seis anos de

idade – cuja presença oferecia sempre um assunto a que as senhoras poderiam recorrer quando a conversa se esgotava, perguntando o nome e a idade da criança, admirando sua beleza, e ainda fazendo-lhe perguntas que sua mãe respondia, enquanto ele se agarrava a ela e mantinha a cabeça baixa, para grande surpresa de Lady Middleton – que achava estranho como ele podia ser tão tímido na frente das visitas

enquanto era muito barulhento em casa. Em todas as visitas formais deveria haver uma criança, como uma maneira polida de dar assunto às conversas. Neste caso, apenas dez minutos foram suficientes para determinar se o menino se parecia mais com o pai ou com a mãe e, em que detalhe particular se assemelhava com cada um deles, porque certamente cada um tinha uma opinião diferente, e todos ficavam surpresos com as opiniões uns dos outros.

Logo apareceu uma oportunidade para que as Dashwood pudessem conhecer as outras crianças, já que Sir John não partiu da casa sem que elas prometessem jantar em Barton Park na noite seguinte.

[1] No hemisfério norte a primavera começa em março e termina em junho. (N. T.)

[2] Como os jornais eram relativamente caros, os vizinhos tinham o costume de compartilhá-los. (N. T.)

CAPÍTULO VII

Barton Park ficava a aproximadamente novecentos metros do chalé. As Dashwood já haviam passado por perto ao cruzar o vale, mas do chalé não se podia ver a propriedade, pois uma colina logo à frente atrapalhava a visão. A casa era grande e bonita, e a família Middleton vivia de uma maneira que equilibrava hospitalidade e elegância. A primeira era para satisfação de Sir John, a segunda para a de sua esposa. Raramente ficavam sem a presença de amigos em casa, e recebiam mais visitas que qualquer outra família da vizinhança. Isso era necessário para a felicidade de ambos, visto que, apesar de terem temperamentos e comportamentos diferentes, eles se pareciam muito na falta de talento e gosto, deficiência essa que limitava um pouco as atividades que não fossem relacionadas à vida social. Sir John era um homem dedicado aos esportes, Lady Middleton, uma mãe. Ele caçava e praticava o tiro e ela cuidava dos filhos – esses eram seus únicos afazeres. Lady Middleton tinha a vantagem de poder mimá-los durante todo o ano, enquanto as atividades de Sir John só ocupavam metade desse tempo. Entretanto, os constantes compromissos dentro e fora de casa supriam qualquer deficiência de natureza e educação: alimentavam o bom ânimo de Sir John e davam oportunidade para a demonstração de boa educação de sua esposa.

Lady Middleton se orgulhava da elegância de sua mesa e de todos os seus arranjos domésticos, e era desse tipo de vaidade que obtinha seus maiores deleites em todas as suas reuniões. Mas a satisfação de Sir John pela vida social era mais real; ele adorava reunir em torno de si um número maior de jovens do que sua casa podia abrigar e o barulho que eles faziam era seu maior prazer. Era um homem bem quisto por todos os jovens da vizinhança. No verão ele frequentemente convidava grupos para comer presunto e frango ao ar livre; e no inverno seus bailes particulares eram numerosos o suficiente para satisfazer os desejos de qualquer jovem que não estivesse presa aos insaciáveis apetites dos quinze anos.

A chegada de uma nova família à região era sempre motivo de alegria para ele e, em todos os sentidos, estava encantado com os moradores que havia conseguido para seu chalé de Barton. As irmãs Dashwood eram jovens, bonitas e não eram afetadas. Isso era suficiente para garantirem sua boa opinião, já que não ser afetada era tudo o que uma moça bonita precisava para fazer com que seu espírito fosse tão cativante quanto sua aparência. A amabilidade de Sir John o tornou feliz ao oferecer-lhes acomodação, já que a situação em que elas viviam hoje era muito desafortunada, principalmente se comparada com a do passado. Suas demonstrações de bondade para com as primas apraziam seu bom coração e, ao estabelecer no Chalé Barton uma família composta apenas de mulheres, provou toda a satisfação de um esportista; mesmo

que este aprecie apenas a companhia daqueles do mesmo sexo, esportistas como ele, nem sempre tem o desejo de encorajar seu gosto, permitindo que residam em sua propriedade.

Mrs. Dashwood e as filhas foram recebidas na porta da casa por Sir John, que lhes deu as boas vindas à Barton Park com bastante sinceridade e, ao conduzi-las até a sala de estar, tornou a falar às jovens sobre a preocupação que o incomodava desde o dia anterior: não conseguira convidar nenhum rapaz elegante para apresentar-lhes. Disse que elas só veriam

outro cavalheiro além dele mesmo: um amigo íntimo que estava hospedado em sua casa, mas não era nem muito jovem nem muito alegre. Sir John esperava que elas perdoassem o número reduzido de pessoas, e garantiu-lhes que isso não aconteceria novamente. Ele havia visitado várias famílias naquela manhã em busca de um acréscimo ao grupo, mas era lua cheia[1] e todos tinham compromissos. Felizmente a mãe de Lady Middleton acabara de chegar a Barton Park – ela era uma senhora muito alegre e agradável e esperava que as jovens não achassem a reunião tão tediosa quanto poderiam imaginar. Tanto as jovens quanto sua mãe estavam satisfeitas por terem apenas dois estranhos no grupo, e não queriam mais ninguém.

Mrs. Jennings, mãe de Lady Middleton, era uma senhora idosa, bem humorada, alegre e gorda, que falava demais, parecia muito feliz e um tanto vulgar. Era cheia de piadinhas e risadinhas e, antes do final do jantar, já havia falado várias coisas engraçadas sobre amantes e maridos; esperava que as moças não tivessem deixado um grande amor em Sussex, e fingiu vê-las corar, mesmo que não estivessem envergonhadas. Marianne sentiu-se contrariada com tudo aquilo por causa da irmã, e olhou para Elinor, para ver como ela suportava aqueles ataques, e o fez com uma seriedade que perturbou muito mais Elinor do que as triviais brincadeiras de Mrs. Jennings.

Coronel Brandon, o amigo de Sir John, com seus modos silenciosos e sérios, e dada à diferença de temperamentos, parecia tão pouco adequado para ser seu amigo, quanto Lady Middleton para ser sua esposa, ou Mrs. Jennings para ser a mãe de Lady Middleton. Sua aparência, no entanto, não era desagradável, apesar de ser, na opinião de Marianne e de Margaret, um solteirão convicto, com seus mais de trinta e cinco anos. Mesmo não tendo um rosto bonito, sua aparência era sensível e possuía os modos de um cavalheiro.

Não havia nada nos participantes do grupo que servisse para recomendá-los como companhia às Dashwood; mas a frieza insípida de Lady Middleton era tão repulsiva, que, em comparação, a seriedade do Coronel Brandon e até a alegria barulhenta de Sir John e de sua sogra, pareciam interessantes. Lady Middleton pareceu se alegrar apenas depois do jantar,

quando seus quatro filhos barulhentos entraram na sala e a puxaram de um lado para outro, agarrando-se às suas roupas e colocando um ponto final a qualquer conversa que não se referisse a eles.

Ao anoitecer, assim que descobriram que Marianne tinha gosto pela música, convidaram-na para tocar piano. Abriram o instrumento, todos se prepararam para se sentirem encantados e Marianne, que também cantava muito bem, a pedidos, começou a cantar a melhor das canções que Lady Middleton trouxera para casa após o casamento – as quais talvez estivessem no mesmo lugar desde que o piano fora comprado, já que sua senhoria celebrara aquele evento desistindo da música, apesar de que, na opinião de sua mãe, ela tocasse muito bem, e, na sua própria opinião, gostasse muito de fazê-lo.

O desempenho de Marianne foi muito aplaudido. Sir John demonstrava em voz alta sua admiração ao final de cada música, da mesma maneira que conversava no mesmo tom com os demais enquanto as músicas eram cantadas. Lady Middleton chamou sua atenção várias vezes, salientando que ninguém deveria dispersar sua atenção da música, mas pediu à Marianne para repetir uma determinada música que ela acabara de cantar. O Coronel Brandon

estava sozinho, distante do grupo, e ouviu tudo sem ser interrompido. Foi gentil ao prestar atenção e ela sentiu grande respeito por ele nesse momento, já que os outros haviam perdido completamente o fio da meada por falta de gosto. O prazer que o coronel havia demonstrado, embora não chegasse ao delicioso êxtase que ela considerava igualável ao dela, era digno de estima diante da imensa insensibilidade dos demais, e ela era bastante sensata para admitir que um homem de trinta e cinco anos podia ter sentimentos profundos e sensibilidade para se divertir. Estava bastante disposta a fazer todas as concessões necessárias à idade avançada do Coronel, exigidas pela compaixão.

[1] Naquela época havia uma preferência em organizar eventos durante as noites de lua cheia, já que a claridade natural tornava as viagens noturnas mais seguras. (N. T.)

C A P I T U L O V I I I

Mrs. Jennings era uma viúva com uma polpuda renda[1]. Teve duas filhas, que eram respeitavelmente bem casadas e, portanto, agora não tinha mais nada o que fazer senão casar o resto do mundo. Ela se esforçava ao máximo na tentativa de cumprir esse objetivo de maneira bastante zelosa e não perdia nenhuma oportunidade de planejar casamentos entre os jovens que conhecia. Era muito rápida para descobrir quem se sentia atraído por quem, e apreciava a vantagem de provocar rubores e aguçar a vaidade de muitas jovens com insinuações relacionadas ao poder que exerciam em determinados jovens cavalheiros. Com esse tipo de discernimento, foi capaz de, assim que chegou a Barton Park, dizer que o Coronel Brandon estava muito apaixonado por Marianne Dashwood. Ela até suspeitara disso na primeira noite em que estiveram juntos, pois ele a ouvia cantar com muita atenção e, quando os Middleton retribuíram a visita, jantando no chalé, o fato foi confirmado ao vê-lo escutá-la de novo. Estava totalmente convencida. Seria uma excelente união, porque ele era rico e ela bonita. Mrs. Jennings estava ansiosa para ver o Coronel Brandon bem casado, desde o dia em que o conheceu, além disso, sempre estava à procura de um bom marido para uma jovem bonita.

A vantagem imediata que obteve não foi insignificante, já que lhe forneceu infinitas piadas à custa de ambos. Em Barton Park,

ela ria do Coronel; no chalé, ria de Marianne. Para o primeiro, essa zombaria era indiferente, desde que atingisse apenas a ele; mas em relação à Marianne, era algo incompreensível e quando esta entendeu seu objetivo, não sabia se ria desse absurdo ou se censurava a impertinência de Mrs. Jennings, já que considerava os comentários insensíveis e desrespeitosos, considerando a idade avançada do Coronel e sua condição de solteiro.

Mrs. Dashwood, que não achava um homem cinco anos mais jovem do que ela tão extremamente velho como parecia à jovem imaginação de sua filha, tentou defender Mrs. Jennings de estar ridicularizando a idade do Coronel.

- Ao menos mamãe, você não pode negar o absurdo que é essa acusação, mesmo que não acredite que seja intencionalmente maliciosa! Com toda certeza o Coronel Brandon é mais jovem que Mrs. Jennings, porém ele é velho o suficiente para ser meu pai e, se alguma vez já teve ânimo o suficiente para se apaixonar, deve ter sobrevivido a qualquer sensação desse tipo. É muito ridículo! Quando um homem poderá libertar-se de tais brincadeiras, se a idade ou a doença não o protegerem?

- Doença! - disse Elinor. Você acha que o Coronel Brandon é doente? Estou certa que a idade dele lhe parece muito maior do que para minha mãe, mas deve admitir que ele faz um bom uso de seus membros!

- Você não o ouviu reclamando de reumatismo? E não é essa a enfermidade comum em pessoas mais velhas?

- Minha querida filha – disse sua mãe rindo – então você deve pensar que eu também estou a caminho do declínio e deve parecer-lhe um milagre que minha vida tenha se estendido

à avançada idade de quarenta anos.

- Mamãe, você não está sendo justa comigo. Eu sei muito bem que o Coronel Brandon não é velho o bastante para fazer com que seus amigos fiquem temerosos por perdê-lo devido ao curso natural das coisas. Ele deve viver mais vinte anos. Porém, trinta e cinco anos não é mais idade para se casar.

- Talvez – disse Elinor, – trinta e cinco anos e dezessete não combinem para um casamento entre si. Mas, se por acaso houvesse uma mulher de vinte e sete anos, não penso que a idade do Coronel Brandon fosse motivo de objeção para que se casassem.

- Uma mulher de vinte e sete anos – disse Marianne depois de um momento de pausa, – jamais poderia ter a esperança de sentir ou inspirar afeição novamente. E se sua casa não for confortável, ou sua fortuna for pequena, suponho que poderia se submeter ao ofício de enfermeira do marido, em troca da segurança financeira como esposa. Se ele se casasse com uma mulher nessa condição, não haveria nada de inapropriado.

Seria um pacto de conveniência e todos ficariam satisfeitos. Aos meus olhos não seria de modo algum um casamento, mas isso não importa. Para mim, se pareceria apenas com um contrato comercial, onde cada um se beneficiaria à custa do outro.

- Seria impossível, eu sei, convencer-lhe de que uma mulher de vinte e sete anos poderia sentir algo muito parecido com amor por um homem de trinta e cinco anos, de modo que se torne uma companhia agradável para ela - respondeu Elinor. - Não concordo que você aprisione o Coronel Brandon e sua esposa ao confinamento de uma casa de doente, meramente porque ele se queixou ontem (um dia muito frio e úmido) de uma leve dor reumática em um de seus ombros.

- Mas ele mencionou coletes de flanela[2] - disse Marianne - e para mim um colete de flanela está invariavelmente ligado a dores, câimbras, reumatismos e toda espécie de males que podem atingir as pessoas mais velhas e fracas.

- Se ele tivesse apenas uma febre violenta, você não o desprezaria tanto. Confesse, Marianne, você não se sente interessada pelo rosto vermelho, os olhos vazios e a pulsação rápida de uma pessoa com febre?

Logo em seguida, depois que Elinor deixou a sala, Marianne disse:

- Mamãe, preocupo-me muito em relação às enfermidades e não posso esconder isso de você. Tenho certeza que Edward

Ferrars não está bem. Já estamos morando aqui há quase quinze dias e ele ainda não veio nos visitar. Nada além de uma verdadeira indisposição poderia ser o motivo desse atraso extraordinário. O que mais poderia detê-lo em Norland?

- Você pensava que ele viria tão cedo? - disse Mrs. Dashwood. - Eu não penso assim. Ao contrário, se senti certa ansiedade a respeito do assunto, foi ao perceber que às vezes ele demonstrava certa falta de prazer diante do meu convite e pouca disposição para aceitar quando eu falava a respeito de sua vinda à Barton. Elinor já espera por ele?

- Eu nunca mencionei isso a ela, mas suspeito que ela já deva esperá-lo.

- Creio que você está enganada, pois ontem falei com ela a respeito de uma grade para a lareira do quarto de hóspedes e ela observou que não havia necessidade de pressa, já o

que o quarto não seria usado tão cedo.

- Que estranho! O que pode significar isso? Mas todo o comportamento de um para com o outro tem sido inexplicável! Como foram frios e formais na hora da despedida! Como foi lânguida a conversa entre os dois na última noite em que estiveram juntos! Ao dizer adeus, Edward não fez distinção entre Elinor e eu, para ambas teve apenas desejos bons como um irmão afetuoso. Na última manhã, eu, propositadamente, deixei os dois a sós por duas vezes e a cada vez, de maneira

inexplicável, ele me seguiu. Já Elinor, ao deixar Norland e Edward, não chorou mais que eu. Inclusive agora, seu autocontrole é o mesmo. Quando a vemos abatida ou melancólica? Quando tenta evitar a sociedade ou parece inquieta e insatisfeita?

[1] Espécie de mesada que a viúva recebia após a morte do marido. (N. T.)

[2] No século XVIII, os coletes feitos de seda ou tecidos finos faziam parte do guarda roupa de qualquer homem elegante. No caso do colete do Coronel Brandon, por ser de flanela, faz parecer que ele está fora de moda. (N. T.)

CAPÍTULO IX

As Dashwood agora estavam estabelecidas em Barton com razoável conforto. A casa e o jardim, com todas as coisas que os cercavam, já haviam se tornado familiares e, pouco a pouco, elas retomavam as ocupações cotidianas que haviam dado a Norland metade de seu encanto, desta vez, porém, com muito mais prazer do que Norland fora capaz de proporcionar após a morte do pai. Sir John Middleton, que as visitava diariamente durante os primeiros quinze dias e não estava acostumado a ter muita ocupação em casa, não conseguia esconder seu espanto ao vê-las sempre atarefadas.

As visitas, com exceção dos moradores de Barton Park, não eram muitas. Apesar dos pedidos insistentes de Sir John para que se relacionassem com os vizinhos, e a garantia de que sua carruagem estava sempre à disposição, a independência de Mrs. Dashwood venceu o desejo de convívio social das filhas; ela estava decidida a recusar visita que não pudesse ser feita a pé. Havia poucas pessoas nessa situação e nem todas eram acessíveis. A quase três quilômetros do chalé, junto ao sinuoso e estreito Vale de Allenham, que derivava do vale de Barton, como descrito anteriormente, em um de seus primeiros passeios as moças descobriram uma mansão antiga e imponente que, por se parecer um pouco com Norland, despertou-lhes a curiosidade e o desejo de conhecê-la melhor. Porém, quando indagaram a respeito, souberam que a

proprietária da casa, uma dama já idosa e de bom caráter, infelizmente estava muito doente para receber visitas e nunca saía de casa.

De um modo geral, os arredores do vilarejo eram abundantes em lugares bonitos para se passear. De cada janela do chalé, as altas colinas as convidavam a buscar o refinado prazer do ar de seus cumes, e era uma alternativa feliz quando a sujeira dos vales mais baixos ocultava seus encantos superiores. E foi em uma dessas colinas que Marianne e Margaret foram caminhar em uma memorável manhã, atraídas pelo pouco sol em um céu chuvoso, incapazes de suportar o confinamento que a chuva dos dias anteriores havia lhes causado. O clima não era tão tentador a ponto de fazer com que as outras desistissem de seus lápis de desenhos e livros, apesar da declaração de Marianne de que o bom tempo se manteria, e que até a última das nuvens ameaçadoras seria carregada pelo vento... E assim, as duas partiram juntas.

Subiram alegremente as colinas, contentes com cada fresta azul que aparecia no céu e quando sentiram no rosto as revigorantes rajadas do vento sudoeste, lamentaram os temores que impediram sua mãe e Elinor de compartilhar tais sensações tão prazerosas.

- Há felicidade maior no mundo do que esta? - disse Marianne.

- Margaret, vamos caminhar aqui por pelo menos duas horas.

Margaret concordou e elas continuaram sua caminhada contra o vento, com alegres risadas durante mais vinte minutos quando, subitamente, as nuvens se uniram sobre suas cabeças e uma chuva intensa caiu sobre elas. Surpreendidas e contrariadas, foram obrigadas, mesmo contra a vontade, a voltar, pois não havia nenhum outro refúgio a não ser sua casa. Como consolo, dada à necessidade do momento, só podiam correr a toda velocidade pelo lado

da colina que levava direto ao portão do jardim.

Começaram a correr... Marianne levava vantagem no começo, mas um passo em falso a fez cair e Margaret, sem poder parar para lhe dar a devida assistência, seguiu involuntariamente correndo com toda pressa e logo chegou ao pé da colina em segurança.

Um cavalheiro carregando uma arma e com dois cachorros de caça, estava passando no alto da colina a poucos metros de Marianne, quando o acidente aconteceu. Ele deixou sua arma e correu para auxiliá-la. Ela se levantou do chão, mas havia torcido o pé com a queda, a ponto de mal conseguir se sustentar. O cavalheiro ofereceu sua ajuda e percebendo que, por modéstia ela recusava o que sua situação exigia, carregou-a em seus braços sem mais delongas até descerem a colina. Cruzando o jardim, cujo portão fora deixado aberto por Margaret, ele avançou diretamente para o interior da casa,

onde Margaret já se encontrava, e não deixou de carregá-la até que a sentasse em uma poltrona da sala.

Elinor e sua mãe se levantaram assustadas ao vê-los entrar e, enquanto os olhos de todas estavam fixos no rapaz, com uma evidente curiosidade e secreta admiração, que vinha também de sua aparência, ele pediu desculpas pela intromissão, relatando o ocorrido de um modo tão franco e gracioso, que sua aparência, que era extremamente bela, recebeu os encantos adicionais de sua voz e expressão. E mesmo que ele fosse velho, feio e vulgar, Mrs. Dashwood seria igualmente grata e amável por qualquer ato de atenção para com sua filha. Entretanto, a influência de sua juventude, beleza e elegância deram um novo interesse àquela atitude, comovendo-as ainda mais.

Ela lhe agradeceu repetidas vezes e, com a doçura que lhe era comum, convidou-o a se sentar. Ele, porém, se recusou, alegando que estava sujo e molhado. Mrs. Dashwood pediu para que lhe dissesse a quem ela estava agradecida. Ele disse que se chamava Willoughby, e que sua residência atual era em Allenham, de onde esperava ter a honra de voltar no dia seguinte para saber notícias de Miss Dashwood. A honra foi rapidamente concedida e ele partiu, sumindo no meio da chuva intensa, o que o tornou ainda mais interessante.

Sua beleza varonil e sua invulgar graciosidade imediatamente se tornaram motivos de admiração geral, e o riso que seu gesto galante para com Marianne provocou, recebeu maior

significado por conta de seus atrativos físicos. A própria Marianne viu muito pouco dele se comparada às demais, porque a confusão que a fizera corar quando ele a ergueu, impediu-a de olhar para ele depois que entraram na casa. Mas ela tinha visto o suficiente para juntar-se à admiração das outras, com um entusiasmo que sempre acompanhava seus elogios. Ele tinha uma aparência exatamente igual à sua fantasia de um herói, o personagem de sua história favorita; e o fato daquele homem carregá-la no colo sem a menor cerimônia, revelava uma agilidade de pensamento que, de modo especial, o recomendava na ação... Todas as circunstâncias que o envolviam eram interessantes. Tinha um bom nome, morava em uma linda mansão no vilarejo e ela logo descobriu que, de todos os trajes masculinos, o mais tentador era um casaco de caçador. Sua imaginação estava bastante ocupada, suas reflexões eram agradáveis, e a dor de um tornozelo torcido foi desconsiderada.

Sir John se apressou em visitá-las naquela mesma manhã, tão logo o tempo permitiu que saísse de casa. E após lhe contarem tudo a respeito do acidente de Marianne, trataram

logo de perguntar se ele conhecia um cavalheiro, morador de Allenham, que se chamava Willoughby.

- Willoughby! – exclamou Sir John; – Então ele está na região? Mas é uma ótima notícia, vou a cavalo até sua casa amanhã e o convidarei para jantar na quinta-feira.

- Então você o conhece! – disse Mr. Dashwood.

- Se eu o conheço? Claro que sim. Ele nos visita todos os anos.

- E que tipo de jovem ele é?

- Garanto-lhe que é o melhor jovem que se pode conhecer. Um atirador bastante decente, e não há cavaleiro mais audacioso em toda Inglaterra.

- Isso é tudo o que pode falar sobre ele? – exclamou Marianne indignada. – Como são suas maneiras quando o conhecemos mais intimamente? Quais são suas ocupações, seus talentos, como é seu temperamento?

Sir John ficou confuso.

- Por minha vida – disse ele. – Não sei muito sobre ele além do que lhe disse. Porém, ele é agradável, um sujeito bem humorado e tem a melhor cadela perdigueira preta que já vi. Ele estava com ela hoje?

Mas Marianne era tão incapaz de satisfazer sua curiosidade a respeito da cor do cachorro de Mr. Willoughby, quanto ele não era capaz de descrever as nuances da mente do rapaz.

- Mas, quem é ele? – disse Elinor. – De onde vem? Ele possui uma casa em Allenham?

Sobre esse assunto Sir John poderia dar-lhes mais informações, e lhe disse que Mr. Willoughby não possuía propriedades na região, residia em Allenham apenas quando visitava a velha senhora de Allenham Court, de quem era parente e cujas posses ele herdaria. Tendo dito isto, Sir John acrescentou:

- Sim, sim, ele é um bom partido, isso eu lhe garanto, Miss Dashwood. Além disso, ele possui uma pequena propriedade em Somersetshire[1]. E se eu fosse você, não desistiria dele por causa de sua irmã mais jovem, apesar de seu tombo. Miss Marianne não pode desejar que todos os homens fiquem aos seus pés. Se ela não for cuidadosa, Brandon ficará com ciúmes.

- Eu não acredito que Mr. Willoughby será incomodado por nenhuma de minhas filhas, na tentativa de tentar agarrá-lo - disse Mrs. Dashwood, sorrindo bastante bem humorada. - Elas não foram criadas com essa finalidade. Os homens estão muito seguros conosco, por mais ricos que sejam. Entretanto, fico contente em saber, pelo que o senhor nos contou, que ele é um jovem muito respeitável, e cujo contato não será recusado.

- Ele é uma boa pessoa, o melhor sujeito que já existiu - repetiu Sir John. - Eu me lembro de que no último Natal, em uma pequena reunião em Barton Park, ele dançou das oito da noite até as quatro da manhã, sem sequer se sentar.

- É verdade? - exclamou Marianne com os olhos brilhantes.
- E o fez com elegância?

Com espírito?

- Claro, e ele já estava de pé às oito da manhã, pronto para a caça.

- É disso que eu gosto, é assim que deve se portar um jovem. Quaisquer que sejam seus ideais, deve buscá-los sem moderação, e sem demonstrar nenhum cansaço.

- Ai, ai, ai... Já estou vendo tudo – disse Sir John. – Já vejo como será. Você vai lhe atirar a rede, e jamais pensará no pobre Coronel Brandon.

- Esse é um modo de falar, Sir John, que eu particularmente não gosto – disse Marianne, calorosamente. – Eu detesto frases feitas com intenções maliciosas; e “atirar-lhe a rede” ou “conquistá-lo” são as frases mais odiosas de todas. Essas palavras têm a tendência de serem grosseiras e vulgares; e se alguma vez puderam ser consideradas inteligentes, há muito o tempo se encarregou de destruir toda sua engenhosidade.

Sir John não entendeu muito bem essa reprovação; mas deu uma boa gargalhada como se entendesse, e então respondeu:

- Sim. Tenho certeza que você fará muitas conquistas, de um jeito ou de outro. Pobre Brandon! Já está bastante apaixonado, e lhe garanto que vale a pena atirar-lhe a rede, apesar de seu tombo e dessa torção de tornozelo.

[1] Condado localizado no sudoeste da Inglaterra. (N.T.)

CAPITULO X

O protetor de Marianne, como Margaret, com mais elegância do que precisão, denominara Willoughby, chegou ao chalé bem cedo na manhã seguinte para saber notícias pessoalmente. Willoughby foi recebido por Mrs. Dashwood com mais que educação, com a gentileza que as palavras de Sir John e a própria gratidão dela propiciavam. Tudo que conversaram durante a visita serviu para assegurar-lhe a sensatez, elegância, afeto mútuo e conforto doméstico da família à qual conhecera por meio desse acidente. Não havia necessidade de um segundo encontro para que ele estivesse convencido dos encantos pessoais das moças.

Miss Dashwood tinha o rosto delicado, feições regulares e era notavelmente bonita. Marianne era ainda mais bonita. Sua silhueta, embora não fosse tão perfeita quanto à da irmã, tinha a vantagem de ser mais alta, impressionando um pouco mais. Seu rosto era tão adorável que, ao lhe dirigirem elogios - chamando-a de linda garota - a verdade era menos violentamente ultrajada do que usualmente acontece. Tinha a pele morena, mas sua transparência lhe dava um brilho extraordinário, suas feições eram todas belas, seu sorriso doce e atraente e em seus negros olhos havia vida, espírito e uma vivacidade que não poderiam ser contemplados sem prazer. No começo, ocultou de Willoughby a expressão de seus olhos, devido ao embaraço que a lembrança de sua queda

proporcionava. Mas, quando isso passou, quando seu espírito serenou, quando viu que sua perfeita educação de cavalheiro se juntava à franqueza e à vivacidade, e, sobretudo, quando o escutou afirmar que era apaixonado por músicas e bailes, ela lhe deu um olhar de aprovação tão profundo que garantiu para si a atenção dele em todas as demais conversas durante sua visita.

Era necessário apenas mencionar qualquer passatempo favorito para levá-la a falar. Ela não conseguia ficar em silêncio quando tais assuntos eram mencionados, e não tinha timidez ou reserva para conversar. Rapidamente descobriram que compartilhavam do mesmo entusiasmo por bailes e música, o que gerou uma enorme afinidade em tudo o que se relacionava a ambos. Encorajada por isto a examinar de forma mais profunda as opiniões do rapaz, prosseguiu sua investigação perguntando-lhe a respeito de livros; comentou a respeito de seus autores favoritos com tamanho prazer, que qualquer rapaz de vinte e cinco anos teria que ser muito insensível para não perceber a excelência de tais obras – mesmo que antes nunca as tenha apreciado. Os dois tinham o gosto muito parecido. Idolatravam os mesmos livros, as mesmas passagens, ou se alguma diferença surgisse, alguma objeção fosse levantada, não perdurava por muito tempo antes que a força dos argumentos de Marianne e o brilho de seus olhos a dissipassem. Willoughby concordou com todas as decisões dela, deixando-se contagiar por seu entusiasmo, e muito antes

do final da visita conversavam com a familiaridade de velhos conhecidos.

- Bem, Marianne - disse Elinor, assim que ele as deixou - para uma única manhã, eu acho que você se saiu muito bem. Conseguiu descobrir a opinião de Mr. Willoughby a respeito de quase todos os assuntos importantes. Você sabe o que ele pensa de Cowper e Scott[1], tem

a certeza de que ele aprecia seus encantos do modo como deve ser, e também tem certeza de que admira Pope[2] de forma apropriada. Mas como seu relacionamento com ele poderá durar um longo tempo se você esgota rapidamente todos os assuntos de conversa? Em breve todos os seus tópicos favoritos já terão se esgotado. Uma outra visita será o suficiente para que ele lhe fale de seus sentimentos sobre a beleza pitoresca[3] e sobre segundos casamentos, e então você não terá mais nada para perguntar.

- Elinor - exclamou Marianne - acha que está sendo justa? Será que tenho poucas ideias? Porém, entendo o que disse. Fiquei muito à vontade, muito feliz, muito franca. Estive em falta com toda noção comum de decoro, fui aberta e sincera quando deveria ter sido mais reservada, desanimada, tola e hipócrita. Se tivesse falado apenas do tempo e das estradas, e se tivesse aberto a boca apenas uma vez a cada dez minutos, teria sido poupada dessa repreensão.

- Meu amor - disse sua mãe - não se ofenda com Elinor, ela estava só brincando. Eu mesma teria chamado sua atenção se ela quisesse lhe tirar o prazer de conversar com nosso novo amigo.

Marianne logo se acalmou.

Willoughby, por seu lado, deu muitas provas do prazer que sentia ao conhecê-las e do desejo evidente de aprofundar essa amizade. Passou a visitá-las diariamente. A princípio sua desculpa era saber do estado de saúde de Marianne, mas, a forma com que era recebido, cada dia com mais gentileza, fez com que tal desculpa não fosse mais necessária, antes de se tornar impossível, dado o completo restabelecimento de Marianne. Ela ficou confinada em casa por alguns dias, porém, nenhum outro confinamento foi menos entediante.

Willoughby era um jovem de muitos talentos, imaginação rápida, espírito animado, e de modos abertos e afetuosos. Era perfeito para conquistar o coração de Marianne, pois a todos esses adjetivos se somava uma aparência cativante, assim como um fervor natural da mente, que agora despertara e crescia pelo exemplo dela, e que o recomendava à sua afeição mais do que tudo.

A amizade entre eles se tornou, gradualmente, o maior prazer de Marianne. Eles liam, conversavam, cantavam juntos... Os talentos musicais de Willoughby eram consideráveis e ele lia

com toda a sensibilidade e presença de espírito que, infelizmente, faltavam a Edward.

Na opinião de Mrs. Dashwood, assim como na de Marianne, o rapaz parecia não ter falhas e Elinor não viu nada que lhe pudesse censurar, a não ser uma propensão a dizer tudo o que pensava, qualquer que fosse a ocasião, sem dar importância às pessoas ou às circunstâncias, no que se parecia bastante com Marianne e particularmente a agradava. Ao formar sua opinião sobre outras pessoas e expressá-la sem constrangimento, ao sacrificar a cortesia para dedicar completamente sua atenção àquilo a que empenhara seu coração, e ao desprezar facilmente as formas de decoro mundano, Willoughby apresentava uma falta de cuidado que Elinor não poderia aprovar, apesar de tudo o que ele e Marianne pudessem dizer para justificá-lo.

Marianne começava agora a perceber como fora tolo e injustificável o desespero que sentira aos dezesseis anos e meio, ao pensar que jamais encontraria um homem que pudesse satisfazer seus ideais de perfeição. Willoughby era tudo que sua imaginação havia criado -

naquela hora infeliz ou em momentos brilhantes - como capaz de atraí-la, e seu comportamento demonstrava que seus desejos a esse respeito eram tão intensos quantos eram grandes suas habilidades.

Quanto a sua mãe, em cuja mente nunca havia surgido nenhuma especulação a respeito de um possível casamento entre os jovens, por conta da futura riqueza de Willoughby, foi levada antes de terminar a semana a colocar suas esperanças e expectativas nesse casamento, e a felicitar-se em segredo por ter ganhado dois genros como Edward e Willoughby.

O interesse do Coronel Brandon por Marianne, tão cedo descoberto por seus amigos, agora, pela primeira vez, se tornou perceptível para Elinor, quando os outros deixaram de notá-lo. Começaram a dirigir suas atenções ao rival mais afortunado e as gozações as quais o primeiro fora submetido antes que surgisse algum interesse, deixaram de ser um alvo quando seus sentimentos começaram a ser merecedores desse ridículo que com tanta justiça se vincula à sensibilidade. Elinor se viu obrigada, ainda que contra sua vontade, a crer que os sentimentos que Mrs. Jennings havia atribuído ao Coronel para sua própria satisfação, eram na verdade inspirados por sua irmã e que agora, embora uma semelhança notável entre os temperamentos pudesse favorecer os sentimentos de Willoughby, uma igualmente surpreendente oposição de caracteres não era empecilho no entender do Coronel Brandon. Via isso com preocupação, pois como um homem silencioso, de trinta e cinco anos, poderia ter esperanças diante de um jovem cheio de vida e com vinte e cinco anos? E como ela nem sequer podia desejar que ele fosse vencedor, desejou de todo coração que ele fosse indiferente. Ela gostava do Coronel, apesar de ser

um homem sério e reservado, achava que ele era digno de interesse. Suas maneiras, embora sérias, eram suaves e sua reserva parecia mais o resultado de certa opressão de espírito que de um temperamento naturalmente sombrio. Sir John fez algumas insinuações sobre desilusões e feridas do passado, o que reforçou ainda mais a sua convicção de que ele era um homem infeliz, e o considerava com respeito e compaixão.

Talvez ela tenha se compadecido dele e o estimado ainda mais por causa do desprezo de Willoughby e Marianne, que, cheios de preconceitos contra ele por não ser alegre e jovem, pareciam decididos a menosprezar seus méritos.

- Brandon é o tipo de homem de quem todos falam bem, mas ninguém se importa com ele; um homem que todos sentem prazer em ver, mas sequer se lembram de conversar com ele - disse Willoughby um dia, quando falavam do Coronel.

- É exatamente o que penso dele - exclamou Marianne.

- Não se gabem disso - disse Elinor. - É injustiça dos dois. Ele é muito bem quisto por todos de Barton Park, e eu mesma nunca perdi uma oportunidade de conversar com ele.

- Que você o defenda - respondeu Willoughby - certamente é algo que ele tem a seu favor, mas em relação à estima dos outros, trata-se de uma reprovação por si só. Quem se submeteria à indignidade de ser aprovado por mulheres como Lady Middleton e Mrs. Jennings, que contam com a indiferença dos outros?

- Mas talvez o desprezo de pessoas como você e Marianne, compense a consideração de Lady Middleton e de sua mãe. Se o elogio delas é motivo de censura, a censura de vocês

pode ser elogio, já que a falta de discernimento delas não é maior que o preconceito e injustiça de vocês.

- Em defesa de seu protegido você até pode ser insolente.

- Meu protegido, como você o chama, é um homem sensato e a sensatez sempre será um atrativo para mim. Sim, Marianne, mesmo em um homem entre os trinta e os quarenta anos. Ele já viu muita coisa do mundo, já esteve no exterior, já leu bastante e tem uma mente pensante. Acho-o capaz de me dar muitas informações sobre temas diversos e sempre respondeu às minhas perguntas de maneira educada e com boa vontade.

- O que significa - exclamou Marianne com desdém - que ele lhe disse que nas Índias Ocidentais o clima é quente e os mosquitos são desagradáveis.

- Ele me diria, não tenha dúvidas, se eu tivesse perguntado isso, porém, conversamos sobre assuntos que eu já conhecia anteriormente.

- Talvez - disse Willoughby - suas observações tenham se estendido à existência dos nababos[4], moedas de ouro e palanquins[5].

- Atrever-me-ia a dizer que as observações dele foram muito além da candura de vocês. Mas, por que não gosta dele?

- Eu não o detesto. Ao contrário, eu o considero um homem bastante respeitável, de quem todos falam bem, mas ninguém dá atenção. Ele tem mais dinheiro do que pode gastar, mais tempo do que conhecimento de como empregá-lo, e dois casacos novos todo ano.

- Além disso, exclamou Marianne, ele não tem bom gênio, bom gosto, nem espírito.

Sua mente não é brilhante, não possui sentimentos ardentes e sua voz é inexpressiva.

- Vocês decidem sobre suas imperfeições de um modo tão superficial, tão baseados em suas imaginações - respondeu Elinor - que, em comparação, todos os elogios que eu possa fazer a ele pareceriam frios e insípidos. Eu apenas posso dizer que é um homem sensível, bem educado, bem informado, gentil e, creio eu, de coração amável.

- Miss Dashwood, agora não está sendo gentil comigo! - exclamou Willoughby. - Está tentando me desarmar com a razão e convencer-me contra a minha vontade. Mas isso não acontecerá. Deve pensar que sou tão teimoso quanto a senhorita é astuta. Tenho três motivos irrefutáveis para não gostar do Coronel Brandon: ele me ameaçou com chuva, quando eu queira um bom tempo; ele encontrou falhas na suspensão de minha carruagem; e não consegui persuadi-lo a

comprar minha égua marrom. Entretanto, se posso lhe dar alguma satisfação, acredito que ele possui um caráter irrepreensível em outros aspectos, sendo assim, estou disposto a fazer minha confissão. E em troca desse reconhecimento, o que faço com pesar, não pode me negar o privilégio de não gostar dele, agora mais do que nunca.

[1] Sir Walter Scott (1771 – 1832), poeta e romancista que escrevia de forma grandiloquente. (N. T.)

[2] Alexander Pope (1688 – 1744), um dos maiores poetas britânicos do século XVIII, que Jane Austen admirava muito e que produziu poemas filosóficos ou didáticos. (N. T.)

[3] Termo usado para descrever um típico cenário natural. (N. T.)

[4] Nababos eram governadores muçulmanos de províncias indianas que vivendo na opulência e no fausto, passaram a ser sinônimos de ostentação desmedida. (N. T.)

[5] Carruagens ou liteiras cobertas, carregadas por homens. Jane Austen devem ter aprendido esses termos com o irmão Francis que serviu nas Índias Ocidentais de 1788 a 1793. (N. T.)

C A P I T U L O X I I

Mrs. Dashwood e suas filhas mal podiam imaginar, assim que chegaram a Devonshire, que surgiriam, em tão pouco tempo, tantos compromissos para ocupar seu tempo, ou até que elas receberiam convites frequentes e visitas contínuas que lhes deixariam com poucas horas para se dedicarem às ocupações sérias. No entanto, assim sucedia. Logo que Marianne se recuperou, os planos de diversão, em casa e fora dela, que Sir John havia imaginado previamente, começaram a se tornar realidade. Os bailes privativos em Barton Park começaram, e fizeram tantas festas ao ar livre quanto foi possível em um outubro chuvoso. Willoughby estava incluído em cada encontro, e a descontração e familiaridade que naturalmente faziam parte destas festas foram calculadas com exatidão para aumentar a intimidade entre ele e as Dashwoods, para permitir que ele pudesse observar as qualidades de Marianne, expressar sua admiração por ela, e receber, através do comportamento dela para com ele, a mais plena segurança de seu afeto.

Elinor não se surpreendeu com o apego entre eles. Apenas desejava que tal sentimento fosse demonstrado menos abertamente, e uma ou duas vezes se atreveu a sugerir a Marianne que ela deveria agir com mais comedimento. Porém, Marianne odiava toda dissimulação quando nenhuma verdadeira desgraça poderia justificar a falta de franqueza. E

empenhar-se em reprimir sentimentos que não eram em si mesmos censuráveis, parecia-lhe um esforço desnecessário, além de uma lamentável submissão da razão às noções convencionais e ao senso comum. Willoughby pensava o mesmo e o comportamento de ambos era uma ilustração de suas opiniões.

Quando ele estava presente, Marianne não tinha olhos para mais ninguém. Tudo que ele fizesse estava certo. Tudo que dissesse era inteligente. Se as noites em Barton Park terminassem com partidas de cartas, ele trapaceava a si mesmo e ao resto dos convidados para dar a ela uma boa mão. Se a diversão da noite era um baile, eles formavam par a metade do tempo, e quando se viam obrigados a dançar com outros pares, procuravam permanecer um ao lado do outro e raramente trocavam sequer uma palavra com as outras pessoas. Evidentemente tal conduta tornou-os motivo de risos, mas o ridículo não os envergonhava e nem parecia provocá-los.

Mrs. Dashwood recebia os sentimentos dos dois com tanta ternura, que lhe era impossível desejar que controlassem a excessiva demonstração de afeto entre eles. Para ela, tudo não passava da consequência natural de um afeto profundo em espíritos jovens e ardentes.

Esta foi uma época de felicidade para Marianne. Seu coração estava entregue à Willoughby, e os encantos que sua companhia lhe conferia pareciam suavizar mais do que lhe

parecia possível o apego a Norland que havia trazido consigo de Sussex.

A felicidade de Elinor não era tão grande. Seu coração não estava tão contente, nem sua satisfação era tão pura com as diversões nas quais tomava parte. Não havia companhia que

pudesse substituir o que fora deixado para trás, ou de levá-la a pensar em Norland com menos pesar. Nem Lady Middleton ou Mrs. Jennings podiam oferecer-lhe o tipo de conversa que lhe fazia falta, ainda que a última fosse uma conversadeira infatigável, que desde o começo tinha gostado de Elinor – o que lhe assegurava participação em todas as suas conversas. Ela já tinha contado sua história de vida duas ou três vezes a Elinor, e se a memória desta estivesse à altura dos meios de que Mrs. Jennings se valia para aumentá-la, poderia ter conhecido desde o início de sua amizade os detalhes da última doença de Mr. Jennings, e o que ele disse à sua esposa minutos antes de morrer. Já Lady Middleton era mais agradável que sua mãe, apenas por ser mais calada. Elinor precisou observá-la muito pouco para ver que sua reserva era apenas serenidade de ações e nada tinha a ver com bom juízo. Tratava o marido e a mãe da mesma maneira que tratava Elinor e sua irmã, em consequência, a intimidade não era algo que buscasse ou que desejasse. Nunca tinha algo a dizer que não tivesse sido dito no dia anterior. Sua insipidez era invariável, até seu ânimo era o mesmo, e não fazia oposição às festas planejadas pelo

marido, contanto que tudo fosse feito com estilo e que seus dois filhos mais velhos a acompanhassem, parecendo não se animar com as festas mais do que se animaria se ficasse sozinha em casa. A presença de Lady Middleton agregava tão pouco prazer aos demais, quando participava da conversa, que estes apenas se lembravam dela quando demonstrava solicitude em relação aos inquietos garotos.

De todas suas novas amizades, Elinor encontrou apenas no Coronel Brandon uma pessoa que pudesse, de algum modo, ser merecedora de respeito por suas capacidades, cuja amizade tivesse interesse em cultivar ou cuja companhia lhe desse prazer. Willoughby estava fora de questão. Tinha por ele total admiração e afeto, mesmo um afeto de irmã. Mas ele era um apaixonado e suas atenções estavam todas direcionadas a Marianne - e um homem muito menos educado poderia ter sido mais agradável com os demais. O Coronel Brandon, infelizmente, não tinha tal encorajamento para pensar apenas em Marianne e encontrava, nas conversas com Elinor, o maior consolo pela indiferença daquela.

A compaixão de Elinor por ele aumentou, pois tinha motivos para suspeitar que ele já houvesse conhecido as misérias de uma decepção amorosa. Esta suspeita teve origem em algumas palavras que ele acidentalmente deixou escapar uma tarde em Barton Park, quando estavam ocasionalmente sentados juntos, enquanto os outros dançavam. Seus olhos

estavam fixos em Marianne e, após alguns minutos de silêncio, ele disse, com um sorriso lânguido:

- Percebo que sua irmã não aprova segundos amores.
- Não - respondeu Elinor - suas opiniões são completamente românticas.
- Ou melhor, acredito que ela considere que não possam existir.
- Creio que sim. Mas não entendo como pode pensar assim sem refletir a respeito do caráter do próprio pai que teve duas esposas. No entanto, acredito que dentro de mais alguns anos sua opinião será mais razoável, baseada no senso comum e na observação, então, defini-la e justificá-la será mais fácil do que é hoje.
- Provavelmente é isso que vai acontecer - respondeu ele - porém, há algo de tão doce nos preconceitos de uma mente jovem que é uma pena vê-los dar lugar a opiniões generalizadas.
- Não posso concordar com você neste ponto - disse Elinor.
- Sentimentos como os de Marianne apresentam inconvenientes que nem todos os encantos do entusiasmo e da ignorância do mundo podem redimir. Seu espírito tem a desafortunada tendência de valorizar insignificâncias, e espero

que um melhor conhecimento de mundo lhe traga algum benefício.

Após uma breve pausa, Coronel Brandon retomou a conversa dizendo:

- Sua irmã não faz nenhuma distinção nas suas objeções a respeito de um segundo amor? Ou o considera igualmente criminoso em todos os casos? Aqueles que sofreram decepções em suas primeiras escolhas, seja pela inconstância de seus amores, seja pela perversidade das circunstâncias, deverão manter-se indiferentes pelo resto da vida?

- Dou-lhe minha palavra que não conheço minuciosamente seus princípios. Eu apenas sei que nunca a ouvi admitir que um segundo amor fosse algo perdoável.

- Isto não pode durar - disse ele - mas uma mudança, uma mudança total de sentimentos... Não. Não, não desejo isso, pois quando os refinamentos românticos de uma alma jovem se veem obrigados a ceder, muitas vezes são sucedidos por opiniões comuns e perigosas! Falo por experiência. Eu conheci uma moça com o temperamento e ânimo muito semelhantes aos de sua irmã, que pensava e julgava como ela, porém, por causa de uma mudança imposta, devido a uma série de circunstâncias impostas...

Neste momento, ele se calou repentinamente, parecia que tinha falado demais, e a expressão de seu rosto gerou suposições que de outra forma jamais teriam surgido na mente de Elinor. A

moça mencionada estaria fora de suspeita se ele não tivesse convencido Elinor de que nada relacionado a esse assunto deveria ter escapado de seus lábios. Tal como ocorreu, não foi preciso nenhum esforço para ligar a emoção do Coronel com a terna lembrança de um amor do passado. Elinor não insistiu. Mas Marianne, em seu lugar, não teria se contentado com tão pouco. Com certeza, sua imaginação ativa formaria rapidamente toda a história, e tudo se conformaria à ideia melancólica de um amor infeliz.

C A P I T U L O X I I

Na manhã seguinte, enquanto Elinor e Marianne passeavam, esta última lhe contou algo que surpreendeu sua irmã, apesar de tudo que sabia sobre a imprudência e falta de juízo de Marianne, pela maneira extravagante com que demonstrou as duas coisas. Marianne lhe disse, com grande prazer, que Willoughby lhe tinha dado um cavalo de presente, um que ele mesmo havia criado em sua propriedade de Somersetshire, e que era perfeitamente treinado para uma mulher. Sem considerar que ter um cavalo não fazia parte dos planos de sua mãe – e que se ela tivesse que alterar sua decisão por causa do presente teria que comprar outro cavalo para o empregado, ter um cavaleiro para montá-lo e, além disso, construir um estábulo para recebê-los – mesmo assim Marianne aceitou o presente sem hesitação e falou disso com a irmã em completo estado de êxtase:

- Ele pretende enviar seu cavaleiro imediatamente a Somersetshire para buscá-lo – acrescentou ela – e quando o cavalo chegar vamos cavalgar todos os dias. Você poderá compartilhar o uso do cavalo comigo. Imagine, querida Elinor, o prazer de galopar por essas colinas!

Marianne teve que despertar de um sonho tão feliz, muito contra a vontade, para admitir as tristes verdades que a questão suscitava, e durante algum tempo se recusou a

submeter-se a elas. Quanto ao empregado adicional, o gasto seria mínimo, tinha certeza de que sua mãe nunca faria objeção, que qualquer cavalo serviria para ele e que sempre poderia pegar um em Barton Park. Quanto ao estábulo, bastaria qualquer abrigo, isso já seria suficiente. Elinor se aventurou a comentar que não seria apropriado receber tal presente de um homem que conhecia tão pouco, ou pelo menos, há tão pouco tempo. Isto foi demais.

- Você está enganada, Elinor - disse Marianne acaloradamente - supondo que sei pouco de Willoughby. É verdade que não o conheço há muito tempo, mas conheço-o melhor que qualquer outra pessoa no mundo, com exceção de você e mamãe. Não é o tempo nem a ocasião que determinam a intimidade, mas apenas a disposição da pessoa. Sete anos não seria suficiente para algumas pessoas se conhecerem bem, ao passo que, para outros, sete dias são mais que suficientes. Sentir-me-ia culpada de uma falta maior se aceitasse um cavalo de meu irmão do que de Willoughby. Conheço John muito pouco, embora tenhamos vivido juntos durante alguns anos, mas sobre Willoughby já faz tempo que formei minha opinião.

Elinor considerou que seria sábio não tocar mais no assunto. Conhecia muito bem o temperamento da irmã. Fazer oposição a um assunto tão delicado só serviria para fortalecer ainda mais a sua opinião. Mas, com um apelo ao seu afeto pela mãe, mostrando os inconvenientes que aquela indulgente mãe

poderia passar se (como provavelmente ocorreria) ela consentisse com este aumento de gastos, Marianne sem grande demora se rendeu, e prometeu não tentar a mãe a tão imprudente bondade mencionando a oferta, e dizer a Willoughby da próxima vez que o visse, que não poderia aceitar o presente.

Foi fiel à sua palavra, e quando Willoughby chegou ao chalé, no mesmo dia, Elinor a

ouviu expressar-lhe sua decepção em voz baixa, por ser forçada a desistir do presente. Contou-lhe também sobre os motivos da mudança de opinião, e estes eram tão decisivos que tornavam impossível qualquer insistência por parte do rapaz. Entretanto, a preocupação de Willoughby era bastante visível, e depois de demonstrá-la com grande intensidade acrescentou, também em voz baixa:

- Mas, Marianne, o cavalo ainda é seu, mesmo que você não possa usá-lo agora. Ele ficará sob meus cuidados até que você o reivindique. Quando você deixar Barton para viver em sua própria casa, Queen Mab[1] estará à sua espera.

Tudo isto chegou aos ouvidos de Miss Dashwood, e em cada uma das palavras de Willoughby, na maneira como as pronunciava, no modo como se dirigia à Marianne, apenas por seu primeiro nome, Elinor imediatamente percebeu uma intimidade tão decidida, uma intenção tão aparente, que

deixava claro o perfeito entendimento entre os dois. A partir desse momento, não teve mais dúvida de que estivessem comprometidos, apenas a surpreendeu que, à vista do temperamento tão franco dos dois, ela, como qualquer de seus amigos, tivesse descoberto isso por acaso.

No dia seguinte, Margaret contou-lhe algo que esclareceu ainda mais o assunto. Willoughby havia passado a noite anterior na companhia delas, e Margaret, que estivera por algum tempo sozinha na sala com ele e Marianne, teve a oportunidade de observá-los. Com a expressão mais séria comunicou à irmã mais velha, na primeira oportunidade em que ficaram a sós.

- Oh Elinor! - exclamou - Tenho um grande segredo sobre Marianne para lhe contar.

Tenho certeza que em breve ela se casará com Mr. Willoughby.

- Você tem dito isso - respondeu Elinor - quase todos os dias, desde a primeira vez que se viram na colina da igreja, e creio que não havia passado sequer uma semana, quando já estava segura de que Marianne havia colocado um retrato dele no relicário da corrente que usava; e no final ficou claro que era apenas a miniatura de nosso tio-avô.

- Mas agora a coisa é diferente. Estou certa que se casarão em breve, pois ele tem um cacho do cabelo de Marianne.

- Tenha cuidado, Margaret. Talvez seja apenas um cacho do cabelo de uma tia avó

dele.

- Elinor, tenho certeza que é o cabelo dela. Estou quase certa de que é de Marianne,

porque o vi enquanto cortava. Na noite passada, após o chá, quando você e mamãe saíram da sala, eles falavam baixinho e rápido, e parecia que ele lhe pedia algo; então pegou uma tesoura e cortou um grande cacho do cabelo de Marianne, que lhe caía pelas costas. Ele os beijou, enrolou em um pedaço de papel branco e em seguida guardou em sua carteira.

Elinor não pôde deixar de acreditar no que a irmã havia lhe dito, ainda mais com tanta convicção. Nem estava disposta a duvidar, pois as circunstâncias estavam plenamente de acordo com o que ela tinha ouvido e visto.

Nem sempre Margaret mostrava sua sagacidade de maneira tão satisfatória para sua irmã. Quando Mrs. Jennings começou a assediá-la para que lhe contasse o nome do rapaz por

quem Elinor tinha uma preferência, assunto que há muito tempo a consumia de curiosidade, Margaret respondeu olhando diretamente para a irmã e dizendo:

- Não devo contar, não é mesmo Elinor?

É claro que todos riram, e Elinor tentou rir também. Mas o esforço foi penoso. Estava convencida de que Margaret pensava em uma pessoa cujo nome ela não poderia suportar

com compostura que fosse transformado em uma piada constante nos lábios de Mrs. Jennings.

Marianne sentiu profundamente pela irmã, porém, mais prejudicou que beneficiou a causa, pois ficou corada ao dizer muito zangada a Margaret:

- Lembre-se que, quaisquer que sejam suas suposições, você não tem o direito de repeti-las.

- Eu nunca fiz nenhuma suposição a esse respeito - respondeu Margaret, foi você mesma quem me contou.

Isso aumentou ainda mais as risadas e Margaret foi pressionada a dizer algo mais.

- Oh! Eu lhe suplico, Miss Margaret, conte-nos tudo - disse Mrs. Jennings. - Como se chama o cavalheiro?

- Eu não devo dizer, senhora. Mas sei muito bem quem é, e também sei onde se encontra.

- Sim, sim, podemos imaginar onde ele esteja; com certeza está em sua própria casa em Norland. Atrevo-me a dizer que ele é o pastor da paróquia.

- Não, isso ele não é. Ele não tem profissão.

- Margaret - disse Marianne energeticamente - sabe bem que tudo isto é uma invenção sua, e que tal pessoa não existe.

- Bem, então ele morreu recentemente, Marianne, pois tenho certeza que este homem existiu, e seu nome começa com F.

Elinor sentiu-se muito agradecida à Lady Middleton por observar, neste momento, “que chovia muito”, embora pensasse que a interrupção se devia menos a uma atenção para com ela, do que pelo fato de Lady Middleton detestar aqueles assuntos deselegantes, motivos de caçoadas, que tanto agradavam sua mãe e seu esposo. Entretanto, o assunto que começou com ela, foi imediatamente retomado pelo Coronel Brandon, sempre atento aos sentimentos dos demais, por isso muito foi dito a respeito da chuva. Willoughby abriu o piano e convidou Marianne para se sentar; e assim, entre as várias tentativas por parte de tantas pessoas para mudar o assunto da conversa, ele foi esquecido. Mas Elinor não se recuperou tão facilmente da inquietação que o assunto lhe provocara.

Nesta noite formaram um grupo para, no dia seguinte, visitar um lugar muito bonito, distante uns vinte e dois quilômetros de Barton Park, que pertencia ao cunhado do Coronel Brandon, e sem cuja presença o lugar não poderia ser visitado, pois o proprietário, que estava no exterior, havia deixado ordens rígidas a esse respeito. Disseram que a propriedade era belíssima, e Sir John, que era bastante acalorado em seus elogios, poderia ser considerado um juiz adequado, pois ao menos duas vezes em todos os verões, durante os últimos dez

anos, havia organizado visitas ao lugar. Havia ali uma boa quantidade de água, e um passeio de

barco constituiria grande parte das diversões da manhã; levariam pratos frios, iriam apenas em carruagens abertas e tudo seria organizado no estilo usual de um passeio totalmente prazeroso.

Para alguns do grupo aquela parecia uma decisão audaz, considerando a época do ano, e que chovia diariamente há pelo menos quinze dias. Mrs. Dashwood, que estava gripada, foi persuadida por Elinor a ficar em casa.

[1] Willoughby faz uma referência a uma fada rainha que aparece na fala de Mercúrio para Romeu a respeito da natureza dos sonhos (passagem de Romeu e Julieta de William Shakespeare). (N. T.)

CAPÍTULO XIII

A planejada excursão para Whitwell resultou em algo muito diferente do que Elinor esperava. Ela estava preparada para ficar molhada, cansada e assustada, mas, infelizmente, o evento foi pior ainda, pois nem sequer aconteceu.

Às dez horas o grupo estava reunido em Barton Park para tomar o café da manhã. Mesmo tendo chovido a noite toda, o tempo de manhã estava bastante favorável, as nuvens já haviam se dispersado no céu, e o sol aparecia com frequência. Estavam todos bastante animados e bem humorados, ansiosos pela diversão, e determinados a se sujeitarem aos maiores inconvenientes e dificuldades para consegui-lo.

Enquanto tomavam café, as cartas chegaram. Entre as cartas havia uma para o Coronel Brandon. Ela a pegou, olhou o endereço, seu rosto mudou de cor e imediatamente deixou a sala.

- Qual é o problema com Brandon? - perguntou Sir John.
Ninguém sabia dizer.

- Espero que ele não tenha recibo más notícias. - disse Lady Middleton. - Deve ter acontecido algo extraordinário para que coronel Brandon se levantasse da minha mesa tão repentinamente.

Cinco minutos depois ele voltou.

- Coronel, espero que não sejam más notícias. – disse Mrs. Jennings, assim que ele retornou à sala.
- De forma nenhuma, senhora, muito obrigado.
- São notícias de Avignon? Espero que não o tenham informado que sua irmã piorou.
- Não, senhora. Veio da cidade e é apenas uma carta de negócios.
- Mas, como pôde perturbá-lo tanto, se é apenas uma carta de negócios? Vamos, vamos, Coronel, isso não pode ser, contemos a verdade.
- Minha querida senhora – disse Lady Middleton – pense antes de falar.
- Talvez traga notícias sobre o casamento de sua prima Fanny? – disse Mrs. Jennings, sem prestar atenção à repreensão da filha.
- Não, de modo algum.
- Bem, então, eu sei de quem é, Coronel. E espero que ela esteja bem.
- A quem a senhora se refere? – respondeu ele, um pouco corado.
- Oh! Você sabe a quem me refiro.
- Perdoe-me, senhora – respondeu o Coronel, dirigindo-se à Lady Middleton –, por ter recebido esta carta hoje, pois se

tratam de negócios que demandam minha presença imediata na cidade.

- Na cidade! - exclamou Mrs. Jennings. - O que você tem a fazer na cidade nessa época do ano?

- Minha perda será enorme - continuou ele - principalmente por ser obrigado a abandonar um grupo tão agradável, mas minha maior preocupação é que minha presença é necessária para que sejam admitidos em Whitwell.

Foi um grande golpe para todos!

- Mas se o senhor escrever um bilhete para a governanta, não será suficiente? - disse Marianne ansiosamente.

Ele sacudiu a cabeça.

- Devemos ir - disse Sir John - Não podemos adiar agora que já estamos prestes a partir. Brandon, você terá que ir à cidade amanhã, está decidido.

- Quisera eu que a solução fosse tão fácil. Mas não tenho condições de atrasar minha viagem em um dia.

- Se você permitisse que soubéssemos do que se tratam seus negócios - disse Mrs.

Jennings -, poderíamos ver se é possível adiar ou não.

- Você não se atrasaria mais do que seis horas - disse Willoughby - se postergar sua viagem até a nossa volta.

- Não posso perder sequer uma hora.

Elinor, então, escutou Willoughby dizer em voz baixa para Marianne:

- Algumas pessoas não suportam a alegria dos outros. Brandon é uma delas. Acho que ele estava com receio de pegar uma gripe e inventou esse truque para escapar. Aposto cinquenta guinéus que a carta foi escrita por ele mesmo.

- Não tenho dúvidas - respondeu Marianne.

- Não há maneiras de persuadi-lo a mudar de ideia, Brandon, quando você já tomou sua decisão, isso eu sei há bastante tempo - disse Sir John. Mas, espero que pense melhor. Leve em consideração que as duas irmãs Carey vieram de Newton, que as irmãs Dashwood vieram caminhando a pé desde o chalé, e que Mr. Willoughby acordou duas horas antes do que tem costume, todos com o propósito de irmos a Whitwell.

Coronel Brandon novamente repetiu que lamentava ser a razão do desapontamento do grupo; mas ao mesmo tempo disse ser inevitável.

- Bem, então quando estará de volta?
- Espero vê-lo em Barton - acrescentou Lady Middleton - assim que o senhor puder retornar da cidade. E devemos adiar a visita a Whitwell até o seu retorno.

- Vocês são muito gentis. Porém, tenho tão pouca certeza a respeito de quando poderei voltar, que não me atrevo a comprometer-me com isso.

- Oh! Ele deve e vai voltar! - exclamou Sir John. - Se não estiver aqui até o final de semana, irei buscá-lo.

- Sim, faça isso, Sir John - exclamou Mrs. Jennings - e então talvez descubra do que se trata este negócio.

- Não desejo me intrometer nos assuntos de outro homem. Creio que é algo de que ele se envergonha.

Vieram anunciar que os cavalos do Coronel Brandon estavam prontos.

- Você não vai à cidade a cavalo, vai? - acrescentou Sir John.

- Não, vou a cavalo até Honiton[1], em seguida pegarei a diligência dos correios[2].

- Bem, como está decidido a ir, desejo-lhe uma boa viagem. Mas você deveria ter mudado de opinião.

- Garanto-lhe que isso não depende de mim. Então, despediu-se de todo o grupo.

- Miss Dashwood, há alguma chance de ver você e suas irmãs na cidade neste

inverno?

- Receio que não.
- Então devo despedir-me por mais tempo do que desejaria. Para Marianne, ele apenas inclinou a cabeça e não disse nada.
- Vamos, Coronel – disse Mrs. Jennings – antes de partir conte-nos o que vai fazer lá. Ele desejou-lhe bom dia, e, acompanhado de Sir John, deixou a sala.

As reclamações e lamentações que até aquele momento haviam sido reprimidas por

educação, agora explodiram de maneira generalizada, e todos concordaram que aquela decepção era muito desagradável.

- No entanto, posso adivinhar que negócio seja esse – disse Mrs. Jennings, exultante.
- Pode mesmo, senhora? – quase todos perguntaram.
- Sim, estou certa que se trata de Miss Williams.
- E quem é Miss Williams? – perguntou Marianne.
- O quê? Você não sabe quem é Miss Williams? Estou certa de que já ouviu falar dela antes. É parenta do Coronel, minha querida, uma parenta muito próxima. Não vamos dizer o

quanto são próximos, para não chocar as jovens – então, falando baixinho, disse a Elinor: – Ela é sua filha natural[3].

- Inacreditável!

- Oh, sim! E se parece muito com ele. Até atrevo-me a dizer que ele deixará toda sua fortuna para ela.

Quando Sir John retornou, uniu-se com vontade ao coro geral de lamentações por tão desafortunado evento, e concluiu observando que já que estavam todos juntos, deveriam fazer algo que os alegrasse. Como todos concordaram que felicidade mesmo só teriam em Whitwell, resolveram procurar outra diversão agradável, como um passeio pelo campo. Ordenaram que se trouxessem as carruagens; Willoughby foi o primeiro, e Marianne nunca pareceu mais feliz do que quando subiu na carruagem. Ele conduzia o veículo com muita rapidez, e logo estavam fora de vista; e nada mais se soube deles até que retornassem, o que só aconteceu depois que todos os outros já estavam de volta. Ambos pareciam encantados com o passeio, mas disseram

apenas em termos gerais que haviam passeado pelas estradas, enquanto os outros passearam pelas colinas.

Ficou decidido que haveria um baile à noite e que todos deveriam estar extremamente alegres durante todo o dia. Mais alguns membros da família Carey chegaram para o jantar, e tiveram o prazer de ver quase vinte pessoas à mesa, o que Sir

John observou com grande satisfação. Willoughby ocupou seu lugar usual entre Marianne e Elinor. Mrs. Jennings sentou-se à direita de Elinor; elas nem bem haviam se sentado, quando esta se inclinou por trás dela e de Willoughby, e disse para Marianne, com um tom de voz suficientemente alto para que ambos escutassem:

- Apesar de seus truques, descobri onde estiveram toda a manhã. Marianne ficou corada, e respondeu apressadamente:
- Onde, por favor?
- Por acaso a senhora não sabia – disse Willoughby – que saímos em minha carruagem?
- Sim, sim, Senhor Imprudente, sei muito bem, e estava decidida a descobrir onde vocês estiveram. Espero que goste de sua casa, Miss Marianne. É uma casa bastante grande, eu sei, e quando eu for visitá-la, espero que você a tenha redecorado, pois, da última vez que estive lá, há seis anos, já precisava de mudanças.

Marianne voltou-se muito confusa. Mrs. Jennings deu uma gargalhada, e Elinor descobriu que em sua insistência para descobrir onde haviam estado, chegou a exigir que sua própria empregada perguntasse ao cavaleiro de Mr. Willoughby; e assim descobriu que eles estiveram em Allenham, e passaram um tempo considerável por lá, caminhando pelo jardim e dentro da casa.

Elinor mal podia acreditar que aquilo fosse verdade, pois parecia muito difícil que Willoughby fizesse tal proposta, ou que Marianne consentisse em entrar na casa enquanto Mrs. Smith estava lá, sem ao menos terem sido apresentadas.

Tão logo deixaram a sala de jantar, Elinor lhe perguntou sobre o assunto, e grande foi a surpresa dela quando descobriu que cada detalhe revelado por Mrs. Jennings era a mais pura verdade. Marianne estava bastante zangada com ela por haver duvidado.

- Por que acha que não deveríamos ter ido lá, Elinor, ou que não tivéssemos visto a casa? Não era isso que você mesma tantas vezes quis fazer?

- Sim, Marianne, mas eu não iria enquanto Mrs. Smith estivesse lá, e sem outra companhia que não fosse Mr. Willoughby.

- Mr. Willoughby é a única pessoa que poder ter o direito de mostrar aquela casa, e como fomos em uma carruagem aberta era impossível ter outra companhia. Nunca tive uma manhã tão agradável em toda minha vida.

- Temo que os prazeres de uma ocupação nem sempre evidenciem seu decoro - respondeu Elinor.

- Pelo contrário, nada pode ser uma prova maior disso, Elinor; se o que fiz fosse algo impróprio, eu saberia no mesmo momento, pois sempre sabemos quando estamos agindo de

maneira inadequada, e com tal convicção eu não teria sentido prazer algum.

- Minha querida Marianne, como você já foi exposta a comentários bastante impertinentes, não começa a duvidar de sua própria conduta?

- Se os comentários impertinentes de Mrs. Jennings são prova de uma conduta imprópria, estamos todos comprometidos em todos os momentos de nossas vidas. Não dou valor, nem às suas críticas, nem aos seus elogios. E não creio que agi de maneira inapropriada ao caminhar pelos jardins de Mrs. Smith ou visitar sua casa. Algum dia a propriedade será de Mr. Willoughby, e...

- Mesmo se algum dia for dona daquela casa, Marianne, nada justifica o que fez.

Marianne ficou corada diante da insinuação, porém sentiu-se visivelmente gratificada; e depois de dez minutos de intensa meditação, voltou a conversar com sua irmã novamente e disse bastante bem-humorada:

- Talvez, Elinor, tenha sido imprudência minha ir a Allenhurst, mas Mr. Willoughby queria particularmente mostrar-me o lugar, e é uma casa encantadora, posso lhe garantir. No andar superior há uma sala de estar extremamente bonita, de tamanho bastante confortável para o uso cotidiano, e com móveis novos ficaria ainda melhor. Fica situada em um ângulo

da casa, com janelas dos dois lados. De um lado você vê o gramado para jogos, atrás da casa, e um lindo bosque no fundo; e do outro se pode ter uma vista da igreja e do vilarejo e bem mais além, se vê aquelas belas colinas que tantas vezes admiramos. Só não gostei mais dela, porque a mobília estava em péssimo estado, porém, se fosse redecorada com móveis novos – Willoughby disse que custaria cerca de duzentas libras – se transformaria em uma das salas de verão mais agradáveis da Inglaterra.

Se Elinor pudesse ouvir tudo sem a interrupção dos outros, ela teria descrito cada cômodo da casa com o mesmo prazer.

[1] Cidade pertencente ao Condado de Devonshire, Inglaterra. (N. T.)

[2] Com o compromisso da entrega das correspondências, a carruagem dos correios era conduzida por seis cavalos, por isso se constituía um modo caro, mas eficiente, de transporte. (N. T.)

[3] Filha ilegítima. (N. T.)

CAPÍTULO XIV

A súbita interrupção da visita do Coronel Brandon a Barton Park, junto com sua firmeza em esconder o motivo, ocuparam todos os pensamentos de Mrs. Jennings e aguçaram sua imaginação durante dois ou três dias... Ela tinha uma imaginação fértil, como toda pessoa que tem curiosidade em saber das idas e vindas de seus amigos. Ela conjeturava, com pequenos intervalos, qual seria a razão para isso; tinha certeza de que seriam más notícias, e pensou em todo tipo de desgraça que pudesse acontecer a ele, com bastante certeza de que ele não escaparia de todas.

- Estou certa que se trata de algo muito triste - disse ela. - Pude ver no seu rosto. Pobre homem! Temo que esteja em maus lençóis. A propriedade de Delaford nunca rendeu mais que duas mil libras por ano, e seu irmão deixou tudo em lamentáveis condições. Acredito que ele partiu para resolver questões relacionadas a dinheiro, afinal, o que mais poderia ser? Acho que foi isso. Daria tudo para saber a verdade. Talvez seja algum assunto relacionado à Miss Williams, aliás, atrevo-me a dizer que sim, porque ele pareceu bastante sensível quando eu mencionei o nome dela. Talvez ela se encontre doente na cidade, o que é bastante provável, porque me parece que ela está sempre adoentada. Aposto que se trata de Miss Williams. Não é muito provável que ele esteja com dificuldades financeiras agora, porque é um homem muito prudente e, sem

dúvida nenhuma, já deve ter pago as dívidas da propriedade. Fico pensando o que pode ser! Talvez sua irmã esteja pior em Avignon e o tenha chamado. Sua partida apressada indica que deve ser algo parecido. Bem, desejo de todo coração que ele resolva todos os seus problemas e que ainda encontre uma boa esposa.

Mrs. Jennings assim divagava e falava. Suas opiniões mudavam a cada conjectura e todas lhe pareciam igualmente prováveis no momento em que surgiam. Elinor, embora se interessasse de verdade pelo bem-estar do Coronel Brandon, não podia se espantar com sua súbita partida tanto quanto Mrs. Jennings desejava, pois além de as circunstâncias não justificarem um assombro tão persistente ou tal variedade de especulações, sua preocupação se dirigia a outro assunto. Estava completamente absorvida com o extraordinário silêncio de sua irmã e de Mr. Willoughby sobre um assunto que deviam saber ser de especial interesse para todos. Como o silêncio persistia, a cada dia que se passava parecia ainda mais estranho e mais incompatível com o temperamento de ambos. Elinor não podia imaginar porque eles não reconheciam abertamente, perante sua mãe e ela mesma, o que o comportamento constante de um com o outro já demonstrava há bastante tempo.

Ela podia facilmente entender que o casamento não pudesse se realizar de imediato, pois, embora Willoughby fosse independente, não havia razões para acreditar que fosse rico. A

propriedade deveria render cerca de seiscentas ou setecentas libras por ano, de acordo com o cálculo de Sir John, mas seus gastos dificilmente seriam compatíveis com seus rendimentos, e ele costumava reclamar de sua pobreza. Elinor não podia entender esse estranho tipo de segredo que eles mantinham em relação ao seu noivado, que na verdade não escondia nada; e era tão completamente contrário ao modo como costumavam agir, que às vezes ela ficava em

dúvida se eles realmente tinham algum compromisso, e esta dúvida já era suficiente para impedi-la de fazer qualquer pergunta à Marianne.

Nada poderia ser mais expressiva prova do compromisso entre eles que o comportamento de Willoughby. Ele tinha para com Marianne a mais distinta mostra de ternura que um coração apaixonado poderia oferecer, e com sua mãe e irmãs demonstrava a atenção afetuosa de um filho e irmão. Parecia considerar e amar o chalé como se fosse sua casa; passava muito mais tempo ali do que em Allenham. E se nenhum compromisso os reunia em Barton Park, as cavalgadas que ele fazia todas as manhãs frequentemente terminavam ali, onde passava o resto do dia ao lado de Marianne, com seu cachorro favorito aos pés dela.

Uma noite em particular, uma semana após a partida do Coronel Brandon do condado, o coração de Willoughby parecia

mais aberto que o usual aos sentimentos de apego a todos os objetos que o rodeavam, e quando Mrs. Dashwood mencionou suas intenções de fazer melhorias no chalé na primavera, ele se opôs veementemente a qualquer alteração na casa que havia se tornado perfeita para ele.

- Como! - exclamou ele - Reformar esse chalé? Não. Nunca consentirei nisso. Nenhuma pedra deve ser acrescentada a estas paredes, nem um centímetro sequer deve ser adicionado às suas dimensões, se vocês se importam com meus sentimentos.

- Não se alarme - disse Miss Dashwood. - Não faremos nada disso, pois minha mãe nunca terá dinheiro suficiente para uma reforma.

- Alegro-me imensamente - respondeu Willoughby. - Espero que ela seja sempre pobre, se não sabe empregar melhor sua riqueza.

- Obrigada, Willoughby. Mas pode ter certeza que nem todas as melhorias do mundo me levariam a sacrificar seus sentimentos ou de alguém que eu amo. Na realidade, a reforma depende do dinheiro que sobrar das nossas despesas, e isto só poderei saber quando fizer minhas contas no início da primavera. Além disso, prefiro não utilizar esse dinheiro a causar-lhe algum desgosto. Mas, você é assim tão apegado a este chalé a ponto de não ver defeito algum?

- Sou - disse ele. - Para mim é impecável. E digo mais, o considero a única construção em que se pode alcançar a plena

felicidade, e se eu fosse rico o suficiente, imediatamente derrubaria Combe e reconstruiria seguindo o mesmo plano deste chalé.

- Suponho que teria escadas escuras e uma cozinha cheia de fumaça. - disse Elinor.

- Sim - exclamou Willoughby com veemência - com todas e cada uma das coisas que aqui estão, de modo que a menor mudança seja perceptível, tanto nas suas conveniências quanto nas suas inconveniências. Então, e só então, sob um teto como este, eu poderia ser tão feliz em Combe como tenho sido em Barton.

- Sinto-me orgulhosa - respondeu Elinor - que mesmo com a desvantagem de não possuir cômodos melhores e uma escada mais larga, no futuro você venha a considerar sua casa tão perfeita quanto considera nosso chalé.

- Há certas circunstâncias que poderiam torná-la ainda mais importante para mim, disse Willoughby, mas esta casa terá sempre um lugar na minha afeição, como nenhuma outra poderá merecer.

Mrs. Dashwood olhou com prazer para Marianne, cujos delicados olhos estavam fixos de maneira tão expressiva em Willoughby, que denotavam claramente o quanto ela o compreendia.

- Quantas vezes desejei – acrescentou ele –, quando estive em Allenhurst há um ano, que o chalé de Barton estivesse ocupado! Nunca passei por ele sem admirar sua localização e lamentar que ninguém morasse aqui. Mal imaginava que as primeiras notícias que ouviria de Mrs. Smith, quando cheguei à região, seriam de que o chalé de Barton, finalmente, estava ocupado. E senti uma satisfação imediata tão grande ao receber a notícia, que nada poderia explicar, senão, uma espécie de premonição de que aqui encontraria a felicidade. Não era isso que deveria acontecer, Marianne? – disse-lhe Willoughby, em voz baixa. Então, voltando ao seu tom normal de voz, disse: – E ainda assim deseja estragar a casa, Mrs. Dashwood? A senhora lhe roubaria a simplicidade com melhoras imaginárias! E esta sala de estar, onde começamos nossa amizade, e onde passamos tantas horas felizes, a senhora quer reduzir à condição degradante de uma simples entrada, por onde todos passariam apressados, apesar de que, até o momento, ela oferece melhor acomodação e conforto que qualquer outro aposento no mundo, mesmo com dimensões maiores, jamais poderia oferecer.

Mrs. Dashwood novamente lhe garantiu que não tentaria nenhuma alteração desse tipo.

- A senhora é uma boa pessoa – respondeu Willoughby calorosamente. – Sua

promessa me tranquiliza. Estenda-a um pouco mais e me fará feliz. Diga-me que não apenas sua casa permanecerá a mesma, mas que sempre encontrarei a senhora e suas filhas tão inalteradas quanto a casa; e que sempre irá me tratar com a gentileza que fez com que tudo relativo à senhora seja muito querido para mim.

A promessa foi imediatamente feita, e o comportamento de Willoughby, durante o resto da noite, demonstrou toda sua afeição e felicidade.

- Nos veremos amanhã no jantar? – disse Mrs. Dashwood quando ele estava de saída.

- Não lhe convido para vir pela manhã, pois devemos ir até Barton Park para visitar Lady Middleton.

Ele se comprometeu a estar com elas às quatro horas.

CAPÍTULO XV

A visita de Mrs. Dashwood à Lady Middleton aconteceu no dia seguinte, e duas de suas filhas foram com ela. Marianne se recusou a ir, sob o pretexto de estar ocupada, então sua mãe concluiu que Willoughby havia prometido visitá-la enquanto as outras estivessem fora, e ficou perfeitamente satisfeita com a permanência da filha em casa.

Quando voltaram de Barton Park encontraram a carruagem de Willoughby e seu criado esperando à porta do chalé, e Mrs. Dashwood se convenceu de que sua suposição fora acertada. Até então, tudo estava acontecendo como ela havia previsto, mas ao entrar na casa ela se deparou com algo que não tinha previsto. Ainda estavam no corredor, quando viram Marianne saindo apressadamente da sala de estar, aparentando profunda aflição, com o lenço nos olhos, e sem notá-las, subiu as escadas. Surpresas e alarmadas, entraram na sala que Marianne acabara de deixar, onde só encontraram Willoughby, apoiado no encosto da lareira, de costas para elas. Ele se virou ao vê-las chegar, e seu semblante mostrou que ele compartilhava da mesma forte emoção que subjugará Marianne.

- Há algum problema com ela? - perguntou Mrs. Dashwood assim que entrou. - Ela está doente?

- Espero que não – respondeu ele, tentando parecer animado. E com um sorriso forçado acrescentou: – Eu é que deveria estar doente, pois estou profundamente desapontado.
- Desapontado?
- Sim, pois não serei capaz de manter minha promessa. Esta manhã Mrs. Smith exerceu o privilégio dos ricos sobre um parente pobre e dependente, enviando-me a Londres a negócios. Acabo de receber dela minhas incumbências, e já me despedi de Allenham... Por isso, com pesar, venho lhes dizer adeus.
- Para Londres! E você parte agora de manhã?
- Neste exato momento.
- É uma notícia muito ruim. Mas você deve obedecer a Mrs. Smith, e espero que os negócios dela não o mantenham longe de nós por muito tempo.

Ele corou ao responder:

- A senhora é muito gentil, mas não tenho planos de retornar a Devonshire tão rapidamente, minhas visitas à Mrs. Smith só se repetem uma vez por ano.
- E Mrs. Smith é sua única amiga? Allenham é a única casa na vizinhança onde você é bem vindo? Que vergonha Willoughby! Por acaso precisa de um convite para nos visitar?

Ele ficou ainda mais corado, e com os olhos fixos no chão, respondeu:

- Bondade sua!

Mrs. Dashwood olhou com surpresa para Elinor, que sentia o mesmo assombro. Por alguns momentos todos se calaram. Mrs. Dashwood foi a primeira a falar.

- Só tenho a acrescentar, meu querido Willoughby, que será sempre bem vindo ao nosso chalé; não lhe pressionarei a voltar imediatamente, pois somente você poderá julgar até que ponto isso pode agradar a Mrs. Smith, e nesse assunto não estou disposta a discutir sua decisão ou duvidar de seus desejos.

- Meus compromissos atuais - respondeu Willoughby confuso - são de tal natureza que... não posso me vangloriar...

Ele se calou. Mrs. Dashwood estava muito surpresa para falar, e seguiu-se outra pausa, que foi interrompida por Willoughby ao dizer com um sorriso fingido:

- É loucura continuar assim. Não me atormentarei mais permanecendo entre amigas cuja companhia agora me é impossível desfrutar.

Então se despediu delas apressadamente e deixou a sala. Elas o viram entrar na carruagem, e em um minuto já estava fora de suas vistas.

Mrs. Dashwood estava muito abatida para falar, e no mesmo momento saiu da sala para lidar sozinha com a preocupação e o susto que essa partida repentina ocasionara.

A inquietude de Elinor foi pelo menos igual à da mãe. Pensou no que acabara de acontecer com ansiedade e desconfiança. O comportamento de Willoughby ao despedir-se delas, seu embaraço, seu fingimento de alegria, e, acima de tudo, sua resistência em aceitar o convite da mãe - uma hesitação tão contrária à de um homem apaixonado, tão diferente do que ele era - tudo isso a preocupava profundamente. Por um momento temeu que nunca tivesse havido um compromisso sério da parte de Willoughby; no momento seguinte, pensou que pudesse ter acontecido uma discussão séria entre ele e sua irmã; o desespero em que Marianne deixara a sala era tal que só uma briga séria poderia ser um motivo plausível, embora, quando considerava o amor de Marianne por ele, uma briga lhe parecia impossível.

Mas, quaisquer que fossem as circunstâncias da separação, a aflição de sua irmã era indubitável, e ela pensou com a mais terna compaixão naquela dolorosa tristeza para a qual Marianne não devia estar buscando alívio, mas alimentando e estimulando, com se fosse um dever.

Cerca de meia hora depois sua mãe retornou e, embora seus olhos estivessem vermelhos, seu semblante não parecia triste.

- Nosso querido Willoughby agora está a quilômetros de Barton, Elinor - disse ela enquanto se sentava para trabalhar - e com quanto pesar no coração deve estar viajando?

- Tudo isso é muito estranho. Partir assim tão de repente! Parece uma decisão repentina. Na noite passada ele estava tão feliz conosco, tão alegre, tão carinhoso! E agora, com apenas dez minutos de aviso, foi-se sem intenção de voltar! Deve ter acontecido algo que ele não nos contou. Não falou nem se comportou como de costume. A senhora deve ter notado a diferença assim como eu. O que pode ser? Será que brigaram? Que outro motivo ele poderia ter para mostrar tão pouca vontade em aceitar seu convite para vir aqui?

- Eu percebi, com toda clareza, que não era vontade que lhe faltava, Elinor. Não estava em suas mãos aceitá-lo. Garanto-lhe que refleti sobre o ocorrido e posso explicar perfeitamente cada uma das coisas que, a princípio, pareceram tão estranhas para mim, como

para você.

- Pode mesmo?

- Sim. Já o expliquei a mim mesma da maneira mais satisfatória. Mas você, Elinor – como adora duvidar de tudo – sei que nada irá lhe satisfazer, mas também não conseguirá me afastar da minha certeza. Estou convencida de que Mrs. Smith suspeita da afeição de Willoughby por Marianne, a desaprova (talvez tenha outros planos para ele) e por isso está ansiosa para vê-lo longe daqui; os negócios que ela o mandou resolver foram apenas uma desculpa para afastá-lo de nós. Isto é o que

acredito ter acontecido. Além disso, ele tem consciência de que ela desaprovava essa união, e por isso não teve coragem até hoje de confessar-lhe seu compromisso com Marianne, e se sente obrigado, por sua situação de dependência, a participar dos planos dela e se ausentar de Devonshire por enquanto. Sei que você me dirá que isso pode ou não ter acontecido, mas não darei ouvidos às suas objeções a menos que você me mostre outra maneira tão satisfatória quanto esta de entender. E agora, Elinor, o que tem a dizer?

- Nada, já que a senhora antecipou minha resposta.
- Então você teria me dito que isso pode ou não ter ocorrido. Ah, Elinor, como são incompreensíveis seus sentimentos! Prefere acreditar antes no mal que no bem. Prefere procurar por uma desgraça para Marianne e culpar o pobre Willoughby, a procurar uma justificativa para ele. Está disposta a acreditar que ele é culpado, porque se despediu de nós com menos afeto do que de costume. E não é possível fazer nenhuma concessão à distração ou ao espírito deprimido por recentes decepções? As possibilidades não podem ser aceitas, simplesmente porque não são certezas? Será que não devemos nada a um homem que nos deu tantos motivos para amá-lo e nenhuma razão no mundo para pensar mal dele? Não é possível que existam motivos irresponsáveis, que escondam algum segredo que ele não pode revelar agora? E afinal de contas, do que você suspeita?

- Não saberia dizer. Mas é inevitável se suspeitar de algo muito desagradável, quando acabamos de ver como ficou transtornado. Entretanto, a senhora está certa quanto às desculpas que devemos lhe conceder, e desejo ser sincera em meus julgamentos em relação aos outros. Sem dúvida Willoughby deve ter razões suficientes para agir como agiu, e assim espero que seja. Mas seria mais próprio de Willoughby se ele as reconhecesse de uma vez. O segredo pode ser recomendável, mas ainda assim não consigo deixar de admirar-me que ele insista nisso.

- Não o culpe, no entanto, por agir contra sua natureza, quando o desvio é necessário. Mas você admite a justiça do que eu disse em sua defesa? Estou feliz, e ele absolvido.

- Não por completo. Pode ser adequado que oculte seu compromisso (se é que existe algum compromisso) à Mrs. Smith, e se este for o caso, deve ser extremamente conveniente para Willoughby ficar longe de Devonshire no momento. Mas isso não é desculpa para que ele oculte isso de nós.

- Ocultá-lo de nós? Minha querida filha, você acusa Willoughby e Marianne de dissimulação? Isto é muito estranho, já que você vivia recriminando os dois por falta de

cautela.

- Não me faltam provas do afeto entre os dois - disse Elinor
- mas sim do

compromisso.

- Estou perfeitamente satisfeita por ambos.
- Ainda assim nenhuma palavra lhe foi dita, por nenhum dos dois, sobre este assunto.
- Não são necessárias palavras onde as ações falam por si. O comportamento dele para com Marianne e com todas nós, pelo menos nos últimos quinze dias, não é prova de que a ama e que a considera como sua futura esposa? E ainda de que sente por nós o afeto de um parente próximo? Não nos entendemos perfeitamente bem? Não pediram meu consentimento diariamente, através de seus olhares, seus modos, seu respeito atento e afetuoso? Elinor, é possível duvidar de seu compromisso? Como pôde ter essa ideia? Como é possível supor que Willoughby, convencido como está do amor de sua irmã, seja capaz de abandoná-la por meses, sem lhe confessar seu amor... que pudessem se separar sem trocar confidências mútuas?
- Eu confesso - respondeu Elinor - que todas as circunstâncias, menos uma, estão a favor do compromisso entre eles, mas essa circunstância é o total silêncio dos dois a respeito do assunto, e para mim quase anula as outras.
- Que estranho! Certamente você deve pensar muito mal de Willoughby, se, depois de tudo o que se passou abertamente entre eles, ainda consegue duvidar da natureza dos laços que

os unem. Acha que todo esse tempo ele esteve enganando sua irmã? Acredita que ele seja indiferente a ela?

- Não, não posso pensar isso. Ele deve amá-la e a ama, tenho certeza.
- Mas com um tipo de ternura bem estranho, uma vez que consegue deixá-la com tal indiferença, com tamanha despreocupação em relação ao futuro, como você lhe atribui.
- Você deve se lembrar, minha querida mãe, que nunca considere essa questão como certa. Eu tenho minhas dúvidas, confesso; mas são menos fortes do que eram, e logo podem desaparecer inteiramente. Se descobrir que eles estão trocando correspondências, meu temor acabará.
- Uma concessão realmente poderosa! Se os visse no altar, acharia que iriam se casar. Você é muito ingrata! Pois eu não necessito de tais provas. Em minha opinião, nada se passou que justifique dúvidas. Não tentaram encobrir nada, agiram com transparência. Você não pode duvidar dos desejos de sua irmã. Deve ser de Willoughby que você suspeita. Mas por quê? Ele não é um homem honrado e de bons sentimentos? Houve alguma inconsistência da parte dele para gerar alarde? Acha que ele é mentiroso?
- Espero e desejo que não - exclamou Elinor. - Adoro Willoughby, gosto dele sinceramente, e suspeitar de sua integridade não pode ser mais doloroso para a senhora do que é para mim. Foi uma suspeita involuntária, e não quero cultivá-

la. Confesso que fiquei surpresa com a mudança de sua atitude esta manhã. Ele não falava da forma habitual, e não respondeu à sua gentileza com nenhuma demonstração de cordialidade. Mas tudo isto pode ser explicado pela situação de seus negócios, como a senhora supôs. Tinha acabado de separar-se de minha irmã, a viu deixá-lo completamente transtornada; sentiu-se obrigado, por medo de ofender

Mrs. Smith, a resistir à tentação de retornar em breve; e ainda assim, ciente de que, ao recusar seu convite dizendo que ficaria fora por algum tempo, pareceria que estava agindo de modo grosseiro, acabou por levantar suspeitas por parte de nossa família, quando na verdade apenas se sentia embaraçado e perturbado. Em tal caso, creio que um reconhecimento simples e franco a respeito de suas dificuldades o tornaria mais honrado e teria sido muito mais coerente com seu caráter. Mas não levantarei suspeita sobre a conduta de quem quer que seja com base infundada, como uma diferença em relação ao meu julgamento ou um desvio daquilo que considero certo e coerente.

- Você disse muito bem. Willoughby certamente não merece que suspeitem dele. Embora nós não o conheçamos há muito tempo, ele não é um completo desconhecido nessa região. E quem alguma vez falou mal dele? Se estivesse em situação de agir independentemente e se casar logo, pareceria estranho se ele nos deixasse sem me explicar o que está acontecendo

imediatamente, mas este não é o caso. É um compromisso que, sob certos aspectos, começou de uma maneira desfavorável, já que a possibilidade de um casamento parece estar distante; por isso é mais aconselhável manter segredo, tanto quanto possível.

Elas foram interrompidas pela entrada de Margaret; e Elinor teve então a liberdade para refletir sobre os argumentos da mãe, avaliando a probabilidade de muitos e esperando pela justiça de todos.

Não viram Marianne até a hora do jantar, quando ela entrou na sala e sentou-se à mesa sem dizer uma palavra. Seus olhos estavam vermelhos e inchados, e parecia ainda conter as lágrimas com dificuldade. Marianne evitou os olhares de todas, não podia comer nem conversar, e depois de um tempo, quando sua mãe silenciosamente apertou-lhe a mão com terna compaixão, seu pequeno grau de compostura sucumbiu, e ela deixou a sala em prantos.

Essa violenta opressão continuou a noite toda. Ela não tinha forças, pois não tinha nenhum desejo de controlar-se. A menor menção de algo relacionado à Willoughby imediatamente a abatia e, embora sua família estivesse atenta ao seu bem-estar, era impossível para elas, quando conversavam, evitarem todos os assuntos que se relacionassem a ele.

CAPÍTULO XVI

Marianne jamais se perdoaria se tivesse conseguido dormir na primeira noite após a partida de Willoughby. Não teria coragem de encarar a família na manhã seguinte se não se levantasse da cama com mais necessidade de repouso do que quando se deitara. Mas os sentimentos de que semelhante atitude seria uma desgraça não lhe permitiram que isso ocorresse. Ela ficou acordada a noite toda, chorando a maior parte do tempo. Acordou com dor de cabeça, era incapaz de falar, e não estava disposta a se alimentar; causava dor à sua mãe e irmãs a todo instante, e proibia qualquer tentativa de consolo da parte delas. Estava muito sensibilizada.

Quando terminaram o café da manhã, ela saiu sozinha para caminhar pelos arredores de Allenham, entregando-se às recordações das alegrias passadas e chorando as tristezas do presente, durante a maior parte da manhã.

A noite passou-se em igual entrega aos sentimentos. Voltou a tocar cada uma das canções favoritas que havia tocado para Willoughby – cada ária que cantavam com mais frequência – e permaneceu sentada em frente ao piano, contemplando cada linha de música que ele havia copiado para ela, até que o pesar de seu coração fosse tão grande que não pudesse abrigar tristeza maior; e a cada dia se esforçou mais em nutrir sua dor. Passava horas a fio ao piano alternando cantos e prantos, a

voz muitas vezes afogada pelas lágrimas. Também nos livros, como na música, cortejava a desgraça que com certeza obtinha ao confrontar o passado com o presente. Não lia nada além do que haviam lido juntos.

Tamanha aflição não poderia ser suportada para sempre; em poucos dias mergulhou em uma calma melancolia, mas as ocupações a que se entregava diariamente, suas caminhadas solitárias e meditações silenciosas, ainda produziam ocasionais efusões de dor tão intensa como antes.

Nenhuma carta de Willoughby chegou, e não parecia que Marianne esperasse alguma. Sua mãe estava surpresa e Elinor voltou a ficar preocupada. Mas, Mrs. Dashwood era capaz de encontrar explicações sempre que precisasse, o que ao menos a satisfazia.

- Lembre-se, Elinor - disse ela -, quantas vezes Sir John se encarrega de trazer nossas cartas, e de levá-las ao correio. Já concordamos que o segredo é necessário, mas devemos reconhecer que nada poderá ser mantido em segredo se nossa correspondência passar pelas mãos de Sir John.

Elinor não podia negar que era verdade, e tentou encontrar naquilo motivo suficiente para o silêncio entre os jovens. Mas havia um meio tão direto, tão simples, e, em sua opinião, tão apropriado de saber a situação real do acaso, e que, instantaneamente, solucionaria todo o mistério, que ela não pôde deixar de sugeri-lo à mãe.

- Por que a senhora não pergunta logo a Marianne – disse ela – se ela está ou não comprometida com Willoughby? Vindo da senhora, sua própria mãe, uma mãe tão gentil e zelosa, a pergunta não causaria ofensa. Seria o resultado natural de sua afeição por ela. Ela

sempre foi muito franca, especialmente com a senhora.

- Eu não faria tal pergunta por nada neste mundo. Supondo que é possível que não estejam comprometidos, quanta aflição minha pergunta não lhe causaria! Em todo caso, seria uma enorme falta de generosidade. Nunca poderia merecer sua confiança novamente se a forçasse a fazer a confissão de algo que, no momento, ela quer manter em segredo. Conheço o coração de Marianne. Sei que ela me ama profundamente e que eu não seria a última a quem ela confidenciaria seu segredo, quando as circunstâncias permitirem que seja revelado. Eu não seria capaz de forçar ninguém a fazer confidências, muito menos uma filha; porque o senso do dever a impediria de negar aquilo que sua vontade desejaria esconder.

Elinor achou essa generosidade excessiva, considerando a juventude da irmã, e queria levar o assunto adiante, mas em vão: bom senso, cuidado, prudência, todos sucumbiam diante da romântica delicadeza de Mrs. Dashwood.

Passaram-se vários dias sem que o nome de Willoughby fosse mencionado diante de Marianne por alguém de sua família. Sir John e Mrs. Jennings, é claro, não eram tão gentis, suas piadinhas aumentaram o sofrimento de muitos momentos dolorosos; mas uma noite, Mrs. Dashwood pegou acidentalmente um volume de Shakespeare, e disse:

- Nunca terminamos Hamlet[1], Marianne, nosso querido Willoughby foi embora antes de acabar de ler. Vamos deixá-lo de lado até que ele retorne... mas talvez se passem meses antes que isto ocorra.

- Meses! - exclamou Marianne, bastante surpresa. - Não, nem sequer muitas semanas.

Mrs. Dashwood lamentou o que havia dito, mas Elinor se alegrou, já que havia arrancando uma resposta de Marianne que mostrava com tanto ardor sua confiança em Willoughby e o conhecimento de suas intenções.

Uma manhã, aproximadamente uma semana depois que ele partiu, Marianne se deixou convencer a acompanhar as irmãs em sua caminhada habitual, em vez de passear sozinha. Até então, ela evitara cuidadosamente qualquer companhia em seus passeios. Se as irmãs tinham intenção de caminhar pelas colinas, Marianne imediatamente se dirigia às planícies, se elas planejavam caminhar pelo vale, Marianne rapidamente subia as

montanhas, nunca podiam encontrá-la quando as demais partiam. Mas com o tempo foi vencida pelos esforços de Elinor, que desaprovava profundamente aquele isolamento contínuo. Elas caminharam pela estrada através do vale, quase todo o tempo em silêncio, porque era impossível exercer controle sobre a mente de Marianne, e Elinor, satisfeita por ter ganho um ponto, não tinha a intenção, no momento, de obter nenhuma outra vantagem. Além da entrada do vale, onde o campo, ainda viçoso, era menos selvagem e mais aberto, estendia-se diante delas um grande trecho do caminho que haviam percorrido ao chegarem a Barton. Quando alcançaram este ponto pararam para olhar ao redor e examinar a perspectiva formada pela vista do chalé, de um ponto que nunca haviam alcançado antes em nenhuma de suas caminhadas.

Entre os objetos à vista, perceberam um que se movia; era um homem montado a cavalo que vinha na direção delas. Em poucos minutos elas conseguiram perceber que era um

cavalheiro, e um instante depois Marianne exclamou extasiada:

- É ele, sim, é ele! Eu sei que é! - E se apressava para ir ao encontro dele, quando Elinor exclamou:

- Não, Marianne, creio que está enganada. Não é Willoughby. Este homem não é tão alto, nem tem o porte de Willoughby.

- Tem sim, tem sim! - exclamou Marianne - Estou certa que tem! Sua aparência, seu casaco, seu cavalo. Sabia que iria voltar logo.

Caminhava cheia de animação enquanto falava, e Elinor, para proteger a irmã de alguma situação adversa, pois sabia que aquele homem não era Willoughby, apressou o passo e se manteve ao lado dela. Logo estavam a uma distância de trezentos metros do cavalheiro. Marianne olhou novamente e sentiu seu coração partir-se, deu meia volta de repente e começou a correr, quando foi detida pelas vozes de suas irmãs, e uma terceira voz, tão conhecida quanto a de Willoughby, se juntou às outras pedindo que ela parasse. Ela se virou surpresa para ver e dar as boas vindas a Edward Ferrars.

Ele era a única pessoa no mundo que neste momento poderia ser perdoado por não ser Willoughby; a única pessoa que podia merecer um sorriso dela; então ela enxugou as lágrimas para sorrir para ele, e pela felicidade da irmã, esqueceu sua decepção por um momento.

Ele desceu do cavalo, e após entregá-lo ao criado, caminhou de volta com elas até Barton, pois tinha vindo com o propósito de visitá-las.

Todas lhe deram as boas vindas com grande cordialidade, mas especialmente Marianne, que demonstrou mais entusiasmo ao recebê-lo do que a própria Elinor. Para Marianne, de fato, o encontro entre Edward e sua irmã não foi senão a continuação

da inexplicável frieza que ela muitas vezes tinha observado no comportamento de ambos em Norland. Em Edward, especialmente, faltava tudo aquilo que um apaixonado deveria demonstrar e dizer em tal ocasião. Ele estava confuso, parecia ter pouco prazer em vê-las, não parecia nem exultante nem alegre, falou pouco e somente quando se via obrigado a responder perguntas, e não demonstrou qualquer tipo de afeição por Elinor. Marianne olhava e escutava com uma surpresa cada vez maior. Quase começou a sentir antipatia por Edward; e esta sensação terminou, como acontecia com todos os seus sentimentos, levando seus pensamentos de volta a Willoughby, cujas maneiras formavam um contraste bastante marcante com aquelas do homem que havia eleito como irmão. Depois de um breve momento de silêncio que se sucedeu à surpresa do encontro e às indagações iniciais, Marianne perguntou a Edward se ele vinha diretamente de Londres. Não, ele esteve em Devonshire por quinze dias.

- Quinze dias! - ela repetiu, surpresa ao saber que ele havia estado por tanto tempo no mesmo condado que Elinor sem ter vindo vê-la antes.

Ele pareceu um tanto constrangido, quando acrescentou que estivera com amigos perto de Plymouth.

- Você esteve em Sussex recentemente? - disse Elinor.

- Eu estive em Norland faz um mês.

- E como está minha querida, amada Norland? – exclamou Marianne.
- Querida e amada Norland – disse Elinor –, provavelmente está bastante parecida como sempre esteve nessa época do ano, os bosques e caminhos cobertos por folhas secas.
- Ah! – exclamou Marianne. – Com que sensação de êxtase eu costumava vê-las cair! Como me deliciava, enquanto caminhava, vê-las caindo sobre mim como uma chuva trazida pelo vento! Que sentimentos as folhas, a estação e o ar me inspiraram! Agora não há mais ninguém para contemplá-las. Elas são vistas apenas como um estorvo, varridas às pressas e retiradas o mais rápido possível da vista.
- Nem todos – disse Elinor – compartilham da sua paixão por folhas mortas.
- Não, meus sentimentos nem sempre são compartilhados, nem tampouco compreendidos. Mas, às vezes o são. – Ao dizer isso, se entregou por uns instantes a um breve devaneio, mas se recompôs e continuou:
- Agora, Edward – chamando sua atenção para a paisagem – este é o vale de Barton. Olhe para ele e fique indiferente se puder. Veja aquelas colinas! Você já viu algo parecido? À esquerda está Barton Park, entre esses bosques e plantações. É possível ver uma parte da casa. E lá embaixo daquela colina mais distante, que se eleva com tamanha grandeza, está nosso chalé.

- É um belo lugar – respondeu – mas essas partes baixas devem ficar sujas no inverno.
 - Como pode pensar em sujeira diante de uma vista como esta?
 - Porque – respondeu ele sorrindo – entre as coisas que vejo à minha frente está um caminho muito sujo.
 - Que estranho! – disse Marianne para si mesma enquanto caminhavam.
 - Vocês têm uma boa vizinhança por aqui? Os Middletons são pessoas agradáveis?
 - Não, de jeito nenhum – respondeu Marianne – não poderíamos estar em pior situação.
 - Marianne – exclamou sua irmã – como pode dizer isso? Como pode ser tão injusta?
Eles são uma família muito respeitável, Mrs. Ferrars, e sempre se comportaram conosco da maneira mais amigável. Você se esqueceu, Marianne, quantos dias agradáveis passamos em companhia deles?
 - Não – disse Marianne, em voz baixa – nem os inúmeros momentos dolorosos.
- Elinor não deu atenção às suas palavras, e dirigindo sua atenção ao visitante, se esforçou em manter com ele algo que

poderia passar por uma conversa, falando de sua atual residência, suas vantagens, etc., e extorquindo dele ocasionais perguntas e respostas. A frieza e reserva de Edward mortificavam-na bastante, ela estava aborrecida e um tanto furiosa, mas decidida a guiar sua conduta mais pelo passado do que pelo presente, evitou qualquer aparência de ressentimento ou desgosto e o tratou como pensava que deveria ser tratado, considerando seus vínculos familiares.

[1] Hamlet, de William Shakespeare – A leitura deste livro por Willoughby pode denotar que seu personagem é indeciso, assemelhando-se ao próprio Hamlet, e que Marianne pode ser comparada à Ofélia, que na peça passa por grandes desconfianças e sofrimentos. (N. T.)

CAPÍTULO XVII

Ao vê-lo, Mrs. Dashwood ficou surpresa por apenas um momento, pois a vinda de Edward a Barton era, em sua opinião, algo muito natural. Sua alegria e manifestações de afeto ultrapassaram em muito seu espanto. Ele recebeu a mais gentil acolhida por parte dela, e sua timidez, frieza ou reserva não puderam resistir a tal recepção. Antes de entrar na casa já começavam a desaparecer, e a maneira encantadora com a qual Mrs. Dashwood o tratou acabou por vencê-lo. Na verdade, um homem não poderia estar enamorado de uma de suas filhas sem estender a paixão por ela. Elinor teve a satisfação de vê-lo voltar a se comportar como antes. Sua afeição por todas pareceu reanimar-se, e seu interesse pelo bem-estar delas tornou-se perceptível. Ele não estava animado, entretanto, elogiou a casa, admirou a vista, era atencioso e gentil, mas, ainda assim, não estava animado. A família inteira percebeu e Mrs. Dashwood atribuindo este desânimo a alguma falta de generosidade de sua mãe, sentou-se à mesa indignada contra todos os pais egoístas.

- Quais são os planos de Mrs. Ferrars para você no momento, Edward? - disse ela, quando terminaram o jantar e encontravam-se reunidos ao redor da lareira. - Você ainda tem que ser um grande orador, mesmo contra a vontade?

- Não. Espero que minha mãe esteja convencida de que não tenho nem talento nem inclinação para a vida pública!
- Mas, como então alcançará a fama? Já que você tem que ser famoso para satisfazer toda sua família, sem ser propenso a vida luxuosa, sem interesse por estranhos, sem profissão e sem futuro garantido, pode ser difícil alcançá-la.
- Não vou tentar alcançá-la. Não tenho a intenção de distinguir-me e tenho todos os motivos para esperar que nunca precise disso. Graças a Deus! Não podem obrigar-me a ser genial e eloquente.
- Você não é ambicioso, isso eu sei bem. Todos seus desejos são moderados.
- Tão moderados como os de todo mundo, imagino. Desejo o mesmo que os demais, ser muito feliz; mas, assim como os demais, quero sê-lo à minha maneira. A fama não me fará feliz.
- Seria estranho se o fizesse! – exclamou Marianne. – O que a fama e a riqueza têm a ver com a felicidade?
- A fama tem muito pouco – disse Elinor –, mas a riqueza tem muito a ver.
- Que vergonha Elinor! – disse Marianne – O dinheiro só pode trazer felicidade quando uma pessoa não tem mais nada para ser feliz. Além do bem-estar, não pode dar real satisfação, pelo menos no que se refere ao nosso íntimo.

- Talvez - disse Elinor sorrindo - possamos chegar a um ponto em comum. Seu bem-estar e minha riqueza são bastante parecidos, e sem eles, do modo que o mundo é agora, nós duas devemos concordar que faltará todo tipo de conforto externo. Suas ideias são apenas

mais nobres do que as minhas. Diga-me, quanto acha ser o suficiente para viver com conforto?

- Cerca de mil e oitocentas a duas mil libras por ano, não mais que isso. Elinor riu.

- Duas mil libras por ano! A minha ideia de riqueza é mil! Já imaginava como isso acabaria.

- Mas ainda sim duas mil libras por ano é uma renda bastante moderada - disse Marianne. Uma família não pode se sustentar com menos que isso. Tenho certeza que não sou extravagante em minhas pretensões. Um número adequado de empregados, uma carruagem, talvez duas, e cães de caça, não podem ser mantidos por menos.

Elinor sorriu de novo, ao escutar sua irmã descrever com tantos detalhes seus futuros gastos em Combe Magna[1].

- Cães de caça! - repetiu Edward - mas porque você teria cães de caça? Nem todo mundo costuma caçar.

Marianne respondeu corada:

- Mas a maioria das pessoas caça.
 - Eu gostaria – exclamou Margaret, expressando uma situação novelesca – que alguém nos deixasse uma grande fortuna!
 - Ah, se isso acontecesse! – exclamou Marianne, com os olhos brilhantes de animação, e as faces radiantes pelo prazer daquela felicidade imaginária.
 - Suponho que todas somos unânimes em desejar isso – disse Elinor – apesar da riqueza por si só não ser o suficiente.
 - Oh, minha querida – exclamou Margaret – como eu seria feliz! Imagino o que seria capaz de fazer com tanta riqueza!
- Marianne olhou como se não tivesse nenhuma dúvida a respeito disso.
- Eu ficaria confusa se tivesse tamanha riqueza só para mim – disse Mrs. Dashwood –, se todas as minhas filhas fossem ricas sem minha ajuda.
 - Deveria começar com as melhorias no chalé – observou Elinor, assim suas dificuldades logo acabariam.
 - Que magníficas encomendas essa família faria em Londres – disse Edward – em uma situação como essa! Seria um dia feliz para os livreiros, vendedores de partituras e lojas de gravuras! Você, Miss Dashwood, faria uma encomenda geral para que lhe fosse enviada cada nova gravura de qualidade. Quanto a Marianne, conheço a grandeza de sua alma, não

haveria partituras suficientes em Londres para lhe contentar. E livros! Thomson, Cowper, Scott... Ela compraria todos eles novamente; compraria cada cópia, creio eu, para evitar que caíam em mãos indignas, e compraria todos os livros que lhe ensinassem como admirar uma velha árvore retorcida. Não é verdade, Marianne? Perdoe-me se estou sendo muito insolente. Mas queria mostrar-lhe que não me esqueci de nossas antigas desavenças.

- Gosto de recordar o passado, Edward – seja ele melancólico ou alegre, adoro recordá-lo. E você nunca me ofenderá falando dos velhos tempos. Você está bastante certo ao

imaginar como eu gastaria meu dinheiro, pelo menos parte dele. Boa parte do meu dinheiro seria usada para aumentar minha coleção de partituras e livros.

- E o grosso de sua fortuna seria gasto com pensões anuais para os escritores e seus herdeiros.

- Não, Edward, eu teria um emprego diferente para esse dinheiro.

- Talvez, então, você premiaria a pessoa que escrevesse a melhor defesa de sua máxima favorita, a de que ninguém pode apaixonar-se mais de uma vez na vida. Presumo que sua opinião a este respeito não mudou, não é mesmo?

- Sem dúvida nenhuma. Na minha idade, as opiniões são bastante firmes. Não creio que seja provável que veja ou ouça algo que me faça mudar de opinião.
- Pode ver que Marianne continua firme como sempre - disse Elinor. - Ela não mudou em nada.
- Apenas está um pouco mais séria do que antes.
- Não, Edward - disse Marianne - você não deve me censurar. Você mesmo não está muito alegre.
- Como pode pensar isso! - respondeu ele, com um suspiro.
- A alegria nunca fez parte do meu caráter.
- Tampouco do de Marianne - disse Elinor. - Dificilmente diria que ela é uma moça alegre. É muito intensa, muito determinada em tudo o que faz, às vezes fala muito, e sempre com grande animação... Mas raramente é alegre de verdade.
- Creio que você está certa - respondeu ele. - No entanto, eu sempre a considerei uma moça alegre.
- Frequentemente, vejo-me cometendo esse tipo de erro - disse Elinor - com ideias totalmente falsas sobre o caráter de alguém em um ou outro aspecto; imaginando as pessoas muito mais alegres ou tristes, ou inteligentes ou estúpidas do que realmente são. E dificilmente posso dizer o porquê ou baseado em que esse erro tem origem. Às vezes, nos deixamos guiar por aquilo que as pessoas dizem de si mesmas, e muitas vezes por

aquilo que as outras pessoas dizem delas, sem parar um momento para refletir e julgar.

- Mas achei que fosse certo, Elinor - disse Marianne -, deixar-se guiar completamente pela opinião dos outros. Penso que nossos julgamentos nos são dados apenas para serem subservientes aos de nossos vizinhos. Estou certa de que esta sempre foi a sua doutrina.

- Não, Marianne, nunca. Minha doutrina nunca teve a intenção de subjugar a inteligência. Tudo o que sempre tentei influenciar foi o comportamento. Você não deve confundir o que quero dizer. Confesso que sou culpada de às vezes ter desejado que você tratasse nossos amigos em geral com maior atenção. Mas quando eu lhe aconselhei a adotar os sentimentos ou submeter-se às opiniões deles em assuntos importantes?

- Você nunca foi capaz de persuadir sua irmã a concordar com o seu plano de civilidade generalizada - disse Edward a Elinor. - Não conquistou nenhum terreno?

- Muito pelo contrário - respondeu Elinor, olhando expressivamente para Marianne.

- Meu julgamento - respondeu ele - está ao seu lado nesta questão, mas receio que minhas ações sejam mais parecidas com as de sua irmã. Nunca desejei ofender, mas sou estupidamente tímido, tanto que às vezes pareço negligente,

quando apenas me retraio devido à minha natural falta de jeito. Frequentemente penso que, por natureza, devo estar predestinado a gostar de pessoas mais simples, pois me sinto pouco à vontade entre pessoas nobres que me sejam estranhas!

- Marianne não tem nenhuma timidez que possa desculpar qualquer desatenção da parte dela - disse Elinor.

- Ela conhece muito bem seu valor para sentir uma falsa vergonha - respondeu Edward. - A timidez é apenas o efeito de uma sensação de inferioridade em um ou outro sentido. Se eu me convencesse de que minhas maneiras são perfeitamente naturais e elegantes, não seria tímido.

- Mas ainda assim você seria reservado - disse Marianne - e isso é pior. Edward espantou-se:

- Reservado! Acha que sou reservado, Marianne?

- Sim, muito.

- Não entendo você - respondeu ele, corando. - Reservado! Como? De que maneira?

O que eu deveria lhe dizer? O que supõe?

Elinor pareceu surpresa com a emoção dele, mas tentando rir do assunto, disse para

Edward:

- Você não conhece minha irmã o suficiente para entender o que ela quer dizer? Por

acaso não sabe que ela chama de reservada qualquer pessoa que não fale tão rápido quanto ela, nem admire o que ela admira com igual entusiasmo?

Edward não respondeu. Voltou a ficar mais sério e pensativo do que costumava ser, e durante um momento ficou ali sentado, silencioso e sombrio.

[1] Combe Magna, é a casa ficcional de John Willoughby criada por Jane Austen, localiza-se no Condado de Somersetshire. (N. T.)

C A P I T U L O XVIII

Elinor viu, com grande inquietude, o desânimo de seu amigo. Sua visita proporcionou-lhe apenas uma satisfação muito parcial, pois que a própria alegria dele parecia imperfeita. Era evidente que ele não estava feliz, e ela desejava que fosse igualmente evidente que ele ainda tivesse por ela o mesmo afeto, que antes não duvidava inspirar-lhe, mas até o momento a continuidade de sua afeição parecia muito duvidosa, e a reserva de sua atitude para com ela, contradizia em um momento o que um olhar mais expressivo sugerira no momento anterior.

Na manhã seguinte, ele se juntou a Elinor e Marianne na sala de café antes que os outros descessem; e Marianne, sempre ansiosa em promover a felicidade de ambos, logo os deixou a sós. Mas, antes que estivesse no meio da escada, ouviu a porta da sala se abrir, e, voltando-se, ficou admirada ao ver que Edward saía também.

- Estou indo à cidade para ver meus cavalos - disse ele - já que vocês ainda não estão prontas para o café da manhã, voltarei logo.

Edward retornou maravilhado pela beleza da região; em sua caminhada para a vila, tinha visto muitas partes do vale de um ângulo mais favorável, e a vila por si só, localizada em um ponto bem mais alto que o chalé, oferecia uma vista geral da região que o agradou bastante. Este era um tema que prendia a atenção de Marianne, e ela começou a descrever sua própria admiração pelas paisagens e a interrogá-lo sobre as coisas que o haviam impressionado de maneira especial, quando Edward a interrompeu dizendo:

- Você não deve fazer muitas perguntas, Marianne, lembre-se que eu não sei nada sobre o que é pitoresco[1], e poderei lhe ofender por minha ignorância e falta de gosto, se descermos a detalhes. Poderia chamar as colinas de inclinadas, ao invés de dizer escarpadas; poderia chamar as superfícies de estranhas e singulares, quando deveria dizer irregulares e sinuosas; e falaria de coisas distantes que não se vê bem, quando poderia apenas dizer que estão fora do alcance da vista porque se encontram entre uma névoa. Você deve se satisfazer com a admiração que honestamente lhe concedo. Acho esta região muito bonita, as colinas são altas, os bosques parecem ricos em excelente madeira, e o vale é agradável e acolhedor, com ricas pastagens e várias fazendas por ali. Corresponde exatamente à minha ideia de uma ótima região, pois une beleza e utilidade, e estou certo de que é pitoresca também, pois você a admira. Posso bem acreditar que a região é cheia de rochedos e

promontórios[2], musgo cinzento e matas, mas tudo isso não tem significado para mim, não sei nada do pitoresco.

- Sinto dizer, mas é a mais pura verdade - disse Marianne. - Mas por que ostenta isso?

- Eu suspeito - disse Elinor - que para evitar cair em algum tipo de afetação, Edward caia aqui em outro. Pois ele acredita que muitas pessoas fingem sentir mais admiração pelas

belezas da natureza do que realmente sentem, e como lhe desagradam tais pretensões, ele demonstra mais indiferença e menos discriminação a respeito do que sente de verdade. Ele é melindroso e quer ter uma afetação só sua.

- É verdade - disse Marianne - que a admiração por paisagens tornou-se apenas um jargão. Todos fingem senti-la e tentam descrevê-la com o gosto e a elegância daquele que foi o primeiro a definir o que é beleza pitoresca. Detesto qualquer tipo de jargão, e às vezes guardo meus sentimentos para mim, pois não consigo encontrar uma linguagem para descrevê-los que não seja algo já gasto e vulgarizado, que não tem mais qualquer sentido ou significado.

- Estou convencido - disse Edward - de que você realmente sente todo o prazer que diz sentir, quando observa uma linda

vista. Mas, em troca, sua irmã deve permitir-me não sentir nada além do que demonstro. Gosto de uma bela paisagem, mas não por motivos pitorescos. Não gosto de árvores retorcidas, entrelaçadas ou ressecadas. Admiro-as muito mais se forem altas, retas e floridas. Não gosto de chalés em ruínas. Não sou apaixonado por urtigas, cardos ou flores de brejo. Aprecio muito mais uma confortável casa de campo do que uma torre de vigia..., e prefiro um grupo de camponeses felizes aos mais magníficos arruaceiros do mundo.

Marianne olhou com espanto para Edward, e com compaixão para sua irmã. Elinor apenas riu.

Encerraram o assunto rapidamente e Marianne se manteve em silêncio até que um objeto de repente chamou sua atenção. Estava sentada ao lado de Edward, e quando ele pegou a xícara de chá que lhe oferecia Mrs. Dashwood, sua mão passou bem diante dela, deixando à vista, em um de seus dedos, um anel com uma trança de cabelos no centro.

- Eu nunca vi você usar esse anel antes, Edward - exclamou ela. - É o cabelo de Fanny? Eu me lembro de vê-la prometer-lhe um cacho. Mas pensei que seus cabelos fossem mais escuros.

Marianne falou, sem maior reflexão, o que realmente sentia; mas quando percebeu o quanto Edward estava perturbado, sua vergonha pela falta de tato não foi menor que a dele. Ele ficou bastante corado, e olhando de relance para Elinor, respondeu:

- Sim, é o cabelo de minha irmã. O engaste sempre muda a cor do objeto, você sabe.

O olhar de Elinor cruzou com o dele e também pareceu perturbado. De imediato pensou, assim como Marianne, que aquele cabelo era o seu; a única diferença entre as duas era que Marianne pensava que se tratava de um presente dado voluntariamente por sua irmã, e para Elinor havia sido roubado sem que ela percebesse. Entretanto, ela não estava com humor para considerá-lo uma afronta, e fingiu não ter percebido o que se passara, pois instantaneamente mudaram de assunto. Elinor decidiu consigo mesma aproveitar qualquer oportunidade para observar o cabelo e se convencer, sem sombra de dúvida, que era mesmo dela.

O embaraço de Edward durou um pouco mais, e terminou levando-o a um estado de abstração ainda mais acentuado. Esteve particularmente sério a manhã inteira. Marianne não se perdoou pelo que havia dito, mas teria se perdoado com muito mais rapidez se soubesse quão pouco sua irmã havia se ofendido.

Antes do meio dia receberam a visita de Sir John e Mrs. Jennings que, ao saberem da chegada de um cavalheiro no chalé, vieram investigar quem era o visitante. Com a ajuda de sua sogra, Sir John não demorou a descobrir que o nome do Sr. Ferrars começava com F, e isso já seria motivo de inúmeras

zombarias contra a dedicada Elinor, que nada a não ser seu recente conhecimento do hóspede evitou que começasse imediatamente. Mas ela entendeu, através de olhares bastante significativos, o quanto a perspicácia deles foi longe, baseada nas indicações de Margaret.

Sir John nunca visitava as Dashwoods sem convidá-las para um jantar em Barton Park no dia seguinte, ou para tomar um chá na mesma tarde. Na atual situação, para melhor distração do hóspede, para a qual se sentiu obrigado a contribuir, quis fazer os dois convites.

- Vocês devem tomar chá conosco hoje à noite - disse ele - pois estamos muito sós, e amanhã devem obrigatoriamente jantar conosco, porque seremos um grupo muito grande.

Mrs. Jennings reforçou aquela necessidade, dizendo:

- E quem sabe não organizam um baile. E isso lhe será uma tentação Miss Marianne.

- Um baile! - exclamou Marianne. - Isso é impossível! Quem vai dançar?

- Quem! Vocês, as Careys e com certeza as Whitakers. Como assim? Achava que ninguém poderia dançar porque certa pessoa, que não devemos dizer quem é, não está presente?

- Desejava de todo coração - exclamou Sir John - que Willoughby estivesse entre nós de novo.

Isto e o rubor de Marianne despertaram novas suspeitas em Edward.

- Quem é Willoughby? – disse ele, em voz baixa para Miss Dashwood, que estava ao seu lado.

Ela deu-lhe uma resposta breve. O semblante de Marianne estava muito mais

comunicativo. Edward viu o suficiente para entender não apenas o significado do que os outros diziam, mas também as expressões de Marianne que antes o haviam confundido. E quando os visitantes se foram, imediatamente se dirigiu a ela, e com um sussurro, disse:

- Estive imaginando algo. Devo lhe contar meu palpite?
- O que você quer dizer?
- Devo contar?
- Claro que sim.
- Pois bem, eu acho que Mr. Willoughby aprecia a caça.

Marianne ficou surpresa e confusa, ainda assim não conseguiu deixar de sorrir ante a sutileza de suas maneiras, e após um momento de silêncio, disse:

- Ah, Edward! Com pode fazer isso? Mas chegará o dia, espero... Tenho certeza que você gostará dele.

- Não tenho dúvidas - respondeu Edward, um pouco espantado com a seriedade e intensidade dela, pois se não tivesse imaginado que se tratava de uma brincadeira para a diversão de todos os conhecidos, baseada apenas em algo que ela poderia ter ou não com Mr.

Willoughby, ele não teria coragem de mencioná-lo.

[1] Que chama a atenção pela beleza, pela originalidade, paisagem digna de ser pintada/ ilustrada. (N. T.)

[2] Um tipo de saliência natural, também conhecido como cabo elevado formado por rochas que avançam sobre o mar. (N. T.)

CAPÍTULO XIX

Edward ficou uma semana no chalé. Mrs. Dashwood insistiu para que ficasse mais tempo, mas, como se tivesse inclinação apenas para a autopunição, ele resolveu ir embora quando a diversão entre os amigos estava no auge. Seu estado de ânimo, nos últimos dois ou três dias, embora ainda fosse muito instável, havia melhorado muito. Dia após dia, sua afeição pela casa e arredores foi crescendo. Nunca falava em ir embora sem um suspiro, afirmou que dispunha de tempo, inclusive não tinha certeza para onde iria quando as deixasse. Mas mesmo assim, precisava ir. Nunca uma semana se passou tão rápido, e ele mal acreditava que já tivesse passado. Disse isso muitas vezes, disse outras coisas também, algumas que demonstravam a mudança de seus sentimentos e outras que contradiziam suas ações. Não sentia prazer em Norland, detestava Londres, mas deveria escolher um dos dois lugares para ir.

Estimava-lhes a gentileza acima de tudo, e sua maior felicidade fora estar com elas. Apesar disso tudo, teria que partir até o final da semana – mesmo contrariando os desejos de ambas as partes e sem ter uma definição quanto ao tempo.

Elinor atribuiu esse modo estranho de agir à influência da mãe dele, e ficou feliz por não conhecê-la, já que, desta forma, poderia atribuir-lhe a responsabilidade por qualquer comportamento estranho do filho. Embora desapontada e

aborrecida, e, por vezes descontente com o comportamento incerto que o rapaz tinha para com ela, estava com a melhor disposição para considerar suas ações com as mais sinceras concessões e as generosas qualificações que, em relação à Willoughby, lhe haviam sido arrancadas de maneira mais trabalhosa por Mrs. Dashwood. O fato de Edward não ter ânimo, não ser franco ou coerente, era geralmente atribuído à sua falta de independência e ao conhecimento dos planos e disposições de Mrs. Ferrars. A brevidade de sua visita e o firme propósito de deixá-las tinham origem na mesma inclinação reprimida e na mesma necessidade inevitável de transgredir os desejos da mãe. A antiga e tão conhecida disputa entre o dever e o desejo, entre pais e filhos, era a causa de tudo. Elinor gostaria de saber quando essas dificuldades acabariam, quando essa oposição terminaria, quando Mrs. Ferrars mudaria de opinião e seu filho teria a liberdade de ser feliz. Mas, desses vãos desejos, era obrigada a voltar para o conforto da renovação de sua confiança no afeto de Edward, para a recordação de todos os sinais de interesse que seus olhares ou palavras haviam deixado escapar enquanto estavam em Barton, e, sobretudo, para aquela prova lisonjeira que ele usava constantemente em seu dedo.

- Eu acho, Edward, que você seria um homem mais feliz se tivesse uma profissão com que empregar seu tempo e dar interesse a seus planos e ações - disse Mrs. Dashwood, enquanto tomavam café na última manhã - Poderia provocar

alguns inconvenientes aos seus amigos, de fato, pois não poderia dedicar tanto tempo a eles. Mas – disse sorrindo – seria materialmente benéfico em pelo menos um aspecto, você saberia aonde ir quando os deixasse.

– Garanto-lhe – respondeu ele – que pensei muito sobre a questão, do mesmo modo como a senhora faz agora. Foi, e provavelmente sempre será um grande infortúnio para mim,

não ter tido nenhum negócio para me ocupar, nenhuma profissão que me desse emprego ou me garantisse algo parecido com uma independência. Mas, infelizmente, meu próprio refinamento e o de meus amigos, fez de mim um homem inútil e incapaz. Nunca concordamos na escolha de uma profissão. Eu sempre preferi a igreja, e ainda prefiro. Mas, segundo minha família, não é uma profissão adequada. Eles sugeriram a carreira militar. Mas aquilo era elegante demais para mim. Concordavam que o direito era uma carreira bastante requintada; muitos rapazes que possuem gabinetes na Câmara dos Comuns[1] tiveram uma recepção muito boa nos círculos mais importantes, e passeiam pela cidade em carruagens muito elegantes. Mas não tenho nenhuma inclinação para o direito, mesmo nos estudos menos complexos, como minha família queria. Quanto à marinha, tem certo encanto, mas eu já passara da idade[2] quando o assunto veio à tona pela primeira vez, e, como eu não tinha necessidade de ter nenhuma profissão, pois eu poderia ser tão alinhado e

refinado com ou sem uniforme, finalmente decidiram que o ócio era o mais vantajoso e honrado. Além disso, um rapaz de dezoito anos não está tão ansioso para ter uma ocupação a ponto de resistir aos pedidos dos amigos para não fazer nada. Então, ingressei em Oxford[3] e desde então tenho estado em completo ócio.

- Suponho que a consequência disso tudo será - disse Mrs. Dashwood -, já que o ócio não lhe trouxe nenhuma felicidade, que seus filhos serão criados com tantas atividades, empregos, profissões como os filhos de Columella[4].

- Serão educados - disse ele seriamente - para serem totalmente diferentes de mim, quer seja em sentimentos, ações, condição, em tudo.

- Ora, tudo isso não é mais que uma consequência do seu desânimo, Edward. Você está melancólico e imagina que qualquer pessoa que seja diferente de você deve ser feliz. Mas lembre-se de que a dor de separar-se dos amigos é sentida por todos, não importa qual seja sua educação ou condição. Conheça sua própria felicidade. Você precisa ser paciente, ou para dar um nome mais atrativo, precisa ter esperanças. Com o tempo, sua mãe lhe concederá a independência que você tanto almeja, é função dela, e sempre será, impedir que sua juventude se perca em desgostos. E isso, alguns meses não conseguirão fazer!

- Eu acho - respondeu Edward - que serão necessários muitos meses para que alguma coisa boa aconteça comigo. Este desânimo, embora não pudesse ser comunicado à Mrs. Dashwood, aumentou a dor de todos pela partida de Edward, que aconteceu logo, e deixou uma incômoda sensação, especialmente nos sentimentos de Elinor, que necessitou de tempo e ocupação para vencê-la. Mas como estava determinada a superar tais sentimentos e evitar parecer que sofria mais que o resto da família por causa da partida de Edward, não agiu como Marianne em uma ocasião semelhante - que para aumentar e demonstrar a dor, procurou o silêncio, a solidão e a ociosidade. Seus modos eram tão diferentes quanto seus objetivos, e igualmente adequados para a promoção de ambos.

Assim que Edward deixou a casa, Elinor sentou-se à mesa de desenho, e manteve-se ocupada durante todo o dia; não buscou nem evitou mencionar o nome do rapaz. Parecia ter o mesmo interesse de sempre com as preocupações gerais da família, e se, com esta conduta, não

diminuiu seu sofrimento, pelo menos evitou que este aumentasse ainda mais, e sua mãe e irmãs pouparam muitas preocupações com ela.

Tal comportamento, exatamente o oposto do seu próprio, não pareceu para Marianne mais meritório do que o seu parecera

errado para Elinor. O assunto do autocontrole ela resolveu com toda facilidade: se era impossível com sentimentos fortes, não tinha mérito com sentimentos fracos. Que os sentimentos de sua irmã fossem calmos, ela não ousava negar, embora corasse ao reconhecê-lo; e da força dos seus próprios, ela deu uma prova conclusiva, amando e respeitando sua irmã apesar dessa humilhante convicção.

Sem se afastar da família, nem sair de casa sozinha para evitar a companhia das outras, ou ficar acordada a noite inteira perdida em meditações, Elinor descobriu que o dia lhe oferecia tempo suficiente para pensar em Edward, em seu comportamento, de todas as maneiras possíveis que a mudança de seu estado de ânimo poderia produzir: com ternura, piedade, aprovação, censura ou dúvida. Havia momentos em que, se não pela ausência de sua mãe e irmãs, pelo menos em razão da natureza de suas ocupações, era impossível a conversa entre elas, e todos os efeitos da solidão se faziam sentir. Inevitavelmente sua mente libertava-se e seus pensamentos não podiam prender-se a nenhuma outra coisa, e o passado e o futuro, relacionados a um tema tão interessante, apresentavam-se a ela, chamando sua atenção, absorvendo sua memória, sua reflexão e sua imaginação.

Em uma certa manhã, logo depois da partida de Edward, Elinor estava sentada à mesa de desenho quando foi despertada de seus devaneios pela chegada de visitas. Estava completamente sozinha. O fechamento do portãozinho, na entrada do jardim

em frente à casa, atraiu seus olhos para a janela, e viu um grande grupo de pessoas se dirigirem à porta. Entre eles estavam Sir John, Lady Middleton e Mrs. Jennings, porém havia duas outras pessoas que ela não conhecia: um cavalheiro e uma dama. Ela estava sentada perto da janela, e assim que Sir John a viu, se afastou do resto do grupo, deixando-os cerimoniosamente bater à porta, e caminhou pelo gramado, obrigando-a a abrir a janela para conversarem em particular; como o espaço entre a porta e a janela era pequeno, era impossível falar em uma delas sem ser ouvido na outra.

- Bem, disse ele - trouxe-lhe dois desconhecidos. Que acha deles?

- Cuidado! Podem escutá-lo.

- Não se preocupe se eles ouvirem. São só os Palmers. Posso dizer-lhe que Charlotte é muito bonita, você pode vê-la se olhar nesta direção.

Como Elinor estava certa de que a veria em alguns minutos, sem ter que tomar tal liberdade, pediu desculpas por não fazê-lo.

- Onde está Marianne? Será que fugiu ao nos ver chegar? Vejo que o piano está

aberto.

- Creio que saiu para caminhar.

Nesse momento, Mrs. Jennings se uniu a eles, já que não teve paciência para esperar

que Elinor abrisse a porta para contar-lhe sua história. Veio até a janela falando aos gritos:

- Como vai minha querida? Como vai Mrs. Dashwood? E onde estão suas irmãs? O

quê! Está sozinha? Você se alegrará por ter alguém que lhe faça companhia. Trouxe meu genro e minha filha para você conhecê-los. Imagina só! Chegaram tão de repente! Pensei ter ouvido uma carruagem na noite passada, enquanto tomávamos chá, nunca imaginaria que poderiam ser eles. Pensei apenas que poderia ser o Coronel Brandon de volta; então eu disse a Sir John que tinha ouvido o barulho de uma carruagem, e que talvez fosse o Coronel de volta.

Elinor foi obrigada a se afastar dela, no meio da conversa, para receber o resto do grupo. Lady Middleton apresentou os dois desconhecidos; Mrs. Dashwood e Margaret desceram as escadas nesse mesmo momento, e todos começaram a olhar uns para os outros, enquanto Mrs. Jennings continuou sua

história ao entrar pelo corredor da sala, acompanhada por Sir John.

Mrs. Palmer era vários anos mais jovem que Lady Middleton, e totalmente diferente dela em todos os aspectos. Era baixa e robusta, tinha um rosto bonito e possuía a maior expressão de bom humor que se pode imaginar. Seus modos não eram em absoluto tão elegantes como os de sua irmã, porém eram muito mais agradáveis. Chegou sorrindo e assim permaneceu por todo o tempo que durou a visita, exceto quando dava uma gargalhada. E sorriu quando foram embora. Seu marido era um homem jovem e sério, de vinte e cinco ou vinte e seis anos, com ar mais elegante e sensato que sua esposa, porém com menos desejo de agradar e ser agradado. Entrou no chalé com ar de autossuficiência, se inclinou levemente para cumprimentar as damas, sem pronunciar uma palavra e, após inspecionar as Dashwoods e os aposentos brevemente, pegou um jornal que estava sobre a mesa e permaneceu lendo-o até o final da visita.

Mrs. Palmer, pelo contrário, a quem a natureza havia dotado de grande disposição para ser invariavelmente cortês e feliz, mal havia se sentado e já demonstrava admiração pela sala e tudo que havia nela.

- Vejam! Que linda sala! Nunca vi algo tão encantador! Veja, mamãe, como está bem melhor desde a última vez em que estive aqui! Eu sempre achei este chalé um lugar agradável, (virando-se para Mrs. Dashwood), mas você o tornou ainda mais encantador! Veja, mana, como tudo aqui é delicioso.

Como gostaria de ter uma casa assim! Você não gostaria, Mr. Palmer?

Mr. Palmer não respondeu, e sequer tirou os olhos do jornal.

-Mr. Palmer não me ouve - disse ela, rindo - ele nunca me ouve. É tão ridículo!

Esta era uma ideia bastante nova para Mrs. Dashwood, que não estava acostumada a achar divertido alguém faltar a atenção com outra pessoa, e não pôde deixar de olhar com surpresa para os dois.

Mrs. Jennings, entretanto, seguia falando o mais alto que podia e continuou seu relato sobre a surpresa que tivera na noite passada, ao ver seus amigos - e não cessou um minuto até que conseguisse contar tudo. Mrs. Palmer ria com grande entusiasmo ao recordar do seu espanto, e todos concordaram, duas ou três vezes, que havia sido uma surpresa muito agradável.

- Você pode imaginar o quanto ficamos contentes ao vê-los
- acrescentou Mrs.

Jennings, inclinando-se para frente na direção de Elinor e falando em voz baixa como se não quisesse que mais ninguém a ouvisse, embora estivessem sentadas em lados opostos da sala - mas não posso deixar de desejar que eles não tivessem viajado tão rápido, nem feito tão longa jornada, pois deram

uma volta para ir a Londres por causa dos negócios, porque, você sabe, (apontou para sua filha com uma expressiva inclinação da cabeça) é muito inconveniente viajar no estado dela. Eu queria que ela ficasse em casa e descansasse pela manhã, mas ela insistiu em vir conosco, queria muito conhecer vocês todas!

Mrs. Palmer riu, e disse que não havia mal algum.

- Ela espera dar à luz em fevereiro - continuou Mrs. Jennings.

Lady Middleton não aguentava mais ouvir aquela conversa e logo tratou de perguntar a Mr. Palmer se havia alguma notícia importante no jornal.

- Não, não há nada - respondeu Mr. Palmer e continuou lendo.

- Aí vem Marianne - exclamou Sir John. - Agora, Palmer, você verá uma menina terrivelmente bonita.

Ele foi imediatamente para o corredor, abriu a porta da frente e a acompanhou para dentro de casa. Assim que ela surgiu, Mrs. Jennings perguntou se ela não estivera em Allenham e Mrs. Palmer deu uma grande gargalhada, o que demonstrou que ela sabia da história. Mr. Palmer a observou enquanto entrava na sala, examinou-a durante alguns minutos e voltou a ler o jornal. Mrs. Palmer começou a observar os desenhos pendurados nas paredes da sala. Em seguida se levantou para examiná-los.

- Oh, querida! Como são belos! Como são encantadores! Estou encantada! Veja mamãe, como são lindos! Acho-os bastante charmosos, eu poderia passar a vida inteira olhando para eles - voltou a sentar-se e logo se esqueceu de que havia tais coisas na sala.

Quando Lady Middleton levantou-se para ir embora, Mr. Palmer também se levantou, deixou o jornal, esticou-se e olhou para todos à sua volta.

- Meu querido, você esteve dormindo? - disse a esposa, rindo.

Ele não respondeu, apenas observou, após examinar novamente o cômodo, que o teto era muito baixo e que estava torto. Então se inclinou diante delas e saiu com os demais.

Sir John havia insistido para que passassem o dia seguinte em Barton Park. Mrs. Dashwood que não achava adequado jantar com eles mais vezes do que eles jantavam no chalé, recusou absolutamente o convite, mas permitiu que suas filhas aceitassem se quisessem. Mas elas não tinham nenhuma curiosidade de ver como Mr. e Mrs. Palmer comiam seu jantar, e a perspectiva de jantar com eles não prometia nenhuma diversão. Tentaram se desculpar também: o tempo estava instável e provavelmente não iria melhorar. Mas Sir John não se deu por satisfeito e disse que a carruagem seria enviada para buscá-las e elas teriam de ir. Lady Middleton também insistiu para que elas fossem, embora não pressionasse a mãe das

moças. Mrs. Jennings e Mrs. Palmer juntaram-se aos pedidos, todos pareciam igualmente ansiosos por evitar uma reunião familiar, e as jovens Dashwoods foram obrigadas a ceder.

- Por que eles tinham que nos convidar? – disse Marianne, assim que eles saíram. – O aluguel do chalé é considerado baixo, mas as condições são muito duras, se temos que jantar

em Barton Park cada vez que alguém os visita ou está nos visitando.

- Não, não querem ser menos educados e gentis conosco agora – disse Elinor – com esses convites frequentes, do que quando chegamos, há poucas semanas. Se suas reuniões agora são entediantes e aborrecidas para nós, não é culpa deles. Temos que procurar essa mudança em outro lugar.

[1] Câmara dos Comuns (ou Casa dos Comuns) é o nome histórico da câmara inferior do parlamento; equivalente a Câmara dos Deputados no Brasil. (N. T.)

[2] Na Inglaterra, os meninos que tinham a intenção de ingressar no Exército ou na Marinha, começavam o treinamento por volta dos doze anos de idade. (N. T.)

[3]A Universidade de Oxford, situada na cidade de Oxford, na Inglaterra, é a mais antiga universidade do país, e uma das mais antigas do mundo. (N. T.)

[4] Mrs. Dashwood se refere ao romance de Richard Graves (1715 – 1804), *Columella or the Distressed Anchorite*, de 1779. O livro conta a história de um pai que nunca trabalhou, mas tinha aspirações profissionais variadas para seus filhos. (N. T.)

CAPÍTULO XX

No dia seguinte, quando as Dashwoods entraram na sala de estar por uma porta, Mrs. Palmer entrou correndo pela outra, parecendo bem humorada e alegre como antes. Pegou-as pelas mãos, muito afetuosamente, e manifestou grande prazer em vê-las novamente.

- Estou tão feliz em vê-las! - disse ela, sentando-se entre Elinor e Marianne - porque o dia está tão feio que tive receio de que não viessem, o que seria horrível, já que vamos embora amanhã. Devemos ir, pois, como sabem, os Westons chegam à nossa casa na semana que vem. Foi uma decisão repentina essa nossa vinda, e eu não sabia de nada até que a carruagem chegou à nossa porta e, só então Mr. Palmer me perguntou se eu iria com ele a Barton. Ele é tão engraçado! Nunca me diz nada! Sinto tanto por não podermos permanecer mais tempo, mas espero que logo nos encontremos de novo em Londres.

Elas se viram obrigadas a por um fim naquela expectativa.

- Não vão à Londres! - exclamou Mrs. Palmer, rindo - Ficarei muito desapontada se não forem. Eu conseguiria a casa mais bonita do mundo para vocês, próxima à nossa em Hanover Square. Vocês têm que ir. Eu ficaria muito feliz em ciceroneá-las a qualquer hora, até o parto, se Mrs. Dashwood não gostar de sair em público.

Elas agradeceram, mas se viram obrigadas a resistir a todas as suas investidas.

- Oh, meu amor! – exclamou Mrs. Palmer para o marido, que acabava de entrar na sala – você deve ajudar-me a persuadir as Dashwoods a irem a Londres neste inverno.

Seu amor não respondeu e, após inclinar-se ligeiramente diante das jovens, começou a queixar-se do clima.

- Que horrível é isso tudo! – disse ele. – Um clima assim torna tudo e todos desagradáveis. Com a chuva, o aborrecimento invade todos os cantos, tanto fora quanto dentro de casa. Faz com que detestemos todos os nossos conhecidos. Por que diabos Sir John não tem uma mesa de bilhar em casa? Como são poucos os que sabem o que é conforto! Sir John é tão enfadonho quanto o tempo.

O resto do grupo logo se uniu a eles.

- Receio, Miss Marianne – disse Sir John – que você não tenha podido fazer sua caminhada usual até Allenhams hoje.

Marianne olhou muito séria e não disse nada.

- Oh, não seja tão dissimulada conosco – disse Mrs. Palmer – pois sabemos tudo sobre o assunto, e eu admiro muito seu gosto, pois acho Willoughby extremamente bonito. Como sabe, nós não moramos muito longe dele – não mais que dezesseis quilômetros, ousou dizer.

- Muito mais, cerca de cinquenta quilômetros – disse seu esposo.
- Ah, bem! Não é uma diferença tão grande. Nunca estive em sua casa, mas dizem que é um lindo lugar.
- Nunca vi um lugar mais detestável em toda minha vida – disse Mr. Palmer.

Marianne permaneceu no mais absoluto silêncio, embora seu semblante traísse seu interesse pelo que diziam.

- É muito feio? – continuou Mrs. Palmer – Então suponho que deve ser outro lugar que é tão lindo.

Quando estavam sentados na sala de jantar, Sir John observou com tristeza que eram ao todo apenas oito pessoas.

- Minha querida – disse à esposa – é muito desagradável que sejamos tão poucos. Por que você não convidou os Gilberts para jantar conosco hoje?

- Eu não lhe disse, Sir John, quando me perguntou sobre isso antes, que era impossível? A última vez foram eles que jantaram aqui.

- Você e eu, Sir John – disse Mrs. Jennings –, não devemos ter tanta cerimônia.

- Então seria muito mal educada – exclamou Mr. Palmer.

- Meu amor, você contradiz todo mundo - disse sua esposa, com o sorriso habitual. - Sabia que está sendo muito grosseiro?

- Eu não sabia que estava contradizendo alguém ao chamar sua mãe de mal educada.

- Ah, pode maltratar-me o quanto quiser - exclamou Mrs. Jennings com seu habitual bom humor. - Tirou Charlotte das minhas mãos e não pode devolvê-la. Por isso levo vantagem em cima de você.

Charlotte deu uma gargalhada ao pensar que seu esposo não podia livrar-se dela e alegremente disse que não se importava com o quanto ele a irritava, pois tinham que viver juntos. Era impossível ter melhor coração ou estar mais decidida a ser feliz do que Mrs. Palmer. A estudada indiferença, a insolência e o descontentamento de seu marido não lhe causavam dor, e quando ele se irritava com ela ou a tratava mal, parecia divertir-se muito.

- Mr. Palmer é tão engraçado! - disse ela, sussurrando, para Elinor. - Ele está sempre de mau humor.

Elinor não estava disposta, depois de observá-lo um pouco, a acreditar que ele fosse tão genuína e naturalmente irritante ou mal educado como desejava parecer. Seu temperamento podia estar um pouco contrariado por descobrir, como muitos outros homens, que apesar de sua enigmática beleza, ele era casado com uma mulher muito tola... mas sabia que esse tipo de desatino era comum demais para que qualquer homem sensato

se sentisse afetado por muito tempo. Elinor acreditava que era mais o desejo de se mostrar que provocava aquele tratamento displicente com todos, e seu generalizado desdém por tudo o que estivesse à sua frente. Era o desejo de parecer superior aos demais. O motivo era comum demais para causar surpresa, porém os meios, por bem sucedidos que fossem em estabelecer sua superioridade pela falta de educação, não atraíam ninguém que não fosse sua esposa.

- Oh, minha querida Miss Dashwood - disse Mrs. Palmer logo em seguida - tenho um favor tão grande para pedir a você e sua irmã. - Vocês iriam a Cleveland[1] e passariam algum tempo conosco no Natal? Por favor, aceitem, e juntem-se a nós, já que os Westons também estarão conosco. Vocês não podem imaginar o quanto eu ficaria feliz! Seria muito agradável!

Meu amor - disse, dirigindo-se ao marido - você não gostaria de receber as Dashwoods em Cleveland?

- Certamente - respondeu ele com sarcasmo -, vim a Devonshire com este único propósito.

- Então - disse Mrs. Palmer -, como veem, Mr. Palmer as espera, assim não podem

recusar.

Ambas recusaram o convite de maneira ansiosa e resoluta.

- Mas devem e precisam ir. Tenho certeza de que vocês gostarão de tudo. Os Westons

estarão conosco e será muito agradável. Não podem imaginar como Cleveland é deliciosa, e nós nos divertimos muito, pois Mr. Palmer está o tempo todo viajando pelo interior, trabalhando na campanha eleitoral, e muitas pessoas jantam conosco, como eu nunca havia visto antes, é absolutamente encantador! Mas, pobre coitado! É muito cansativo para ele! Pois é forçado a fazer com que todos o apreciem.

Elinor mal podia se manter séria ao concordar o quanto essa obrigação era difícil.

- Que delícia será - disse Charlotte - quando ele estiver no Parlamento! Não é? Como vou rir! Será tão ridículo ver todas as cartas endereçadas a ele com as iniciais M.P.[2] Mas, vocês sabiam que ele disse que nunca franqueará as minhas cartas? Não é verdade, Mr. Palmer?

Mr. Palmer nem tomou conhecimento do que ela falava.

- Ele não suporta escrever - continuou -, diz que é muito desagradável.

- Não - disse ele - eu nunca disse algo tão irracional. Não me impinja todos os seus abusos contra a língua.

- Agora, veja só como ele é engraçado! Ele sempre é assim! Em certas ocasiões passa a metade do dia sem conversar comigo, e depois vem com algo tão engraçado sobre qualquer assunto.

Elinor ficou muito surpresa quando elas voltaram para a sala de estar e Mrs. Palmer perguntou se ela não gostava muito de Mr. Palmer.

- Certamente - disse Elinor - ele parece ser muito agradável.

- Bem, alegro-me muito em saber disso. Imaginei que você gostava dele, pois ele é tão agradável, posso lhe garantir que Mr. Palmer gosta muito de você e de suas irmãs, e vocês não imaginam o quanto ele ficará desolado se não nos visitarem em Cleveland. Não posso imaginar porque se recusam a ir.

Elinor foi obrigada a recusar o convite novamente, e mudando de assunto, colocou um ponto final nas insistências dela.

Pensava na probabilidade de que, por viver na mesma região, Mrs. Palmer pudesse dar-lhes referências mais detalhadas sobre o caráter de Willoughby do que as que podiam deduzir do conhecimento parcial que os Middletons tinham dele, e ela estava ansiosa por receber de qualquer pessoa a confirmação dos méritos do jovem, bem como eliminar toda possibilidade de temor por Marianne. Começou perguntando- lhe se via Mr.

Willoughby em Cleveland com frequência e se tinham relações mais íntimas com ele.

- Oh querida, sim! Conheço-o muitíssimo bem! - respondeu Mrs. Palmer. - Não que já tenha falado com ele alguma vez, mas sempre o vejo na cidade. Por uma ou outra coisa, nunca aconteceu de eu estar em Barton enquanto ele estava em Allenham. Mamãe o viu aqui uma vez, antes, porém eu estava com meu tio em Weymouth[3]. Entretanto, posso dizer que o teria encontrado muitas vezes em Somersetshire, se não tivéssemos a infelicidade de nunca nos encontrarmos. Creio que ele fica muito pouco tempo em Combe, mas, se ficasse mais por lá, não acredito que Mr. Palmer fosse visitá-lo, pois, como você deve saber, Mr. Willoughby é da oposição, e, além disso, fica muito longe. Sei muito bem porque pergunta sobre ele. Sua irmã vai se casar com Willoughby, e fico bastante contente, pois assim a terei como vizinha.

- Dou-lhe minha palavra - disse Elinor - de que você sabe muito mais do assunto do que eu, se tiver alguma razão para esperar que se casem.

- Não tente negá-lo, porque você sabe que todo mundo fala sobre isso. Garanto-lhe que ouvi alguém comentar quando eu passeava pela cidade.

- Minha cara Mrs. Palmer!

- Palavra de honra que ouvi! Segunda-feira de manhã encontrei o Coronel Brandon em Bond Street, um pouco antes de partirmos, e ele contou-me pessoalmente.
- Você me surpreende muito. O Coronel Brandon disse-lhe isso! Seguramente você deve estar enganada. Dar uma informação dessas a alguém que pode não estar interessada nela, mesmo se fosse verdade, não é algo que eu esperaria que o Coronel Brandon fizesse.
- Mas garanto que sim, tal como lhe disse, e lhe contarei como aconteceu. Quando nós o encontramos, ele voltou e nos acompanhou, em seguida começamos a falar de meu cunhado e minha irmã, e de uma coisa e outra, e eu disse a ele: “Então, Coronel, ouvi dizer que há uma nova família morando no chalé de Barton, e mamãe disse-me que são muito bonitas e que uma delas vai se casar com Mr. Willoughby, de Combe Magna. Conte-me, é verdade? Porque certamente você deve saber, já que estive em Devonshire há pouco tempo”.
- E o que o Coronel disse?
- Oh, ele não disse muita coisa, mas parecia que ele sabia que era verdade, então desde aquele momento dei a coisa como certa. Será maravilhoso! Quando vão se casar?
- Mr. Brandon estava muito bem, espero.
- Oh, sim, muito bem! E cheio de elogios, tudo que fez foi dizer coisas boas sobre

você.

- Fico lisonjeada. Ele parece ser um homem excelente, e creio que extremamente

agradável.

- Eu também. É um homem encantador, mas é uma lástima que seja tão sério e apático. Mamãe disse-me que ele também estava apaixonado por sua irmã. Garanto-lhe que seria um grande cumprimento, porque quase nunca se apaixona por ninguém.

- Mr. Willoughby é muito conhecido na região de Somersetshire? – perguntou Elinor.

- Oh! Sim, bastante conhecido. Isto é, não creio que muitas pessoas o conheçam, pois Combe Magna fica muito longe! Mas todos o acham extremamente agradável, posso lhe garantir. Ninguém é mais apreciado que Mr. Willoughby, em qualquer lugar que vá, e pode

dizer isso à sua irmã. Ela é uma moça extremamente afortunada por tê-lo conquistado, palavra de honra. Mas ele é ainda mais afortunado por tê-la conquistado, porque ela é muito bonita e agradável, tanto que nada pode ser bom demais para ela. Entretanto, não acho que ela seja mais bonita que você Elinor, de jeito nenhum! E Mr. Palmer tem o mesmo

pensamento, garanto-lhe, apesar de não ter admitido ontem à noite.

As informações de Mrs. Palmer a respeito de Willoughby não foram muito substanciais, mas qualquer testemunho a seu favor, por menor que fosse, agradava Elinor.

- Estou tão contente por finalmente nos conhecermos - continuou Charlotte. - E agora espero que sejamos grandes amigas. Você não conseguiria imaginar o quanto eu desejava conhecê-la! É tão maravilhoso que more em um chalé! Nada se compara, garanto-lhe isso! E estou tão feliz porque sua irmã vai se casar tão bem! Espero que você passe um bom tempo em Combe Magna. É um lugar delicioso, sob todos os pontos de vista.

- Faz muito tempo que você conhece o Coronel Brandon, não é mesmo?

- Sim, bastante tempo, desde o casamento de minha irmã. Ele era amigo íntimo de Sir John. Eu creio - acrescentou Mrs. Palmer em voz baixa - que ele teria gostado muito de ter se casado comigo, se pudesse. Sir John e Lady Middleton também desejavam muito. Porém, mamãe não achou a união suficientemente boa para mim, caso contrário Sir John teria falado com o Coronel e teríamos nos casado imediatamente.

- O Coronel Brandon sabia do pedido de casamento de Sir John à sua mãe antes que ele fosse feito? Alguma vez ele manifestou seu afeto para você?

- Oh, não! Mas se mamãe não tivesse nenhuma objeção, garanto que ele adoraria. Ele não tinha me visto mais que duas vezes, porque foi antes de eu sair da escola. Mas, sou muito mais feliz como sou. Mr. Palmer é o tipo de homem que aprecio.

[1] Cleveland: cidade localizada na região noroeste da Inglaterra. (N. T.)

[2] Membro do Parlamento. (N. T.)

[3] Cidade localizada no sudoeste da Inglaterra. (N. T.)

CAPÍTULO XXI

Os Palmers regressaram a Cleveland no dia seguinte, e as duas famílias de Barton voltaram a entreter uma à outra. Mas isso não durou muito; Elinor mal conseguira tirar da cabeça os últimos visitantes – mal deixara de se espantar com o fato de Charlotte ser tão feliz sem causa aparente, e de Mr. Palmer agir de maneira tão simples sendo um homem de tantas qualidades, além da estranha discordância que às vezes existia entre marido e mulher – e o ativo zelo de Sir John e Mrs. Jennings pela causa da sociedade, já oferecia a Elinor um novo grupo de conhecidos para ver e observar.

Durante um passeio matinal a Exeter, encontraram duas jovens que Mrs. Jennings teve a satisfação de descobrir que eram parentes, e isto bastou para que Sir John as convidasse para visitar Barton Park, assim que terminasse o compromisso que tinham em Exeter. Os compromissos em Exeter foram imediatamente cancelados ante tal convite, e Sir John, assim que voltou para casa, causou bastante surpresa em Lady Middleton ao avisá-la que em breve teriam a visita de duas moças, a quem ela nunca tinha visto na vida, e de cuja elegância e até tolerável nobreza não tinha prova alguma, pois as garantias apresentadas por seu esposo e sua mãe não lhe serviam de nada. O fato de serem parentes atrapalhava ainda mais as coisas, e as tentativas de Mrs. Jennings de consolar a filha foram ainda mais desafortunadas, quando lhe advertiu

que não deveria se preocupar se eram elegantes em excesso, porque eram primas e deviam tolerar-se umas às outras. Entretanto, como agora era impossível evitar que viessem, Lady Middleton se resignou com a ideia da visita, com toda filosofia de uma mulher bem-educada, contentando-se apenas com uma gentil repreensão ao marido cinco ou seis vezes ao dia.

As jovens chegaram, e sua aparência não era, em absoluto, pouco refinada ou sem estilo. Os vestidos eram muito elegantes, suas maneiras eram corteses, se mostraram encantadas com a casa e maravilhadas com os móveis, e elas adoravam crianças, o que fez com que Lady Middleton as aprovasse antes que se passasse uma hora de sua chegada. Afirmou que eram moças muito agradáveis, o que para ela implicava em uma entusiasmada admiração. A confiança de Sir John em seu próprio julgamento cresceu com esses elogios tão calorosos, e ele partiu diretamente em direção ao chalé para contar às Dashwoods a respeito da chegada das Steeles, e para garantir que eram as moças mais doces do mundo. Diante de tal elogio, porém, não havia muito mais para descobrir; Elinor sabia muito bem que as moças mais doces do mundo podiam ser encontradas em qualquer parte da Inglaterra, sob todas as variações possíveis de forma, rosto, temperamento e inteligência. Sir John queria que toda a família fosse imediatamente a Barton Park para ver suas hóspedes. Que homem benevolente e filantrópico! Para ele, era difícil guardar para si até uma prima em terceiro grau.

- Venham agora - disse ele - insisto que venham! Vocês devem vir! Precisam vir! Não podem imaginar o quanto gostarão delas. Lucy é imensamente bonita, bastante bem humorada e agradável! As crianças já estão apegadas a ela, como se fosse uma antiga conhecida. E as duas morrem de vontade de conhecer vocês, pois ouviram em Exeter que vocês são as criaturas mais

lindas do mundo, e eu lhes disse que era absolutamente verdade, e muito mais. Tenho certeza que vocês se encantarão com elas. Trouxeram a carruagem cheia de brinquedos para as crianças. Como podem deixar de ir? Afinal de contas, são suas primas de alguma maneira. Vocês são minhas primas, e elas são primas de minha esposa, então vocês possuem algum grau de parentesco.

Mas Sir John não conseguiu convencê-las. Apenas obteve a promessa de que iriam a Barton Park em dois ou três dias, e logo partiu assombrado com a indiferença delas, para voltar para casa e ali mencionar novamente as qualidades das Dashwoods para as Steeles, da mesma maneira que havia elogiado as Steeles para elas.

Quando finalmente visitaram Barton Park e foram apresentadas às duas moças, Elinor e Marianne não encontraram na aparência da mais velha, então com quase trinta anos e um rosto muito comum e sem espírito, nada que

pudessem admirar. Mas na outra, que não tinha mais que vinte e dois ou vinte e três anos, perceberam uma beleza considerável; suas feições eram bastante bonitas, tinha um olhar vivo e penetrante e um jeito inteligente que, embora não lhe desse verdadeira elegância ou graça, dava distinção à sua pessoa. Suas maneiras eram particularmente educadas, e Elinor teve que reconhecer que elas possuíam algum bom senso, quando viu o quanto eram constantes e oportunas as atenções que davam à Lady Middleton. Estavam sempre maravilhadas com as crianças, exaltando sua beleza, atraindo sua atenção e satisfazendo todos os seus caprichos. E no tempo que lhes sobrava das importunas exigências da educação, dedicavam-se a admirar o que quer que Lady Middleton estivesse fazendo, caso ela estivesse fazendo algo, ou copiando o modelo de algum elegante vestido novo, que ao vê-la usar no dia anterior ficaram em completo estado de êxtase. Felizmente para aqueles que buscam adular uma mãe dedicada tocando neste tipo fraquezas, embora ela seja o mais ávido dos seres humanos quando se trata de buscar elogios para os seus filhos, são igualmente os mais crédulos; suas necessidades são exorbitantes, mas engolem qualquer coisa. Desta forma, Lady Middleton aceitava sem a menor surpresa ou desconfiança as demonstrações exageradas de afeto e paciência que as Steeles faziam aos seus filhos. Via com complacência maternal todas as impertinências e travessuras a que as primas se sujeitavam. Observava como as crianças desatavam seus cintos, puxavam seus cabelos, reviravam suas bolsas roubando tesouras e facas,

e não teve dúvida alguma de que aquilo era uma diversão recíproca. Parecia que a única coisa que a surpreendia era que Elinor e Marianne ficassem sentadas, tão quietas, sem pedirem para tomar parte no que ocorria.

- John está tão animado hoje! - disse ela, vendo-o pegar o lenço de Miss Steele e jogá-lo pela janela. - Não deixa de fazer travessuras!

E logo depois, quando o segundo de seus filhos beliscou violentamente um dos dedos da mesma moça, observou com carinho:

- Como William é brincalhão!

- E aqui está minha doce Annamaria - acrescentou Lady Middleton, acariciando ternamente sua filhinha de três anos, que não fizera nenhum barulho nos últimos dois minutos

- Ela é sempre tão meiga e quieta, jamais existiu uma criança tão tranquila.

Mas infelizmente, ao abraçar a menina, um dos grampos da travessa de cabelo de

Lady Middleton arranhou de leve o pescoço da criança, fazendo com que esse padrão de gentileza produzisse gritos tão violentos que dificilmente poderiam ser superados por qualquer criatura reconhecidamente barulhenta. A consternação de sua mãe foi enorme, mas não pôde superar o alarma das Steeles, e,

em uma emergência tão crítica, as três fizeram tudo que o afeto lhes permitiu fazer para apaziguar a agonia da pequena sofredora. Foi colocada no colo da mãe, coberta de beijos, e uma das Steeles ficou de joelhos para limpar sua ferida com água de lavanda, enquanto a outra enchia a boca da menina com confeitos. Com tal prêmio por suas lágrimas, a criança foi muito esperta para deixar de chorar. Continuou gritando e soluçando bem alto, deu chutes nos irmãos quando estes tentaram tocá-la, e nada do que faziam para acalmá-la teve o menor resultado, até que felizmente Lady Middleton lembrou-se que, em uma cena de aflição semelhante na semana anterior, usaram um pouco de geleia de damasco para um machucado na têmpora, e então propôs insistentemente o mesmo remédio para o infelizmente arranhão; ao ouvir aquilo a menininha fez um breve intervalo de silêncio, o que lhes deu motivos para acreditar que não seria rejeitado. Ela foi levada para fora da sala nos braços da mãe, em busca do remédio, e os meninos acabaram seguindo-as, apesar de veementemente instados pela mãe a ficarem. As quatro jovens foram deixadas em um silêncio que a sala não conhecia há muitas horas.

- Pobres criaturas! - disse Miss Steele, assim que elas saíram. - Pode ter sido um acidente muito triste.

- Não vejo como - exclamou Marianne - a menos que tivesse ocorrido em circunstâncias muito diferentes. Mas esta é a maneira habitual de exagerar o alarme, quando na realidade não há nada de assustador.

- Que mulher encantadora é Lady Middleton! - disse Lucy Steele.

Marianne ficou em silêncio, era-lhe impossível dizer algo que não sentia, por mais trivial que fosse a situação, e desta forma sempre recaía sobre Elinor toda a tarefa de dizer mentiras quando a educação exigisse. Ela fez o melhor possível, quando foi instada, falando de Lady Middleton com mais entusiasmo do que sentia, apesar de ficar muito aquém de Miss Lucy.

- E Sir John também - exclamou a irmã mais velha. - Que homem encantador!

Também neste caso, como a boa opinião que Miss Dashwood tinha dele era apenas simples e justa, não teve nenhum exagero. Apenas observou que era muito bem humorado e amigável.

- E que encantadora família eles têm! Nunca vi crianças tão maravilhosas em toda minha vida. Posso dizer que já os adotei a todos! E eu, de fato, nunca fui apaixonada por crianças.

- Seria capaz de imaginar - disse Elinor sorrindo - depois do que vi esta manhã.

- Tenho a impressão - disse Lucy - que você acha os filhos dos Middletons um tanto mimados demais, talvez sejam um pouco mais do que devem, mas é tão natural em Lady Middleton, e da minha parte, me encanta ver crianças tão cheias de vida e alegria, não as suporto quando são dóceis e quietas.

- Eu confesso - respondeu Elinor - que quando estou em Barton Park, nunca penso com horror em crianças dóceis e quietas.

Uma pequena pausa sucedeu essas palavras, a qual foi quebrada por Miss Steele, que parecia muito disposta a conversar e disse de maneira muito repentina:

- E o que acha de Devonshire, Miss Dashwood? Suponho que sentiu muito ao ter que deixar Sussex.

Com certa surpresa pela familiaridade da pergunta, ou pelo menos pelo modo como foi feita, Elinor respondeu que sim.

- Norland é um lugar prodigiosamente bonito, não é verdade? - acrescentou Miss Steele.

- Ouvimos que Sir John tem uma enorme admiração pelo lugar - disse Lucy, que parecia julgar necessária alguma desculpa para justificar a liberdade tomada pela irmã.

- Eu creio que todos que ali estiveram devem admirar - respondeu Elinor - embora não seja de se supor que alguém aprecie suas belezas como nós.

- E lá havia muitos rapazes bonitos? Acho que não existem muitos por aqui, e quanto a mim, creio que eles nunca são demais.
- Mas por que pensaria – disse Lucy, um tanto envergonhada da irmã – que não há muitos jovens distintos em Devonshire como há em Sussex?
- Não, minha querida, não é isso, não tenho a intenção de dizer que não existam. Tenho certeza que há muitos rapazes bonitos em Exeter, mas como eu poderia saber se existem tais rapazes em Norland? E eu apenas temia que as Dashwoods pudessem achar Barton um lugar entediante, se aqui não houvesse tantos como lá. Mas, mocinhas, talvez vocês não se preocupem muito com os rapazes bonitos, e sigam suas vidas com ou sem eles. Da minha parte, penso que são bastante agradáveis, sempre que se vistam de maneira elegante e se comportem gentilmente. Mas não suporto vê-los sujos e desleixados. Veja, por exemplo, Mr. Rose de Exeter, ele é um prodigioso jovem, muito bonito, empregado de Mr. Simpson, e se, por acaso, o encontram pela manhã, não é algo agradável de ver. Miss Dashwood, creio que seu irmão era um rapaz muito bonito, antes de se casar, pois era tão rico, não é mesmo?
- Dou-lhe minha palavra – respondeu Elinor – que não saberia dizê-lo, não entendo muito bem o significado da palavra. Mas posso lhe garantir que, se alguma vez ele foi um bonitão antes de se casar, ainda o é, pois não mudou nada desde então.

- Oh, querida! Nunca se pensa em homens casados como exemplos de beleza, eles têm mais o que fazer.

- Meu Deus, Anne! – exclamou a irmã – você só fala de rapazes bonitos, agindo assim vai fazer com que Miss Dashwood acredite que você só pensa nisso.

Então para mudar de assunto, ela começou a admirar a casa e os móveis.

Esta amostra do que eram as Steeles foi suficiente. As vulgares liberdades tomadas e a insensatez da mais velha não a recomendavam, e como Elinor não se deixara influenciar pela beleza ou sagacidade da mais jovem, a ponto de não perceber sua falta de elegância e naturalidade, deixou a casa sem o menor interesse em conhecê-las melhor.

O mesmo não aconteceu com as Steeles. Vieram de Exeter cheias de admiração por Sir John, sua família e todos os seus parentes, e uma boa proporção era agora reservada às suas primas, que declaravam ser as moças mais bonitas, elegantes, perfeitas e agradáveis que já tinham visto, e com as quais desejavam estreitar os laços de amizade. Conhecerem-se melhor, como Elinor logo descobriu, era sua sina inevitável, pois Sir John estava tão completamente a favor das Steeles, que o grupo deles era forte demais para alguém se opor, e elas teriam de se sujeitar àquele tipo de intimidade que consiste em permanecerem sentados no mesmo aposento durante uma ou

duas horas, quase que diariamente. Sir John não podia fazer nada além disso, mas não sabia que era preciso algo mais. Em sua opinião, o fato de estarem juntas significava serem íntimas, e enquanto seus planos para que se reunissem surtiram efeito, não lhe restavam dúvidas de que eram amigas de verdade.

Para fazer-lhe justiça, Sir John fez tudo ao seu alcance para promover uma relação sem reservas entre elas, contando às Steeles tudo o que sabia, ou imaginava saber, a respeito da situação de suas primas nos aspectos mais delicados. E assim, antes que Elinor as visse mais do que duas vezes, foi felicitada pela mais velha por sua irmã ter tido a sorte de conquistar um homem tão bonito, depois que chegaram a Barton.

- Vai ser ótimo que se case tão jovem, tenho certeza - disse ela - e ouvi dizer que ele é muito bonito, lindíssimo. E espero que você também tenha a mesma sorte em breve, mas talvez você já tenha um pretendente por aí.

Elinor não podia imaginar que Sir John fosse mais discreto em proclamar suas suspeitas a respeito de Edward, do que fizera a respeito de Marianne. De fato, das duas esta era sua piada favorita, por ser mais nova e suscetível a conjecturas, e desde a visita de Edward, eles nunca mais jantaram juntos sem que ele brindasse a saúde de pessoas queridas como ela, com uma voz tão cheia de significados, tantos movimentos da cabeça e piscadelas, que chamava a atenção de todos. A letra F também foi invariavelmente mencionada e com ela foram feitas tantas

piadinhas, que há muito tempo a impuseram a Elinor como sendo a letra mais engenhosa do alfabeto.

As Steeles, tal como ela havia imaginado, passaram a gozar dos benefícios dessas piadas, e a mais velha ficou bastante curiosa em saber o nome do cavalheiro a que faziam alusão, curiosidade que, embora muitas vezes expressa em termos impertinentes, eram perfeitamente consistentes com seus constantes questionamentos sobre os assuntos relacionados à família Dashwood. Mas Sir John não brincou muito tempo com a curiosidade dela – algo que ele tinha satisfação em aumentar, pois sentia um prazer, no mínimo, tão grande em contar o nome, quanto Miss Steele em ouvi-lo.

– O nome dele é Ferrars – disse ele, com um sussurro muito alto – mas peço-lhe que não conte a ninguém, pois é um grande segredo.

– Ferrars! – repetiu Miss Steele – Mr. Ferrars é o felizardo, não é? Como! O irmão de sua cunhada, Miss Dashwood? Um rapaz muito agradável, com certeza, conheço-o muito bem.

– Como pode dizer isso, Anne? – exclamou Lucy, que geralmente corrigia todas as declarações da irmã. – Embora nos tenhamos visto uma ou duas vezes na casa de meu tio, é um exagero dizer que o conhecemos muito bem.

Elinor ouviu tudo com atenção e surpresa. “E quem era esse tio? Onde ele morava? Como se conheceram?” Ela desejava muito

que o assunto continuasse, embora preferisse não se juntar à conversa, porém nada mais foi dito a respeito e, pela primeira vez em sua vida, pensou que faltava à Mrs. Jennings tanto a curiosidade diante de tão pouca informação, quanto o desejo de transmiti-la. A forma como Miss Steele falara de Edward aumentou sua curiosidade, porque sentiu que ela falou de maneira maliciosa, e levantava a suspeita de que ela sabia, ou imaginava saber, alguma falha do rapaz. Mas sua curiosidade foi em vão, porque Miss Steele não prestou mais atenção no nome de Mr. Ferrars quando se fazia alusão a ele ou até mesmo quando era abertamente mencionado por Sir John.

CAPÍTULO XXII

Marianne que nunca teve muita tolerância para certas coisas como impertinência, vulgaridade, inferioridade de sentimentos, e até gostos muito diferentes dos seus, nesta ocasião estava particularmente indisposta, devido ao seu estado de ânimo, para tentar ser agradável com as Steeles, ou para encorajar suas tentativas de aproximação. À invariável frieza de seu comportamento em relação a elas, que frustrava todas as tentativas que faziam para estabelecer uma relação de intimidade, Elinor atribuía grande parte daquela preferência por ela que se tornou evidente nas maneiras de ambas, especialmente de Lucy, que não perdia nenhuma oportunidade de estabelecer uma conversa ou de tentar melhorar seu relacionamento com uma simples e franca comunicação de sentimentos.

Lucy era naturalmente inteligente, suas observações eram muitas vezes justas e divertidas, e como companhia durante meia hora, frequentemente Elinor a considerava agradável. Mas suas capacidades inatas não receberam o reforço da educação, ela era ignorante e iletrada, e sua deficiência de todo refinamento intelectual, sua falta de informação sobre os assuntos mais comuns, não podiam passar despercebidos a Miss Dashwood, apesar dos esforços que a jovem fazia para parecer superior. Elinor percebeu, e sentia pena por isso, o desperdício de capacidades que a educação tornaria

respeitáveis, mas percebeu, com menos ternura, a falta de delicadeza, de retidão moral e de integridade de opiniões, que eram demonstradas pelas atenções, pela bajulação e pela dissimulação com as quais tratava os Middletons. Além disso, não podia encontrar satisfação duradoura na companhia de uma pessoa na qual a ignorância fazia par com a falsidade, cuja falta de instrução impedia uma conversa em condições de igualdade entre elas, e cuja conduta para com os outros tornava sem valor qualquer demonstração de atenção e deferência com ela.

- Você vai achar minha pergunta um tanto estranha - disse Lucy um dia, enquanto caminhavam juntas de Barton Park até o chalé - mas, diga-me, por favor, conhece pessoalmente a mãe de sua cunhada, Mrs. Ferrars?

Elinor achou a pergunta muito estranha, e seu semblante deixou transparecer isso, enquanto respondia que nunca tinha visto Mrs. Ferrars.

- É mesmo! - replicou Lucy - é uma surpresa para mim, pois pensei que você a tivesse encontrado algumas vezes em Norland. Então não poderia me dizer que tipo de mulher ela é?

- Não, não sei nada sobre ela - respondeu Elinor, cautelosa para evitar dar sua verdadeira opinião sobre a mãe de Edward, e sem grandes desejos de satisfazer o que parecia uma curiosidade impertinente.

- Estou certa que pensará que sou muito estranha, por fazer perguntas sobre ela dessa maneira – disse Lucy, olhando atentamente para Elinor, enquanto falava – mas talvez existam motivos... Quisera poder me atrever, mas, confio no seu bom senso em acreditar que não desejo ser impertinente.

Elinor respondeu educadamente, e elas caminharam por alguns minutos em silêncio,

que foi quebrado por Lucy quando retomou o assunto, dizendo de modo vacilante:

- Eu não posso suportar que você pense que sou impertinentemente curiosa. Tenho certeza que daria qualquer coisa do mundo para que você, que é uma pessoa de boa opinião, não pense isso de mim. Estou certa que não teria o menor temor em confiar em você, na verdade ficaria muito contente se me desse um conselho a respeito de uma situação muito desconfortável como esta em que me encontro, mas não quero incomodá-la. Lamento que não conheça Mrs. Ferrars.

- Também lamento não conhecê-la – disse Elinor, perplexa – já que poderia ser de alguma utilidade para você saber minha opinião sobre Mrs. Ferrars. Mas eu nunca soube que você tivesse alguma ligação com aquela família, e, portanto, estou um pouco surpresa, confesso, com esse questionamento sobre o caráter dela.

- Sei que está surpresa, e devo dizer que não me admira que esteja. Mas se eu ousasse lhe contar tudo, você não ficaria tão surpresa. Na realidade Mrs. Ferrars não é nada para mim no momento, mas chegará o dia - e quando isso vai acontecer é algo que dependerá dela - em que seremos intimamente ligadas.

Baixou os olhos ao dizer isto, docemente tímida, com apenas um olhar de relance para ver a reação de Elinor.

- Deus do céu! - exclamou Elinor - O que quer dizer com isso? Você está comprometida com Mr. Robert Ferrars? É possível? - E Elinor não se sentiu muito contente com a ideia de tê-la como cunhada.

- Não - respondeu Lucy - não Mr. Robert Ferrars. Eu nunca o vi em toda minha vida, mas - fixando os olhos em Elinor - refiro-me ao seu irmão mais velho.

O que Elinor sentiu naquele momento? Espanto, que teria sido tão doloroso quanto violento, se não houvesse desconfiado imediatamente da declaração que acabara de ouvir. Ela se virou para Lucy em silencioso assombro, incapaz de adivinhar a razão ou o motivo daquela declaração, e apesar de seu rosto mudar de cor, manteve-se firme na incredulidade, e sentiu-se livre de um ataque histérico ou um desmaio.

- Você deve estar surpresa - continuou Lucy - pois certamente não poderia ter nenhuma ideia a esse respeito, já que tenho certeza que ele nunca deixou escapar o menor

indício sobre o assunto, nem a você nem à sua família Foi sempre um grande segredo, e posso assegurar que não saiu da minha boca uma só palavra até o momento. Nem sequer uma pessoa de minha família sabe, com exceção de Anne, e jamais teria dito a você se não tivesse a maior confiança do mundo na sua discrição; e realmente achei que meu comportamento ao lhe fazer tantas perguntas sobre Mrs. Ferrars foi um tanto estranho, e necessitava uma explicação. Não creio que Mr. Ferrars possa se sentir contrariado ao saber que eu confiei em você, pois sei que ele tem a melhor opinião do mundo sobre sua família, e considera você e às outras srtas. Dashwood como se fossem suas próprias irmãs – ela fez uma pausa.

Elinor permaneceu em silêncio por alguns momentos. Estava tão espantada com o que ouvira que não tinha palavras para expressar sua opinião, mas depois de um tempo, obrigando-se a falar, e falar com cuidado, disse de um modo tranquilo que ocultava de maneira razoável sua surpresa e ansiedade:

- Posso perguntar-lhe se seu compromisso é de longa data?
- Nós estamos noivos há quatro anos.
- Quatro anos!
- Sim.

Elinor, bastante chocada, ainda assim não conseguia acreditar naquilo.

- Até outro dia eu não sabia sequer que vocês se conheciam – disse ela.
- Nós nos conhecemos, porém, há muitos anos. Ele esteve sob os cuidados de meu tio, como sabe, por um bom tempo.
- Seu tio!
- Sim, Mr. Pratt. Você nunca ouviu Edward falar de Mr. Pratt?
- Eu creio que sim – respondeu Elinor, fazendo um esforço que aumentava à medida que sua emoção aumentava.
- Ele ficou quatro anos com meu tio, que mora em Longstaple, próximo a Plymouth. Foi quando nos conhecemos, pois eu e minha irmã sempre ficávamos na casa de meu tio, e foi lá que firmamos nosso compromisso, só um ano depois que ele deixara de ser seu aluno, embora continuasse a nos visitar. Como você deve imaginar, eu não me sentia muito à vontade em continuar aquela relação sem a aprovação da mãe dele, mas eu era muito jovem e o amava muito para ser prudente como deveria ter sido. Embora você não o conheça tão bem quanto eu, Miss Dashwood, deve ter visto o suficiente para dar-se conta de que ele é muito capaz de despertar em uma mulher um afeto sincero por ele.
- Certamente – respondeu Elinor, sem saber o que dizia, mas após um momento de reflexão, ela acrescentou, com renovada segurança na honra e no amor de Edward, e na falsidade de sua companheira:

- Comprometida com Mr. Ferrars! Confesso que estou completamente surpresa com o que você disse, que na verdade, peço-lhe que me desculpe, mas com toda certeza deve haver algum equívoco de pessoa ou de nome. Não podemos estar falando do mesmo Mr. Ferrars.

- Não podemos estar falando de nenhum outro - exclamou Lucy, sorrindo. - Mr. Edward Ferrars, o filho mais velho de Mrs. Ferrars, de Park Street, e irmão de sua cunhada, Mrs. John Dashwood, é a pessoa a quem me refiro. Há de convir que não posso estar enganada com relação ao nome daquele de quem depende minha felicidade.

- É estranho - respondeu Elinor, completamente perplexa - que eu nunca o tenha ouvido sequer mencionar seu nome.

- Não, considerando a nossa situação, não é estranho. Nossa principal preocupação foi manter o assunto em segredo. Você não sabia nada sobre mim ou sobre minha família, e, portanto, não podia haver oportunidade para ele mencionar meu nome a você, e, como ele era particularmente preocupado que a irmã suspeitasse de algo, já era motivo suficiente para não mencionar nada a meu respeito.

Ela ficou em silêncio. A segurança de Elinor desapareceu, mas ainda lhe restava seu autocontrole.

- Quatro anos que vocês estão comprometidos! - disse ela com voz firme.

- Sim, e Deus sabe quanto tempo mais teremos que esperar. Pobre Edward! Isso o deixa de coração partido. - E então, tirando uma pequena miniatura de seu bolso, acrescentou: - Para evitar a possibilidade de um engano, tenha a bondade de olhar esse rosto. É verdade que não lhe faz justiça, mas ainda assim penso que não pode ter dúvidas a respeito da pessoa que está ali desenhada. Já tenho essa imagem há mais de três anos.

Enquanto dizia essas palavras, colocou a miniatura nas mãos de Elinor. E quando Elinor viu a pintura, quaisquer outras dúvidas que o seu receio de uma decisão bastante apressada ou seu desejo de detectar uma falsidade ainda pudessem manter em seu espírito, agora se esvaíam ante a certeza de que aquele era o rosto de Edward. Devolveu a miniatura quase imediatamente, reconhecendo a semelhança.

- Eu nunca pude - continuou Lucy - dar meu retrato a ele, o que me incomoda muito, pois ele sempre quis tê-lo! Mas estou decidida a dar-lhe meu retrato na primeira oportunidade que tiver.

- Você tem toda razão - respondeu Elinor tranquilamente. Deram alguns passos em silêncio. Lucy falou primeiro.

- Estou certa - disse ela -, não tenho nenhuma dúvida de que guardará fielmente este segredo, porque sabe o quanto é importante para nós que essa informação não chegue aos ouvidos de Mrs. Ferrars, já que ela nunca aprovaria nossa

união. Não tenho nenhuma fortuna, e imagino que ela é uma mulher extremamente orgulhosa.

- Eu não busquei suas confidências - disse Elinor - mas você não me faz mais que justiça ao imaginar que sou confiável. Seu segredo está seguro comigo, mas perdoe-me se expresso alguma surpresa ante uma comunicação tão desnecessária. Ao menos deve ter sentido que o fato de eu conhecê-lo não o torna mais seguro.

Enquanto dizia isto, olhava Lucy com firmeza, na esperança de descobrir algo em seu semblante, talvez a falsidade da maior parte do que dissera, contudo, a fisionomia de Lucy permaneceu inalterada.

- Tive medo que pensasse que estou tomando grandes liberdades com você - disse ela - ao contar-lhe tudo isso. Não a conheço há muito tempo, ao menos pessoalmente, mas já faz um longo tempo que conheço você e sua família de ouvir falar. Assim que a vi, senti como se fosse uma velha amiga. Além disso, neste caso, realmente pensei que lhe devia alguma explicação depois de ter feito tantas perguntas sobre a mãe de Edward, e infelizmente não tenho ninguém a quem pedir conselhos. Anne é a única pessoa que sabe disso, mas ela não tem juízo, na verdade, causa-me muito mais prejuízo do que ajuda, porque estou sempre com medo que traia o meu segredo. Ela não sabe segurar a língua, como deve ter percebido, e confesso que jamais senti tanto medo de que ela contasse, como ocorreu outro dia, quando Sir John mencionou

o nome de Edward. Não imagina o quanto sofro com isto. Já estou surpresa por estar viva depois de tudo que sofri por causa de Edward nestes quatro anos. Tanto suspense e incerteza, e vendo-o tão pouco... Raramente podemos nos encontrar mais que duas vezes ao ano. Não sei como meu coração não está despedaçado.

Nesse instante, pegou seu lenço, mas Elinor não sentiu pena dela.

- Às vezes - continuou Lucy, depois de enxugar os olhos - eu penso se não seria melhor para nós encerrarmos o assunto por completo. - Enquanto dizia isto, olhava diretamente para Elinor. - Mas, outras vezes, não tenho coragem suficiente para tanto. Não posso suportar a ideia de fazê-lo tão infeliz, como sei que a simples menção de tal coisa o faria. E também por mim mesma... gosto tanto dele... não creio que seja capaz de fazê-lo. O que aconselharia em um caso como este, Miss Dashwood? O que você faria?

- Perdoe-me - respondeu Elinor, assustada com a pergunta - mas não posso dar nenhum conselho nestas circunstâncias. Seu próprio julgamento deve guiá-la.

- Certamente - continuou Lucy, após alguns minutos de silêncio entre ambas - mais cedo ou mais tarde sua mãe terá de lhe oferecer os meios para viver, e o pobre Edward se sente tão abalado por tudo isso! Não lhe pareceu terrivelmente

desanimado quando esteve em Barton? Ele estava tão triste quando deixou Longstaple para visitá-las, que tive receio que pensassem que ele estivesse doente.

- Então ele vinha da casa de seu tio, quando nos visitou?
- Oh, sim, ele ficou quinze dias conosco. Você achou que ele vinha direto de Londres?
- Não - respondeu Elinor, tornando-se mais sensível a cada nova circunstância a favor da veracidade de Lucy. - Lembro-me que ele nos disse, que estivera por quinze dias com alguns amigos perto de Plymouth.

Elinor lembrava-se também de sua própria surpresa no momento, pois ele não disse mais nada sobre aqueles amigos, nem sequer seus nomes.

- Você o achou bastante triste? - repetiu Lucy.
- Na realidade, achamos sim, particularmente quando ele chegou.
- Implorei para que ele fizesse um esforço, temendo que vocês suspeitassem de algo, mas ele ficou tão triste por não poder passar mais de quinze dias conosco, e vendo-me tão afetada... Pobre homem! Receio que esteja acontecendo o mesmo com ele agora, pois suas cartas são muito tristes. Tive notícias dele antes de sair de Exeter - tirando do bolso uma carta e mostrando despreocupadamente o envelope para Elinor. - Você conhece a letra dele, imagino, uma letra

encantadora, mas não foi tão bem escrita como de costume. Ele devia estar cansado, porque acabou por preencher toda a folha, de um lado e do outro, para mim.

Elinor viu que era a letra de Edward, e não teve mais dúvidas. O retrato, ela se permitira acreditar que pudesse ter sido obtido por acaso, poderia não ter sido um presente de Edward, mas a troca de cartas entre eles só poderia indicar um compromisso verdadeiro, nada senão isso poderia autorizá-la. Durante alguns instantes pensou que fosse desmaiar... Seu coração estava despedaçado, e ela mal podia ficar de pé, mas era indispensável manter-se firme, e lutou tão resolutamente contra a opressão de seus sentimentos que logo o conseguiu, e seu êxito - pelo menos naquele momento - foi completo.

- Escrever um para o outro - disse Lucy, guardando a carta no bolso - é o único consolo que temos durante essas prolongadas separações. Sim, tenho outro consolo, o retrato dele, mas o pobre Edward nem isso tem. Se ele tivesse meu retrato, disse que seria mais fácil para ele. A última vez que estive em Longstaple, dei-lhe uma mecha dos meus cabelos em um

anel, e aquilo lhe serviu de consolo, disse-me, mas não é o mesmo que ter um retrato. Talvez você tenha notando o anel quando o viu?

- Notei sim - disse Elinor, com a voz firme, sob a qual se escondia uma emoção e uma coragem maiores do que jamais havia sentido. Ela estava mortificada, chocada, confusa.

Felizmente para ela, haviam chegado ao chalé, e a conversa não pôde continuar. Depois de permanecerem com elas alguns minutos, as Steeles voltaram a Barton Park e Elinor teve então liberdade para pensar e entregar-se à infelicidade.

C A P I T U L O XXIII

Por menor que fosse a confiança de Elinor na sinceridade de Lucy, era-lhe impossível, pensando com seriedade, suspeitar dela nas circunstâncias atuais, onde nenhuma tentação poderia induzi-la a inventar mentiras com tantos detalhes. O que Lucy dizia ser a verdade, Elinor não podia, não ousaria continuar duvidando, respaldado como estava de maneira tão absoluta por tantas probabilidades e provas, e contrariado apenas pelos seus desejos. A oportunidade que tiveram de se conhecer na casa de Mr. Pratt serviu de fundamento para o resto, um fundamento ao mesmo tempo indiscutível e alarmante; e a visita de Edward nas proximidades de Plymouth, seu estado melancólico, a insatisfação com suas perspectivas, seu comportamento incerto para com ela, o conhecimento íntimo que as Steeles tinham sobre Norland e as amizades da família, que muitas vezes a surpreendera; o retrato, a carta, o anel, tudo junto constituía um conjunto de provas tão sólido que anulava qualquer temor de condenar Edward injustamente, e estabelecia como um fato, que nenhuma parcialidade poderia ocultar, a falta de consideração de Edward para com ela. Seu ressentimento ante tal comportamento, sua indignação por ter sido enganada por ele, por um breve tempo fizeram com que se concentrasse apenas em seus próprios sentimentos. Mas logo surgiram outras ideias, outras considerações. Será que Edward a enganara intencionalmente? Será que ele havia fingido um

afeto que não sentia? Seu compromisso com Lucy era por amor? Não. Mesmo que pudesse ter sido assim no passado, ela não conseguiria acreditar que ainda fosse no presente. O afeto de Edward pertencia somente a ela. Não podia estar enganada quanto a isso. Sua mãe, suas irmãs, Fanny, todos tinham se dado conta do interesse que Edward havia demonstrado por ela em Norland, não era uma ilusão de sua própria vaidade. Com certeza ele a amava. Como seu coração se acalmou com esta certeza! Quantas coisas mais não seria tentada a perdoar! Ele era culpado, bastante culpado, de permanecer em Norland após sentir pela primeira vez que a influência que ela tinha sobre ele era maior do que o comum. Nisso, ele não tinha defesa, mas se ele a tivesse ferido, teria ferido muito mais a si mesmo. Se o caso dela era digno de compaixão, o dele era desesperador. Se durante algum tempo a imprudência de Edward a fez infeliz, para ele parecia a privação de toda chance de ser feliz novamente. Com o tempo, ela poderia conquistar a tranquilidade, mas ele, o que poderia esperar? Será que poderia ser toleravelmente feliz com Lucy Steele? Se o afeto por ela era impossível, com toda sua integridade, delicadeza e inteligência, será que poderia sentir-se satisfeito com uma esposa como Lucy? Inculta, artilosa e egoísta?

A paixão juvenil dos dezenove anos naturalmente o cegou a tudo o que não fosse a beleza e bom caráter de Lucy, mas os quatros anos seguintes – anos que, se passados racionalmente, enriqueceriam seu entendimento – deviam ter aberto seus olhos

para os defeitos de educação dela, enquanto o mesmo período de tempo, vivido por ela em companhia de pessoas de condições inferiores e entregue aos interesses mais frívolos, talvez lhe tenha roubado aquela simplicidade que antigamente dava um caráter interessante à sua beleza.

Se, na suposição de que pretendia se casar com Elinor, os obstáculos impostos por sua

mãe pareciam enormes, o quanto não seriam agora, quando a pessoa com quem ele estava comprometido era sem dúvida inferior a ela em relações e, provavelmente, também em riqueza. Essas dificuldades, de fato, com o coração tão afastado de Lucy, não deviam exercer muita pressão sobre sua paciência, mas a melancolia, não poderia ser senão o estado natural de uma pessoa que se sente aliviada com a expectativa de oposição e falta de gentileza por parte de sua família!

À medida que essas considerações lhe ocorriam, em dolorosa sucessão, chorava mais por ele do que por si mesma. Apoiada na convicção de não ter feito nada para merecer sua presente infelicidade, e consolada pela crença de que Edward não havia feito nada para perder sua estima, pensou que podia, mesmo agora, sob o primeiro impacto de tão duro golpe, ter autocontrole suficiente para evitar qualquer suspeita da verdade por parte da mãe e das irmãs. E cumpriu tão bem suas próprias expectativas, que quando se juntou a elas para o

jantar, apenas duas horas depois de ter visto a extinção de todas as suas mais caras esperanças, ninguém conseguiria imaginar, pela aparência das irmãs, que Elinor lamentava em segredo os obstáculos que deviam separá-la para sempre do objeto de seu amor, e que Marianne estivesse internamente lembrando as perfeições de um homem, cujo coração sentia possuir inteiramente, e a quem esperava ver em cada carruagem que se aproximava da casa.

A necessidade de esconder da mãe e de Marianne algo que lhe fora confiado em segredo, embora lhe exigisse um esforço contínuo, não agravava a angústia de Elinor. Pelo contrário, era um alívio ser poupada de comunicar-lhes uma notícia que causaria tanta aflição em ambas, e evitar ouvi-las condenarem Edward, o que provavelmente ocorreria pelo excesso de amor que tinham por ela, mas que era mais do que conseguiria suportar.

Elinor sabia que não poderia receber ajuda alguma dos conselhos ou das conversas com elas, pois a ternura e a pena que manifestariam só iria aumentar a dor que sentia, enquanto seu autocontrole não receberia estímulo nem de seu exemplo nem de seus elogios. Ela era mais forte sozinha, e seu próprio bom senso tão bem lhe serviu de apoio, que sua firmeza se manteve tão inabalável, sua aparência alegre tão invariável, quanto era possível em meio a sofrimentos tão pungentes e recentes.

Por mais que tivesse sofrido naquela primeira conversa com Lucy sobre o assunto, logo sentiu um vivo desejo de renová-la, e tinha mais de uma razão para isso. Queria ouvir outra vez muitos detalhes de seu compromisso, desejava entender com maior clareza o que Lucy realmente sentia por Edward, se era verdadeiramente sincera ao dizer que gostava dele, e em especial, queria convencer Lucy, pela presteza em voltar ao assunto e sua tranquilidade em conversar sobre ele, que só estava interessada naquilo por amizade, algo que temia que a sua involuntária agitação tivesse tornado pelo menos duvidoso durante sua conversa matinal. Que Lucy estivesse inclinada a ter ciúmes dela parecia bastante provável, era evidente que Edward sempre lhe falara sobre ela com muitos elogios, não só pela própria afirmação de Lucy, mas pelo fato de arriscar-se a confiar a Elinor, apesar de seu recente conhecimento, um segredo tão reconhecido e evidentemente importante. E até mesmo as brincadeiras maliciosas de Sir John devem ter pesado um pouco. Mas, enquanto Elinor permanecia segura de que Edward realmente a amava, não eram necessários mais cálculos de probabilidades para considerar natural que Lucy sentisse ciúmes, e a própria confiança do segredo era a maior prova disso.

Que outra razão podia haver para revelar seu segredo, senão que Elinor soubesse dos direitos superiores de Lucy em relação a Edward, e assim aprendesse a evitá-lo no futuro? Não tinha

dificuldades para compreender as intenções de sua rival, e enquanto estava firmemente decidida a agir de acordo com seus princípios de honra e honestidade para lutar contra seu próprio afeto por Edward, e vê-lo o mínimo possível, não podia negar a si mesma o consolo de tentar convencer Lucy de que seu coração não estava ferido. E como já não podia ouvir algo ainda mais doloroso do que já ouvira, Elinor confiou em sua habilidade de ouvir com compostura a repetição de todos os detalhes.

Mas não conseguiu imediatamente uma oportunidade de fazer isso, embora Lucy estivesse tão propensa quanto ela para aproveitar a primeira que aparecesse, pois nem sempre o tempo estava bom o suficiente para permitir que fizessem uma caminhada, onde poderiam facilmente separar-se dos outros. Embora se vissem pelo menos uma tarde sim e outra não em Barton Park ou no chalé, mas em especial na casa de Sir John, não se podia supor que se encontrassem para conversar. Tal ideia jamais passaria na cabeça de Sir John ou de Lady Middleton, e assim sempre dispunham de muito pouco tempo para uma conversa, e nenhum para uma conversa íntima. Reuniam-se para comer, beber e rirem juntos, jogar cartas ou consequência[1], ou outros jogos que fossem suficientemente barulhentos.

Um ou dois encontros desse tipo já haviam ocorrido, sem que Elinor tivesse a oportunidade de ficar a sós com Lucy, quando uma manhã Sir John apareceu para pedir-lhes

encarecidamente que fossem jantar com Lady Middleton nesse dia, já que ele devia ir ao clube em Exeter, e ela ficaria completamente só, com exceção da presença de sua mãe e das Steeles. Elinor, que previu uma boa oportunidade para o que tinha em mente em uma reunião como aquela, onde estariam mais à vontade sob a tranquila e bem educada direção de Lady Middleton do que quando o marido as reunia para alguma atividade barulhenta, imediatamente aceitou o convite, e Margaret, com a permissão de sua mãe, também aceitou. Já Marianne, como de costume estava relutante a frequentar tais reuniões, mas sua mãe a convenceu a ir também, pois não suportava vê-la confinada sem qualquer diversão.

As jovens foram, e Lady Middleton felizmente foi preservada da assustadora solidão que a ameaçara. A insipidez da reunião foi exatamente como Elinor esperava, não produziu nenhuma ideia ou expressão nova, e nada pôde ser menos interessante que todas as conversas, tanto à mesa do jantar quanto na sala de estar: na última as crianças as acompanharam, e enquanto estiveram ali, ela teve a certeza absoluta que não conseguiria atrair a atenção de Lucy e nem sequer tentou. As crianças só se retiraram após o chá. Trouxeram então a mesa de jogos, e Elinor começou a pensar em como teve a esperança de que iria encontrar tempo para conversar em Barton Park. Todos se levantaram para uma partida de cartas.

- Estou contente - disse Lady Middleton à Lucy - que não vá terminar a cesta da minha pobrezinha Annamaria esta noite,

estou certa que fatigaria seus olhos trabalhando à luz de velas. E amanhã acharemos meios de compensar a desilusão de minha querida filhinha, e espero que não se importe muito.

A insinuação foi suficiente, Lucy lembrou-se imediatamente e respondeu:

- Na verdade, está muito equivocada, Lady Middleton. Esperava apenas saber se

você poderia fazer sua parceria sem a minha presença ou eu já estaria entregue aos trabalhos de filigrana[2]. Por nada neste mundo eu decepcionaria o anjinho, e se precisa de mim na mesa de jogos agora, estou decidida a terminar a cesta depois do jantar.

- Você é muito gentil, espero que não canse seus olhos... Pode tocar a campainha para que tragam mais velas? Minha pobre garotinha ficaria tristemente desapontada se a cesta não estiver terminada amanhã, pois embora eu tenha lhe dito que certamente não estaria, estou segura que ela confia em que esteja pronta.

Lucy puxou para perto de si sua mesa de trabalho, e sentou-se de novo com tal alegria e animação, que se poderia inferir que não havia maior prazer para ela do que fazer uma cesta decorada com filigranas para uma criança mimada.

Lady Middleton propôs que jogassem rubber of casino[3].

Ninguém fez objeção, com exceção de Marianne, que com sua habitual falta de atenção às normas gerais de civilidade, exclamou:

- Lady Middleton, tenha a bondade de desculpar-me, pois, como sabe, detesto cartas. Irei ao piano, não toco nele desde que foi afinado. - E sem mais cerimônias, virou-se e caminhou até o instrumento.

Lady Middleton olhou como se agradecesse aos céus por nunca ter dito palavras tão rudes.

- Marianne nunca pode ficar longe desse instrumento por muito tempo, minha

senhora - disse Elinor, tentando amenizar a ofensa - e não me espanto, pois esse é o piano mais afinado que já ouvi.

As cinco restantes estavam agora repartindo as cartas.

- Talvez - continuou Elinor - se eu for eliminada, poderia ser útil a Miss Lucy Steele, enrolando os papéis para ela. Ainda há tanto para fazer na cesta, que acredito ser impossível, somente com seu trabalho, terminá-la esta noite. Eu gostaria muito de fazer esse trabalho, se ela permitir que eu participe.

- Certamente ficarei muito agradecida se você me ajudar - exclamou Lucy - pois descobri que há mais a ser feito do que

eu acreditava, e seria algo terrível desapontar a querida Annamaria depois de tudo.

- Oh! De fato seria muito terrível! – disse Miss Steele. –
Pobre alma, como amo aquela menininha!

- Você é muito gentil – disse Lady Middleton a Elinor – e
como você realmente gosta do trabalho, talvez também queira
entrar no jogo apenas na próxima partida, ou prefere tentar a
sorte agora?

Elinor alegremente escolheu a primeira proposta, e assim, com
um pouco de cortesia, a qual Marianne jamais condescenderia
em praticar, atingiu seu objetivo e ao mesmo tempo agradou à
Lady Middleton. Lucy abriu espaço para ela com pronta
atenção, e as duas justas rivais se sentaram lado a lado à
mesma mesa, e, com a máxima harmonia se empenharam em
continuar com o mesmo trabalho. O piano em que Marianne,
envolvida com sua música e seus pensamentos, acabara por se
esquecer que havia outras pessoas na sala além dela mesma,

estava por sorte tão perto delas, que Miss Dashwood julgou
que, protegida pelo som, podia iniciar o interessante assunto
sem correr o risco de que alguém na mesa de cartas as ouvisse.

[1] Jogo de salão inglês. (N. T.)

[2] Obra de ourivesaria feita com finíssimos fios de ouro ou prata delicadamente entrelaçados e bordados. (N.T.)

[3] Popular jogo de cartas. (N.T.)

CAPÍTULO XXIV

Com um tom firme, porém cauteloso, Elinor começou assim:

- Não seria merecedora da confiança que você depositou em mim, se não desejasse prolongá-la, ou não sentisse maior curiosidade por esse tema. Então, não pedirei desculpas por trazê-lo novamente à tona.

- Obrigada - exclamou Lucy calorosamente - por quebrar o gelo, com isso tranquilizou meu coração, pois temia ofendê-la de alguma maneira com o que lhe disse na segunda-feira.

- Ofender-me! Como pôde pensar isso? - E Elinor falou com total sinceridade - acredite, nada poderia estar mais longe da minha intenção do que lhe passar semelhante ideia. Por acaso poderia ter algum motivo para essa confiança que não fosse honroso e lisonjeiro para mim?

- E mesmo assim eu lhe garanto - respondeu Lucy, com seus olhos espertos cheio de significado - que me pareceu haver uma frieza e um descontentamento em seus modos, que me fez sentir bastante incomodada. Estava certa de que estava zangada comigo, e desde então tenho me repreendido por ter tomado a liberdade de preocupá-la com os meus assuntos. Mas estou muito contente por descobrir que foi apenas minha imaginação, e você não me culparia por ela. Se soubesse que grande consolo, que alívio para meu coração, foi poder compartilhar com você aquilo em que sempre estou pensando,

cada instante da minha vida, tenho certeza que sua compaixão a faria passar por cima de tudo o mais.

- Realmente, é muito fácil acreditar que foi um grande alívio para você contar-me sua situação, e tenha certeza que você nunca terá razões para se arrepender disso. Seu caso é muito triste, vocês me parecem rodeados de dificuldades, e terão necessidade de todo afeto mútuo para poder resistir a elas. Mr. Ferrars, creio eu, depende inteiramente de sua mãe.

- Ele tem apenas duas mil libras de renda própria, seria loucura casar-se com apenas essa fonte de renda, embora, de minha parte, eu possa abrir mão de qualquer outra perspectiva sem suspirar, sempre fui acostumada a viver com pouca renda, e por ele enfrentaria qualquer pobreza. Mas eu o amo demais para ser o instrumento egoísta que lhe roube, talvez, tudo o que sua mãe poderia dar-lhe caso fizesse um casamento que a agradasse. Devemos esperar, talvez por muitos anos. Com quase qualquer outro homem do mundo seria uma perspectiva terrível, mas sei que nada pode tirar-me o afeto e a fidelidade de Edward.

- Essa convicção deve ser tudo para você, e sem dúvida ele está amparado pela mesma confiança em seus sentimentos. Se a força do afeto mútuo tivesse fraquejado, como naturalmente acontece com tanta gente e sob outras circunstâncias em um compromisso de quatro anos, sua situação seria lamentável de fato.

Lucy levantou os olhos, mas Elinor teve cuidado para que seu rosto não mostrasse nenhuma expressão que pudesse dar às suas palavras um ar de suspeita.

- O amor de Edward por mim - disse Lucy - já foi bastante colocado à prova por nossa grande, grandíssima separação desde nosso compromisso, e ele resistiu tão bem a estes testes, que seria imperdoável de minha parte duvidar dele agora. Posso dizer com segurança que ele nunca me deu sequer um momento de alarme a esse respeito, desde o início.

Elinor não sabia se sorria ou se suspirava ao ouvir aquilo. Lucy continuou:

- Sou um pouco ciumenta por natureza também, e por nossas diferentes situações na vida, por ele ocupar uma posição muito superior no mundo do que eu e por nossa separação constante, eu tinha bastante inclinação para a suspeita, a ponto de descobrir rapidamente a verdade, se tivesse havido a menor mudança em sua conduta em relação a mim quando nos encontrávamos, ou qualquer desânimo para o qual não houvesse explicação, ou se ele tivesse falado mais de uma dama do que de outra, ou se parecesse sob qualquer aspecto menos feliz em Longstaple do que costumava ser. Não quero dizer com isso que eu seja particularmente observadora ou perspicaz de um modo geral, mas neste caso estou segura que não poderia me enganar.

nós.”

“Tudo isso – pensou Elinor – soa muito bonito, mas não pode enganar a nenhuma de

- Mas – disse depois de um breve silêncio – quais são seus planos? Ou não tem

nenhum a não ser esperar pela morte de Mrs. Ferrars, que é uma medida tão extrema, terrível e melancólica? Edward está determinado a submeter-se a isto, e a todo o tédio dos muitos anos de incerteza que podem envolver você, do que correr o risco de desagradar à mãe por algum tempo admitindo a verdade?

- Se nós pudéssemos ter a certeza que seria só por um tempo! Mas Mrs. Ferrars é uma mulher muito obstinada e orgulhosa, e seria muito provável que, em seu primeiro ataque de ira ao ouvir isso, deixasse tudo para Robert, e essa possibilidade, pensando no bem-estar de Edward, afugenta toda minha intenção de tomar medidas precipitadas.

- E também para o seu próprio bem, ou está levando seu desinteresse para além do

razoável.

Lucy olhou para Elinor novamente, e ficou em silêncio.

- Você conhece Mr. Robert Ferrars? - perguntou Elinor.

- Não, nunca o vi, mas imagino que ele é muito diferente de Edward: tolo e um

grande fanfarrão.

- Um grande fanfarrão! - repetiu Miss Steele, que ouvira aquelas palavras por uma repentina pausa na música de Marianne. - Ah! Aposto que elas estão falando dos seus bonitões favoritos.

- Não, mana - exclamou Lucy -, você está muito enganada, nossos bonitões favoritos não são grandes fanfarrões.

- Quanto a isso, posso garantir que o da Miss Dashwood não é - disse Mrs. Jennings, gargalhando -, pois ele é um dos jovens mais modestos e bem-educados que já vi. Mas quanto a

Lucy, ela é uma criaturinha que sabe dissimular tão bem que não é possível descobrir de

quem ela gosta.

- Oh! – exclamou Miss Steele, olhando significativamente ao redor. – Posso dizer que o pretendente de Lucy é tão modesto e bonito quando o de Miss Dashwood.

Elinor corou, sem querer. Lucy mordeu os lábios, e olhou furiosa para a irmã. Fizeram um silêncio mútuo por algum tempo. Lucy foi a primeira a rompê-lo, ao dizer em um tom mais baixo, embora Marianne naquele momento desse-lhes a poderosa proteção de um magnífico concerto:

- Vou contar-lhe honestamente um plano que me ocorreu há pouco para lidar com o assunto, na verdade, sou obrigada a contar-lhe o segredo, pois você é umas das partes interessadas. Atrevo-me a dizer que conhece Edward o suficiente para saber que ele preferiria a igreja a qualquer outra profissão. Agora, meu plano é que ele se ordene assim que for possível, e então que você interceda junto ao seu irmão – o que estou certa de que terá a generosidade de fazer, por amizade a ele e também, assim espero, por consideração para comigo – para convencê-lo a dar a Edward o benefício[1] de Norland que, segundo entendo, é muito bom e não é provável que o titular atual viva por muito tempo. Isso seria o suficiente para nos casarmos, e

esperaríamos que o tempo e as oportunidades nos oferecessem o resto.

- Sempre será um prazer para mim - respondeu Elinor - demonstrar qualquer sinal de afeto e amizade por Mr. Ferrars, mas você não percebe que minha intervenção nesta ocasião seria completamente desnecessária? Ele é irmão de Mrs. John Dashwood, essa seria uma recomendação suficiente para seu esposo.

- Mas Mrs. John Dashwood não aprovaria que ele se ordenasse.

- Então suspeito que minha intervenção fosse de pouco proveito.

Elas ficaram novamente em silêncio por alguns minutos. Por fim Lucy exclamou, com um grande suspiro:

- Creio que o mais sábio seria encerrar o assunto de uma vez por todas, rompendo o compromisso. Parecem tantas as dificuldades que nos cercam por todos os lados que, embora fôssemos infelizes por algum tempo, talvez pudéssemos ser mais felizes no fim. Mas, você não vai me dar nenhum conselho, Miss Dashwood?

- Não - respondeu Elinor, com um sorriso que ocultava uma grande agitação -, sobre tal assunto estou certa que não lhe darei nenhum conselho. Sabe perfeitamente que minha opinião não teria peso algum para você, a menos que fosse a favor de seus desejos.

- Na verdade, está sendo injusta comigo - respondeu Lucy, com grande solenidade

-, não conheço ninguém cujo julgamento eu preze tanto quanto o seu, e realmente creio que se você dissesse: “eu lhe aconselho que, custe o que custar, ponha um fim ao seu compromisso com Edward Ferrars, pois ambos serão mais felizes”, eu não teria nenhum receio em fazê-lo imediatamente.

Elinor corou com a insinceridade da futura esposa de Edward, e respondeu:

- Esse elogio efetivamente me inibiria de dar minha opinião sobre o assunto, se eu tivesse alguma. Você valoriza demais minha influência, o poder de separar duas pessoas unidas tão ternamente é demais para uma pessoa que não é parte interessada.

- É justamente porque você não é parte interessada - disse Lucy, com certa irritação e colocando ênfase especial nessas palavras - que seu julgamento poderia ter, com toda justiça, tal influência em mim. Se a sua opinião fosse influenciada de alguma forma por seus próprios sentimentos, não seria de grande valor.

Elinor achou que seria mais sábio não responder, para que aquilo não as levasse a falar com liberdade e franqueza cada vez maiores. Até estava decidida a não mencionar o assunto

novamente. Após essa conversa, houve alguns minutos de pausa, e Lucy novamente foi a primeira a romper o silêncio.

- Irá a Londres este inverno, Miss Dashwood? - disse ela com toda sua amabilidade

habitual.

- Certamente não.

- Eu sinto muito - respondeu a outra, enquanto seus olhos brilhavam com a

informação. - Teria muito prazer em encontrá-la nessa ocasião! Mas aposto que deverá ir de qualquer maneira. Com certeza seu irmão e sua cunhada a convidarão para que os visite.

- Não poderei aceitar o convite, se eles o fizerem.

- Que pena! Tinha toda certeza que nos encontraríamos lá. Anne e eu iremos a Londres no final de janeiro onde visitaremos nossos parentes que esperam nossa visita há anos! Mas eu vou apenas com a intenção de encontrar-me com Edward. Ele estará lá em fevereiro. Se não fosse por isso, Londres não teria nenhum atrativo para mim, não tenho ânimo para isso.

Elinor foi logo chamada à mesa de jogos com o fim da primeira partida, e a conversa confidencial das duas se encerrou, algo a que nenhuma delas impôs resistência, pois nada fora dito por qualquer uma que fizesse com que desgostasse mais da outra do que antes. E Elinor sentou-se à mesa de jogos com o triste convencimento de que Edward não só não amava a pessoa que viria a ser sua esposa, como também não tinha sequer a oportunidade de alcançar uma felicidade tolerável no casamento, algo que o sincero amor dela poderia proporcionar, pois só o interesse próprio pode levar uma mulher a manter um compromisso com um homem, do qual, ela sabia bastante bem, ele já estava cansado.

Desde esse momento Elinor nunca mais voltou a tocar no assunto, e quando Lucy o mencionava, o que raramente perdia uma oportunidade de fazer, se preocupava especialmente em informar sua confidente de sua alegria toda vez que recebia uma carta de Edward, o que Elinor tratava com tranquilidade e cautela, e encerrava o assunto tão logo a boa educação permitisse; sentia que tais conversas eram uma concessão que Lucy não merecia, e que para ela era algo perigoso.

A visita das Steeles a Barton Park se estendeu além do que o convite inicial implicava. O apreço que tinham por elas aumentou, não podiam deixar que elas se fossem. Sir John não aceitava ouvir que elas iam embora, e apesar de inúmeros compromissos que já haviam assumido em Exeter, e da absoluta necessidade de retornarem para cumpri-los

imediatamente, o que se fazia sentir imperativamente ao fim de cada semana, foram convencidas a permanecerem quase dois meses em Barton Park, e ajudar na celebração dessas festividades que requerem uma quantidade maior que o normal de bailes e grandes jantares para proclamar a sua importância.

[1] Renda a que um eclesiástico tinha direito. (N. T.)

CAPÍTULO XXV

Embora Mrs. Jennings estivesse acostumada a passar boa parte do ano nas casas das filhas e dos amigos, não deixava de ter uma residência própria. Desde a morte de seu marido, que fora comerciante em uma parte menos elegante de Londres, passava todos os invernos nessa casa localizada em uma das ruas próximas a Portman Square. Com a chegada de janeiro, ela começou a dirigir seus pensamentos para essa casa, e um dia, repentinamente e sem que elas houvessem esperado, convidou as Dashwoods mais velhas para acompanhá-la.

Elinor, sem observar a mudança de cor no rosto de Marianne e a alegre expressão de seus olhos, revelando que o plano não lhe era indiferente, recusou imediatamente em nome das duas, mas de maneira absolutamente definitiva, pensando que estava falando em nome de ambas. O motivo ao qual recorreu foi sua firme decisão de não deixar a mãe nessa época do ano. Mrs. Jennings recebeu a recusa com certa surpresa, e imediatamente repetiu o convite.

- Oh, Deus! Tenho certeza que sua mãe pode ficar sem vocês muito bem, e eu imploro que me façam companhia, pois é o que pede meu coração. Não imaginem que será algum tipo de inconveniência para mim, pois não mudarei meus planos por causa de vocês. Só terei de enviar Betty pela diligência, e creio que isso eu posso pagar. Nós três iremos bem à vontade na carruagem, e quando chegarmos a Londres, se não quiserem ir

aonde eu for, muito bem, sempre poderão ir com uma de minhas filhas. Tenho certeza que sua mãe não fará nenhuma objeção, pois como tive a sorte de tirar minhas filhas das minhas costas, creio que me considerará uma pessoa muito adequada para ser responsável por vocês, e se eu não conseguir casar bem ao menos uma de vocês antes de votarmos, não será por minha culpa. Farei boas recomendações de vocês aos rapazes, podem contar com isso.

- Imagino - disse Sir John - que Miss Marianne não fará objeção ao plano, se sua irmã mais velha o aceitar. É muito duro, na verdade, que não possa distrair-se um pouco só porque Miss Dashwood não deseja. Aconselho às duas que partam para Londres assim que se cansarem de Barton, sem ao menos dizer uma palavra à Miss Dashwood.

- Não - exclamou Mrs. Jennings -, estou certa de que ficaria bastante contente com a companhia de Miss Marianne, com ou sem Miss Dashwood, só que quanto mais pessoas forem, melhor, e achei que seria mais interessante para elas irem juntas, pois se elas se cansarem de mim, poderão conversar uma com a outra e rir das minhas maneiras nas minhas costas. Mas uma ou outra, senão as duas, tenho que levar. Que Deus me abençoe! Como podem imaginar que posso viver por aí, andando sozinha, eu que até este inverno estive acostumada a ter Charlotte sempre comigo. Venha, Miss Marianne, vamos apertar as mãos para selar o compromisso, e se depois Miss Dashwood mudar de ideia, será melhor ainda.

- Muito obrigada, minha senhora, muito obrigada - disse Marianne calorosamente - seu convite garante minha gratidão para sempre, e poder aceitá-lo me fará tão feliz, sim, quase a maior felicidade que posso imaginar. Mas minha mãe, minha queridíssima e bondosa mãe... Creio que é muito justo o que Elinor disse, e se nossa ausência for motivo de infelicidade para

ela, ou causar algum desconforto... Oh! Não, nada poderia induzir-me a deixá-la. Isso não pode nem deve significar algum conflito.

Mrs. Jennings afirmou novamente que Mrs. Dashwood poderia ficar sem elas muito bem, e Elinor, que agora compreendia sua irmã, e via que, indiferente a tudo o mais, ela era levada por sua ansiedade de se encontrar com Willoughby novamente, não fez mais nenhuma oposição ao plano. Apenas limitou-se à decisão da mãe, de quem, porém, não esperava receber apoio em sua tentativa de evitar uma visita que não parecia conveniente para Marianne, e que também para seu próprio bem tinha interesse em evitar. Qualquer coisa que Marianne desejasse, sua mãe estava pronta a conceder - não podia esperar induzir esta última a comportar-se com cautela em um assunto que nunca lhe inspirara desconfiança, e não ousava explicar o motivo de sua própria resistência para ir a Londres. Mesmo difícil de contentar, Marianne, que estava perfeitamente consciente dos modos de Mrs. Jennings que tanto a desagradavam, estava disposta a passar por cima de qualquer

inconveniência desse tipo, desprezando o que podia ferir seus irritáveis sentimentos, apenas para alcançar seu objetivo. Era uma prova tão forte e tão completa do quanto essa viagem era importante para ela, que apesar de tudo o que ocorrera, Elinor não estava preparada para testemunhar.

Ao ser informada do convite, Mrs. Dashwood, convencida de que tal viagem proporcionaria bons momentos de diversão para suas filhas, e percebendo também toda a atenção afetuosa que as filhas tinham com ela, o quanto o coração de Marianne estava envolvido no caso, não aceitou que recusassem o convite por causa dela. Insistiu para que as duas aceitassem imediatamente, e então começou a prever, cheia de alegria, uma série de vantagens para todas que resultariam dessa separação.

- Estou encantada com este plano - exclamou - é exatamente o que eu poderia desejar. Margaret e eu seremos beneficiadas tanto quanto vocês. Quando vocês e os Middletons partirem, ficaremos tão bem juntas, quietas, com nossos livros e nossa música! Quando voltarem verão o quanto Margaret terá feito progresso! Tenho também um pequeno plano para modificar seus quartos, que agora poderá ser executado sem que lhes cause qualquer inconveniente. Parece-me que vocês devem ir a Londres; em minha opinião, todas as jovens com as mesmas condições de vida que a de vocês devem conhecer os costumes e as diversões de Londres. Ficarão sob os cuidados de uma boa mulher, muito maternal,

de cuja bondade para com vocês não me resta dúvida. E é bem provável que encontrem seu irmão, e quaisquer que sejam seus defeitos, ou os defeitos de sua esposa, quando penso de quem ele é filho, não posso suportar que vocês estejam tão afastados uns dos outros.

- Mesmo que, com sua habitual preocupação com nossa felicidade - disse Elinor, - a senhora tenha vencido todos os obstáculos para que esse plano possa prosseguir, existe ainda uma objeção que, em minha opinião, não pode ser facilmente vencida.

O rosto de Marianne mudou de aparência.

- E o que - disse Mrs. Dashwood - minha querida e prudente Elinor vai sugerir? Qual obstáculo intransponível ela vai nos apresentar? Diga-me o quanto gastaremos.

- Minha objeção é esta: apesar de ter uma boa opinião a respeito da bondade de Mrs. Jennings, não é o tipo de mulher cuja companhia nos dará prazer, ou cuja proteção eleve nossa

posição.

- Isso é bem verdade - respondeu a mãe - mas raramente estarão sozinhas com ela, e quase sempre aparecerão em público com Lady Middleton.

- Se Elinor não vai porque não gosta de Mrs. Jennings - disse Marianne -, não precisa impedir-me de aceitar o convite.

Eu não tenho tais escrúpulos e estou certa que posso tolerar sem grande esforço todos os problemas desse tipo.

Elinor não conseguiu evitar sorrir diante desta demonstração de indiferença a respeito das maneiras de uma pessoa com a qual ela sempre tivera dificuldade de persuadir Marianne a tolerar com educação, e resolveu que, se sua irmã insistisse em ir, ela também deveria ir, pois não achava adequado que Marianne guiasse sozinha seu próprio juízo, ou que Mrs. Jennings fosse deixada à mercê de Marianne como única companhia nas horas domésticas. Essa decisão foi mais fácil de ser tomada, ao se lembrar de que Edward Ferrars, segundo Lucy lhe informou, não estaria em Londres antes de fevereiro e que até lá, fora qualquer imprevisto, sua visita já teria acabado.

- Querida que as duas fossem. - disse Mrs. Dashwood - Essas objeções são um disparate. Terão muito prazer por estarem em Londres, e especialmente por estarem juntas, e se Elinor alguma vez condescender em aceitar com naturalidade esse divertimento, ela verá como a cidade pode oferecer inúmeras maneiras de diversão; inclusive poderá ter algum prazer se melhorar o relacionamento com a família de sua cunhada.

Elinor desejava que logo surgisse uma oportunidade para tentar diminuir a confiança que a mãe tinha em seu compromisso com Edward, para que o choque fosse menor quando a verdade fosse revelada, e agora, por causa do que a mãe havia dito, embora quase sem esperanças de êxito, tratou

de dar início ao seu plano dizendo com toda tranquilidade possível:

- Gosto muito de Edward Ferrars, e sempre ficarei contente em vê-lo, mas, quanto ao resto da família, para mim não faz diferença se algum dia vier a conhecê-los ou não.

Mrs. Dashwood sorriu e não disse nada. Marianne arregalou os olhos de espanto, e Elinor pensou que deveria ter ficado de boca calada.

Depois de conversarem um pouco mais sobre o assunto ficou acertado que elas deveriam aceitar o convite. Mrs. Jennings recebeu a notícia com grande felicidade, e ofereceu todo tipo de certeza sobre seu afeto e o cuidado que teria com as jovens, e não era só ela que estava encantada. Sir John estava mais do que contente, pois para um homem cuja maior ansiedade era o temor de ficar sozinho, acrescentar mais duas moças ao número de visitantes em Londres, era um fato relevante. Até Lady Middleton se deu ao trabalho de ficar alegre, o que para ela era sair do seu costume. E quanto às Steeles, em especial Lucy, nunca tinham estado tão felizes em toda sua vida ao saberem da notícia.

Elinor submeteu-se ao arranjo que contrariava seus desejos com menos relutância do que havia esperado sentir. Da parte dela, não fazia diferença se iria ou não à Londres, e quando viu sua mãe tão contente com o plano, e sua irmã demonstrando seu contentamento pelo olhar, pela voz e pelas maneiras, que

recuperaram completamente a animação habitual e mostravam uma alegria ainda maior que o normal, não pôde sentir-se insatisfeita com tudo

aquilo, e dificilmente se permitiria mostrar-se desconfiada das consequências.

A alegria de Marianne estava quase acima da felicidade, tão grande era sua agitação e impaciência por partir. A única coisa que a fazia recuperar a calma era a pouca vontade que tinha de deixar a mãe, e no momento da partida sentiu-se bastante aflita. A tristeza de sua mãe foi um pouco menor, e Elinor era a única das três que parecia considerar a separação como algo que não fosse durar para sempre.

Partiram na primeira semana de janeiro. Os Middletons seguiriam viagem uma semana depois. As Steeles permaneceram em Barton Park, e só partiriam com o resto da família.

CAPÍTULO XXVI

Elinor não conseguia se ver na carruagem de Mrs. Jennings, no começo da viagem para Londres, sob sua proteção e sendo sua convidada, sem deixar de pensar na sua própria situação, como a conhecia há tão pouco tempo, como eram diferentes em idade e temperamento e quantas objeções havia imposto a esta viagem há apenas alguns dias! Mas todas essas objeções caíram por terra, diante do feliz entusiasmo juvenil que tanto Marianne como sua mãe compartilhavam; e Elinor, apesar de suas dúvidas ocasionais sobre a constância de Willoughby, não podia contemplar o entusiasmo da alegre expectativa a que Marianne estava entregue, de corpo e alma, sem sentir como era completamente vazia sua própria perspectiva, quão triste era seu próprio estado de ânimo comparado ao da irmã, e com que alegria viveria ansiedade igual à de Marianne para ter o mesmo objetivo, a mesma possibilidade de esperança. Mas agora faltava pouco tempo, muito pouco tempo, para saber quais eram as intenções de Willoughby, com toda certeza ele já estava na cidade. A ansiedade de Marianne em partir demonstrava a sua confiança de encontrá-lo lá. E Elinor estava decidida, não apenas a averiguar tudo o que pudesse a respeito do caráter dele, através de sua própria observação ou pelas informações que outros pudessem lhe dar, mas também a observar sua conduta perante a irmã com zelosa atenção, de modo a ter certeza de quem ele era e quais eram seus

propósitos, antes que tivessem se reunido muitas vezes. Se o resultado de suas observações fosse desfavorável, estava decidida a abrir os olhos da irmã, caso contrário, teria que agir diferente: deveria aprender a evitar todas as comparações egoístas e banir todo pesar que pudesse diminuir sua satisfação com a felicidade de Marianne.

A viagem durou três dias, e o comportamento de Marianne durante todo o caminho foi uma boa mostra do que se poderia esperar no futuro da sua deferência e amabilidade para com Mrs. Jennings. Ficou em silêncio boa parte da viagem, envolvida em suas próprias meditações, e raramente dizia alguma coisa por vontade própria, exceto quando algum objeto de beleza pitoresca aparecia diante de sua vista, e lhe arrancava uma exclamação de prazer dirigida exclusivamente à irmã. Portanto, para compensar essa conduta, Elinor assumiu imediatamente o dever de ser cortês que ela mesma tinha se imposto, e foi bastante atenciosa com Mrs. Jennings; conversaram, deram risadas e escutou-a sempre que possível. E Mrs. Jennings, por sua vez, tratou-as com toda gentileza possível, estando sempre atenta ao seu conforto e distração, e apenas se preocupou por não ter podido convencê-las a escolher suas próprias refeições na estalagem, nem fazê-las confessar se preferiam salmão ou bacalhau, frango cozido ou costeletas de vitela. Chegaram a Londres às três da tarde do terceiro dia, felizes por se verem livres, depois de tão longa

viagem, do confinamento da carruagem, e prontas para desfrutar de todo o luxo de uma boa lareira.

A casa era bonita e harmoniosamente mobiliada, e imediatamente colocaram à disposição das jovens um quarto muito confortável. Havia pertencido a Charlotte, e sobre a lareira ainda havia uma paisagem em seda colorida, feita por ela, como prova de ter passado sete anos em uma grande escola da cidade com algum resultado.

Como o jantar não seria servido em menos de duas horas após a chegada, Elinor quis ocupar esse intervalo de tempo escrevendo para sua mãe, e sentou-se disposta a fazê-lo. Poucos minutos depois Marianne fez o mesmo.

- Eu estou escrevendo para casa, Marianne - disse Elinor - não é melhor deixar para escrever sua carta daqui a um dia ou dois?

- Eu não vou escrever para mamãe - respondeu Marianne apressadamente, como se quisesse evitar mais perguntas.

Elinor não disse mais nada; imediatamente pensou que ela devia estar escrevendo para Willoughby e logo concluiu que, embora quisessem conduzir o caso misteriosamente, é certo que estavam comprometidos. Essa convicção, mesmo que não fosse completamente satisfatória, deu-lhe prazer, e ela continuou a carta com a maior alegria. Marianne terminou de escrever a dela em poucos minutos, pelo tamanho só poderia

ser um bilhete, e então dobrou, selou e endereçou com muita rapidez. Elinor acreditou ter visto um grande W no endereço, e assim que estava pronto, Marianne tocou o sino, pedindo ao empregado que a atendeu que levasse a carta para ela ao correio expresso. Com isto encerrou o assunto de uma vez.

Marianne continuava muito animada, mas havia uma inquietação nela que impedia que sua irmã se sentisse completamente satisfeita, e esta inquietação aumentou com o cair da noite. Ela mal conseguiu jantar, e quando em seguida voltaram à sala de estar, parecia escutar ansiosamente o som de cada carruagem que passava na rua.

Era uma grande satisfação para Elinor que Mrs. Jennings, por estar ocupada em seu quarto, pôde ver muito pouco do que se passava com Marianne. Trouxeram o serviço de chá, e Marianne já se desapontara mais de uma vez ao ouvir batidas na porta da casa vizinha, quando de repente ouviu-se uma batida sonora, que não podia ter sido em outra casa. Elinor tinha certeza que anunciariam a chegada de Willoughby, e Marianne, levantando-se em um salto, dirigiu-se à porta. Tudo ficou em silêncio, não durou mais que alguns segundos; ela abriu a porta, deu alguns passos em direção à escada, e após escutar por meio minuto, voltou à sala com toda agitação que a convicção de tê-lo ouvido naturalmente provocaria. Em meio ao êxtase alcançado por suas emoções nesse instante, não pôde deixar de exclamar:

- Oh, Elinor, é Willoughby, tenho certeza que é! - e parecia que estava pronta para jogar-se em seus braços, quando o Coronel Brandon apareceu.

Foi um golpe muito grande para ser suportado com serenidade, e Marianne imediatamente abandonou o cômodo. Elinor também estava decepcionada, mas ao mesmo tempo sua estima pelo Coronel Brandon garantiu que lhe desse as boas-vindas. Sentiu-se particularmente triste ao ver que um homem, que mostrava um interesse tão grande por sua irmã, pudesse perceber que ela não sentia nada ao vê-lo a não ser pesar e desilusão. Ela logo percebeu que ele havia notado, e que observara Marianne deixar o cômodo com tanto assombro e preocupação, que quase se esqueceu de cumprimentar Elinor como a boa educação exigia.

- Sua irmã está doente? - disse ele.

Elinor respondeu com certa aflição que sim, e então falou sobre dores de cabeça, desânimo e excesso de fadiga, e tudo o mais que pudesse decentemente explicar o

comportamento de sua irmã.

Ele a ouviu com bastante seriedade, mas, aparentando se tranquilizar, não tocou mais no assunto e começou a falar do prazer de vê-las em Londres, fez as perguntas habituais a respeito da viagem e dos amigos que haviam deixado para trás.

Assim, de maneira sossegada, sem grande interesse de nenhuma das partes, continuaram falando, ambos desanimados e com a cabeça em outro lugar. Elinor queira muito perguntar se Willoughby estava na cidade, mas temia magoá-lo com perguntas sobre seu rival. Até que finalmente, para dizer alguma coisa, perguntou-lhe se estivera em Londres desde que se viram pela última vez.

- Sim - ele respondeu, com certo embaraço - quase todo o tempo desde então; estive uma ou duas vezes em Delaford, por alguns dias, mas nunca pude retornar a Barton.

Isto, e a maneira como falou, fez com que Elinor se recordasse imediatamente das circunstâncias da partida dele, com a inquietude e suspeitas que haviam despertado em Mrs. Jennings, e temeu que sua pergunta tivesse sugerido uma curiosidade muito maior sobre o assunto do que alguma vez já havia sentido.

Mrs. Jennings logo apareceu.

- Oh! Coronel! - disse ela, com sua ruidosa alegria habitual - estou incrivelmente feliz ao vê-lo... Desculpe-me se não vim antes, peço-lhe que me perdoe, mas tive que cuidar um pouco de mim mesma e resolver algumas coisas. Já fazia muito tempo que não vinha para casa, e você sabe que sempre há muitas coisinhas para se fazer quando ficamos longe por muito tempo, e então tive que resolver as coisas com Cartwright. Deus! Tenho estado tão ocupada quanto uma abelha, desde o

jantar! Mas diga-me Coronel, como adivinhou que estávamos na cidade hoje?

- Tive o prazer de ouvir a novidade na casa de Mr. Palmer, onde jantei.

- Oh, é mesmo! Bem, e como eles estão? Como vai Charlotte? Poderia apostar que já está bem pesada, a esta altura.

- Mrs. Palmer parecia muito bem, e fui encarregado de dizer-lhe que certamente virá vê-la amanhã.

- Claro, foi assim que pensei. Bem, Coronel, trouxe duas jovens comigo, como pode ver... Quero dizer, pode ver apenas uma delas, mas há outra por aí em alguma parte da casa. Sua amiga, Miss Marianne... como imagino que não lamentará saber. Não sei o que você e Mr. Willoughby resolverão a respeito dela. Ah, como é bom ser jovem e bonita! Bem, eu já fui jovem, mas nunca fui muito bonita, nunca tive essa sorte. Entretanto, tive um marido muito bom, e não sei se a maior das belezas pode trazer tanta felicidade. Ah! Pobre homem! Já faz oito anos que morreu, e assim está melhor. Mas, Coronel, por onde esteve desde que partiu? E como vão seus negócios? Vamos, vamos! Não devem existir segredos entre amigos.

Ele respondeu a todas as perguntas com sua gentileza de sempre, mas sem satisfazer a curiosidade de Mrs. Jennings em nenhuma delas. Elinor começava a preparar o chá, e Marianne foi obrigada a voltar à sala.

Depois que ela entrou, Coronel Brandon ficou mais pensativo e silencioso do que

antes, e Mrs. Jennings não pôde convencê-lo a ficar mais um pouco. Nessa tarde não chegou nenhum outro visitante, e as damas foram unânimes ao concordar em ir para a cama mais cedo.

Na manhã seguinte, Marianne acordou com o ânimo renovado e aparência feliz. A decepção da noite passada parece ter sido esquecida na expectativa do que poderia acontecer nesse dia. Não fazia muito tempo que haviam terminado o café da manhã, quando a carruagem de Mrs. Palmer parou diante da porta, e poucos minutos depois ela entrou na casa rindo, tão encantada ao ver todos eles, que era difícil dizer se seu prazer era maior ao ver a mãe ou as Dashwoods. Estava tão surpresa ao vê-las em Londres, embora fosse o que esperasse! Tão zangada pelo fato delas terem aceitado o convite de sua mãe, após terem recusado o seu, apesar de que não as teria perdoado se elas não tivessem vindo!

- Mr. Palmer ficará tão contente ao vê-las - disse ela. - O que vocês acham que ele disse ao ouvir que vocês viriam com mamãe? Não consigo lembrar no momento, mas foi algo tão engraçado!

Depois de uma hora ou duas do que sua mãe chamou de uma conversa tranquila, em outras palavras, inúmeras perguntas de

Mrs. Jennings sobre todos os seus conhecidos, e risadas sem motivo da parte de Mrs. Palmer, esta última propôs que todas a acompanhassem a algumas lojas onde ela tinha negócios a tratar esta manhã, com o que Mrs. Jennings e Elinor rapidamente concordaram, pois também tinham compras a fazer. E Marianne, embora tivesse recusado em um primeiro momento, acabou sendo convencida a ir também.

Onde quer que fossem, ela evidentemente estava sempre alerta. Especialmente em Bond Street, onde se encontrava a maior parte das lojas, seus olhos estavam em constante procura, e, em qualquer loja que o grupo entrasse, ela, perdida em seus pensamentos, não tinha interesse em nada do que via a sua frente e que ocupava as outras. Distraída e insatisfeita em toda parte, sua irmã não conseguiu nenhuma opinião dela sobre nenhum artigo que queria comprar, mesmo que pudesse interessar a ambas, ela não tinha prazer em nada. Marianne estava impaciente para voltar a casa novamente, e com dificuldade conseguia controlar sua ansiedade diante do tédio de Mrs. Palmer, cujos olhos eram atraídos por qualquer coisa bonita, cara ou nova; que estava louca para comprar tudo, não podia decidir-se por nada, e perdia o tempo entre o êxtase e indecisão.

Já era tarde, naquela manhã, quando voltaram para casa, e nem bem entraram, Marianne subiu as escadas ansiosamente; e quando Elinor a seguiu encontrou-a vindo da mesa com um

semblante desconsolado, que mostrava que Willoughby não estivera lá.

- Não entregaram nenhuma carta para mim desde que saímos? – disse ela ao empregado que neste momento entrava com os pacotes. A resposta foi negativa. – Tem certeza? – disse
- Tem certeza de que nenhum empregado, de que nenhum porteiro deixou alguma carta ou bilhete?

O homem respondeu que não havia nada.

- Que estranho! – disse ela, em um tom de voz baixo e desapontado, enquanto se virava para a janela.

“Estranho mesmo! – repetiu Elinor para si mesma, olhando a irmã com grande inquietação. – Se ela não soubesse que ele está na cidade, não teria escrito aquele bilhete. Teria

escrito uma carta e enviado a Combe Magna. E se ele está na cidade, é muito estranho que ele não responda a carta ou não venha nos ver! Oh! Minha querida mãe, como deve estar enganada ao permitir um compromisso tão duvidoso e obscuro entre uma filha tão jovem e um homem que pouco conhecemos, e mantido de forma tão duvidosa e cheia de mistério! Tenho vontade de perguntar, mas como será recebida minha intromissão?”

Decidiu, após considerar, que se as coisas continuassem durante muitos dias tão desagradáveis como agora estavam,

pediria à mãe com a maior energia, que investigasse seriamente o assunto.

Mrs. Palmer e duas senhoras mais velhas, conhecidas íntimas de Mrs. Jennings, a quem haviam encontrado e convidado pela manhã, jantaram com elas. A primeira as deixou pouco depois do chá, para cumprir seus compromissos da noite, e Elinor viu-se obrigada a completar uma mesa de uíste[1]. Marianne não era de grande utilidade nessas ocasiões, pois nunca aprendera o jogo, mas embora tivesse algumas horas à sua disposição, a noite não foi de modo algum mais prazerosa para ela do que para Elinor, pois o tempo passou-se todo na ansiedade da expectativa e na dor da decepção. Tentava ler por alguns instantes, mas logo deixava o livro de lado e se entregava novamente à ocupação mais interessante de andar de um lado a outro da sala, parando de vez em quando ao chegar perto da janela, com a esperança de escutar as tão esperadas batidas na porta.

[1] Jogo de cartas: é considerado o ancestral do bridge, jogado por duas duplas, com parceiros frente a frente, que recebem 13 cartas cada um. O trunfo é a última carta distribuída. (N.T.)

C A P I T U L O XXVII

- Se este bom tempo continuar – disse Mrs. Jennings, quando se encontraram no café da manhã no dia seguinte –, Sir John não vai querer deixar Barton na próxima semana. É triste para um desportista perder um dia de prazer. Pobres coitados! Eu sempre tenho pena deles quando isso acontece, parecem levar a coisa muito a sério.

- É verdade – exclamou Marianne, com a voz alegre, caminhando em direção à janela para observar o dia, enquanto falava. – Não havia pensando nisso. Esse clima fará com que muito desportistas permaneçam no campo.

Foi uma lembrança feliz, e seu bom ânimo logo foi restaurado.

- É um excelente clima para eles, de fato – continuou, enquanto sentava-se à mesa do café da manhã, com um semblante feliz. – Como devem gostar de praticar tal esporte! Mas – com um pouco de ansiedade – não se pode esperar que dure muito tempo. Nesta época do ano, depois de tantas chuvas, é quase certo que o tempo não continuará assim tão bom. Logo vão começar as geadas, provavelmente muito fortes. Em um ou dois dias talvez, este clima tão suave não pode perdurar... Não, talvez a geada caia esta noite!

- De qualquer modo – disse Elinor, tentando evitar que Mrs. Jennings percebesse os pensamentos de sua irmã tão

claramente como ela – aposto que Sir John e Lady Middleton estarão na cidade no final da semana que vem.

– Sim, minha querida, garanto-lhe que assim será. Mary sempre faz o que quer.

“E agora – calculou silenciosamente Elinor – Marianne escreverá uma carta e enviará pelo correio de hoje a Combe Magna.”

Mas se foi isso que ela fez, a carta foi escrita e enviada com tanto segredo que iludiu toda vigilância de Elinor para certificar-se do fato. Qualquer que fosse a verdade, e por mais longe que Elinor estivesse de estar completamente feliz com aquilo, pelo menos via Marianne animada, e assim não podia sentir-se muito descontente. E Marianne estava alegre, feliz com o bom tempo e mais feliz ainda com a expectativa de uma geada.

Passaram a manhã entregando cartões nas casas das conhecidas de Mrs. Jennings informando-lhes de sua volta à cidade, e todo o tempo Marianne se mantinha ocupada observando a direção do vento, vigiando as mudanças do céu e imaginando uma alteração do ar.

– Você não acha que está mais frio do que pela manhã, Elinor? Para mim parece que há uma notória diferença. Mal posso aquecer minhas mãos, nem mesmo no meu regalo[1]. Não estava assim ontem, creio eu. Parece que as nuvens estão sumindo e o sol logo aparecerá, então teremos uma tarde limpa.

Elinor às vezes divertia-se, outras vezes se penalizava. Mas Marianne não se dava por vencida, e via em cada noite, no brilho do fogo, e em cada manhã, no aspecto da atmosfera, a proximidade de uma geada.

As Dashwoods não tinham grandes motivos para estarem insatisfeitas com o estilo de vida de Mrs. Jennings e suas amigadas, nem com seu comportamento para com elas, que era invariavelmente gentil. Todos os arranjos domésticos eram realizados da forma mais liberal, e com exceção de alguns velhos amigos da cidade, com os quais, para infelicidade de Lady Middleton, ela nunca tivera interesse em romper com a amizade, não visitava ninguém cujo conhecimento pudesse irritar suas jovens acompanhantes. Contenta por encontrar-se em uma situação mais confortável do que esperava, Elinor mostrava-se muito disposta a se contentar com a falta de diversão verdadeira nas reuniões noturnas, as quais, tanto em casa como fora dela, se passavam apenas em jogos de cartas, o que lhe oferecia pouca diversão.

Coronel Brandon, convidado permanente da casa, estava com elas quase todos os dias. Vinha para contemplar Marianne e conversar com Elinor, que tinha mais prazer em conversar com ele do que em qualquer outra ocorrência diária, mas ao mesmo tempo, via com grande preocupação como o interesse dele pela irmã persistia. Temia até que fosse mais intenso. Tinha

pena ao vê-lo olhar com tanta intensidade para Marianne, e seu ânimo parecia bem pior do que em Barton.

Aproximadamente uma semana depois da chegada delas, tornou-se evidente que Willoughby também se encontrava na cidade. Quando voltaram de seu passeio matinal, seu cartão estava sobre a mesa.

- Meu bom Deus! - exclamou Marianne - ele esteve aqui enquanto estávamos fora. Elinor, feliz por saber que ele estava em Londres, se animou a dizer:

- Pode ter certeza que ele voltará amanhã.

Mas Marianne parecia não ouvi-la, e quando Mrs. Jennings entrou no recinto, deu um jeito de esconder o precioso cartão.

Este evento, ao mesmo tempo em que elevou o ânimo de Elinor, também fez com que a agitação inicial de Marianne voltasse, mais forte ainda. Desde então, sua mente não conheceu um momento sequer de tranquilidade; a expectativa de vê-lo a cada hora do dia, fez com que ela não se ocupasse com outra coisa. Na manhã seguinte, insistiu para ficar em casa quando as outras saíram.

Elinor não conseguiu deixar de pensar no que poderia estar acontecendo em Berkeley Street, enquanto elas estavam fora. Mas ao retornarem, logo que colocou os olhos na irmã, percebeu que Willoughby não fizera nenhuma visita. Em seguida, um bilhete que acabara de chegar foi deixado sobre a mesa.

- É para mim! – exclamou Marianne, avançando rapidamente.

- Não, senhorita, é para minha patroa.

Mas Marianne, não convencida, tomou-o rapidamente.

- De fato é para Mrs. Jennings, que irritante!

- Então você espera uma carta? – disse Elinor, incapaz de ficar em silêncio.

- Sim, um pouco... Não muito. Após uma breve pausa, disse:

a dizer.

- Você não confia em mim, Marianne.

- Não, Elinor, essa censura vinda de você... Você é que não confia em ninguém!

- Eu! – respondeu Elinor, um tanto confusa. – Na verdade, Marianne, não tenho nada

- Nem eu – respondeu Marianne com energia – então nossas situações são parecidas.

Não temos nada para contar, você, porque não se comunica, e eu, porque não escondendo nada.

Elinor, consternada por esta acusação de reserva, que não se sentia no direito de negar, não sabia como, sob tais circunstâncias, fazer com que a irmã se abrisse com ela.

Mrs. Jennings logo apareceu, e recebendo o bilhete, acabou lendo-o em voz alta. Era de Lady Middleton, no qual anunciava sua chegada a Conduit Street na noite anterior e solicitava o prazer da companhia de sua mãe e suas primas nessa mesma tarde. Certos negócios de Sir John, e um forte resfriado de sua parte impediam que as visitassem em Berkeley Street. O convite foi aceito, mas quando se aproximava a hora combinada, era necessário, por educação, que acompanhassem Mrs. Jennings na visita. Elinor teve um pouco de dificuldade para convencer a irmã a ir, pois, como ainda não tinha visto Willoughby, não estava disposta a se divertir fora de casa e correr o risco de que ele voltasse enquanto estivesse fora.

No final da tarde, Elinor descobriu que a mudança de disposição não é alterada pela mudança de residência, pois apesar de terem se instalado recentemente na cidade, Sir John havia conseguido reunir ao seu redor cerca de vinte jovens e organizara um baile para eles. Este era um assunto, no entanto, que Lady Middleton não aprovava. No interior, um baile

improvisado era bastante aceitável, mas em Londres, onde a reputação de elegância era mais importante e difícil de obter, era muito arriscado, para satisfazer algumas moças, que soubessem que Lady Middleton oferecera um pequeno baile para oito ou nove pares, com dois violinos e um simples bufê.

Mr. e Mrs. Palmer faziam parte do grupo. Do primeiro, ao qual não haviam visto desde a sua chegada à cidade, pois evitava cuidadosamente qualquer demonstração de consideração para com a sogra, e jamais chegava perto dela, não receberam nenhum sinal de reconhecimento quando entraram. Ele olhou-as ligeiramente, sem parecer saber quem elas eram, e apenas inclinou a cabeça para Mrs. Jennings do outro lado da sala.

Marianne passou um rápido olhar pela sala quando entrou, e foi o suficiente: ele não estava lá, e ela sentou-se, igualmente indisposta a dar ou receber atenções. Depois de estarem reunidos por cerca de uma hora, Mr. Palmer dirigiu-se até as Dashwoods para expressar sua surpresa ao vê-las na cidade, apesar de que fora em sua casa que o Coronel Brandon soube da notícia, e ele mesmo dissera algo muito engraçado ao ouvir que elas haviam chegado.

- Pensei que vocês estivessem em Devonshire - disse ele.
- É mesmo? - respondeu Elinor.
- Quando retornam?
- Não sei.

E assim terminou a conversa.

Marianne nunca estivera com tanto desejo para dançar, como nessa noite, e nunca se

cansara tanto com o exercício. Queixou-se assim que voltaram a Berkeley Street.

- Ai, ai. - disse Mrs. Jennings - Sabemos muito bem a razão disso, se certa pessoa de quem não podemos mencionar o nome, estivesse lá, você não estaria nem um pouco cansada. E para dizer a verdade, não foi muito elegante da parte dele não ir ao seu encontro depois de ter sido convidado.

- Convidado! - exclamou Marianne.

- Foi o que minha filha disse-me, pois parece que Sir John encontrou-o na rua esta manhã.

Marianne não disse mais nada, mas pareceu extremamente magoada. Impaciente com

a situação para tentar fazer algo que pudesse aliviar a irmã, Elinor resolveu escrever para a mãe na manhã seguinte, na esperança de despertar nela algum temor pela saúde de Marianne e, desta forma, conseguir que ela fizesse as averiguações que há tempo haviam sido adiadas. E sua determinação cresceu quando de manhã, depois do café, Marianne estava escrevendo novamente para Willoughby, pois não conseguia imaginar que seria para outra pessoa.

Por volta do meio-dia, Mrs. Jennings saiu para resolver alguns negócios, e Elinor começou a escrever sua carta imediatamente, enquanto Marianne, bastante inquieta para se ocupar de algo, e muito ansiosa para conversar, andava de uma janela a outra, ou se sentava junto à lareira na mais profunda melancolia. Elinor foi muito direta ao escrever para a mãe, relatou tudo o que se passara, falou de suas dúvidas a respeito da inconstância de Willoughby, e apelou para seu dever e afeto maternal para que pedisse algum esclarecimento à Marianne a respeito da situação com Willoughby.

Mal havia terminado a carta, quando uma batida na porta anunciava a chegada de um visitante, e logo em seguida, Coronel Brandon foi introduzido. Marianne, que o vira da janela e não desejava nenhum tipo de companhia, deixou a sala antes que ele entrasse. Ele parecia mais sério do que nunca, e embora demonstrasse satisfação por encontrar Miss Dashwood sozinha, como se tivesse algo em particular para contar-lhe, sentou-se e por alguns instantes não disse uma palavra. Elinor, convencida de que ele tinha algo a lhe contar concernente à sua irmã, esperou impaciente que ele se abrisse. Não era a primeira vez que tinha um pressentimento assim, pois mais de uma vez, começando com a observação: “Sua irmã não está bem hoje”, ou “sua irmã parece desanimada”, parecia estar prestes a revelar, ou perguntar, algo específico a respeito dela. Após uma pausa de vários minutos, o silêncio foi quebrado quando ele perguntou, com a voz bastante agitada, quando

teria que felicitá-la por ganhar um cunhado. Elinor não estava preparada para tal pergunta, e como não tinha uma resposta, foi obrigada a recorrer ao simples expediente de perguntar do que se tratava. Ele tentou sorrir quando respondeu:

- O compromisso entre sua irmã e Willoughby é bastante conhecido por todos.

- Não pode ser - respondeu Elinor -, se nem sua própria família sabe disso. Ele olhou surpreso e disse:

- Perdoe-me, receio que minha pergunta tenha sido impertinente, mas não suspeitava que fosse um segredo, já que eles se correspondem abertamente, e todos falam do

casamento dos dois.

- Como pode ser? Quem mencionou isso?

- Muitas pessoas, algumas você nem conhece, outras são nossos amigos íntimos: Mrs. Jennings, Mrs. Palmer e os Middletons. Mas ainda assim eu não teria acreditado - pois quando a mente não quer se convencer, sempre encontra algo em que sustentar suas dúvidas - se hoje não tivesse visto nas mãos do empregado uma carta que estava endereçada a Willoughby, com a letra de sua irmã. Quis perguntar, mas já estava convencido disto antes mesmo de fazer a pergunta. Então já está tudo decidido? É possível que... Desculpe, não tenho o direito e nenhuma possibilidade de êxito. Desculpe-me

Miss Dashwood. Creio que não foi correto de minha parte dizer tanto, mas não sei o que fazer e confio absolutamente em sua prudência. Diga que tudo está completamente resolvido, que qualquer tentativa... Que a dissimulação, se é que posso dissimular, é a única coisa que me resta.

Estas palavras, que comunicavam a Elinor uma confissão direta de seu amor por Marianne, afetaram-na muito. Ela não foi capaz de dizer nada imediatamente, e até mesmo quando recobrou o ânimo, refletiu um pouco, sobre qual seria a resposta mais adequada a dar. A verdadeira situação das coisas entre Willoughby e sua irmã era tão desconhecida até para ela, que na tentativa de explicá-la, podia exagerar ou falar pouco demais. Mas, como estava convencida de que o afeto de Marianne por Willoughby, sem importar qual fosse o resultado desse afeto, não deixava esperança de sucesso ao Coronel Brandon, e ao mesmo tempo desejava protegê-la de qualquer censura, depois de pensar um pouco decidiu que seria mais prudente e educado dizer mais do que ela realmente sabia ou acreditava. Admitiu, portanto, que apesar de nunca ter sido informada sobre que tipo de relacionamento eles tinham, não lhe restavam dúvidas sobre o afeto mútuo dos dois e não estava surpresa pelo fato deles se corresponderem.

Ele a ouviu com atenção silenciosa, e quando ela terminou de falar, levantou-se imediatamente e disse com voz emocionada:

- Desejo à sua irmã toda felicidade imaginável, para Willoughby desejo que ele a mereça. - despediu-se e saiu.

Elinor não sentiu nenhum conforto com aquela conversa, nem sentiu diminuída a inquietação de sua mente em relação a outros aspectos; pelo contrário, ficou com uma triste impressão da infelicidade do Coronel Brandon; e nem sequer podia desejar que esta infelicidade desaparecesse, pela ansiedade que lhe causava o evento que a confirmaria.

[1] Espécie de luva cilíndrica, feita geralmente de peles, usada para aquecer as mãos no inverno. (N. T.)

C A P I T U L O XXVIII

Nada ocorreu nos três ou quatro dias seguintes que levasse Elinor a se arrepender de ter recorrido à mãe, pois Willoughby não apareceu nem escreveu um bilhete sequer. Nessa ocasião, estavam comprometidas a acompanhar Lady Middleton a uma festa, à qual Mrs. Jennings não podia comparecer por causa da indisposição de sua filha caçula. E para esta festa, Marianne, completamente abatida, sem se preocupar com sua aparência, como se lhe fosse indiferente ir ou não, se preparou, sem nenhuma expressão de esperança ou prazer. Depois do chá, sentou-se junto à lareira da sala de estar até a chegada de Lady Middleton, sem se levantar da cadeira ou mudar de posição, perdida em seus pensamentos e insensível à presença da irmã. E quando finalmente anunciaram que Lady Middleton as esperava à porta, tomou um susto como se tivesse esquecido que esperava alguém.

Elas chegaram pontualmente no lugar de destino, e, assim que a fila de carruagens à sua frente permitiu, apearam, subiram as escadas, ouviram seus nomes serem anunciados de um patamar ao outro em voz alta, até que entraram em um salão esplendidamente iluminado, cheio de pessoas e insuportavelmente quente. Depois de cumprirem com as regras de etiqueta e cumprimentarem a dona da casa, puderam se misturar à multidão e sofrer sua cota de calor e incômodo, necessariamente aumentado com a chegada de mais pessoas.

Após alguns minutos falando pouco e sem fazer muita coisa, Lady Middleton sentou-se à uma mesa de jogos, e como Marianne não tinha ânimo para se movimentar, ela e Elinor conseguiram encontrar cadeiras vagas e não muito distantes da mesa.

Elas não tinham estado ali por muito tempo quando Elinor percebeu Willoughby, de pé a alguns metros delas, em uma conversa entusiasmada com uma jovem de aspecto muito elegante. Logo seus olhares se cruzaram, e ele imediatamente a cumprimentou, mas sem tentar falar com ela ou se aproximar de Marianne, apesar de não ter deixado de vê-la, e continuou a conversa com a jovem. Elinor se virou involuntariamente para Marianne, para saber se isso havia passado despercebido. Naquele momento, ela o viu pela primeira vez, e com rosto iluminado por uma súbita alegria, teria corrido imediatamente em sua direção se a irmã não a segurasse.

- Céus! - exclamou ela - Veja! Ele está ali, bem ali! Oh! Por que ele não olha para mim? Por que não vem falar comigo?

- Por favor! Recomponha-se Marianne! - exclamou Elinor - Não deixe que os outros percebam o que você está sentindo. Talvez ele ainda não tenha visto você.

Isto era, porém, mais do que ela poderia acreditar, e Marianne não estava em condições de se recompor diante de tal situação, estava acima da sua vontade. Permaneceu sentada

na mais profunda agonia e impaciência, que era refletida em seu semblante.

Finalmente ele se virou novamente, e olhou para ambas, Marianne se levantou e pronunciando seu nome com a voz cheia de afeto, estendeu-lhe as mãos. Ele se aproximou, e dirigindo-se mais a Elinor do que a Marianne, como se quisesse evitar seu olhar e determinado

a não notar sua atitude, indagou apressadamente sobre Mrs. Dashwood e perguntou há quanto tempo estavam na cidade. Elinor perdeu completamente a presença de espírito diante de tal atitude, e foi incapaz de dizer uma única palavra. Mas os sentimentos de sua irmã foram expressos instantaneamente. Com o rosto corado e a voz cheia de emoção, disse:

- Santo Deus! Willoughby, o que significa isto? Por acaso não recebeu minhas cartas?

Você não vai me apertar a mão?

Ele não pôde evitá-lo, mas o toque da mão dela parecia-lhe algo doloroso, e segurou-lhe a mão por um breve momento. Durante todo este tempo ele tentava se controlar. Elinor observou seu rosto e viu que sua expressão ficava mais tranquila. Depois uma pausa, ele disse com tranquilidade:

- Eu tive a honra de ir a Berkeley Street na terça-feira passada, mas fiquei muito sentido por não ter tido a sorte de

encontrar vocês e Mrs. Jennings em casa. Espero que meu cartão não tenha se extraviado.

- Mas você não recebeu meus bilhetes? - exclamou Marianne com grande ansiedade.

- Estou certa que se trata de um engano, um terrível engano. O que significa tudo isso? Diga-me Willoughby, diga-me pelo amor de Deus, qual é o problema?

Ele não respondeu, seu semblante se alterou e voltou a ficar constrangido. Mas, como se percebesse o olhar da jovem com quem antes estava conversando, sentiu a necessidade de fazer um novo esforço, recuperou o domínio sobre si mesmo, e em seguida disse:

- Sim, tive o prazer de receber a notícia de sua chegada na cidade, que tiveram a bondade de me enviar. - Afastou-se rapidamente e, com uma leve inclinação de cabeça, saiu e se juntou à amiga.

Marianne, agora com o rosto terrivelmente pálido, incapaz de ficar de pé, afundou-se na cadeira, e Elinor, esperando que a qualquer momento ela desmaiasse, tentou protegê-la dos olhares dos outros, enquanto tentava reanimá-la com água de lavanda.

- Vá até ele, Elinor - exclamou ela, assim que conseguiu falar - e force-o a vir falar comigo. Diga-lhe que preciso vê-lo novamente... devo falar com ele imediatamente... não posso ter paz... não conseguirei ter um momento de paz até que tudo isso

seja explicado... deve ter ocorrido algum terrível mal entendido!
Oh! Vá até lá agora mesmo!

- Como posso fazer isso? Não, minha querida Marianne, você deve esperar. Aqui não é lugar para explicações. Espere ao menos até amanhã.

Com dificuldade, porém, conseguiu evitar que Marianne o seguisse; e foi impossível convencê-la a disfarçar sua agitação, a esperar, ao menos, readquirir um pouco de compostura, até que pudesse falar com ele a sós e com mais propriedade.

Marianne continuava sem parar, com a voz baixa, a falar da angústia de seus sentimentos, proclamando todas as dores que sentia naquele momento. Pouco tempo depois, Elinor viu Willoughby sair da sala e ir em direção às escadas, e disse à Marianne que ele tinha ido embora, o que a impossibilitava de falar com ele naquela noite, tentando usar isso como um argumento para acalmar a irmã. Instantaneamente Marianne pediu a Elinor que implorasse a Lady Middleton para ir embora, pois se sentia péssima e não queria permanecer ali por mais nenhum minuto.

Lady Middleton, apesar de estar no meio de uma partida de cartas, ao ser informada de que Marianne não estava se sentindo bem, foi muito educada para se opor ao seu desejo de ir embora, nem que fosse por um momento sequer. E, entregando suas cartas para uma amiga, partiram assim que

puderam encontrar a carruagem. Mal conversaram durante o caminho até Berkeley Street. Marianne estava em uma agonia silenciosa, muito oprimida até mesmo para chorar; mas por sorte Mrs. Jennings ainda não estava de volta e elas puderam ir diretamente para o quarto, onde os saís[1] a reanimaram um pouco. Imediatamente ela despiu-se, foi para a cama e, como ficou evidente que ela desejava ficar sozinha, Elinor deixou-a... E enquanto esperava pelo retorno de Mrs. Jennings teve tempo suficiente para pensar no que havia acontecido.

Ela não poderia duvidar de que houve alguma espécie de compromisso entre Willoughby e Marianne, e que Willoughby se cansara dele era igualmente evidente, pois ainda que Marianne pudesse alimentar alguma esperança, ela não podia atribuir tal comportamento a um engano ou mal-entendido qualquer.

Nada além de uma total mudança de sentimentos poderia ser a causa de tudo aquilo. Sua indignação teria sido ainda maior se ela não tivesse visto como ele falava com embaraço e parecia ter plena consciência de sua própria má conduta, o que a impediu de acreditar que ele fosse um rapaz sem princípios a ponto de brincar com os sentimentos de sua irmã desde o início, sem nenhum propósito que resistisse a qualquer investigação. A separação poderia ter diminuído seu interesse e como consequência decidira por um fim no assunto, mas que ele havia sentido algum interesse por Marianne, disso ela não tinha a menor dúvida.

Quanto a Marianne, Elinor não podia refletir sem uma grande preocupação sobre o terrível golpe que um encontro tão infeliz lhe proporcionara e sobre a angústia ainda maior que a irmã sentiria pelas prováveis consequências da história. Sua própria situação parecia melhor se comparada à da irmã, pois enquanto ela pudesse estimar Edward como antes, embora tivessem de se separar no futuro, sua mente sempre poderia suportar a separação. Mas todas as circunstâncias pareciam aumentar ainda mais a dor de Marianne no caso de uma separação definitiva de Willoughby... uma ruptura imediata e irreconciliável com ele.

[1] Sais de cheiro, feitos a partir de uma mistura a base de amônia. (N. T.)

CAPÍTULO XXIX

No dia seguinte, antes que a empregada acendesse a lareira ou que o sol tivesse algum poder sobre a fria e sombria manhã de janeiro, Marianne, ainda de camisola, estava ajoelhada em frente à bancada da janela, aproveitando a pouca luz que vinha dali, escrevendo tão rápido quanto o fluxo contínuo de lágrimas o permitia. E foi assim que Elinor, despertada do sono por causa da agitação e dos soluços da irmã a encontrou. Depois de contemplá-la por alguns instantes com silenciosa ansiedade, disse-lhe com a maior consideração e gentileza:

- Marianne, posso perguntar...?
- Não, Elinor - respondeu ela - não pergunte nada, logo saberá de tudo.

O calmo desespero com que disse aquilo, não durou mais que suas palavras, e imediatamente voltou a ficar aflita em excesso. Passaram-se alguns minutos antes que conseguisse voltar a escrever a carta, e as frequentes explosões de dor que, a intervalos, obrigavam-na a interromper a escrita, era prova suficiente que aquela provavelmente era a última carta que escreveria a Willoughby.

Elinor prestou-lhe todas as atenções que pôde, silenciosamente e sem incomodá-la. E teria tentado acalmá-la e tranquilizá-la ainda mais, se Marianne não tivesse implorado, com toda a insistência da mais nervosa irritabilidade, que não a

interrompesse por nada nesse mundo. Em tais circunstâncias, era melhor para ambas não permanecerem muito tempo juntas; e o inquietante estado de espírito de Marianne não só impedia que ficasse no quarto por um momento sequer depois de estar vestida, como também exigia que ficasse sozinha e que mudasse constantemente de lugar, e fez com que ela perambulasse pela casa até a hora do café da manhã, evitando se encontrar com qualquer pessoa.

Não comeu nada no café da manhã, nem sequer tentou. E Elinor concentrou toda sua atenção, sem insistir nem ter pena dela, nem observá-la com preocupação, mas no esforço de atrair a atenção de Mrs. Jennings inteiramente para si.

Como esta era a refeição favorita de Mrs. Jennings, durou um tempo considerável. Em seguida, sentaram-se ao redor da mesa de trabalho, quando uma carta para Marianne chegou. Marianne tomou-a apressadamente das mãos do empregado, e tomada de uma palidez mortal, correu para seu quarto. Elinor, percebendo através desse gesto, mesmo sem ter visto o remetente, que se tratava de uma carta de Willoughby, imediatamente sentiu uma dor no coração que fez com que ela não fosse capaz sequer de manter a cabeça erguida e sentisse receio de que Mrs. Jennings percebesse alguma coisa. A boa senhora, porém, só reparou que Marianne recebera uma carta de Willoughby, o que lhe parecia motivo para uma grande piada, oportunidade que não perdeu, desejando, entre gargalhadas, que fosse do seu gosto. Quanto à angústia de

Elinor, Mrs. Jennings estava tão ocupada em medir lã para seu tapete que não percebeu nada, e calmamente continuou a falar, logo depois que Marianne desapareceu:

- Dou minha palavra, nunca vi uma jovem tão desesperadamente apaixonada em

toda minha vida! Minhas filhas não são nada comparadas a ela, e elas costumavam ser muito tolas. Mas, Miss Marianne parece estar completamente alterada. Eu espero, do fundo do meu coração, que ele não a faça esperar por muito tempo, pois é uma lástima vê-la tão doente e desolada. Por favor, diga-me! Quando se casarão?

Elinor, que nunca estivera tão indisposta para falar como naquele momento, obrigou-se a responder àquela provocação, e tentando sorrir, respondeu:

- Então a senhora está convencida que minha irmã está comprometida com Mr. Willoughby? Pensei que fosse apenas uma piada, mas uma coisa tão séria parece implicar algo mais, portanto, peço-lhe que não continue se enganando. Posso lhe garantir que nada me surpreenderia mais se ouvisse que vão se casar.

- Que vergonha, que vergonha, Miss Dashwood! Como pode falar assim? Não sabemos todos que eles vão se casar, e que estão absurdamente apaixonados um pelo outro desde a primeira vez que se viram? Por acaso não os vi juntos todos os

dias em Devonshire? E pensa que eu não sabia que sua irmã veio à Londres com o propósito de comprar o vestido de noiva? Vamos, vamos, assim não dá para continuar. Como você consegue dissimular tão bem, pensa que ninguém mais se dá conta do que está acontecendo. Entretanto, não é assim, posso garantir que há tempos toda a cidade sabe disso. Falo a todos sobre o assunto, e Charlotte também.

- Realmente - disse Elinor, muito séria -, a senhora está enganada. Na verdade, está fazendo algo muito indelicado ao espalhar essa notícia, e acabará percebendo isso, apesar de que agora não acredita em mim.

Mrs. Jennings riu novamente, mas Elinor não teve ânimo para dizer mais nada, e ansiosa, de qualquer modo, para saber o que Willoughby havia escrito para Marianne, correu até seu quarto, onde, ao abrir a porta, viu Marianne estirada sobre a cama, quase sufocada pela dor, com uma carta na mão, e outras duas ou três jogadas ao seu lado. Elinor chegou perto, sem dizer uma palavra; e sentando-se ao seu lado na cama, pegou-lhe a mão, beijou-a afetuosamente várias vezes, e então deu vazão a uma torrente de lágrimas, que a princípio era pouco menos violenta do que a da própria Marianne. Esta última, incapaz de falar, pareceu sentir toda a ternura de seus gestos e depois de alguns minutos unidas pela aflição, colocou todas as cartas nas mãos de Elinor, e então quase gritou de agonia, cobrindo o rosto com seu lenço. Elinor, apesar de saber que tal aflição, por terrível que fosse de presenciar, deveria

seguir seu curso, manteve-se atenta ao seu lado até que esses excessos de dor diminuíssem, e então, tomando a carta de Willoughby ansiosamente, leu o seguinte:

“Bond Street, Janeiro. Minha cara senhora,

Acabo de ter a honra de receber sua carta, pela qual peço que aceite os meus sinceros agradecimentos. Estou muito preocupado em saber que algo em meu comportamento na noite passada não recebeu sua aprovação, e embora me sinta incapaz de descobrir o que fiz para ofendê-la, suplico-lhe que me perdoe e posso-lhe garantir que agi inteiramente sem a intenção de lhe magoar. Jamais me lembrarei da minha relação com sua família em Devonshire sem o prazer mais profundo, e quero acreditar que ele não será rompido por algum engano ou má interpretação das

minhas ações. Meu afeto por toda sua família é muito sincero, mas se tive a infelicidade de dar motivo para que acreditasse em algo além do que eu realmente sentia, ou quisesse expressar, devo recriminar-me por não ter sido mais cuidadoso com as manifestações dessa estima. Se alguma vez quis dizer mais que isso, deve considerar impossível, quando entender que meus afetos estão comprometidos há muito tempo em outra parte, e não se passarão muitas semanas, creio, antes que se cumpra esse compromisso. É com grande pesar que obedeco a

sua ordem de devolver-lhe as cartas com que me honrou e o cacho de cabelo com que tão gentilmente me presenteou.

Sou, minha querida senhora, seu mais obediente

e humilde servo, John Wiloughby”

Pode-se imaginar com que indignação Miss Dashwood leu esta carta. Apesar de estar bastante consciente, antes de começar a ler, de que devia trazer a confissão de sua inconstância e confirmar sua separação definitiva, não imaginava que ele pudesse usar tal linguagem para anunciá-la, nem imaginava que Willoughby fosse capaz de se distanciar tanto da aparência de quaisquer sentimentos honrados e delicados, tão distantes do decoro comum de um cavalheiro, a ponto de enviar uma carta tão descaradamente cruel; uma carta que, em vez de tornar o seu desejo de separação uma livre manifestação de arrependimento, não reconhecia nenhuma quebra de palavra e negava que tivesse havido algum afeto especial... uma carta na qual cada linha era um insulto e que proclamava que o autor era o mais puro vilão.

Ela permaneceu por algum tempo olhando a carta com indignado espanto, depois leu-a e releu-a inúmeras vezes; mas cada releitura serviu apenas para aumentar sua aversão por esse homem, e seus sentimentos eram tão amargos, que não ousou sequer falar, para não magoar Marianne ainda mais profundamente se dissesse que considerava o rompimento

deles, não como a perda de algum bem para ela, mas como a possibilidade de escapar do pior e mais irremediável de todos os males: uma união para toda a vida com um homem sem princípios – o que era uma grande libertação, a benção mais importante.

Em sua intensa meditação sobre o conteúdo da carta, sobre a depravação da mente que a ditara e, com certeza, sobre a mente muito diferente de uma pessoa muito diferente, que não tinha nenhum vínculo com o caso além do que seu coração lhe dava com tudo que se passava, Elinor esqueceu a angústia de sua irmã, esqueceu que tinha três cartas no colo para serem lidas, e esqueceu tão completamente por quanto tempo estivera no quarto, que, quando ouviu uma carruagem estacionar à porta, foi até a janela para ver quem poderia chegar tão cedo; ficou muito espantada ao perceber a carruagem de Mrs. Jennings, que nunca era solicitada antes de uma da tarde. Decidida a não deixar Marianne, apesar de não ter nenhuma esperança de poder ajudá-la, no momento, a ficar mais calma, saiu apressadamente para se desculpar e dizer à Mrs. Jennings que não poderia acompanhá-la, já que Marianne sentia-se indisposta. Mrs. Jennings, com uma alegre preocupação pelo motivo da dispensa, aceitou-a prontamente e Elinor, após despedir-se dela, voltou ao quarto, onde encontrou Marianne tentando se levantar da cama, e a alcançou justo a tempo de evitar que caísse no chão,

desmaiada e atordoada pela prolongada falta de repouso e alimentação, pois já haviam se

passado muitos dias sem que ela tivesse apetite para comer, e há muitas noites não dormia. Agora que sua mente não mais se apoiava na febre da expectativa, a consequência de tudo aquilo era sentida na cabeça dolorida, no estômago debilitado e no estado geral de fraqueza. Uma taça de vinho, que Elinor trouxe para ela imediatamente, fez com que melhorasse, e por fim foi capaz de expressar algum reconhecimento pelo afeto de Elinor, dizendo:

- Pobre Elinor! Como lhe faço infeliz!
- Eu apenas desejo - respondeu sua irmã - que houvesse algo que pudesse fazer para confortá-la.

Isto, como tudo o mais tinha sido, foi demais para Marianne, que só pode exclamar com toda angústia do seu coração, antes que sua voz se perdesse em soluços:

- Oh! Elinor, como sou infeliz.

Elinor não pôde continuar contemplando em silêncio aquela torrente desenfreada de dor.

- Faça um esforço, querida Marianne - exclamou ela - se não quiser se matar e a

todos que a amam. Pense na sua mãe, pense como ficará infeliz ao vê-la sofrer, por ela, faça um esforço.

- Eu não consigo, não consigo – exclamou Marianne, deixe-me, deixe-me, se a perturbo. Deixe-me, deixe-me, esqueça-me! Não me torture mais! Oh! Como é fácil para aqueles que não sofrem falar para os outros se esforçarem! Feliz, feliz Elinor! Você não tem ideia de como estou sofrendo.

- Você me chama de feliz, Marianne? Ah, se vocês soubessem! E como pode pensar que sou feliz ao vê-la tão desesperada!

- Perdoe-me, perdoe-me – abraçando a irmã – sei que você sofre por mim, sei que tem bom coração, mas ainda assim... Você deve ser feliz, Edward a ama. O que pode acabar com uma felicidade como essa?

- Muitas, muitas circunstâncias – disse Elinor, solenemente.

- Não, não, não – exclamou Marianne – ele a ama, ama você e mais ninguém. Você não pode ter nenhuma mágoa.

- Não posso ficar satisfeita ao vê-la desse jeito.

- E nunca mais me verá de outra forma. A minha é uma desgraça que não tem fim.

- Você não deve falar assim, Marianne. Você não tem nenhum conforto? Não tem amigos? Sua perda é tão grande que não deixa espaço para o consolo? Por mais que sofra agora, pense no que teria sofrido se descobrisse o caráter de

Willoughby mais tarde... se seu compromisso tivesse se prolongando por meses e meses, e poderia ter sido assim, antes que ele tomasse a decisão de terminá-lo. Cada dia a mais na sua infeliz confiança, teria tornado o golpe ainda pior.

- Compromisso! – exclamou Marianne – Não havia compromisso.

- Nenhum compromisso!

- Não, ele não é tão indigno como pensa. Ele não me enganou.

- Mas ele lhe disse que a amava.

- Sim... Não... Nunca... Em absoluto. Era tudo implícito, mas nunca se declarou abertamente. Às vezes eu pensava que tinha sido... Mas nunca foi.

- E ainda assim você escreveu para ele?

- Sim. Podia estar errada depois de tudo que se passou? Mas não posso falar.

Elinor não disse mais nada, e voltando sua atenção para as três cartas, que agora lhe despertavam muito mais curiosidade do que antes, imediatamente se dedicou a examinar-lhes o conteúdo. A primeira, que fora enviada por sua irmã, logo que chegara à cidade, dizia o seguinte:

Berkeley Street, janeiro.

Como ficará surpreso, Wiloughby ao receber este bilhete! Penso que sentirá até algo maior que surpresa ao saber que estou na cidade. Ao oportunidade de vir até aqui, apesar de ser na companhia de Mrs. Jennings, foi uma tentação a que não pudemos resistir. Espero que receba este a tempo de vir aqui à noite, mas não contarei com isso.

Em todo caso, esperarei por você amanhã. Por hora, adeus.

M.D.

O seguinte bilhete, que fora escrito na manhã seguinte ao baile dos Middletons, continha essas palavras:

Não posso expressar minha decepção por não tê-lo encontrado anteontem, nem meu assombro por não ter recebido resposta alguma ao bilhete que lhe enviei há mais de uma semana.

Tenho esperado notícias suas, e anseio ainda mais em vê-lo, todas as horas do dia. Por favor, venha novamente assim que for possível, e explique o motivo de eu ter esperado em vão.

Seria melhor que viesse mais cedo da próxima vez, porque geralmente saímos depois de uma da

tarde. Na noite passada, estivemos na casa de Lady Middleton, onde houve um baile. Disseram-me que você fora convidado.

Isso é verdade? Você deve estar bastante mudado desde que nos separamos, se este é o caso e você não foi. Mas não estou disposta a acreditar que isso seja possível, e espero que logo me diga pessoalmente o que aconteceu.

M.D.

O conteúdo do último bilhete era este:

O que devo imaginar, Wiloughby, do seu comportamento na noite passada? Mais uma vez, peço uma explicação. Estava preparada para encontrá-lo com o prazer que a nossa separação naturalmente provocou, com a familiaridade que nossa intimidade em Barton me parecia justificar. Fui rejeitada, na verdade! Passei uma terrível

noite tentando desculpar uma conduta que no mínimo chamaria de insultante, porém, como fui incapaz de encontrar uma justificativa razoável para seu comportamento, estou perfeitamente pronta para ouvir as suas justificativas. Talvez você tenha sido malinformado, ou propositalmente enganado a meu respeito, o que pode ter piorado a opinião que tem de mim. Diga-me o que é, explicando porque agiu daquela maneira, e ficarei satisfeita por poder satisfazê-lo. Certamente me causaria grande dor ter que pensar mal de você, mas se sou obrigada a fazê-lo, se sou obrigada a ver que você não é quem acreditávamos que fosse, que sua afeição por nós era insincera, que a sua

conduta para comigo tinha apenas a intenção de enganar-me, diga-me o mais rápido possível. Meus sentimentos estão agora em um terrível estado de indecisão. Desejo absolvê-lo, porém a

certeza, seja qualfor, será melhor do que meu sofrimento. Se seus sentimentos já não são mais os mesmos, devolva meus bilhetes e o meu cacho de cabelos que estão em seu poder.

M.D.

Em consideração a Willoughby, Elinor não estava disposta a acreditar que tais cartas, tão cheias de afeto e confiança, pudessem ter merecido a resposta que tiveram. No entanto, sua condenação não a tornou cega à impropriedade de terem sido escritas. Lamentava silenciosamente a imprudência que dera oportunidade a tais provas de ternura não solicitadas, não garantidas por nada que tivesse ocorrido e severamente condenadas pelos fatos, quando Marianne, percebendo que ela terminara de ler as cartas, observou-lhe que elas não continham nada além do que qualquer um escreveria na mesma situação.

- Eu me senti - acrescentou - tão solenemente comprometida com ele como se estivéssemos unidos pelo mais estreito pacto legal.

- Eu acredito - disse Elinor -, mas infelizmente ele não sentia o mesmo.

- Ele sentia o mesmo, Elinor, por várias semanas ele sentia o mesmo. Eu sei que sentiu. Seja o que for que causou essa transformação nele agora, (e só mesmo a magia mais negra usada contra mim poderia ter feito isso), eu era tão querida por ele quanto minha própria alma poderia desejar. Esse cacho de

cabelo, do qual agora ele desiste tão facilmente, ele o obteve mediante súplicas veementes. Se tivesse visto seu aspecto, suas maneiras, se tivesse escutado sua voz naquele momento! Esqueceu-se da última tarde que passamos juntos em Barton? E a manhã em que nos despedimos também! Quando ele me disse que poderiam se passar muitas semanas antes de nos encontrarmos novamente... seu desespero... Como posso esquecer do desespero de Willoughby?

Por alguns instantes ela não pôde dizer mais nada, mas quando a emoção passou, ela acrescentou, em um tom mais firme de voz:

- Elinor, fui cruelmente usada, mas não por Willoughby.
- Querida Marianne, quem pode ser, além dele? Quem poderia ter induzido Willoughby?
- Todo o mundo, menos o seu próprio coração. Prefiro acreditar que todas as pessoas que conhecemos se uniram para arruinar-me em sua opinião, do que acreditar que sua natureza fosse capaz de tamanha crueldade. Esta mulher que ele menciona... seja quem for... ou quaisquer outras pessoas, com exceção de você, naturalmente, mamãe e Edward, podiam ser tão cruéis a ponto de me denegrirem. Além de vocês três, existe outra pessoa no mundo de quem eu jamais suspeitaria, senão de Willoughby, cujo coração conheço tão bem?

Elinor não quis discutir, apenas respondeu:

- Seja quem for o seu detestável inimigo, deixe que seja enganado por seu próprio triunfo maligno, minha querida irmã, mostrando-lhe com quanta nobreza a consciência de sua própria inocência e boas intenções sustenta o seu espírito. É razoável e digno o orgulho que

resiste a essa malevolência.

- Não, não - exclamou Marianne - não há orgulho para um sofrimento como o meu. Não me importa que saibam o quanto sou infeliz. Todos podem saborear o triunfo de ver-me dessa maneira. Elinor, Elinor, aqueles que pouco sofrem, podem ser tão orgulhosos e independentes como queiram... podem resistir aos insultos ou esquecer a humilhação... mas eu não. Tenho que sentir... tenho que ser infeliz... e eles estão livres para saborear o que conseguiram fazer.

- Mas por minha mãe, e por mim...

- Faria mais do que por mim mesma. Mas parecer feliz quando na verdade estou triste... Oh! Quem pode exigir isso?

De novo ficaram em silêncio. Elinor se dedicava a caminhar, pensativa, da lareira até a janela, da janela até a lareira, sem notar se recebia calor de uma ou via objetos através da outra. Marianne, sentada ao pé da cama, com a cabeça apoiada contra um dos seus pilares, tomou de novo a carta de Willoughby e, depois de arrepiar-se com cada sentença, exclamou:

- É demais! Oh, Willoughby, Willoughby, como isto pode ter sido escrito por você? Cruel, cruel, nada pode desculpá-lo. Elinor, nada pode desculpá-lo. Seja o que for que ouviu contra mim... Não deveria ter suspenso o julgamento? Não deveria ter conversado comigo, para que eu pudesse defender-me? - “O cacho de cabelo (repetindo o que a carta dizia), com que tão gentilmente me presenteou” - Isso é imperdoável! Willoughby, onde estava seu coração quando escreveu essas palavras? Oh! Que insolência desalmada! Elinor, por acaso ele pode se justificar?

- Não, Marianne, de maneira alguma.

- E, no entanto, essa mulher... Quem sabe o que ela foi capaz de fazer? Durante quanto tempo premeditou tudo isso, e o quanto ela o induziu! Quem é ela? Quem poderá ser? Será que alguma vez terei ouvido Willoughby mencionar uma jovem atraente entre as suas relações femininas? Oh! Nunca, nenhuma vez, ele só falava de mim.

Seguiu-se uma nova pausa. Marianne estava bastante agitada, e terminou assim:

- Elinor, tenho que ir para casa. Tenho que ir e confortar a mamãe. Podemos ir

amanhã?

- Amanhã, Marianne!
- Sim, por que devemos ficar aqui? Só vim por causa de Willoughby, e agora quem se

importa comigo? Quem me considera?

- Seria impossível partirmos amanhã. Devemos à Mrs. Jennings muito mais do que a boa educação exige, e as regras de etiqueta impedem que façamos uma partida assim tão precipitada.

- Bem, então em dois ou três dias, talvez. Mas não posso ficar aqui mais tempo, não poderei ficar e enfrentar os questionamentos e comentários de todas essas pessoas. Como irei suportar a piedade dos Middletons e dos Palmers? A piedade de uma mulher como Lady Middleton? Oh, o que Willoughby diria a respeito disso?

Elinor aconselhou-a a deitar-se novamente, e por um momento ela obedeceu, mas nenhuma posição parecia lhe trazer conforto, e na dor sem descanso de seu corpo e de seu

espírito, mudava de posição várias vezes, até que foi ficando mais e mais nervosa, de modo que a irmã teve dificuldade de mantê-la na cama, e por alguns instantes pensou em chamar alguém para ajudá-la. Algumas gotas de água de lavanda, no

entanto, que Marianne foi convencida a tomar, lhe serviram de ajuda, e deste instante até a volta de Mrs. Jennings permaneceu na cama, calada e sem se mover.

CAPÍTULO XXX

Ao retornar à casa, Mrs. Jennings se dirigiu imediatamente ao quarto de Elinor e Marianne e, sem esperar que respondessem seu chamado, abriu a porta e entrou com o semblante bastante preocupado.

- Como você está, minha querida? - perguntou em um tom compassivo. Marianne desviou o rosto sem demonstrar nenhuma intenção de responder.

- Como ela está, Miss Dashwood? Pobrezinha! Está com uma aparência horrível. Não é de se estranhar. Ah, então é mesmo verdade! Ele vai se casar em breve, sujeitinho desclassificado! Não tenho paciência com ele. Mrs. Taylor disse-me há meia hora, e ela ouviu de uma amiga particular de Miss Grey, do contrário eu não seria capaz de acreditar, quase desmaiei quando soube. Bem, disse eu, tudo que posso dizer é que, se for verdade, ele se aproveitou de uma jovem de minhas relações de maneira abominavelmente cruel, e desejo de todo meu coração que sua esposa o atormente a vida inteira. E seguirei dizendo para sempre, querida, pode ter certeza. Não consigo imaginar como os homens podem seguir em frente trilhando este caminho, e se alguma vez eu voltar a encontrá-lo, passarei um sermão nele, como até hoje ele nunca ouviu. Mas existe um conforto, minha querida Marianne, ele não é o único jovem do mundo que vale à pena, e com seu lindo rostinho

nunca lhe faltarão pretendentes. Pobrezinha! Não quero incomodá-la por muito tempo, pois o melhor a fazer é chorar tudo que tem para chorar de uma vez. Por sorte, como você sabe, os Parrys e os Sandersons nos visitarão hoje à noite, e isso servirá para distraí-la.

Saiu, caminhando na ponta dos pés, como se acreditasse que a aflição de sua amiga fosse aumentar por causa do ruído.

Marianne, para a surpresa de sua irmã, decidiu jantar com elas. Elinor chegou a aconselhar o contrário. Mas não, “ela iria lá embaixo, podia suportar muito bem, e o falatório a seu respeito seria menor”. Elinor, contente por vê-la deixar-se guiar por tal motivo, apesar de não crer que ela pudesse se sentar à mesa de jantar, não disse mais nada. Assim, tentando ajeitar-lhe o vestido da melhor maneira possível, enquanto Marianne ainda permanecia na cama, estava pronta para levá-la à sala de jantar assim que fossem chamadas.

Uma vez ali, embora parecesse muito triste, alimentou-se melhor e estava mais calma do que sua irmã esperava. Se tivesse tentado falar ou se tivesse consciência da metade das boas intenções, porém desajeitadas, de Mrs. Jennings para com ela, essa calma talvez não pudesse ser mantida. Porém, nenhuma sílaba saiu de seus lábios, e absorvida por seus pensamentos não prestava atenção no que se passava à sua volta.

Elinor, que valorizava a bondade de Mrs. Jennings, apesar de suas efusões serem um tanto irritantes e às vezes quase ridículas, manifestou-lhe sua gratidão e retribuiu as gentilezas, o que a irmã não podia fazer ou retribuir por si mesma. A sua boa amiga viu que Marianne estava triste, e sentiu que deveria fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para diminuir-lhe a dor. Tratou-a, então, com todo o indulgente carinho de uma mãe para com sua filha favorita

em seu último dia de férias. Marianne tinha de ficar no melhor lugar junto à lareira, deveria ser tentada a comer cada uma das iguarias da casa e precisava ser distraída com um relato de todas as notícias do dia. Se Elinor não tivesse visto, no semblante triste da irmã, uma contenção de qualquer alegria, teria se divertido com os esforços de Mrs. Jennings para curar a decepção amorosa da irmã por meio de uma variedade de doces, azeitonas e uma boa lareira. No entanto, assim que Marianne teve consciência de tudo aquilo devido a sua repetição contínua, não suportou mais. Com uma viva exclamação de dor e um sinal para que a irmã não a seguisse, levantou-se e saiu rapidamente da sala.

- Pobre alma! - exclamou Mrs. Jennings, assim que ela saiu
- Como fico triste ao vê-la assim! E vejam, ela saiu sem terminar o vinho! E as cerejas secas também! Meu Deus! Nada parece lhe dar alegria. Estou certo de que se soubesse de algo que pudesse alegrá-la, mandaria procurar por toda cidade até

consegui-lo. Bem, para mim é muito estranho que um homem use uma moça de maneira tão cruel! Mas quando existe muito dinheiro de um lado, e quase nenhum do outro, que Deus me ajude! Eles não se importam mais com essas coisas!

- Então a moça - acho que seu nome é Miss Grey - é muito rica?

- Cinquenta mil libras, minha querida. Nunca a viu? Uma moça inteligente e elegante, mas não é muito bonita. Lembro muito bem de sua tia, Biddy Henshawe, casou-se com um homem muito rico. Mas todos da família são muito ricos. Cinquenta mil libras! E pelo que contam, esse dinheiro chegará bem a tempo, pois dizem que ele está bastante endividado. Não é de admirar, já que está sempre por ai passeando com sua carruagem e seus cachorros! Bem, sem querer fazer fofoca, mas quando um rapaz, seja ele quem for, se apaixona por uma linda jovem e lhe promete casamento, não tem o direito de não cumprir com sua palavra só porque ficou pobre e há uma outra moça rica à sua espera. Por que ele, neste caso, não vendeu seus cavalos, alugou sua casa, despediu os criados e mudou completamente de vida? Garanto- lhe que Miss Marianne estaria disposta a esperar até que as coisas se arranjassem. Mas não é assim que se faz hoje em dia, os jovens de hoje jamais renunciam a nenhum prazer.

- Sabe que tipo de moça é essa Miss Grey? Dizem que é amável?

- Eu nunca ouvi nada de mal sobre ela. Na verdade, quase nunca ouvi falar a seu respeito, exceto o que Mrs. Taylor disse esta manhã, que um dia Miss Walker insinuou que acreditava que Mr. e Mrs. Ellison não lamentariam se Miss Grey se casasse, pois ela e Mrs. Ellison nunca se entenderam bem.

- Quem são os Ellisons?

- São os tutores dela, minha querida. Mas agora ela já é maior de idade e pode fazer suas próprias escolhas. E que bela escolha ela fez! - Depois de fazer uma pausa, continuou: - E agora, sua pobre irmã saiu da sala, suponho, para lamentar-se sozinha. Não há nada que possamos fazer para consolar Marianne? Pobrezinha, parece muita crueldade deixá-la sozinha. Bem, pouco a pouco convidaremos novos amigos, e ela poderá se divertir um pouco. O que podemos jogar? Sei que ela odeia uíste, mas não há outro jogo que ela goste?

- Minha cara senhora, esta generosidade é bastante desnecessária. Marianne, posso lhe garantir, não vai mais sair do quarto hoje. Tentarei convencê-la a se deitar mais cedo, pois tenho certeza que ela precisa de descanso.

- Sim, creio que será melhor para ela. Espero que diga o que deseja comer na ceia e depois vá dormir. Deus! Não é de estranhar que tenha andado tão mal e tão abatida nas últimas semanas, porque imagino que este assunto ficava em sua cabeça o tempo todo. E então a carta que chegou hoje foi a

gota d'água! Pobrezinha! Garanto-lhe que se eu soubesse disso tudo, não teria brincado com ela sobre o assunto por nada neste mundo. Mas como eu poderia ter adivinhado? Tinha certeza que era apenas uma carta de amor, e você sabe que os jovens gostam que brinquem com eles sobre essas cartas. Deus! Como Sir John e minhas filhas ficarão preocupados ao ouvir tal notícia! Se eu estivesse com minha cabeça no lugar, teria passado em Conduit Street na volta para casa e lhes contado a notícia. Mas irei vê-los amanhã.

- Estou certa de que não será necessário que a senhora aconselhe Mrs. Palmer e Sir John a não mencionarem o nome de Mr. Willoughby, nem fazerem a menor alusão ao ocorrido na frente de minha irmã. Sua própria bondade natural lhes fará ver a crueldade que seria demonstrar o que sabem a respeito em sua presença, e muito menos que falem sobre o assunto comigo, pois assim meus sentimentos serão preservados, como a senhora facilmente entenderá.

- Oh, Deus! Sim, entendo sim. Deve ser terrível para você ouvir falar desse assunto, e quanto à sua irmã, garanto-lhe que não mencionarei uma palavra sequer para ela. Você percebeu que não falei nada durante o jantar. Nem Sir John nem minhas filhas irão falar nada, uma vez que todos são tão atenciosos e têm bastante consideração por vocês, principalmente se eu os aconselhar, como certamente farei. Da minha parte, acredito que quanto menos se falar sobre essas coisas, melhor, e

rapidamente os mexericos vão cessar e serão esquecidos. E de que adianta falar sobre isso?

- Nesse caso, falar só pode prejudicar, talvez mais do que em muitos casos parecidos, porque este vem acompanhado de circunstâncias que, para o bem de todos os interessados, o tornam impróprio como motivo de comentário público. Devo fazer esta justiça a Mr. Willoughby: ele não rompeu nenhum compromisso efetivo com minha irmã.

- Justiça, minha cara! Não tente defendê-lo. Nenhum compromisso efetivo, realmente! Depois de levá-la a Allenhams House, e mostrar a ela todos os cômodos que iriam ocupar no futuro!

Elinor, pelo bem da irmã, não quis continuar a falar sobre o assunto, e também pelo bem de Willoughby esperava que não lhe fizessem perguntas, pois apesar de Marianne ter perdido muito, não ganharia nada ao dizer a verdade. Depois de um breve silêncio entre as duas, Mrs. Jennings, com toda sua hilariante naturalidade, entrou no assunto novamente.

- Bem, minha querida, como diz o ditado: há males que vêm para o bem, e neste caso, o beneficiário será o Coronel Brandon. Finalmente ele vai poder conquistá-la, e tenho certeza que o fará. Escute o que eu digo, eles estarão casados até meados do verão. Deus! Como ele vai se alegrar com a notícia! Espero que ele venha esta noite. Tenho certeza que será um casamento melhor para sua irmã. Duas mil libras por ano, sem

dívidas nem descontos, com exceção, é claro, de sua filha natural. Ah, quase me esqueci dela. Podem colocá-la como interna em algum lugar, sem maiores gastos, e então o que isso poderia significar? Delaford é um lindo lugar, posso lhe dizer! É exatamente o que eu chamo de belo lugar à moda antiga, cheio de conforto e conveniências, rodeado pelos grandes muros de um imenso jardim cheio de árvores frutíferas,

as melhores da região! Além disso, há uma amoreira em um dos cantos! Deus! Como eu e Charlotte nos fartamos de comer na única vez que estivemos por lá! Há também um pombal, uns deliciosos tanques de peixes e um lindo canal, enfim, tudo que se pode desejar. Além disso, fica perto da igreja, e a cerca de quatrocentos metros da estrada principal, então nunca é monótono, pois precisamos apenas nos sentar sobre um teixo velho que há atrás da casa e podemos observar as carruagens passando. Oh! É um ótimo lugar! Há um açougueiro perto da vila, e a casa paroquial fica a alguns metros dali. Em minha opinião é mil vezes mais lindo que Barton Park, onde são obrigados a andar quase cinco quilômetros para comprar carne, e não tem nenhum outro vizinho por perto a não ser sua mãe. Bem, vou animar o Coronel Brandon assim que puder. E como você sabe, uma coisa puxa a outra. Se apenas pudermos tirar-lhe Willoughby da cabeça!

- Ah, se pudermos fazer isso, senhora - disse Elinor -
passaremos muito bem com ou sem o Coronel Brandon. - Então

se levantou e foi ao encontro de Marianne, a quem encontrou, tal como esperava, em seu quarto, triste e silenciosa, debruçada sobre o resto das brasas da lareira, a qual, até a entrada de Elinor, fora sua única luz.

- É melhor você me deixar. - foi a única coisa que Marianne disse à irmã.

- Vou deixá-la - disse Elinor - se você for se deitar. - Levada pela impaciência momentânea de seu sofrimento, recusou a princípio. Mas os insistentes, porém gentis, argumentos de sua irmã logo a deixaram mais dócil, e Elinor a viu encostar a cabeça dolorida sobre uma almofada, e como esperava, começou a descansar antes que a deixasse.

Na sala de estar, para onde Elinor se dirigiu, Mrs. Jennings logo juntou-se a ela, com uma taça cheia de vinho na mão.

- Minha querida - disse ela ao entrar -, acabo de me lembrar que havia uma garrafa de um excelente vinho Constancia e posso lhe garantir que é o melhor que já provei, então decidi trazer uma taça para sua irmã. Meu pobre marido! Como gostava desse vinho! Cada vez que tinha um de seus ataques de gota, dizia que esse vinho era a melhor coisa do mundo. Pegue e leve uma taça para sua irmã.

- Minha cara senhora - respondeu Elinor, sorrindo por causa da diversidade de males para os quais o vinho era recomendado -, quanta bondade! Mas acabo de deixar Marianne na cama, e espero que esteja quase adormecida. E

como acredito que nada lhe fará mais bem que um bom descanso, se a senhora permitir, eu mesma tomarei o vinho.

Mrs. Jennings, apesar de lamentar não ter chegado cinco minutos antes, ficou satisfeita com a proposta. E Elinor, enquanto tomava a maior parte do vinho, pensava que, embora os efeitos do vinho em relação à gota, no momento, não lhe fossem relevantes, talvez seus poderes curativos sobre um coração despedaçado pudessem ser de alguma valia tanto para ela como para a irmã.

Coronel Brandon chegou quando estavam tomando chá, e pela maneira com que olhava à volta da sala, procurando por Marianne, Elinor percebeu logo que ele não esperava e nem sequer desejava vê-la ali, e, em suma, que já sabia o motivo de sua ausência. Mrs. Jennings não pensou da mesma maneira, pois logo após a chegada do Coronel, foi em direção à mesa em cuja cabeceira estava Elinor e sussurrou:

- Veja como o Coronel está mais sério do que de costume. Não deve saber de nada, conte a ele, minha querida.

Logo depois, ele puxou uma cadeira para junto dela e, com um olhar que lhe garantia que ele sabia da notícia, perguntou por sua irmã.

- Marianne não está se sentindo bem - disse ela. - Esteve indisposta durante todo o dia, e nós a convencemos a ir se deitar.

- Talvez, então - respondeu ele hesitante -, o que eu ouvi esta manhã seja verdade...

Deve haver mais verdade nisso do que acreditei a princípio.

- O que foi que ouviu?

- Que um cavalheiro, a respeito do qual tenho motivos para acreditar... Em suma, que um homem que eu sabia estar comprometido... Mas, como posso lhe dizer? Se já sabe, como imagino, não me obrigue a repeti-lo.

- Você se refere - respondeu Elinor, com forçosa tranquilidade - ao casamento de Willoughby com Miss Grey. Sim, nós sabemos tudo a respeito. Parece que foi um dia de esclarecimento geral, pois logo no início da manhã descobrimos tudo. Mr. Willoughby é uma pessoa insondável! Onde ouviu a notícia?

- Em uma papelaria em Pall Mall, onde estava a negócios. Duas senhoras estavam aguardando a carruagem e uma delas contava à outra sobre este futuro casamento, em um tom de voz tão pouco discreto que não tive como não escutar tudo. O nome de Willoughby, John Willoughby, repetido mais de uma vez, chamou minha atenção. E o que se seguiu era a afirmação positiva de que tudo finalmente estava acertado a respeito do seu casamento com Miss. Grey... Já não era mais segredo... E que aconteceria dentro de poucas semanas, e muitos outros detalhes sobre os preparativos e outros assuntos. Recordo-me em especial de uma coisa, que me serviu para identificar ainda

mais o homem em questão: logo após a cerimônia, viajariam para Combe Magna, sua propriedade em Somersetshire. Não imagina meu assombro! Mas seria impossível descrever-lhe o que senti. Ao perguntar, já que permaneci na papelaria até elas irem embora, informaram-me que a comunicativa senhora era Mrs. Ellison, a tutora de Miss Grey.

- Sim é verdade. Mas você também ouviu que Miss Grey possui cinquenta mil libras?

Apenas essa pode ser considerada uma boa explicação.

- Pode ser. Porém, Willoughby é capaz, pelo eu acredito... - parou um instante, e em seguida acrescentou com uma voz que parecia trair a si mesma: - E sua irmã, como...

- Seu sofrimento é enorme. Só espero que seja proporcionalmente breve. Tem sido a mais cruel aflição. Até ontem, creio que ela nunca duvidou do afeto de Willoughby, e até mesmo agora, talvez... Mas estou convencida de que ele nunca esteve realmente apaixonado por ela. Agiu com muita falsidade! E, em alguns pontos, parece ser um homem sem coração.

- Ah! - disse Coronel Brandon - estou certo que sim! Mas sua irmã não... Acho que você já me disse isso... Não tem a mesma opinião?

- Você sabe como ela é, e pode imaginar o quanto ela se esforçaria para justificá-lo, se pudesse.

Ele não respondeu, e logo em seguida, quando tiraram o serviço de chá e organizaram os grupos para jogar cartas, o assunto foi necessariamente deixado de lado. Mrs. Jennings, que os observava com prazer enquanto conversavam, e esperava que o efeito da comunicação de Miss Dashwood causasse uma instantânea explosão de alegria no Coronel Brandon, como aconteceria com um homem na flor da idade, da esperança e da felicidade, com assombro viu-o permanecer toda a noite mais sério e pensativo do que o habitual.

C A P I T U L O XXXI

Depois de uma noite em que dormiu mais do que esperava, Marianne acordou na manhã seguinte consciente de que continuava com a mesma infelicidade de quando adormecera.

Elinor tentou encorajá-la a falar do que sentia o mais que pôde, então, antes que o café da manhã fosse servido, elas conversaram sobre o assunto várias vezes; Elinor sem alterar sua tranquila certeza e conselhos afetuosos, e Marianne mantendo os impetuosos sentimentos e mudando constantemente de opinião, como antes. Às vezes acreditava que Willoughby era tão infeliz e inocente quanto ela, em outras, ficava inconsolável ante a impossibilidade de absolvê-lo. Em um momento, era indiferente aos comentários do mundo, no momento seguinte se retiraria dele para sempre, em um terceiro momento poderia resistir a ele com determinação. Entretanto, em uma coisa ela permanecia constante ao tratar desta questão: em evitar, quando possível, a presença de Mrs. Jennings, e em sua decisão de se manter em absoluto silêncio quando fosse obrigada a tolerá-la. Seu coração se recusava a crer que Mrs. Jennings pudesse participar de sua dor com alguma compaixão.

- Não, não, não pode ser - exclamou - ela não pode sentir. Sua amabilidade não é consideração, seu bom caráter não é

ternura. Ela só se interessa por fofocas, e só gosta de mim porque lhe dou motivos para tanto.

Elinor não precisava disto para ter certeza de que sua irmã podia cometer injustiças, movida pelo irritável refinamento de sua própria mente quando se tratava de opinar sobre os demais, pela excessiva importância que atribuía às delicadezas próprias de uma grande sensibilidade e às graças de maneiras refinadas. Como metade do mundo, Marianne, com excelentes qualidades e grande disposição, não era nem razoável nem justa. Esperava que os demais tivessem as mesmas opiniões e sentimentos que os seus, e julgava as atitudes de todos pelo efeito imediato que as ações destes exerciam sobre ela. Foi em uma destas circunstâncias quando as irmãs estavam em seu quarto, após o café da manhã, que ocorreu algo que rebaixou ainda mais sua opinião sobre os sentimentos de Mrs. Jennings, pois, por sua própria fraqueza, permitiu que lhe causasse uma nova dor, apesar da boa senhora ter sido guiada pela maior boa vontade.

Com uma carta estendida em sua mão e um alegre sorriso, entrou no quarto, convencida de que era portadora de consolo, dizendo:

- Agora, minha querida, trago-lhe algo que lhe fará muito bem.

Marianne não precisava escutar mais. Em um segundo sua imaginação trouxe-lhe uma carta de Willoughby, cheia de

ternura e arrependimento, na qual explicava o ocorrido e lhe dava toda satisfação, de maneira convincente; a carta seria seguida pelo próprio Willoughby, adentrando o cômodo com toda urgência para reforçar, aos seus pés e com a eloquência de seus olhos, as declarações de sua mensagem. O trabalho de um momento foi destruído pelo momento seguinte. Estava à sua frente a letra de sua mãe, que até então nunca fora mal

recebida; e na mais profunda decepção que se seguira àquele êxtase maior do que a esperança, sentiu como se até aquele momento nunca tivesse sofrido.

Não havia palavras que descrevessem a crueldade de Mrs. Jennings, nem mesmo em seus momentos da mais feliz eloquência ela poderia expressar. E agora só podia repreendê-la pelas lágrimas que então corriam de seus olhos com passional violência; uma repreensão, no entanto, inteiramente perdida em seus objetivos, pois que, após muitas expressões de compaixão, Mrs. Jennings retirou-se, ainda se referindo ao conforto que a carta devia causar. Mas quando teve tranquilidade suficiente para lê-la, encontrou pouco alívio. Todas as páginas continham o nome de Willoughby. Sua mãe, ainda confiante em seu compromisso e acreditando firmemente na lealdade do rapaz, somente por insistência de Elinor havia se decidido a exigir que Marianne fosse franca com ambas, e o fez com tanta ternura, tanta afeição por Willoughby, tanta convicção sobre a felicidade que cada um

encontraria no outro, que Marianne não pôde deixar de chorar desesperadamente até terminar de ler.

Toda sua impaciência de voltar para casa retornou; sua mãe nunca havia sido tão querida, inclusive pelo mesmo excesso de sua errônea confiança em Willoughby, e desejava desesperadamente partir. Elinor, incapaz de decidir se era melhor para Marianne permanecer em Londres ou ir para Barton, não lhe ofereceu outro consolo a não ser que fosse paciente até que elas conhecessem os desejos de sua mãe, e finalmente obteve da irmã o consentimento de aguardar por essa decisão.

Mrs. Jennings saiu mais cedo do que de costume, pois não podia sossegar até que os Middleton e os Palmers pudessem compartilhar de suas lamentações, e recusando terminantemente a companhia de Elinor, saiu sozinha por todo o resto da manhã. Elinor, com o coração abatido, consciente da dor que iria causar e percebendo, pela carta de Marianne, como fracassara em preparar a mãe para aquilo, sentou-se para escrever o ocorrido e pedir à mãe que lhes desse orientações sobre o futuro. Enquanto isso Marianne, que entrara na sala de estar logo depois que Mrs. Jennings saiu, manteve-se imóvel junto à mesa onde Elinor escrevia, observando o avanço da pena, lamentando a dureza desta tarefa e lamentando ainda mais o efeito que aquela carta produziria em sua mãe.

Estavam ali há cerca de quinze minutos quando Marianne, cujos nervos não suportavam nenhum tipo de ruído repentino, assustou-se ao ouvir uma batida na porta.

- Quem poderá ser? – exclamou Elinor. – Tão cedo! Pensava que estivéssemos a salvo. Marianne foi em direção à janela.

- É o Coronel Brandon! – disse ela, irritada. – Nunca estamos a salvo dele.

- Ele não vai entrar, já que Mrs. Jennings está fora.

- Não tenho tanta confiança nisso – disse, retirando-se para seu quarto. – Um homem que não sabe o que fazer da vida não tem consciência alguma de sua intromissão na vida dos outros.

O que aconteceu em seguida confirmou a suposição de Marianne, embora fosse baseada na injustiça e no erro, pois o Coronel Brandon entrou na casa. E Elinor, convencida de que sua preocupação por Marianne era o motivo dele estar ali, e que via essa preocupação em

seu semblante triste e preocupado, e em suas ansiosas, porém breves, perguntas a respeito de Marianne, não pôde perdoar a irmã.

- Eu encontrei Mrs. Jennings em Bond Street – disse ele, depois que a cumprimentou

- e ela me encorajou a vir. E não foi difícil tomar essa decisão, porque pensei que provavelmente a encontraria

sozinha, como eu desejava. O meu objetivo... Meu desejo, meu único desejo ao querê-lo... Espero, creio que é... Poder dar-lhe algum consolo... Não, não devo dizer consolo, não me refiro a um conforto momentâneo, e sim a uma certeza, uma duradoura certeza para a mente de sua irmã. Meu afeto por ela, por você e por sua mãe, espero prová-lo ao relatar algumas circunstâncias, que apenas a mais sincera consideração... ou então o desejo de ser-lhes útil... creio que justificaria. Embora tenha passado muitas horas tentando convencer-me de que estou certo, não haverá razões para temer que eu esteja errado?

Ele se calou.

- Eu o compreendo - disse Elinor. - Você tem algo a me dizer a respeito de Mr. Willoughby que ajudará a entender melhor seu caráter. Ao contar-me, fará o maior ato de amizade que pode demonstrar por Marianne. Qualquer informação com esta finalidade merecerá minha imediata gratidão, e a dela virá com o tempo. Por favor, por favor, diga-me.

- Direi, então. E para ser breve, quando deixei Barton em outubro passado... Bem, mas assim você não entenderá. Devo voltar um pouco mais atrás no tempo. Vai julgar-me um narrador muito desajeitado, Miss Dashwood. Mal sei por onde começar. Creio que será preciso contar um pouco da minha história, mas serei breve. Sobre um tema como este - suspirou profundamente - não tenho intenção de falar muito.

Ele parou um momento para se recompor, e então, após um suspiro, continuou:

- Provavelmente você esqueceu completamente uma conversa (não creio que ela possa ter lhe causado grande impressão), uma conversa que tivemos uma noite em Barton Park, uma noite em que havia um baile, na qual eu mencionei uma dama que conheci há muito tempo e que se parecia, de alguma forma, com Marianne.

- Sim - respondeu Elinor - não me esqueci da conversa. Ele pareceu satisfeito pela lembrança e acrescentou:

- Se não estou enganado pela incerteza e pela parcialidade de doces lembranças, há uma grande semelhança entre as duas, em espírito e aparência: a mesma intensidade de sentimentos, a mesma força de imaginação e veemência de espírito. Esta dama era uma de minhas conhecidas mais próximas, uma órfã desde a infância e sob a tutela de meu pai. Tínhamos quase a mesma idade, e desde a mais tenra infância fomos companheiros de brincadeiras e amigos. Não consigo lembrar de um tempo em que não tivesse amado Eliza, e meu afeto por ela, à medida que crescíamos, foi crescendo de tal maneira que, talvez, julgando por minha atual austeridade, lastimável e triste, você poderia acreditar que eu seja incapaz de alguma vez tê-lo sentido. E o afeto dela por mim, acredito, foi tão intenso quanto o amor de sua irmã por Willoughby e, ainda que por motivos diferentes, não menos afortunado. Aos dezessete anos a perdi para sempre. Casou-se, contra sua

vontade, com meu irmão. Era dona de uma grande fortuna e as propriedades de nossa família encontravam-se bastante comprometidas. E isto, receio dizer, é tudo o que se pode falar para justificar o

comportamento de alguém que era ao mesmo tempo seu tio e tutor. Meu irmão não a merecia, nem sequer a amava. Eu tinha a esperança de que seu afeto por mim a ajudasse a suportar tantas dificuldades, e por um tempo assim o foi; mas, finalmente, a infeliz situação em que vivia, pois tinha que suportar as maiores provações, foi mais forte que ela, e apesar de ter prometido que nada... Mas como estou contando tudo às cegas! Nunca lhe contei como tudo isso ocorreu. Estávamos a poucas horas de fugir para a Escócia, antes deles se casarem. A desonestidade ou a insensatez da empregada de minha prima nos arruinou. Fui enviado para a casa de um parente que morava muito distante, e a ela não foi permitida nenhuma liberdade, nenhuma companhia e nenhuma diversão, até que o desejo de meu pai fosse satisfeito. Confiei demais na força de Eliza, e o golpe foi muito duro. Mas, se seu casamento fosse feliz, jovem como eu era na época, em poucos meses terminaria aceitando-o, ou ao menos não teria o que lamentar agora. Mas não foi isso o que aconteceu. Meu irmão não tinha nenhuma consideração por ela, seus prazeres não eram tão corretos, e desde o começo tratou-a de maneira grosseira. A consequência disto sobre a mente de uma jovem tão cheia de vida, tão

inexperiente como Eliza, não foi senão a esperada. A princípio se resignou com sua infeliz situação, e essa decisão teria sido feliz se ela não tivesse dedicado a vida a superar o pesar que minha lembrança lhe provocava. Porém, é de se admirar que, com um marido que só lhe trazia infelicidade, e sem um amigo para aconselhá-la ou contê-la (pois meu pai viveu apenas alguns meses depois que se casaram, e eu estava com o meu regimento nas Índias Orientais) ela acabasse por cair? Se eu tivesse ficado na Inglaterra, talvez... Mas eu quis promover a felicidade de ambos ficando distante dela por anos, e com tal propósito pedira transferência. O golpe que seu casamento significou para mim – continuou com a voz agitada – não foi nada, foi algo trivial se comparado ao que senti quando, mais ou menos dois anos depois, soube de seu divórcio. Foi essa a causa desta melancolia... mesmo hoje, a lembrança do que sofri...

Ele não podia dizer mais nada, levantou-se precipitadamente e começou a dar algumas voltas pela sala. Elinor, afetada por seu relato, e ainda mais por seu sofrimento, não foi capaz de dizer uma única palavra. Ele viu sua preocupação e, aproximando-se dela, pegou-lhe a mão e beijou-a com agradecido respeito. Alguns minutos mais de silencioso esforço lhe permitiram seguir com certa compostura.

- Passaram-se quase três anos depois dessa triste época até que eu voltasse à Inglaterra. Minha primeira preocupação, quando cheguei, foi procurar por ela, mas a procura foi tão

infrutífera quanto triste. Não consegui rastreá-la além do seu primeiro sedutor, e tinha toda razão para temer que ela tivesse se afastado dele só para cair ainda mais baixo em uma vida de pecado. Sua pensão legal não estava de acordo com a sua fortuna, nem era suficiente para mantê-la com conforto, e eu soube por meu irmão que o direito de recebê-la fora passado há alguns meses para outra pessoa. Ele imaginava, e com que tranquilidade o fazia, que a extravagância de Eliza, e sua conseqüente infelicidade, obrigaram-na a desfazer-se de seu dinheiro para alívio de alguma necessidade imediata. Por fim, seis meses após minha chegada à Inglaterra, eu a encontrei. A preocupação com um ex-empregado meu, que havia caído em desgraça, fez com que eu fosse visitá-lo em uma casa de detenção onde estava preso por causa de dívidas; e ali, no mesmo lugar, no mesmo confinamento, se encontrava minha desafortunada cunhada. Tão diferente, tão pálida, abatida por todo tipo de sofrimento! Mal pude acreditar

que a triste e doente figura que estava diante de mim, era o que restava da menina adorável, vivaz e cheia de saúde de que tanto havia gostado. O quanto tive que suportar ao vê-la assim... Mas não tenho direito de ferir seus sentimentos tentando descrevê-la... Já lhe fiz sofrer demais. Que ela estivesse no estágio final, ao que tudo indicava...naquela situação, esse fato foi para mim um grande consolo. A vida não podia fazer mais nada por ela, além de dar-lhe tempo para

melhor preparar-se para a morte, e isso ela obteve. Consegui que a instalassem em um lugar confortável e fosse assistida da forma apropriada; visitei-a diariamente durante o resto de sua curta vida, e estive ao seu lado em seus últimos momentos.

Novamente ele se calou, tentando se recompor. E Elinor exprimiu seus sentimentos através de uma terna exclamação de preocupação pelo destino infeliz de sua amiga.

- Sua irmã, espero, não pode se ofender - disse ele - pela semelhança que imaginei entre ela e minha pobre e desgraçada parenta. Seus destinos e suas fortunas não podem ser as mesmas; e se a natureza meiga de uma tivesse sido protegida por uma mente mais firme, ou um casamento mais feliz, ela teria sido tudo o que a outra será. Mas, a que nos leva tudo isto? Creio que a deixei angustiada por nada. Ah, Miss Dashwood! Um assunto como este, silenciado durante quatorze anos... É perigoso até mesmo mencioná-lo! Tenho que me concentrar, ser mais conciso... Ela deixou sob os meus cuidados sua única filha, uma menina de três anos de idade, fruto de sua primeira relação pecaminosa. Ela amava a criança, e sempre a manteve ao seu lado. Foi um valioso, um precioso encargo para mim, e com muito prazer teria me encarregado dela no sentido mais estrito, cuidando eu mesmo de sua educação, se minha situação o permitisse. Mas eu não tinha família, nem casa, e minha pequena Eliza foi enviada para uma escola. Ia vê-la sempre que podia, e depois da morte de meu irmão (que aconteceu cerca de cinco anos atrás, e deixou-me a posse da

propriedade da família), ela me visitou em Delaford. Eu dizia que se tratava de uma parenta distante, mas sei muito bem que suspeitavam que meu parentesco com ela fosse muito mais próximo. Faz agora três anos (ela acabara de completar quatorze anos) que eu a retirei da escola, para deixá-la sob os cuidados de uma senhora muito respeitável, que reside em Dorsetshire, e que tem sob sua tutela cerca de quatro ou cinco outras meninas com aproximadamente a mesma idade; e durante dois anos, tudo me fazia sentir satisfeito com a situação. Mas em fevereiro passado, há quase um ano, Eliza desapareceu de repente. Eu lhe dera autorização (imprudentemente, como se mostrou logo depois) para saciar seu desejo de ir à Bath com uma de suas jovens amigas, cujo pai se encontrava ali por motivos de saúde. Eu sabia que ele era um homem muito bom, e tive uma boa impressão de sua filha – mais do que ela merecia, pois, com o mais teimoso e insensato sigilo, ela se negou a dizer qualquer coisa, não deu nenhuma pista, embora com certeza soubesse de tudo. Creio que seu pai, um homem bem intencionado, mas não muito perspicaz, era realmente incapaz de dar alguma informação, pois estava quase sempre recluso em casa, enquanto as meninas passeavam pela cidade e se relacionavam com quem quisessem. Ele tentou me convencer, como ele próprio estava inteiramente convencido, de que sua filha não estava envolvida no assunto. Em suma, não pude esclarecer nada a não ser que ela tinha desaparecido, e todo o resto, após oito longos meses,

foi deixado às conjecturas. Pode imaginar o que pensei, o que temi e também o que sofri.

- Deus do céu! - exclamou Elinor - Será possível! Será que Willoughby...

- As primeiras notícias que recebi dela - continuou - vieram de uma carta da própria Eliza, em outubro passado. A carta fora remetida de Delaford, e a recebi naquela manhã em que planejávamos ir até Whitwell, e esta foi a razão de eu partir de Barton tão de repente, o que, com toda certeza, deve ter parecido estranho a todos naquele momento, e creio até que ofendi alguns. Mr. Willoughby pouco podia imaginar, creio, quando repreendeu-me pela falta de cortesia ao arruinar o passeio, que eu era solicitado para ajudar alguém que ele tornara pobre e miserável, mas se ele soubesse, de que serviria? Teria sido menos alegre e menos feliz diante dos risos de sua irmã? Não, já havia feito o que nenhum homem que tivesse compaixão faria. Abandonara uma menina cuja juventude e inocência havia seduzido, deixando-a em uma situação de máxima angústia, sem um lar respeitável, sem ajuda, sem amigos, sem saber onde encontrá-lo! Abandonara-a prometendo voltar, mas não voltou, nem escreveu e nem sequer lhe deu algum auxílio.

- Isto ultrapassa todo meu entendimento! - exclamou Elinor.

- Agora você pode ver como é o seu caráter: gastador, libertino, e talvez pior que isso. Sabendo de tudo, como eu sabia há muitas semanas, imagine o que senti ao ver sua irmã tão apaixonada por ele como sempre, e na certeza de que iriam se casar, tente imaginar como me senti por causa de vocês. Quando estive aqui na semana passada, e a encontrei sozinha, estava decidido a saber a verdade, embora não soubesse o que fazer ao descobrir. Você pode ter achado meu comportamento estranho na ocasião, mas agora poderá me compreender melhor. Sofria por vê-las tão enganadas, por ver sua irmã... Mas o que eu poderia fazer? Não tinha esperança alguma de interferir com êxito, e às vezes pensava que a influência de sua irmã poderia recuperá-lo. Mas agora, depois de tão desonroso ato, quem pode dizer quais seriam suas intenções para com ela? Quaisquer que fossem, no entanto, ela pode agora se sentir agradecida, e sem dúvida o fará, por sua própria condição, quando comparada a da minha pobre Eliza; quando pensar na situação miserável e desesperada desta pobre menina e imaginar-se em seu lugar, com uma afeição tão forte por ele, ainda tão forte quanto a dela própria, e com um espírito atormentado pelo remorso, que a seguirá pela vida toda. Certamente essa comparação lhe será útil. Marianne sentirá que seus próprios sofrimentos não são nada. Não são provenientes de nenhuma má conduta e não podem trazer-lhe desgraça. Pelo contrário, fará com que cada um de seus amigos aumente ainda mais a amizade por ela. A preocupação por seu sofrimento e o respeito por sua força devem fortalecer

todos os laços de amizade. No entanto, use toda a sua discrição ao contar-lhe o que eu lhe disse. Você deve saber melhor que efeito terá, mas se eu não acreditasse firmemente e do fundo do meu coração que poderia ser-lhe de alguma utilidade, que poderia aliviar seus sofrimentos, não me teria permitido vir aqui e incomodá-la com o relato dos sofrimentos de minha família, uma narrativa que parece ter o objetivo de enaltecer-me à custa dos outros.

Elinor agradeceu essas palavras com profunda gratidão, e foram recebidas também com a certeza de que o conhecimento do ocorrido seria de importante proveito para Marianne.

- Para mim tem sido mais doloroso - disse ela - os esforços de Marianne para desculpá-lo do que todo o resto, pois isso a irrita mais do que ter a mais perfeita convicção da indignidade dele. Agora, ainda que a princípio, ela venha a sofrer muito, estou certa de que

logo ficará bem. - Após um breve momento de silêncio, continuou: - O senhor voltou a ver Mr. Willoughby depois que deixou Barton?

- Sim, uma vez - ele respondeu gravemente. - Foi inevitável um encontro com ele. Elinor, espantada por seus modos, olhou para ele ansiosamente, dizendo:

- Como? Encontrou-o para...

- Não poderia ser de outra maneira. Eliza confessou-me o nome de seu amante, embora com relutância. E quando ele voltou a Londres, apenas quinze dias depois que cheguei, marcamos um duelo, ele para se defender, e eu para punir sua conduta. Como não houve feridos, ninguém soube do duelo.

Elinor suspirou pensando na fantasiosa necessidade daquilo, mas pelo fato dele ser homem e soldado, não pretendeu censurá-lo.

- Essa é a infeliz semelhança entre o destino da mãe e da filha! - disse Coronel Brandon. - E como falhei naquilo que me fora confiado!

- Ela ainda está em Londres?

- Não, pois quando a encontrei já estava prestes a dar a luz, e assim que ela se recuperou do parto mandei-a com a criança para o interior, e lá ela permanece.

Lembrando-se, pouco depois, de que ele provavelmente estava privando Elinor de ficar com a irmã, o Coronel Brandon encerrou a visita, recebendo dela novamente o mais agradecido reconhecimento, e deixando-a cheia de compaixão e de estima por ele.

C A P I T U L O XXXII

Quando Elinor contou os pormenores da conversa a Marianne, o que aconteceu logo em seguida, o efeito que exerceu sobre ela não foi exatamente aquele que ela esperava. Não que Marianne desconfiasse da veracidade do relato, pois ouviu tudo com a mais firme e submissa atenção, não fez nenhuma objeção ou comentário, em nenhum momento tentou justificar Willoughby, e com suas lágrimas pareceu demonstrar que seria impossível qualquer justificativa. Embora esse comportamento assegurasse a Elinor que tinha conseguido que a mente de Marianne aceitasse a culpa de Willoughby, embora visse com satisfação que ela não mais evitava a presença do Coronel Brandon quando vinha visitá-las, e mesmo conversava com ele, voluntariamente e com uma espécie de compassivo respeito, e embora a visse com um ânimo menos irritável do que antes, nem por isso Elinor a via menos infeliz. Seu espírito se acalmara, porém havia se recuperado em um triste abatimento. Sentia mais dor por ter perdido a imagem que fizera de Willoughby do que por ter perdido seu coração; ele seduzira e abandonara Miss Williams, a miséria dessa pobre menina e a dúvida sobre quais teriam sido seus propósitos em relação a ela, tudo isso persistia de tal maneira em sua mente que não conseguia falar do que sentia nem sequer com Elinor, e ruminando sobre suas dores em silêncio, fazia sua irmã sofrer mais do que se tivesse aberto o coração e confessado seus sentimentos.

Descrever os sentimentos ou as palavras de Mrs. Dashwood ao receber e responder a carta de Elinor seria apenas repetir o que suas filhas já haviam dito e sentido, uma desilusão pouco menos dolorosa que a de Marianne, e uma indignação ainda maior que a de Elinor. Chegaram longas cartas dela, uma atrás da outra, em que falava de sua dor e do que pensava; expressava sua ansiedade e preocupação por Marianne e pedia que ela suportasse com firmeza sua desgraça. De fato, devia ser terrível mesmo a aflição de Marianne, para que sua mãe falasse em firmeza! Quão mortificante e humilhante devia ser a origem de seus lamentos, para que Mrs. Dashwood a aconselhasse a não ceder!

Contra seus próprios interesses e conveniência, Mrs. Dashwood havia decidido que, nesse momento, seria melhor para Marianne estar em qualquer outro lugar menos em Barton, onde tudo o que visse a faria recordar-se intensa e dolorosamente de seu passado, fazendo Willoughby tão presente, já que o vira ali muitas vezes. Entretanto, recomendou às filhas que não encurtassem sua visita a Mrs. Jennings; apesar de nunca terem determinado sua exata duração, todos esperavam que durasse cerca de cinco ou seis semanas. Ali podiam se distrair com uma variedade de ocupações, objetivos e companhias que Barton não podia lhes oferecer e que, de acordo com suas expectativas, podia distrair Marianne, às vezes, com algum interesse além dela mesma e até com alguma diversão, por mais que ela agora rejeitasse tais ideias.

Quanto ao perigo de ver Willoughby novamente, a mãe achava que Marianne estava tão a salvo em Londres quanto no campo, pois ninguém que as considerasse como amigas admitiria agora a companhia do rapaz. O destino nunca poderia fazer com que seus caminhos

se cruzassem; nem por negligência, estariam expostos a uma surpresa, e o acaso tem menos a seu favor na multidão de Londres do que no isolamento de Barton, onde talvez ele fosse forçado a fazer uma visita a Allenhurst após seu casamento, um fato que Mrs. Dashwood havia considerado como muito provável, e que agora já esperava como certo.

Ela ainda tinha outra razão para manter suas filhas onde estavam; havia uma carta de seu enteado dizendo que ele e a mulher estariam em Londres antes de meados de fevereiro, e ela considerou adequado que as filhas vissem, de vez em quando, o irmão.

Marianne prometera que seria guiada pela opinião da mãe e submeteu-se a ela sem objeções, apesar de ser o exato oposto do que ela desejava e esperava, apesar de acreditar que era totalmente errada, baseada em premissas equivocadas; e essa prolongada permanência em Londres a privava do único alívio possível à sua dor – a compaixão íntima de sua mãe – e a condenava a uma companhia e a situações que lhe impediriam de vivenciar um só momento de paz.

Porém, era motivo de grande consolo para Marianne saber que aquilo que era o mal dela seria bom para a irmã. E Elinor, por outro lado, suspeitando que não dependesse de sua vontade evitar Edward completamente, se tranquilizou pensando que, embora aquela permanência mais longa militasse contra sua própria felicidade, seria melhor para Marianne que um imediato retorno a Devonshire.

Seu cuidado em proteger a irmã de sequer escutar o nome de Willoughby não foi em vão. Marianne, ainda que sem saber, colheu todos os frutos dessa proteção, pois nem Mrs. Jennings, nem Sir John, nem sequer Mrs. Palmer mencionaram o nome dele na frente dela. Elinor desejava que fizessem o mesmo em sua presença, mas tal coisa era impossível, e assim se via obrigada a escutar dia após dia as manifestações de indignação de todos eles.

Sir John, não conseguia acreditar que tudo aquilo fosse verdade. Um homem do qual sempre tivera tantos motivos para pensar bem! Um rapaz de tão bom caráter! Não acreditava que houvesse um melhor cavaleiro em toda Inglaterra! Era algo inexplicável. Desejava de todo coração vê-lo no inferno. Nunca mais lhe dirigiria a palavra, em nenhum lugar onde o encontrasse, por nada no mundo! Nem mesmo, se por acaso se encontrassem no abrigo de caçadores de Barton e tivessem que ficar esperando juntos por duas horas. Sujeitinho sem vergonha! Um cão desleal! Na última vez que se

encontraram, prometeu-lhe um dos filhotes de Folly! E com isto tudo estava acabado!

Mrs. Palmer, à sua maneira, estava igualmente zangada. Estava decidida a romper de imediato toda relação com ele, e agradecia aos céus por nunca tê-lo conhecido de fato.

Desejava de todo coração que Combe Magna não estivesse tão perto de Cleveland, mas não tinha importância, porque estava longe demais para visitas. Odiava-o tanto que decidiu nunca mais pronunciar seu nome, e diria a todos que encontrasse que ele era um canalha.

O resto da simpatia de Mrs. Palmer era demonstrado ao procurar saber todos os detalhes possíveis do casamento que se aproximava, e comunicá-los a Elinor. Logo pôde dizer quem estava construindo a nova carruagem, quem estava pintando o retrato de Mr. Willoughby e em qual loja as roupas de Miss Grey podiam ser encontradas.

A calma e polida despreocupação de Lady Middleton na ocasião foi um grato alívio

para o espírito de Elinor, oprimido como frequentemente estava pela ruidosa simpatia dos demais. Era um bálsamo para ela a segurança de não despertar nenhum interesse pelo menos em uma pessoa de seu círculo de amizades, era um descanso saber que havia uma pessoa que poderia encontrá-la sem sentir

curiosidade alguma sobre os detalhes, nem ansiedade para saber da saúde de sua irmã.

Toda qualificação às vezes alcança, dependendo das circunstâncias do momento, um valor maior do que realmente tem, e Elinor se aborrecia às vezes com as condolências oficiais, que cotavam a boa educação como mais indispensável ao consolo do que um bom coração.

Lady Middleton manifestava sua opinião sobre o assunto, uma ou duas vezes ao dia, se o assunto era mencionado com frequência, dizendo:

- É muito chocante, de fato!

E com esse contínuo, mas gentil desabafo, não somente foi capaz de ver as Dashwoods desde o começo sem a menor emoção, como logo passou a vê-las sem se lembrar de uma palavra sobre o assunto. E havendo defendido assim a dignidade de seu próprio sexo e censurado o que achava errado no outro, sentiu-se livre para cuidar dos interesses de suas próprias reuniões e, portanto, decidiu (embora um tanto contra a opinião de Sir John) que, como Mrs. Willoughby seria uma mulher elegante e rica, ela deixaria seu cartão de visitas com ela assim que se casassem.

As delicadas e discretas indagações do Coronel Brandon nunca eram mal recebidas por Miss Dashwood. Ele ganhara a grande confiança de discutir de maneira íntima a decepção de Marianne, graças ao amigável zelo com que havia se esforçado

para aliviá-la, e sempre conversavam em tom confessional. O Coronel, pelo doloroso esforço de revelar sofrimentos passados e humilhações atuais, era recompensado, principalmente, pelo olhar de compaixão com que Marianne às vezes o observava e pela gentileza de sua voz (apesar de não acontecer com frequência) sempre que se via obrigada a falar com ele. Essas coisas lhe garantiam que seus esforços haviam produzido um aumento da boa vontade para com ele, e essas mesmas coisas davam esperanças a Elinor de que aumentassem ainda mais no futuro. Mas, Mrs. Jennings, que desconhecia tudo isso e sabendo somente que o Coronel continuava tão sério como sempre, e que não podia nem convencê-lo a fazer o pedido, nem tampouco incumbir-se ela mesma de fazê-lo, ao fim de dois dias começou a pensar que, em vez de em meados do verão, eles só se casariam no dia de São Miguel[1], e ao fim de uma semana, que não haveria casamento algum. O bom entendimento entre o Coronel e Elinor parecia antes indicar que as honras da amoreira, do canal e do teixo[2], passariam todas para ela, e Mrs. Jennings, por algum tempo, deixou totalmente de pensar em Mr. Ferrars.

No começo de fevereiro, quinze dias após a chegada da carta de Willoughby, Elinor teve a dolorosa missão de informar à sua irmã que ele se casara. Ela teve o cuidado de contar ela mesma a notícia, assim que souberam que a cerimônia acontecera, pois desejava evitar que sua irmã ficasse sabendo através dos jornais, que a via examinar ansiosamente todas as manhãs.

Marianne recebeu a notícia com absoluta compostura, não fez nenhuma observação a respeito e a princípio não derramou nenhuma lágrima, mas após algum tempo começou a chorar, e pelo resto do dia permaneceu em um estado pouco menos penoso do que quando

soube pela primeira vez que eles iriam se casar.

Os Willoughbys deixaram a cidade assim que se casaram, e Elinor agora esperava, já que não havia perigo de que viessem a se encontrar, que pudesse convencer a irmã para que, aos poucos, voltasse a sair como antes, já que Marianne não saíra mais de casa desde o momento em que recebera o primeiro golpe.

Nessa época, as irmãs Steeles, recém chegadas à casa de sua prima em Bartlett's Buildings, em Holborn, apareceram novamente na casa de seus parentes mais importantes em Conduit e Berkeley Street, onde foram recebidas por todos com grande cordialidade.

Somente Elinor ficou triste ao vê-las. Sua presença sempre lhe causava dor, e ela teve dificuldade para responder com alguma gentileza à extraordinária alegria de Lucy ao descobrir que elas ainda estavam na cidade.

- Eu ficaria muito desapontada se não encontrasse vocês ainda aqui - dizia Lucy, repetidas vezes, com bastante ênfase na palavra. - Mas sempre pensei que estariam aqui. Estava

quase certa de que não deixariam Londres tão cedo, embora você tenha me dito em Barton, que não ficaria mais que um mês. Mas pensei, naquela época, que você mudaria de opinião quando chegasse a hora. Seria uma lástima muito grande se vocês tivessem partido antes da chegada de seu irmão e sua cunhada. E agora, com toda certeza, não terão nenhuma pressa em ir embora. Estou incrivelmente contente de não terem mantido sua palavra.

Elinor compreendeu-a perfeitamente, e se viu obrigada a controlar-se para parecer que não a entendera.

- Bem, minha querida - disse Mrs. Jennings - como foi sua viagem?

- Não viemos por diligência, pode ter certeza - respondeu Miss Steele, com súbito júbilo - viemos na carruagem dos correios todo o tempo, na companhia de um jovem muito elegante. O Reverendo Davies estava vindo para Londres, então pensamos em acompanhá-lo, e ele se comportou tão gentilmente, e pagou dez ou doze xelins mais do que nós.

- Oh, oh! - exclamou Mrs. Jennings - muito bem! E o Reverendo é um homem solteiro, isso posso lhe garantir.

- Veja só - disse Miss Steele, com um sorriso afetado - todos estão fazendo piadinhas comigo a respeito do Reverendo Davies, e não posso entender por quê. Minhas primas dizem estar certas de que fiz uma conquista, mas, da minha parte, lhe asseguro que em nenhum momento eu pensei nele dessa

forma. “Deus! Lá vem seu pretendente Nancy.” minha prima disse outro dia, quando o viu atravessar a rua. “Meu pretendente!” disse eu. “Não posso entender do que está falando, Reverendo Davies não é meu pretendente.”

- Sim, sim, tudo isso soa muito bem... Mas você não me convence, o Reverendo Davies é o homem, já entendi.

- Não, de maneira alguma - respondeu sua prima, com afetada sinceridade - e lhe peço que desmintam se ouvirem alguém mencionar isso.

Mrs. Jennings imediatamente lhe deu toda certeza que não o faria, e Miss Steele ficou completamente feliz.

- Suponho que irá ficar com seu irmão e sua cunhada, Miss Dashwood, quando eles

chegarem à cidade - disse Lucy, após cessarem as insinuações hostis.

- Não, não creio que vamos.

- Oh, sim, tenho certeza que sim!

Elinor não quis dar-lhe a satisfação de continuar opondo-se a ela.

- Que bom que Mrs. Dashwood possa ficar tanto sem tempo sem as duas!

- É muito tempo realmente! – interrompeu Mrs. Jennings. – Mas a visita delas mal começou!

Lucy ficou em silêncio.

- Lamento por não podermos ver sua irmã, Miss Dashwood.
- disse Miss Steele – Sinto muito que não esteja bem! (Marianne deixara a sala assim que elas chegaram).

- Você é muito amável. Minha irmã também lamentará por ter perdido o prazer de vê-las, mas ultimamente tem sofrido muito com dores de cabeça, o que a impossibilitam de receber visitas ou conversar.

- Oh, querida, que lástima! Mas tratando-se de velhas amigas como Lucy e eu... Acho que poderia nos ver, e garanto-lhe que nós não diríamos uma palavra.

Elinor, com muita educação, recusou a proposta dizendo que talvez sua irmã estivesse já deitada, de camisola, e não poderia vê-las.

- Oh, se for somente isso – exclamou Miss Steele – podemos ir até lá para vê-la.

Elinor começou a se sentir incapaz de suportar tanta impertinência, mas se salvou de ter que controlar-se pela energética repreensão de Lucy, que agora, como em muitas ocasiões, embora não conseguisse refinar os modos de uma irmã, certamente reprimia os modos da outra.

[1] O dia de São Miguel é celebrado no dia 29 de setembro, portanto, alguns dias após o fim do verão, no hemisfério norte. (N. T.)

[2] Árvore conífera pertencente à família das taxáceas, proveniente das regiões altas de Portugal. (N. T.)

C A P I T U L O XXXIII

Depois de alguma relutância, Marianne cedeu aos rogos de sua irmã e em uma certa manhã aceitou sair com ela e Mrs.

Jennings por meia hora. Contudo, fez a expressa condição de que não fariam visitas e que se limitaria apenas a acompanhá-las à joalheria Gray em Sackville Street, onde Elinor estava negociando a venda de algumas joias antigas de sua mãe.

Quando chegaram à porta da joalheria, Mrs. Jennings lembrou-se de que do outro lado da rua morava uma senhora que ela deveria visitar, e como não tinha negócios na joalheria, decidiu que enquanto suas jovens amigas resolviam seus negócios, ela poderia visitar sua amiga e logo retornaria.

Ao subirem as escadas, Elinor e Marianne encontraram tantas pessoas diante delas na sala, que não havia ninguém disponível para atendê-las, e foram obrigadas a esperar. Não podiam fazer mais nada a não ser sentarem-se à frente do balcão que parecia ter o atendimento mais rápido; ali só havia um cavalheiro, e é provável que Elinor não deixasse de ter a esperança de despertar-lhe a cortesia para que despachassem logo seu pedido. Mas a precisão do seu olhar, a delicadeza do seu gosto, pareciam ser maiores que a cortesia do cavalheiro. Estava encomendendo um paliteiro, e até que decidisse o tamanho, a forma e os adornos, depois de examinar e discutir por quinze minutos cada paliteiro da loja, para depois

finalmente combinar tudo aquilo de acordo com sua imaginação, não tinha tempo para prestar atenção nas duas moças, com exceção de dois ou três olhares bastante atrevidos; um tipo de interesse que serviu para Elinor guardar na lembrança uma pessoa de rosto forte, natural e patentemente insignificante, embora trajada na última moda.

Marianne foi poupada dos perturbadores sentimentos de desprezo e ressentimento ante a impertinência com que ele as examinava, e da futilidade de seus modos ao discutir os diferentes horrores dos paliteiros que lhe foram apresentados, permanecendo alheia a tudo isso; era capaz de se perder em seus pensamentos e ignorar tudo o que ocorria ao seu redor, tanto dentro da joalheria como em seu próprio quarto.

Finalmente o assunto foi resolvido. O marfim, o ouro e as pérolas, todos receberam sua aprovação, e o cavalheiro, tendo determinado o último dia em que sua existência poderia prosseguir sem a posse do paliteiro, vestiu as luvas com bastante calma e, olhando novamente para as Dashwoods, um olhar que mais parecia pedir admiração do que manifestá-la, se retirou com um jeito satisfeito em que se misturavam um ar de grande importância e afetada indiferença.

Elinor não perdeu tempo, expôs rapidamente seus assuntos e já estava prestes a concluí-los quando um outro cavalheiro se colocou ao seu lado. Ela se virou para olhá-lo e descobriu com certa surpresa que era seu irmão.

O afeto e o prazer que demonstraram foi o suficiente para parecerem felizes diante das clientes da joalheria de Mr. Gray. Na verdade, John Dashwood estava longe de se lamentar por tornar a ver suas irmãs. Os três ficaram satisfeitos, e as perguntas dele a respeito de Mrs.

Dashwood foram respeitosas e amáveis.

Elinor descobriu que ele e Fanny estavam na cidade há dois dias.

- Quis muito visitá-las ontem - disse ele - mas era impossível, pois fomos obrigados a levar Harry para ver os animais selvagens em Exeter Exchange[1], e passamos o resto do dia com Mrs. Ferrars. Harry estava muito alegre. Tinha a intenção de visitá-las hoje pela manhã, se eu pudesse dispor de meia hora, mas sempre há tanto o que se fazer quando recém chegamos a uma cidade! Vim aqui para encomendar um sinete para Fanny. Mas amanhã certamente terei tempo para visitá-las em Berkeley Street, e ser apresentado à sua amiga Mrs. Jennings. Sei que ela é uma mulher de grande fortuna, e os Middletons também. Vocês devem me apresentar a eles. Como são parentes de minha madrasta, ficarei contente em apresentar-lhes meus respeitos. Eles são excelentes vizinhos para vocês, pelo que soube.

- Excelentes, sem nenhuma dúvida. Sua preocupação por nosso conforto, a amizade que todos demonstram por nós, é mais do que posso expressar.
- Estou extremamente contente ao ouvir isso, esteja certa, estou contentíssimo. Mas era de se esperar: são pessoas de grande fortuna, são seus parentes, e era natural que lhes oferecessem todas as demonstrações de cortesia e as comodidades necessárias para tornar agradável a sua situação. Então, estão confortavelmente instaladas na casinha de campo e nada lhes falta. Edward nos descreveu o lugar como algo encantador, o mais completo do gênero, e disse que todas vocês pareciam desfrutá-lo muito. Garanto-lhe que é uma grande alegria para nós sabermos que estão bem.

Elinor sentiu-se um pouco envergonhada por seu irmão, e não lamentou ser poupada da necessidade de responder-lhe pela chegada do empregado de Mrs. Jennings, que vinha dizer-lhes que ela estava à porta, esperando por elas.

Mr. Dashwood acompanhou-as ao descerem as escadas, foi apresentado à Mrs. Jennings à porta da carruagem e, reafirmando sua esperança de vê-las no dia seguinte, despediu-se.

A visita aconteceu de fato. Chegou com uma desculpa da esposa por não poder vir, estava tão ocupada com sua mãe, que na verdade não tinha tempo de ir a nenhum outro lugar. Mrs. Jennings, porém, garantiu-lhe imediatamente que não

precisava de cerimônia, já que todos eram primos, ou algo parecido, e certamente esperaria pela visita de Mrs. John Dashwood muito em breve, e traria suas irmãs para vê-la. As maneiras dele para com elas, apesar de calmas, eram perfeitamente gentis, e para com Mrs. Jennings eram atenciosamente educadas. E quando o Coronel Brandon chegou logo depois, observou-o com uma curiosidade que parecia mostrar que só esperava saber se era rico para tratá-lo com a mesma cortesia.

Após permanecer com eles por meia hora, Mr. Dashwood pediu à Elinor que o acompanhasse até Conduit Street, para que fosse apresentado à Sir John e Lady Middleton. Como o dia estava lindo, ela aceitou imediatamente. Assim que saíram da casa de Mrs. Jennings, ele começou a fazer perguntas.

- Quem é esse Coronel Brandon? É um homem de posses?
- Sim, ele tem uma boa propriedade em Dorsetshire.

- Fico contente em saber. Parece ser um cavalheiro, e creio, Elinor, que posso felicitá-la pela perspectiva de uma situação muito respeitável na vida.
- Eu, meu irmão! O que quer dizer com isso?
- Ele gosta de você. Observei-o atentamente e estou convencido disso. Qual é o valor de sua fortuna?
- Creio que duas mil libras por ano.

- Duas mil libras por ano! – e tentando alcançar um tom de entusiasmada generosidade, acrescentou: – Elinor, gostaria que fosse duas vezes isso, para o seu bem.

- Sim, acredito em você – respondeu Elinor – mas estou muito segura que o Coronel Brandon não tem o menor interesse em se casar comigo.

- Você está enganada, Elinor, está muito enganada. Com um pequeno esforço de sua parte, sei que o conquistará. Talvez no momento ele esteja indeciso, a pequena fortuna que você tem deve desencorajá-lo e seus amigos devem ser contra. Mas essas pequenas atenções e estímulos que as jovens tão facilmente podem oferecer, o convencerão. E não pode existir nenhuma razão para que você não tente conquistá-lo. Não deve supor que algum outro afeto anterior de sua parte... em suma, você sabe que um afeto como esse é totalmente impossível, as objeções são insuperáveis... você é bastante sensata para não se dar conta. Coronel Brandon deve ser o escolhido, e da minha parte, não faltará nenhuma gentileza para que você e sua família lhe sejam agradáveis. Será uma união que trará satisfação a todos. Em suma, é o tipo de união que – diminuindo o tom da voz para sussurrar algo importante – será conveniente para todas as partes. – Reompondo-se, acrescentou: – Isto é, quero dizer... Todos os seus amigos desejam vê-la bem estabelecida, Fanny em especial, pois ela é muito interessada em seu bem-estar, posso lhe garantir. E sua mãe também, Mrs. Ferrars, uma mulher muito bondosa, estou

certo de que ela sentiria muito prazer com essa união, como ela mesma disse outro dia.

Elinor não se dignou a responder.

- Seria notável, agora - continuou John - algo muito precioso, se Fanny pudesse ver seu irmão e eu minha irmã, tão bem estabelecidos e ao mesmo tempo. E ainda assim não é muito improvável.

- Mr. Edward Ferrars vai se casar? - disse Elinor bastante resoluta.

- Ainda não está acertado, mas há alguma cogitação. Ele tem uma excelente mãe. Mrs. Ferrars, com a maior generosidade, se fará presente e estabelecerá mil libras anuais se ele se casar. A jovem em questão é a honorável Miss Morton, filha única do falecido Lorde Morton, com um dote de trinta mil libras. Uma união bastante desejada por ambas as partes, e não tenho dúvidas de que logo se realizará. Mil libras anuais é uma quantia significativa para uma mãe desfazer-se, presenteando um filho. Mas Mrs. Ferrars tem um espírito nobre. Para lhe dar um outro exemplo de sua generosidade, outro dia, assim que chegamos à cidade, conscientes de que neste momento não tínhamos bastante dinheiro, ela colocou nas mãos de Fanny duzentas libras. Algo extremamente bem vindo, já que nossos gastos em Londres são muito altos.

Ele fez uma pausa, esperando a aprovação e simpatia de Elinor, e ela foi forçada a

dizer:

- Suas despesas tanto na cidade quanto no campo devem ser consideráveis, mas suas

rendas são muito boas.

- Não, atrever-me-ia a dizer que não são tão boas, como muita gente pensa. Eu não quero reclamar, porém, é sem dúvida uma renda confortável, espero que com o tempo melhore. Atualmente estamos cercando Norland Common, o que aumenta ainda mais os meus gastos. E também fiz uma pequena compra nesses últimos seis meses, a fazenda East Kingham, você deve se lembrar do lugar, onde o velho Gibson costumava morar. Essas terras me eram tão convenientes em todos os aspectos, tão próximas à minha propriedade, que eu me senti no dever de comprá-las. Eu não teria me perdoado se tivessem sido vendidas à outra pessoa. Um homem deve pagar por sua comodidade, e isso me custou uma grande quantia de dinheiro.

- Muito mais do que considerava ser o seu valor real?

- Bem, espero que não. Eu teria vendido a fazenda no dia seguinte, por uma quantia acima do que paguei, mas, quanto ao dinheiro da compra, poderia ter sido muito infeliz, na verdade, porque as ações estavam tão baixas na época, que se eu não tivesse a quantia necessária no banco para a compra, teria de liquidar as ações, com grandes perdas.

Elinor apenas sorriu.

- Quando chegamos a Norland também tivemos outro grande gasto inevitável. Nosso respeitado pai, como você bem sabe, deixou como herança para sua mãe todos os bens de Stanhil que permaneceram em Norland, e estes eram muito valiosos. Longe de queixar-me dele, o direito que tinha de dispor de seus bens era inquestionável, mas, em consequência disso, fomos obrigados a realizar grandes compras de linho, porcelana, etc... para suprir o que vocês levaram. Você pode adivinhar, depois de tantas despesas, o quanto estamos longe de sermos ricos, e o quão bem vinda é a ajuda de Mrs. Ferrars.

- Com certeza - disse Elinor - e com o respaldo de sua generosidade, espero que possam chegar a viver com mais conforto.

- Mais um ou dois anos e as coisas estarão melhores - respondeu ele seriamente. - Porém ainda há muito que ser feito. Ainda não levantamos uma parede sequer na construção da estufa de Fanny, e quanto ao jardim de flores, a única coisa que existe é o projeto.

- Onde vai ser a estufa?

- Sobre um pequeno monte atrás da casa. As velhas nogueiras serão todas derrubadas para abrir espaço para a estufa. Terá uma linda vista de todas as partes do parque, e justo na parte da frente é que ficará o jardim de flores, e creio

que ficará extremamente bonito. Eliminamos todos os espinheiros que ali cresciam.

Elinor guardou para si os comentários e censuras que teria sobre o assunto, e agradeceu que Marianne não estivesse presente para compartilhar sua irritação.

Tendo dito o suficiente para deixar claro sua pobreza, e evitar a necessidade de comprar um par de brincos para cada uma das irmãs, em sua próxima visita à joalheria Gray, seus pensamentos tomaram um rumo mais alegre e começou a felicitar Elinor por ter uma amiga como Mrs. Jennings.

- Ela parece ser uma mulher de grande valor. Sua casa, seu estilo de vida, tudo condiz com uma renda muito boa, e é uma relação que não apenas tem sido útil para vocês até agora, mas que no fim pode ser mostrar materialmente vantajosa. O convite que fez para que viessem à Londres certamente lhes favoreceu, e, de todas as maneiras, é um sinal de tanto afeto por vocês, que com toda certeza não se esquecerá de vocês na hora da morte. Deve ter muita coisa para deixar.

- Absolutamente nada, eu diria, pois ela tem apenas o usufruto de seus bens, que passarão para suas filhas.

- Mas não é possível que ela gaste todos os seus rendimentos. Poucas pessoas prudentes o fazem, e qualquer quantia que ela economizar, poderá dispor.

- E você não acha mais provável que ela deixe tudo para as filhas, do que para nós?
- Suas filhas são ambas muito bem casadas, e não vejo necessidade de ajudá-las ainda mais. Enquanto que, em minha opinião, pela grande atenção que concede a vocês, tratando-as de modo tão gentil, ela lhes deu uma espécie de direito em seus planos futuros, que uma mulher conscienciosa não recusaria. Nada pode ser mais gentil do que o comportamento de Mrs. Jennings, e dificilmente poderia fazê-lo sem estar consciente das expectativas que desperta.
- Mas não despertou nenhuma expectativa nas pessoas interessadas. Na verdade, meu irmão, sua preocupação por nosso bem estar e prosperidade está levando-o longe demais.
- Porque, para ser sincero – disse ele, se recompondo – as pessoas tem muito pouco, muito pouco em seu poder. Mas, minha querida Elinor, qual é o problema de Marianne? Ela parece que não está bem, está pálida e muito magra. Está doente?
- Ela não está se sentindo bem, está sofrendo dos nervos há muitas semanas.
- Sinto muito por isso. Na sua idade, qualquer doença destrói a jovialidade para sempre! A dela durou tão pouco! Em setembro passado era uma moça muito bonita, como nunca vi outra igual, muito atraente para os homens. Tinha um tipo de beleza que os agradava particularmente. Lembro-me que ouvi

Fanny dizer que ela se casaria mais cedo e faria um melhor casamento que você, não que ela não tenha um enorme carinho por você, mas é o que ela pensava na época. Porém, creio que ela estava enganada. Duvido que Marianne agora vá se casar com um homem de mais de quinhentas ou seiscentas libras por ano, e eu estaria muito enganado se você não conseguisse muito mais. Dorsetshire! Conheço muito pouco de Dorsetshire, mas, minha querida Elinor, ficarei extremamente grato em saber mais, e acredito que você pode considerar Fanny e eu como os seus primeiros e mais felizes visitantes.

Elinor tentou seriamente convencê-lo de que não havia probabilidade alguma de ela se casar com o Coronel Brandon, mas a expectativa o agradava tanto que não seria possível renunciar a ela. Estava bastante decidido a estreitar a amizade com aquele cavalheiro, e assim promover o casamento de qualquer maneira. Tinha bastante arrependimento por não ter feito nada por suas irmãs até agora, por isso estava muito ansioso para que outros o fizessem, e uma proposta de casamento vinda do Coronel Brandon ou um legado de Mrs. Jennings eram os caminhos mais fáceis para compensar sua própria negligência.

Eles tiveram muita sorte de encontrar Lady Middleton em casa, e Sir John chegou antes que a visita terminasse. Houve uma abundância de gentilezas de ambas as partes. Sir John estava sempre disposto a gostar de qualquer pessoa, e embora Mr.

Dashwood não parecesse entender muito de cavalos, logo o considerou um bom homem. Lady Middleton, por seu lado, observando que ele era muito elegante, considerou que valia a pena se tornarem amigos, e Mr. Dashwood despediu-se encantado com os dois.

- Terei coisas muito agradáveis para contar a Fanny. - disse ele, enquanto voltavam - Lady Middleton é realmente uma mulher muito elegante! Uma mulher que, tenho certeza, Fanny terá prazer em conhecer. E Mrs. Jennings também, uma mulher de excelentes modos, embora não seja tão elegante quanto a filha. Sua cunhada não precisa ter nenhum escrúpulo em visitá-la, o que, para dizer a verdade, era um pouco o caso, naturalmente, pois só sabíamos que Mrs. Jennings era viúva de um homem que tinha ganhado todo seu dinheiro de maneira um tanto escusa. E Fanny e Mrs. Ferrars tinham decidido de antemão que nem Mrs. Jennings nem suas filhas eram o tipo de mulheres com as quais Fanny desejaria se relacionar. Mas agora posso contar-lhe as mais satisfatórias referências sobre ambas.

[1] Edifício localizado ao norte de Londres, famoso por possuir animais selvagens, considerado um predecessor dos zoológicos atuais, demolido em 1829. (N. T.)

C A P I T U L O XXXIV

Mrs. John Dashwood confiava tanto no julgamento do marido, que no dia seguinte visitou tanto Mrs. Jennings quanto sua filha. Sua confiança foi recompensada ao descobrir que a primeira, a mulher em cuja casa suas cunhadas estavam hospedadas, de modo algum era indigna de sua atenção, e quanto à Lady Middleton, achou-a uma das mulheres mais encantadoras do mundo!

Lady Middleton também gostou de Mrs. John Dashwood. Havia em ambas uma espécie de frieza egoísta, que fez com que se sentissem mutuamente atraídas. Simpatizaram uma com a outra graças a uma insípida semelhança de comportamento e uma total falta de compreensão.

Os mesmos modos, porém, que fizeram Mrs. John Dashwood ser merecedora da atenção de Lady Middleton, não satisfizeram as fantasias de Mrs. Jennings. Para ela, Mrs. John Dashwood não passava de uma mulher arrogante e de modos pouco cordiais, que não demonstrou nenhum afeto por suas cunhadas e parecia não ter quase nada a dizer-lhes. Durante os quinze minutos que passou em Berkeley Street, permaneceu pelo menos sete minutos e meio em silêncio.

Elinor queria muito saber, embora preferisse não perguntar, se Edward estava na cidade, mas nada no mundo faria Fanny mencionar voluntariamente o nome dele na frente dela, até

que fosse capaz de contar que o seu casamento com Miss Morton estava marcado, ou quando as expectativas de seu esposo a respeito do Coronel Brandon fossem confirmadas; pois acreditava que Edward e Elinor ainda estavam muito atraídos um pelo outro, e que nunca era demais ter cuidado em mantê-los separados, seja por palavras ou atos, em todas as ocasiões. Entretanto, a notícia que ela se negava a dar, logo chegou de outra fonte. Não passou muito tempo antes que Lucy viesse pedir a compaixão de Elinor por não poder ver Edward, embora ele estivesse em Londres com Mr. e Mrs. John Dashwood. Ele não se atrevia a ir a Bartlett's Buildings por medo de ser descoberto, e ainda que a impaciência mútua para se encontrarem fosse indizível, não podiam no momento fazer nada além de corresponder-se.

Edward não demorou a confirmar por si mesmo que estava na cidade, fazendo duas visitas à Berkeley Street. Encontraram seu cartão de visitas duas vezes sobre a mesa, depois que retornaram de seus compromissos matutinos. Elinor estava contente com a visita, e ainda mais contente por não o ter encontrado.

Os Dashwoods estavam tão prodigiosamente encantados com os Middletons, que, embora não tivessem o costume de receber ninguém, decidiram oferecer-lhes um jantar; e assim que começaram a amizade, convidaram-nos para jantar em Harley Street, onde haviam alugado uma boa casa por três meses. Suas irmãs e Mrs. Jennings também foram convidadas, e John

Dashwood se preocupou em garantir a presença do Coronel Brandon, o qual, sempre feliz de estar onde as Dashwoods estivessem, recebeu suas ansiosas cortesias com certa surpresa, mas com muito prazer. Iriam conhecer Mrs. Ferrars, mas Elinor não conseguiu saber se seus

filhos estariam presentes à reunião. A expectativa de vê-la, entretanto, foi suficiente para que tivesse interesse em aceitar o convite, pois agora poderia conhecer a mãe de Edward sem aquela enorme ansiedade que antes teria sido inevitável, e mesmo que agora pudesse vê-la com total indiferença pela opinião que tivesse a seu respeito, seu desejo de estar na companhia de Mrs. Ferrars, sua curiosidade de saber como ela era, continuavam tão fortes como antes.

Pouco depois, o interesse com que esperava a reunião aumentou, de maneira mais intensa que prazerosa, ao saber que as Steeles também estariam presentes.

Elas haviam deixando tão boa impressão em Lady Middleton, as incansáveis atenções das moças as tornaram tão agradáveis a ela, que embora Lucy não fosse tão elegante, e sua irmã nem sequer educada, estava tão disposta quanto Sir John a convidá-las para ficarem em Conduit Street por uma ou duas semanas. E pareceu muito conveniente para as Steeles, assim que o convite dos Dashwoods foi recebido, que sua visita começasse alguns dias antes da data da reunião.

Suas tentativas de chamar a atenção de Mrs. John Dashwood, como sendo as sobrinhas do cavalheiro que por muitos anos fora o tutor de seu irmão, não lhes garantiu, porém, um bom lugar à mesa. Mas como eram convidadas de Lady Middleton, deviam ser bem vindas; e Lucy, que por muito tempo desejava conhecer pessoalmente a família, para ter uma visão mais aprofundada do caráter de cada um e de suas próprias dificuldades, e para ter uma oportunidade de se esforçar para agradá-los, poucas vezes se sentiu tão feliz na vida, como quando recebeu o cartão de visitas de Mrs. John Dashwood.

O efeito em Elinor foi muito diferente. Ela começou imediatamente a pensar que Edward, que vivia com sua mãe, teria que ser convidado juntamente com ela, para um jantar organizado por sua irmã. E vê-lo pela primeira vez, depois de todo o ocorrido, na companhia de Lucy! Não sabia se poderia suportá-lo!

As apreensões de Elinor talvez não fossem inteiramente baseadas na razão, e nem de todo verdadeiras. Encontraram alívio, entretanto, não em suas próprias reflexões, mas na boa vontade de Lucy, que acreditava infligir-lhe uma terrível desilusão quando lhe disse que Edward certamente não estaria em Harley Street na terça-feira, e ainda esperava feri-la ainda mais convencendo-a de que sua ausência era justificada pelo enorme afeto que sentia por ela, o qual era incapaz de ocultar quando estavam juntos.

Finalmente chegou o dia em que as duas jovens seriam apresentadas à sua formidável

sogra.

- Tenha pena de mim, querida Miss Dashwood! - disse Lucy, enquanto subiam juntas

as escadas (pois os Middletons chegaram tão imediatamente após Mrs. Jennings, que todos foram seguindo o criado ao mesmo tempo). - Não há ninguém aqui, a não ser você, que possa sentir por mim... Afirmando que não posso aguentar! Em poucos segundos verei a pessoa de quem depende toda a minha felicidade, minha futura sogra!

Elinor poderia ter-lhe proporcionado um alívio imediato sugerindo a possibilidade de que ela seria a sogra de Miss Morton, e não a dela, mas, ao invés disso, garantiu a Lucy, com grande sinceridade, que tinha pena dela... E para o grande assombro de Lucy, que, apesar de se sentir incomodada, esperava ao menos ser objeto da irrepreensível inveja de Elinor.

Mrs. Ferrars era uma mulher pequena e magra, altiva, quase formal na aparência, e tão séria a ponto de ser ácida de aspecto. Tinha o rosto pálido, suas feições eram pequenas, sem beleza ou expressividade natural; no entanto, uma feliz contração das sobrancelhas a salvava de ter um semblante insípido, dando-lhe fortes expressões de orgulho e mau humor. Não era uma mulher de muitas palavras, pois, diferente das

peessoas de um modo geral, suas palavras eram proporcionais ao número de suas ideias, e das poucas sílabas que deixara escapar, nenhuma se dirigiu à Miss Dashwood, a quem olhava com bastante determinação de nela não encontrar nada que pudesse gostar, sob nenhum pretexto.

Agora, Elinor não poderia se entristecer por esse comportamento. Alguns meses atrás isso a teria magoado extremamente, mas não estava mais nas mãos de Mrs. Ferrars fazê-la infeliz; e a diferença com que tratava as Steeles somente a divertia – uma diferença que parecia proposital, para humilhá-la ainda mais. Não podia deixar de sorrir ao ver a amabilidade da mãe e da filha para com a pessoa (pois Lucy era particularmente distinguida), dentre todas, que, se soubessem tudo o que ela sabia, estariam mais ansiosas para ferir; ao passo que ela mesma, que comparativamente não tinha o poder de feri-las, se via obviamente menosprezada por ambas. Porém, enquanto sorria dessa amabilidade tão mal dirigida, não podia refletir sobre a mesquinha necessidade que a originava, nem contemplar as fingidas atenções com que as Steeles buscavam sua continuidade, sem desprezar profundamente as quatro por isso.

Lucy era toda alegria por ver-se tão honrosamente destacada, e a única coisa que faltava à Miss Steele era alguma piadinha sobre o Reverendo Davies para que ela alcançasse a mais perfeita felicidade.

O jantar foi suntuoso, com muitos empregados, e tudo revelava a propensão da dona da casa para a ostentação e a capacidade que o dono tinha em promovê-la. Apesar das reformas e das ampliações que estavam fazendo na propriedade de Norland, e apesar de seu proprietário ter estado, por conta de alguns milhares de libras, prestes a vender suas ações com prejuízo, nada parecia demonstrar sinais daquela indigência que ele tentara inferir de tudo isso. Não parecia haver pobreza alguma, com exceção das conversas, pois estas eram consideravelmente deficientes. John Dashwood não tinha muito o quê dizer sobre si mesmo que valesse a pena ouvir, e sua esposa tinha menos ainda. Mas não havia nenhuma desgraça especial nisso, porque o mesmo ocorria com a maior parte dos convidados, quase todos tentando incorrer, para lhes serem agradáveis, em uma ou outra destas deficiências: falta de sensatez, seja por natureza ou por educação... falta de elegância... falta de espírito... ou falta de caráter.

Quando as mulheres se retiraram para a sala de estar, depois do jantar, essa pobreza ficou bastante evidente, pois os cavalheiros haviam enriquecido a conversa com certa variedade de assuntos: sobre política, sobre como cercar terras e amansar cavalos. Mas então esses assuntos terminaram e um único tema ocupou as senhoras até a chegada do café: fazer comparações entre as estaturas de Harry Dashwood e o segundo filho de Lady Middleton, William, que tinham aproximadamente a mesma idade.

Se as duas crianças estivessem presentes, poderiam ter resolvido o problema

facilmente, medindo-as, mas como apenas Harry estava presente, só havia conjecturas de ambas as partes, e cada um tinha direito de dizer categoricamente sua opinião, e repeti-la quantas vezes quisesse.

As opiniões dividiam-se assim:

As mães, embora cada uma estivesse convencida de que seu filho era o mais alto, educadamente decidiam em favor do outro menino.

As avós, não menos imparciais, mas mais sinceras, apoiavam com grande entusiasmo seus próprios netos.

Lucy, que por nenhum motivo queria agradar uma parenta menos que a outra, pensava que os meninos eram notavelmente altos para suas idades, e não podia conceber que houvesse sequer uma pequena diferença entre eles; e Miss Steele, com uma delicadeza ainda maior, se manifestou a favor dos dois.

Elinor, tendo já dado sua opinião a favor de William, ofendendo assim Mrs. Ferrars e Fanny ainda mais, não via a necessidade de reforçá-la com nenhuma palavra a mais. E Marianne, quando lhe perguntaram, ofendeu a todos declarando que não

tinha nenhuma opinião para dar, já que nunca havia pensando no assunto.

Antes de se mudarem de Norland, Elinor tinha pintando um par de telas muito bonitas para sua cunhada, as quais, recém emolduradas e trazidas para a casa, ornamentavam sua atual sala de estar. E como essas telas chamaram a atenção de John Dashwood, ao acompanhar os outros cavalheiros até a sala, tomou-as e entregou-as nas mãos do Coronel Brandon para que ele pudesse admirá-las.

- Quem pintou as telas foi minha irmã mais velha - disse ele - e você, que é um homem de bom gosto, creio eu, saberá apreciá-las. Não sei se tinha visto alguma de suas obras antes, mas em geral ela tem a reputação de desenhar muito bem.

O Coronel, ainda que negando qualquer pretensão de ser um conhecedor, admirou com grande entusiasmo as telas, como teria feito em relação a qualquer outra pintura de Miss Dashwood, e já que incitaram a curiosidade geral, as pinturas passaram de mão em mão para serem examinadas por todos. Mrs. Ferrars, sem saber que eram obra de Elinor, pediu para examiná-las, e após terem recebido a aprovação de Lady Middleton, Fanny entregou-as à mãe, informando-a, de maneira muito considerada, que haviam sido pintadas por Miss Dashwood.

- Hum... - disse Mrs. Ferrars - são muito bonitas - e sem prestar a menor atenção nas telas, devolveu-as à filha.

Talvez Fanny admitisse por um momento que sua mãe havia sido grosseira, pois, corando um pouco, disse imediatamente:

- São muito bonitas, não acha?

Mas talvez sentisse novamente o receio de ter sido exageradamente polida ou excessivamente encorajadora, pois logo em seguida acrescentou:

- Não são parecidas com o estilo de Miss Morton, mamãe? Ela pinta admiravelmente bem! Como sua última paisagem estava bem feita!

- De fato muito linda! Mas ela faz todas as coisas muito bem.

Marianne não pôde aguentar aquilo. Estava muito decepcionada com Mrs. Ferrars, e aquele inoportuno elogio a outra, à custa de Elinor, apesar de não ter a menor ideia do que significava, respondeu com bastante veemência:

- Que maneira mais curiosa de elogiar algo! E quem é Miss Morton para nós? Quem a conhece e quem se importa com ela? É de Elinor que estamos falando.

E assim que o disse, tomou as pinturas das mãos de sua cunhada para admirá-las como se devia.

Mrs. Ferrars pareceu extremamente zangada e, ficando mais tensa do que nunca, devolveu a ofensa acidamente:

- Miss Morton é filha do Lorde Morton.

Fanny também parecia muito brava, e seu marido assustou-se com a audácia da irmã. Elinor ficou muito mais magoada pela veemência de Marianne do que pelo fato que a provocara; mas os olhos do Coronel Brandon, que estavam fixos em Marianne, demonstravam que ele havia percebido apenas o que era mais amável na atitude dela: um coração afetuoso incapaz de suportar o menor desprezo dirigido à sua irmã.

Os sentimentos de Marianne não se detiveram por aí. A fria insolência do comportamento de Mrs. Ferrars para com sua irmã parecia-lhe prever para Elinor as mesmas dificuldades e aflições que seu próprio coração ferido lhe havia ensinado a temer. Depois de alguns minutos, levada por um forte impulso de sua própria sensibilidade e afeto, aproximou-se da cadeira onde a irmã estava sentada, colocou um braço ao redor de seu pescoço, encostou seu rosto no dela, e falou em voz baixa, porém firme:

- Querida, querida Elinor, não ligue para elas. Não deixe que elas a façam infeliz.

Ela não podia dizer mais nada, quase desfaleceu, e escondendo o rosto no ombro de Elinor, começou a chorar. Todos repararam, e quase todos se preocuparam. O Coronel Brandon levantou-se e foi em direção a elas, sem saber o que fazia. Mrs. Jennings, com um ar muito inteligente disse: “Ah! Pobrezinha!” e imediatamente ofereceu-lhe seus saís. Sir John sentiu-se tão

desesperadamente furioso contra a autora daquele ataque de nervos, que imediatamente trocou de lugar, sentou-se perto de Lucy Steele, e sussurrando, contou-lhe resumidamente todo aquele caso chocante.

Porém, em alguns minutos, Marianne estava recuperada o suficiente para por um fim naquele alvoroço e sentar-se junto aos demais, embora mantivesse em seu espírito tudo o que se passara, durante o resto da noite.

- Pobre Marianne! - disse seu irmão ao Coronel Brandon, em voz baixa, assim que conseguiu chamar sua atenção. - Ela não tem uma saúde tão boa quanta sua irmã... É muito nervosa... Não tem a constituição de Elinor. E tenho que admitir que para uma jovem que já foi muito bela é muito perturbador sentir a perda de seus atrativos pessoais. Talvez não saiba, mas Marianne era extremamente bonita há poucos meses, tão bonita quanto Elinor... Agora como vê, tudo acabou.

CAPÍTULO XXXV

A curiosidade de Elinor em ver Mrs. Ferrars tinha sido satisfeita. Elinor encontrara nela tudo o que tornava indesejável uma união mais estreita entre as duas famílias. Vira o suficiente de sua arrogância, sua mesquinhez e seu preconceito contra ela para compreender todos os obstáculos que dificultariam seu compromisso com Edward e conseqüentemente retardariam o casamento dos dois, se ele estivesse livre. E vira o bastante para agradecer, por seu próprio bem, que uma obstrução maior a impedira de sofrer sob algum outro empecilho criado por Mrs. Ferrars, e a salvara de ter que depender de seu capricho ou ter que conquistar sua boa opinião. Ao menos, se não era capaz de alegrar-se ao ver Edward comprometido com Lucy, decidiu que, se Lucy tivesse sido mais amável, ela deveria ter se alegrado.

Elinor pensava como Lucy pôde se alegrar tanto com as demonstrações de cortesia de Mrs. Ferrars, como podiam cegá-la tanto seus interesses e vaidades, a ponto de fazê-la crer que era um cumprimento a atenção que Mrs. Ferrars lhe dedicava, unicamente porque Lucy não era Elinor, ou permitir-lhe encorajar-se por uma preferência que somente lhe era concedida pelo total desconhecimento de sua verdadeira condição. Mas tratava-se disso mesmo, como foi demonstrado pelo olhar de Lucy naquela ocasião e, na manhã seguinte, foi novamente declarado com mais franqueza, quando, a seu pedido, Lady Middleton a deixou em Berkeley Street, com a

esperança de encontrar Elinor sozinha e contar-lhe como se sentia feliz.

Lucy teve sorte, pois logo depois que chegou à casa de Mrs. Jennings esta recebeu uma mensagem de Mrs. Palmer solicitando sua presença.

- Minha querida amiga – exclamou Lucy, assim que ficaram a sós – vim contar-lhe da minha felicidade. Por acaso há algo mais lisonjeiro que o modo como Mrs. Ferrars me tratou ontem? Ela foi extremamente amável! Você sabe o quanto eu tinha receio só de vê-la, mas no mesmo momento em que fomos apresentadas, seus modos foram tão amáveis que quase parecia mostrar que ela realmente gostou de mim. Não foi assim mesmo? Você viu tudo, e não ficou totalmente surpreendida?

- Ela realmente foi muito educada com você.

- Educada! – Você viu apenas educação? Eu vi muito mais... Uma delicadeza dirigida a ninguém mais que a mim! Não foi orgulhosa nem altiva, e o mesmo pode se dizer da sua cunhada: uma pessoa muito doce e amável!

Elinor desejava falar sobre outra coisa, mas Lucy continuava pressionando para que reconhecesse que tinha motivos para sentir-se tão feliz, e Elinor viu-se obrigada a continuar.

- Sem dúvida, se elas soubessem do seu compromisso com Edward – disse ela – nada poderia ser mais lisonjeiro que o tratamento que deram a você, mas, como este não foi o caso...

- Imaginei que diria isso - respondeu Lucy rapidamente - mas não há nenhuma razão no mundo para que Mrs. Ferrars finja gostar de mim se não gostar, mas como demonstrou claramente que gosta, isso já me basta. Você não deveria estragar minha satisfação. Tenho certeza que tudo acabará bem, e não existirão dificuldades, como eu pensava. Mrs Ferrars é

uma mulher encantadora, assim como a sua cunhada. De fato, são duas mulheres encantadoras! Surpreende-me o fato de eu nunca ter ouvido você dizer o quanto Mrs. John Dashwood é agradável!

Elinor não tinha resposta alguma para dar, e nem sequer tentou fazê-lo.

- Você está doente Miss Dashwood? Parece abatida, mal fala... Com toda certeza não se sente bem.

- Minha saúde nunca esteve melhor.

- Fico contente de todo coração, mas na verdade não é o que parece. Lamentaria muito se você adoecesse! Logo você, que tem sido o maior consolo do mundo para mim! Só Deus sabe o que eu teria feito sem a sua amizade.

Elinor tentou responder educadamente, embora tivesse dúvidas quanto ao seu sucesso. Mas Lucy pareceu satisfeita com isso, pois respondeu diretamente:

- Na verdade estou plenamente convencida de seu afeto por mim, e junto com o amor de Edward, é o meu único consolo. Pobre Edward! Mas agora temos uma boa notícia: poderemos nos encontrar, e nos encontrar com bastante frequência, porque como Lady Middleton ficou encantada com Mrs. Dashwood, parece-me que a visitaremos sempre em Harley Street, e Edward passa a metade do tempo com a irmã. Além disso, Lady Middleton e Mrs. Ferrars agora vão visitar-se... e Mrs. Ferrars e sua cunhada foram tão boas comigo, certamente ficarão felizes sempre que me virem. São mulheres encantadoras! Tenho certeza de que se algum dia você contar à sua cunhada o que penso dela, não conseguiria falar o suficiente.

Mas Elinor não quis dar nenhuma esperança de que ela fosse dizer algo à cunhada.

Então Lucy continuou:

- Estou certa que teria percebido imediatamente caso Mrs. Ferrars não houvesse gostado de mim. Por exemplo, se ela tivesse apenas me cumprimentado formalmente, sem dizer uma palavra, e depois tivesse agido como se eu nem existisse, se nunca mais me olhasse de modo simpático - você entende o que quero dizer - se eu tivesse sido tratada de maneira intimidante, teria ficado desesperada. Não conseguiria suportar. Pois quando ela não gosta de algo, sei que o demonstra violentamente.

Elinor não pôde dar nenhuma resposta a este educado triunfo, pois foram interrompidas quando a porta se abriu e o empregado anunciou a chegada de Mr. Ferrars, e então Edward entrou imediatamente.

Era uma situação muito incômoda, e o semblante de cada um deles transpareceu isso. Todos pareciam um tanto estúpidos, e Edward pareceu que não sabia se entrava ou saía da sala. A própria circunstância que cada um havia desejado evitar tão fervorosamente, acabava de acontecer em sua pior forma.

Estavam não apenas os três juntos, mas estavam juntos sem a presença de mais ninguém para atenuar a situação. As moças foram as primeiras a se recuperarem. Não cabia à Lucy tomar nenhuma iniciativa, e era necessário manter as aparências do segredo. Podia apenas olhar com ternura, e depois de cumprimentá-lo rapidamente, não disse mais nada.

Mas Elinor tinha mais a fazer, e como estava muito ansiosa, pelo bem dele e o dela própria, obrigou-se, depois de se recompor por um momento, a dar-lhe as boas vindas, com um olhar e modos quase normais, quase espontâneos; e esforçando-se ainda mais, os resultados foram ainda melhores. Não iria permitir que a presença de Lucy ou a consciência de alguma injustiça em relação a ela a impedisse de dizer que estava contente ao vê-lo, e que lamentava muito não estar em casa quando ele as visitou em Berkeley Street. Tão pouco se sentiria ameaçada, ao dar a devida atenção a Edward, que era

um amigo e quase um parente, pelo olhar de Lucy, que a observava atentamente.

A atitude de Elinor deu certa segurança a Edward, que encontrou ânimo suficiente para sentar-se; porém seu embaraço ainda era maior que o das duas moças, e muito justificado pelas circunstâncias, embora não fosse comum ao seu sexo; pois seu coração não tinha a indiferença de Lucy, nem sua consciência a tranquilidade de Elinor.

Lucy, com um ar recatado e tranquilo, parecia decidida a não contribuir em nada para o conforto dos outros e manteve-se em completo silêncio; e quase tudo o que foi dito vinha de Elinor, que fora obrigada voluntariamente a oferecer todas as informações sobre a saúde de sua mãe, sua vinda à cidade, etc., o que Edward deveria ter perguntando, mas não o fez.

Seus esforços não terminaram aí, pois logo em seguida ela sentiu-se heroicamente disposta a tomar a decisão de deixar Lucy e Edward sozinhos, com a desculpa de ir buscar Marianne. E assim realmente o fez, e da maneira mais elegante, pois demorou alguns minutos no patamar da escada, com grande força de espírito, antes de ir ao encontro da irmã. Quando o fez, no entanto, já era tempo de acabar com os arroubos de Edward, pois a alegria de Marianne fê-la correr para a sala de estar imediatamente. O prazer que sentiu ao vê-lo era como todos os seus outros sentimentos, fortes e intensamente expressos. Foi ao encontro de Edward estendendo-lhe a mão, com uma voz que demonstrava um carinho de irmã:

- Querido Edward! – exclamou Marianne – Este é um momento de grande felicidade!

Serve quase de compensação para todo o resto.

Edward tentou retribuir sua gentileza como merecia, no entanto, diante de Lucy não ousaria dizer metade do que sentia. Novamente se sentaram, e por alguns momentos ficaram em silêncio, enquanto Marianne olhava com grande ternura, às vezes para Edward, outras vezes para Elinor, lamentando unicamente que o prazer de ambos fosse diminuído pela inoportuna presença de Lucy. Edward foi o primeiro a falar, e apenas falou do semblante alterado de Marianne e manifestou seu temor de que Londres não tivesse lhe feito bem.

- Oh, não pense em mim! – respondeu Marianne com alegre veemência, embora tivesse lágrimas nos olhos enquanto falava – Não pense em minha saúde. Elinor está bem, como vê. E isso já é o suficiente para nós.

Esta observação não teve a intenção de facilitar a situação para Edward ou Elinor, nem tão pouco conquistar a boa vontade de Lucy, que olhou para Marianne com uma expressão pouco benevolente.

- Gosta de Londres? – disse Edward, ansioso para mudar de assunto.

- Não, de jeito nenhum. Esperava sentir muito prazer aqui, mas não encontrei

nenhum. Encontrá-lo, Edward, foi meu único consolo, e graças a Deus você continua o mesmo de antes.

Ela fez uma pausa... ninguém disse nada.

- Eu creio, Elinor - acrescentou Marianne depois de um tempo - que devemos pedir a Edward que nos acompanhe em nossa volta à Barton. Partiremos dentro de uma ou duas semanas, suponho, e, acho que Edward não recusará nosso pedido.

O pobre Edward murmurou algo que ninguém entendeu, nem ele mesmo. Mas Marianne, percebendo sua agitação, e podendo facilmente atribuí-la a qualquer causa que lhe parecesse mais conveniente, sentiu-se completamente satisfeita e logo começou a falar de outra coisa.

- Edward, não imagina o dia que passamos ontem em Harley Street! Tão entediante, tão espantosamente entediante! Tenho muito que contar-lhe a respeito, porém não posso contar agora.

E com essa descrição admirável, deixou para contar-lhe quando estivessem a sós que achava seus parentes mútuos mais desagradáveis do que nunca, e em especial o quanto sua mãe a desagradara.

- Mas, por que você não estava lá, Edward? Por que não compareceu?

- Eu tinha outro compromisso.
- Outro compromisso! Mas como? Se todos os seus amigos estavam lá?
- Talvez, Miss Marianne – exclamou Lucy, ansiosa para vingar-se dela de alguma maneira – não acredite que os jovens possam manter seus compromissos, grandes ou pequenos, quando não tem interesse em cumpri-los.

Elinor ficou muito zangada, mas Marianne parecia completamente insensível ao sarcasmo de Lucy, pois respondeu calmamente:

- Na verdade, não, pois falando seriamente, estou certa de que apenas a consciência impediu Edward de ir a Harley Street. E eu realmente acredito que ele tem a consciência mais delicada do mundo, o maior escrúpulo em manter quaisquer compromissos, por menores que sejam, mesmo que os faça contra seu interesse ou prazer. É a pessoa que mais teme causar alguma dor aos outros e destruir uma expectativa, e é a pessoa mais incapaz de egoísmo que conheço. Edward é assim, e assim o direi. Como! Nunca ouviu ninguém elogiá-lo? Então você não pode ser meu amigo, pois aqueles que aceitam meu afeto e minha estima, devem se submeter aos meus elogios.

A natureza de seus elogios, neste caso, porém, podia considerar-se particularmente imprópria para dois terços dos ouvintes, e foram tão desestimulantes para Edward que ele logo se levantou para ir embora.

- Já vai embora tão cedo! - disse Marianne - Meu querido Edward, não faça isso!

E levando-o um pouco à parte, Marianne sussurrou sua crença de que a visita de Lucy não iria demorar. Mas até mesmo esse encorajamento falhou, pois ele insistiu em ir embora, e Lucy, que teria permanecido mais tempo mesmo que a visita de Edward demorasse duas horas, logo se foi também.

- O que a faz nos visitar tantas vezes? - disse-lhe Marianne, assim que eles saíram. - Será que não percebe que queremos vê-la longe? Que irritante para Edward!

- Por quê? Somos todas amigas dele, e Lucy o conhece há mais tempo que nós. É natural que ele tenha prazer em vê-la assim como tem em nos ver.

Marianne olhou-a firmemente e disse:

- Você sabe, Elinor, que esse é o tipo de coisa que não suporto ouvir. Se estiver apenas esperando que eu contradiga sua afirmação, como suponho ser o caso, você deve se lembrar que eu seria a última pessoa do mundo a fazê-lo. Não tenho o costume de ser induzida a fazer afirmações que não são realmente desejadas.

Então deixou a sala, e Elinor não se atreveu a segui-la e dizer mais alguma coisa, pois, presa como estava à promessa de segredo feita a Lucy, não poderia dar nenhuma justificativa

que convencesse Marianne. E, por mais dolorosas que fossem as consequências de deixar que ela permanecesse em erro, teve de se conformar com isso. Tinha a esperança de que Edward não a expusesse muitas vezes, ou a si mesmo, ao desconforto de ouvir o caloroso equívoco de Marianne, nem à repetição de qualquer outra parte da angústia que havia acompanhado seu recente encontro... E este último desejo, Elinor tinha plena certeza de que seria cumprido.

C A P I T U L O XXXVI

Poucos dias após essa reunião, os jornais anunciaram ao mundo que a esposa de Mr. Thomas Palmer dera à luz um filho e herdeiro, uma nota muito interessante e satisfatória, ao menos para todos os amigos íntimos que já sabiam da notícia.

Esse evento, de grande importância para a felicidade de Mrs. Jennings, produziu uma alteração passageira na disposição do seu tempo, e afetou de forma parecida os compromissos de suas jovens amigas; pois, como ela desejava ficar o máximo de tempo com Charlotte, ia vê-la todas as manhãs assim que se vestia, e não retornava até tarde da noite. E as Dashwoods, por um pedido especial dos Middletons, passavam a maior parte do dia em Conduit Street. Se fosse para sua própria comodidade, teriam preferido ficar, pelo menos na parte da manhã, na casa de Mrs. Jennings, porém não era algo para se insistir contra o desejo de todos. Passavam suas horas na companhia de Lady Middleton e as Steeles, para quem o valor de sua companhia era tão pouco apreciado quanto ostensivamente procurado.

As Dashwoods tinham bom senso demais para serem companhia desejável para a primeira, e eram consideradas motivo de inveja para as últimas, como intrusas em seu território, compartilhando da amabilidade que elas desejavam monopolizar. Embora nada pudesse ser mais educado que o comportamento de Lady Middleton para com Elinor e Marianne,

ela não gostava muito de ambas, porque não adulavam nem a ela nem aos seus filhos. Também não acreditava que as Dashwoods tivessem boa formação, e como gostavam de literatura, imaginava que as moças fossem satíricas: talvez sem ao menos saber o significado exato da palavra; mas não tinha importância. Era uma censura que estava na moda, e se fazia sem o menor cuidado.

A presença das jovens incomodava, tanto à Lady Middleton quanto à Lucy, porque ameaçava o ócio de uma e as ocupações da outra. Lady Middleton se sentia envergonhada de não fazer nada na presença delas, e Lucy temia que a desmerecessem pela bajulação que sentia orgulho de imaginar e oferecer em outras ocasiões. Das três, Miss Steele era a que menos se sentia afetada pela presença das Dashwoods, e só dependia que fosse inteiramente aceita por elas. Bastava apenas que uma delas lhe tivesse feito um relato completo e minucioso do caso entre Marianne e Mr. Willoughby, que ela se sentiria amplamente recompensada pelo sacrifício de ceder-lhes o melhor lugar junto à lareira depois do jantar, que a chegada das duas lhe custara. Mas essa aproximação não se concretizava, pois, apesar de deixar escapar, às vezes, expressões de piedade pela irmã junto a Elinor, e mais de uma vez falar na frente de Marianne algo sobre a inconstância dos galanteadores, isso não produzia nenhum efeito, senão um olhar de indiferença de Elinor e um olhar de desgosto de Marianne. Com um esforço menor ainda, elas teriam sido

amigas. Se ao menos tivessem rido dela por causa do reverendo! Mas estavam tão pouco dispostas a isso, assim como as outras, que se Sir John jantasse fora, ela passaria o dia inteiro sem ouvir qualquer referência ao assunto, com exceção das que ela mesma tinha a gentileza de se conceder.

Todos esses ciúmes e descontentamentos, porém, passavam tão completamente despercebidos à Mrs. Jennings, que ela acreditava que o fato de estarem juntas era algo que as jovens apreciavam; e assim, cada noite felicitava suas jovens amigas por terem se livrado da companhia de uma estúpida senhora por tanto tempo. Ela, às vezes, as encontrava na casa de Sir John, outras vezes em sua própria casa, mas, onde quer que fosse, chegava sempre muito animada, cheia de satisfação e importância, atribuindo o bem-estar de Charlotte aos seus próprios cuidados, e ainda disposta a dar uma descrição tão detalhada da situação de sua filha, que somente a curiosidade de Miss Steele poderia desejar. Havia uma coisa que a deixava inquieta, e sobre a qual ela se queixava diariamente. Mr. Palmer mantinha a opinião comum aos homens, mas pouco paternal, de que todos os recém-nascidos eram iguais; e embora ela pudesse constatar claramente, em diferentes momentos, a mais impressionante semelhança entre o bebê e cada um de seus parentes de ambos os lados, não havia maneira de convencer o pai disto nem persuadi-lo a reconhecer que o bebê não era exatamente como qualquer outra criatura da mesma

idade, nem sequer podia fazê-lo admitir a simples afirmação de que era a criança mais linda do mundo.

Venho agora relatar um infortúnio que nessa época atingiu Mrs. John Dashwood. Quando Mrs. Jennings e suas cunhadas, Marianne e Elinor, foram pela primeira vez à casa dela, em Harley Street, uma outra pessoa conhecida de Fanny fora visitá-la também, uma circunstância que por si só aparentemente não causou nenhum problema. Mas quando as pessoas se deixam levar por sua imaginação para fazer julgamentos errôneos ou indevidos a respeito da conduta dos outros, baseando-se apenas nas aparências, a felicidade de uma pessoa pode ficar à mercê do destino. Nessa ocasião, a dama que chegara por último, deixou que sua fantasia excedesse de tal maneira a verdade e as probabilidades, que só de escutar o nome das Dashwoods e entender que eram irmãs de Mr. Dashwood, chegou à conclusão que estavam hospedadas em Harley Street. E esse mal-entendido resultou, cerca de um dia ou dois após, no envio de cartões de convite para elas, como também para seu irmão e cunhada, para uma pequena reunião musical em sua casa. A consequência disto foi que Mrs. John Dashwood foi obrigada não apenas ao incômodo de enviar sua carruagem para buscar as Dashwoods, como também suportar todo o inconveniente de fingir que as tratava com atenção. Mas, o que era pior: quem iria garantir que as Dashwoods não teriam esperanças de sair com ela uma segunda vez? A verdade é que Fanny teria sempre o poder de

desapontá-las. Só que saber disso não lhe era suficiente, pois quando as pessoas se empenham em uma forma de conduta que sabem estar errada, sentem-se injuriadas quando se espera algo melhor da parte delas.

Marianne, entretanto, fora levada aos poucos a aceitar sair todos os dias, a ponto de se tornar indiferente para ela – sair ou não sair; passou a se preparar silenciosa e mecanicamente para todos os eventos noturnos, embora não esperasse nenhum tipo de diversão, e muitas vezes sem saber sequer, até o momento de partir, aonde a levariam.

Ela se tornara tão indiferente às roupas e à aparência que, durante todo o tempo gasto em se arrumar, dava a elas metade da atenção que recebiam de Miss Steele nos primeiros cinco minutos em que ficavam juntas, depois de estar pronta. Nada escapava a sua minuciosa observação e grande curiosidade, via tudo e perguntava também sobre tudo. Não ficava tranquila até saber o preço de cada parte do vestuário de Marianne, podia dizer com precisão

quantos vestidos Marianne tinha, melhor do que a própria, e não perdia a esperança de descobrir antes de partirem, quanto ela gastava semanalmente com lavanderia, e quanto tinha por ano para gastos pessoais. Além disso, a impertinência dessas perguntas sempre terminava em elogios, que, apesar de serem ditos com boa intenção, eram considerados por Marianne a

maior de todas as impertinências, pois após tê-la submetido a perguntas relacionadas ao valor e feitura do vestido, a cor dos seus sapatos e ao arranjo do cabelo, estava quase certa de que ouviria da parte dela algo assim: “palavra de honra, está muito elegante e tenho certeza que fará grandes conquistas”.

Com essas encorajadoras palavras, Marianne se despediu e dirigiu-se à carruagem do irmão, na qual puderam entrar cinco minutos após sua chegada, uma pontualidade não muito agradável à sua cunhada, que as precedera à casa de sua amiga e esperava que uma demora das jovens pudesse ser motivo de incômodo para ela ou para o cocheiro.

Os acontecimentos desta noite não foram extraordinários. Esta reunião, como as outras reuniões musicais, incluía uma boa quantidade de pessoas que sentiam real prazer pelo espetáculo, e muito mais pessoas que não tinham gosto algum pela música. E, como sempre, os músicos eram, aos seus próprios olhos e aos de seus amigos, os melhores concertistas privados da Inglaterra.

Como Elinor não tinha talentos musicais, nem pretendia tê-los, sem grandes escrúpulos desviava seus olhos do piano cada vez que tinha vontade, e sem se constranger com a presença de uma harpa e um violoncelo, contemplava ao seu gosto qualquer outro objeto da sala. Em um desses olhares, encontrou entre um grupo de jovens rapazes, aquele que estivera na joalheria de Mr. Gray e de quem escutara um verdadeiro discurso a respeito de paliteiros. Elinor viu, logo depois, que ele

a encarava e falava familiarmente com seu irmão. E mal tinha decidido descobrir o nome do rapaz através do irmão, quando ambos vieram em sua direção e Mr. Dashwood o apresentou como Mr. Robert Ferrars.

Ele se dirigiu a ela com cortesia e inclinou sua cabeça em uma reverência que lhe deixou claro, mais do que as palavras poderiam fazer, que ele era exatamente o fanfarrão que Lucy descrevera. Seria uma sorte para ela se seu afeto por Edward dependesse menos de seus próprios méritos do que dos méritos de seus parentes mais próximos! Aquela reverência feita pelo irmão de Edward seria então o golpe final ao mau humor que a mãe e a irmã haviam começado. Mas, enquanto refletia sobre a diferença entre os dois irmãos, não lhe ocorreu que a vaidade e a presunção de um pudessem ofuscar a modéstia e o valor do outro. Eram bastante diferentes, e isto fora demonstrado por Robert no decorrer de quinze minutos de conversa, pois, ao falar do irmão, lamentando o extremo acanhamento que, em sua opinião, o impedia de se relacionar com a melhor sociedade, atribuía cãndida e generosamente este acanhamento à desventura de uma educação particular mais do que a alguma deficiência natural. Enquanto ele, ainda que provavelmente sem nenhuma superioridade particular e importante de natureza, simplesmente pela vantagem de ter frequentado uma escola pública[1], estava tão bem preparado para relacionar-se em sociedade como qualquer outro homem.

- Palavra de honra - acrescentou Robert - creio que não é outra coisa. Por isso sempre digo à minha mãe, quando ela se lamenta. “Minha querida senhora - sempre digo a ela

- a senhora precisa acalmar-se. O dano agora é irreparável, e foi tudo por sua causa. Por que se deixou influenciar por meu tio, Sir Robert, contra sua própria opinião, a colocar Edward aos cuidados de um tutor particular, durante o momento mais crítico de sua vida? Se ao menos o tivesse enviado a Westminster[2], como fez comigo, em vez de enviá-lo ao Mr. Pratt, tudo isso seria evitado”. É dessa maneira que eu sempre considerei o assunto, e minha mãe está bastante convencida de seu erro.

Elinor não se opôs à sua opinião, pois, quaisquer que fossem suas considerações a respeito das vantagens da escola pública, não conseguia pensar com satisfação na convivência de Edward com a família de Mr. Pratt.

- A senhorita mora em Devonshire, se não me engano - foi sua observação seguinte - em um chalé perto de Dawlish.

Elinor o corrigiu quanto à correta localização, e parecia surpreendê-lo bastante que alguém pudesse viver em Devonshire sem viver perto de Dawlish. Porém, expressou sua mais entusiasmada aprovação quanto ao tipo de casa.

- Da minha parte - disse - sou extremamente fascinado pelas casas de campo, são sempre confortáveis e elegantes. E

garanto que, se tivesse algum dinheiro de sobra, compraria um pequeno terreno e construiria um chalé perto de Londres, onde pudesse ir a qualquer momento, reunir alguns amigos e ser feliz. A todas as pessoas que pensam em construir, aconselho que construam uma pequena casa de campo. Um amigo, Lorde Courtland, veio até a mim outro dia com o propósito de me pedir conselho, e apresentou-me três projetos de Bonomi[3]. Eu deveria escolher o melhor deles. “Meu caro Courtland”, disse a ele, jogando imediatamente os três no fogo, “não escolha nenhum deles, mas construa um chalé”. E creio que com isso disse tudo.

- Algumas pessoas acreditam que não existe comodidade nem bastante espaço em um chalé; mas é um grande erro. No mês passado, estive na casa de meu amigo Elliot, perto de Dartford[4]. Lady Elliot desejava oferecer um baile. “Mas como fazê-lo?”, disse ela. “Meu querido Ferrars, diga-me, por favor, como organizá-lo. Não há um só lugar nesse chalé que possa abrigar dez casais, e onde serviremos a ceia?” Eu imediatamente vi que não teria dificuldade em organizar o evento, e disse: “Minha querida Lady Elliot, não se preocupe. A sala de jantar abrigará dezoito casais com facilidade, as mesas de jogos poderão ficar na sala de estar, na biblioteca poderá servir chá e outros refrescos, e deixe que a ceia seja servida no salão”. Lady Elliot ficou encantada com a ideia. Medimos a sala de jantar, e descobrimos que caberiam exatamente dezoito casais, e tudo aconteceu de acordo com meu plano. Assim, na

verdade, como pode ver, basta saber organizar as coisas, e desse modo poder desfrutar a vida em um chalé, como se estivesse na residência mais espaçosa.

Elinor concordou com tudo, pois não acreditava que ele merecia o cumprimento de uma oposição racional.

Como John Dashwood não sentia mais prazer com a música que sua irmã mais velha, sua mente também estava livre para pensar em outra coisa; e nessa noite lhe ocorreu uma ideia que, ao voltar para casa, submeteu à aprovação da esposa. O engano de Mrs. Dennison ao pensar que suas irmãs estivessem hospedadas em sua casa, sugeriu-lhe a obrigação de

efetivamente convidá-las, enquanto Mrs. Jennings tinha compromissos que a mantinham fora de casa. O gasto seria insignificante, os inconvenientes menores ainda, e era, ao mesmo tempo, uma atenção e uma delicadeza que sua consciência indicava como requisito para libertar-se por completo da promessa feita ao pai. Fanny se surpreendeu com a proposta.

- Não vejo como poderemos fazê-lo - disse - sem ofender Lady Middleton, já que suas irmãs passam todos os dias com ela; caso contrário, ficaria muito orgulhosa em convidá-las. Você sabe que estou sempre pronta a oferecer-lhes a atenção que estiver ao meu alcance, como demonstrei hoje à noite ao

sair com elas. Porém, Elinor e Marianne são hóspedes de Lady Middleton. Como posso pedir-lhes que a deixem?

Seu esposo, embora com grande humildade, não aceitou que suas objeções fossem convincentes, e disse:

- Elas já passaram uma semana em Conduit Street e acredito que Lady Middleton não ficaria descontente ao deixá-las passar a mesma quantidade de tempo com parentes tão próximos.

Fanny fez uma breve pausa, e com renovado vigor, logo disse:

- Meu amor, se estivesse ao meu alcance, far-lhes-ia o convite de todo coração. Porém, já havia decidido convidar as Steeles a passarem alguns dias conosco. Elas são bem comportadas, boas moças, e acredito que devemos lhes dar atenção já que seu tio cuidou tão bem de Edward. Podemos convidar suas irmãs em outra ocasião, e é bem provável que as Steeles não voltem mais a Londres. Tenho certeza que você gostará delas, na verdade, você já gosta muito, assim como minha mãe, e elas são as companhias favoritas de Harry!

Mr. Dashwood se convenceu. Entendeu a necessidade de convidar as Steeles imediatamente, e sua decisão de convidar suas irmãs algum outro ano tranquilizou sua consciência; ao mesmo tempo, contudo, suspeitava de que no outro ano não haveria necessidade de tal convite, pois Elinor voltaria a Londres como esposa do Coronel Brandon e Marianne como hóspedes deles.

Fanny, regozijando-se com sua escapatória, e orgulhosa da pronta sagacidade com que tinha obtido isto, escreveu na manhã seguinte para Lucy, solicitando sua companhia e a da irmã por alguns dias em Harley Street, assim que Lady Middleton pudesse dispensá-las. Foi o suficiente para Lucy ficar verdadeira e razoavelmente feliz. Mrs. John Dashwood parecia estar mesmo trabalhando a seu favor, acalentando todas as suas esperanças, favorecendo todas as suas intenções! Uma oportunidade de estar com Edward e sua família era, acima de tudo, importantíssima para seus interesses; e o convite, mais do que gratificante para seus sentimentos! Era uma vantagem que não poderia ser reconhecida com demasiada gratidão, nem aproveitada com demasiada pressa; e a visita à Lady Middleton, que antes não tinha nenhum limite preciso, repentinamente descobriu-se que sempre estivera marcada para terminar dali a dois dias.

Quando o bilhete foi mostrado a Elinor, cerca de dez minutos após ter chegado, fez com que esta de certa forma compartilhasse, pela primeira vez, as expectativas de Lucy; tal mostra de incomum gentileza apoiada em uma amizade tão recente, parecia demonstrar que a boa vontade para com ela passara a ser algo além de rancor em relação à Elinor; e que o tempo

e a habilidade poderiam levar Lucy a obter tudo o que quisesse. Sua bajulação já havia vencido o orgulho de Lady Middleton, e

penetrara no duro coração de Mrs. John Dashwood; e tais resultados deixavam em aberto a probabilidade de outros ainda maiores.

As Steeles se mudaram para Harley Street, e tudo o que chegou até Elinor a respeito da influência delas naquela casa fortaleceu sua expectativa do acontecimento. Sir John, que as visitou mais de uma vez, trouxe notícias do favoritismo de que estavam gozando, considerado impressionante por todos. Mrs. John Dashwood nunca encontrara jovens tão agradáveis quanto elas, deu-lhes de presente um porta-agulhas feito por algum imigrante[5], chamava Lucy pelo primeiro nome e não sabia se algum dia conseguiria se separar delas.

[1] Entende-se neste caso às escolas abertas a todos que pudessem pagar (N.T.)

[2] Escola particular, fundada pela Rainha Elizabeth em 1560, alguns de seus alunos ilustres: Locke, Dryden e Cowper. (N. T.)

[3] Giuseppe Bonomi (1739– 1808), arquiteto italiano, famoso por sua atuação na sociedade inglesa, membro da Academia Real. (N. T.)

[4] Dartford é uma cidade localizada no Condado de Kent, no sudeste da Inglaterra, a 25 quilômetros de Londres. (N. T.)

[5] O porta-agulhas feito provavelmente por uma imigrante francesa, que por causa da Revolução Francesa, foi obrigada a trabalhar para se sustentar. (N. T.)

C A P I T U L O XXXVII

Mrs. Palmer se encontrava tão bem passados quinze dias, que sua mãe sentiu que já não era necessário dedicar todo o seu tempo à filha, e contentando-se em visitá-la uma ou duas vezes ao dia, retornou para sua casa e para a sua rotina, encontrando as Dashwoods muito dispostas a retomarem a sua antiga convivência.

Na terceira ou quarta manhã depois que se instalaram novamente em Berkeley Street, Mrs. Jennings, ao retornar de sua visita diária a Mrs. Palmer, entrou com um ar de tão urgente importância na sala onde Elinor se encontrava sozinha, que a moça se preparou para ouvir algo prodigioso, e dando-lhe tempo apenas para formar essa ideia, Mrs. Jennings começou a justificá-la dizendo:

- Deus! Minha querida Miss Dashwood! Soube da notícia?
- Não, senhora. Do que se trata?
- Algo muito estranho! Mas lhe contarei tudo. Quando cheguei à casa de Charlotte, encontrei-a aos prantos com o filho. Tinha certeza que ele estava muito doente, pois ele gritava e choramingava, e estava cheio de manchinhas vermelhas. Então olhei para a criança e disse: ‘Deus! Minha querida, não é nada demais, trata-se apenas de uma erupção cutânea’[1] - e a enfermeira disse o mesmo. Mas Charlotte, não satisfeita, mandou chamar o Dr. Donavan, que por sorte vinha

voltando de uma visita que tinha feito em Harley Street, e entrou rapidamente, e assim que viu a criança disse o mesmo que eu: erupções na pele. Só assim Charlotte ficou tranquila. E então, quando ele já estava de partida, ocorreu-me perguntar-lhe, não sei como foi que pensei nisso, mas acabei perguntando se havia alguma novidade. Ao ouvir aquilo, ele sorriu maliciosamente, disfarçou, mas parecia sério, parecia saber de algo, e em um sussurro disse: “Por receio que alguma notícia desagradável sobre a indisposição da cunhada chegue até as jovens que estão sob seus cuidados, penso que é melhor dizer que não há motivos para alarme, creio que Mrs. John Dashwood vai resistir muito bem”.

- O quê! Fanny está doente?
- Foi exatamente o que eu disse, minha querida. ‘Deus! Mrs. John Dashwood está doente?’ (foi o que eu disse) Então tudo ficou esclarecido, e do que pude entender, posso resumir em poucas palavras: Mr. Edward Ferrars, aquele mesmo rapaz que eu costumava brincar com você (porém, como vê, estou completamente satisfeita em saber que todas minhas brincadeiras eram infundadas), pois parece que ele está comprometido há mais de um ano com minha prima Lucy! É isso mesmo, minha querida! E ninguém sabia de nada sobre o assunto, com exceção de Nancy! Você acreditaria em tal coisa? Não é estranho que se gostem, mas o relacionamento dos dois avançou tanto, sem que ninguém suspeitasse! É muito estranho! Nunca os vi juntos, pois se os visse teria descoberto

rapidamente. Bem, então mantiveram tudo no mais absoluto segredo por temor de Mrs. Ferrars, e nem ela, nem seu irmão, nem sua cunhada suspeitaram de algo... Até que hoje de manhã a pobre Nancy, que, como você sabe, é uma moça muito bem-intencionada, mas incapaz de guardar um segredo acabou revelando-o.

“Deus!” (ela deve ter pensado) “Eles gostam tanto de Lucy que certamente não farão nenhuma objeção sobre a união dos dois.” Então foi até Mrs. John Dashwood, que estava bordando um tapete, sem imaginar o que estava para acontecer... Pois há poucos minutos ela havia falado ao marido que pensava casar Edward com a filha de um lorde qualquer, cujo nome me esqueci. Elinor, você pode imaginar o golpe que foi para sua vaidade e orgulho. Ela imediatamente teve um ataque de histeria, e gritava tão alto, que seus gritos chegaram aos ouvidos do marido, que se encontrava em seu quarto de vestir, no andar de baixo, pensando em escrever uma carta ao administrador de sua propriedade no interior. Então ele subiu correndo as escadas e ali uma terrível cena aconteceu, pois Lucy já havia se juntado a eles, sem ao menos imaginar o que estava acontecendo. Pobre alma! Tenho pena dela. E acredito que ela foi tratada com muita dureza. Mrs. John Dashwood a repreendeu com muita fúria, até que ela desmaiou. Nancy, por sua vez, se ajoelhou aos seus pés e chorou amargamente, e seu irmão, que andava de um lado para o outro da sala, não sabia

o que fazer. Mrs. John Dashwood declarou que elas não deveriam ficar nem mais um minuto debaixo de seu teto, e seu marido foi forçado a se ajoelhar aos seus pés também, para convencê-la a deixar que as moças ficassem até que conseguissem empacotar seus pertences. Então, ela começou a ficar histérica novamente, e ele ficou tão assustado que mandou chamar o Dr. Donavan. Quando Dr. Donavan chegou, a casa estava de pernas para o ar. A carruagem estava parada à porta, pronta para levar minhas pobres primas, e elas já estavam embarcando quando ele saiu. Dr. Donavan disse que a pobre Lucy estava tão prostrada, que mal conseguia andar, e Nancy estava péssima também. Afirmo que não tenho a menor paciência com sua cunhada, e espero de todo coração que os dois se casem, apesar dos protestos dela. Deus! Imagino como Edward ficará ao saber de tudo! Ao saber que maltrataram sua amada! Pois dizem que ele é apaixonado por ela, e deve ser mesmo! Não acharia estranho se sentisse a maior das paixões! E Dr. Donavan pensa o mesmo. Eu e ele conversamos muito sobre o assunto, e o melhor de tudo é que ele voltou a Harley Street, para ficar a postos quando fossem contar a Mrs. Ferrars, pois ela foi até a casa da filha assim que minhas primas saíram, e sua cunhada pensou que ela poderia ficar histérica também, e pelo que sei, deve ficar mesmo. Não tenho pena de nenhuma das duas. Nunca conheci pessoas que fizessem tanto alarde quando o assunto é dinheiro e grandeza. Não há razão no mundo que impeça Mr. Edward de se casar com Lucy, e estou certa que Mrs. Ferrars pode muito bem ajudar o filho, e ainda

que Lucy não tenha quase nada de seu, sabe melhor do que ninguém como tirar proveito de uma situação. E sou capaz de dizer que se Mrs. Ferrars oferecer a Edward quinhentas libras por ano, ela será capaz de manter uma aparência que nenhuma outra conseguiria nem com oitocentas libras. Deus! Como poderiam viver com comodidade em um chalé como o seu, Elinor! Talvez um pouquinho maior, com duas criadas e dois empregados. Creio que posso ajudá-los a encontrar uma empregada, pois a minha Betty tem uma irmã desempregada que lhes serviria perfeitamente.

Mrs. Jennings parou de falar, e como Elinor tivera tempo suficiente para recompor seus pensamentos, pôde responder e fazer os comentários que o assunto naturalmente deveria provocar. Contenta ao saber que não era suspeita de ter nenhum interesse particular na questão e que Mrs. Jennings (como ela muitas vezes esperava que finalmente acontecesse) deixou de imaginar que ela tivesse algum compromisso com Edward, e mais feliz ainda porque

Marianne não estava presente, foi assim capaz de falar do assunto sem se constranger e sem receio de dar sua opinião, com imparcialidade, sobre a conduta de cada um dos interessados.

Elinor dificilmente poderia determinar qual era sua real expectativa sobre o caso, embora tenha se esforçado bastante

para afastar a ideia de que pudesse terminar de outra maneira senão com o casamento de Edward e Lucy. Estava ansiosa para saber o que Mrs. Ferrars diria e faria, embora não pudesse haver dúvidas quanto à sua natureza; e mais ansiosa ainda para saber como Edward se comportaria. Sentia bastante compaixão por ele, muito pouca por Lucy (e lhe custou muito sentir este pouco), e não sentia nada pelos outros.

Como Mrs. Jennings não mudava de assunto, Elinor logo percebeu que seria necessário preparar Marianne para discutir-lo. Não deveria perder tempo em desenganá-la, colocá-la a par da verdade e conseguir que escutasse os comentários dos demais sem revelar nenhuma inquietação pela irmã ou ressentimento contra Edward.

A tarefa de Elinor foi bastante penosa. Teria que destruir o que na verdade acreditava ser o principal consolo de sua irmã, e lhe dar tais detalhes sobre Edward que temia fossem desmerecê-lo para sempre no conceito de Marianne... E fazer com que a irmã, pela semelhança de suas situações, que na sua imaginação seria enorme, revivesse uma vez mais sua própria desilusão. Mas apesar de ser uma tarefa ingrata, teria que cumpri-la, e Elinor apressou-se, portanto, em executá-la.

Estava muito longe de querer enfatizar seus próprios sentimentos, ou demonstrar que estava sofrendo muito, a não ser que seu autocontrole, que praticara desde o momento em que soube do compromisso de Edward, pudesse indicar a Marianne o que seria possível fazer. Sua narrativa foi clara e

simples, e embora não pudesse ser dita sem emoção, não foi acompanhada por nenhuma agitação violenta ou profunda dor. Isso ficou por conta da ouvinte, pois Marianne ouviu tudo horrorizada e chorou excessivamente. Elinor teria que consolar os demais em sua dor, quando ela própria sofria. E todo consolo que pudesse ser dado pela demonstração de sua própria tranquilidade de espírito, e a séria disposição de defender Edward de todas as acusações, com exceção de sua imprudência, foi prontamente oferecido.

Por um tempo, Marianne não deu crédito a nenhum de seus argumentos. Edward parecia um segundo Willoughby. E se Elinor admitia que tinha amado Edward com toda sinceridade, como podia sentir menos que ela! Quanto a Lucy Steele, considerava-a totalmente desprezível, incapaz de atrair um homem sensível, e, em um primeiro momento, não pôde ser convencida a acreditar, e conseqüentemente perdoar, qualquer antiga afeição que Edward sentisse por ela. Marianne sequer admitia que aquilo fosse algo natural, e Elinor desistiu de convencê-la de que era verdade, pois apenas um profundo conhecimento da natureza humana seria capaz de fazê-lo.

Sua primeira tentativa de comunicar o fato não foi além de mencionar o compromisso, e há quanto tempo existia. Os sentimentos de Marianne então extravasaram, e impediram qualquer descrição dos detalhes; e por um tempo, tudo o que podia ser feito era acalmar sua aflição, tranquilizar seus

temores e combater seu ressentimento. A primeira pergunta que fez, que conduziu a outros detalhes, foi:

- Há quanto tempo você sabe, Elinor? Ele escreveu para você?

- Eu sei de tudo faz quatro meses. Quando Lucy esteve em Barton Park pela primeira vez, em novembro passado, ela contou-me em segredo seu compromisso.

Diante de tais palavras, os olhos de Marianne expressaram o assombro que seus lábios não seriam capazes de dizer. Depois de uma pausa de espanto, exclamou:

- Quatro meses! Você sabia disso tudo há quatro meses? Elinor confirmou.

- O quê! Enquanto me consolava de meu desgosto, já sentia tudo isso em seu coração?

E eu que a repreendi por ser feliz!

- Não era conveniente, naquele momento, que você soubesse o quanto eu sentia o contrário.

- Quatro meses! - exclamou Marianne novamente. - Tão calma! Tão alegre! Como conseguiu suportar?

- Sentindo que eu estava cumprindo com meu dever. Tinha que manter segredo, conforme prometi à Lucy. Devia isso a ela: evitar que qualquer indício sobre a verdade viesse à tona, e

devia à minha família e aos meus amigos evitar uma preocupação por mim, sobre algo que não estava em meu poder decidir.

Marianne parecia arrasada.

- Senti, às vezes, desejo de contar a você e a minha mãe – acrescentou Elinor – e uma ou duas vezes tentei fazê-lo; mas sem trair a confiança de Lucy, como eu poderia convencê-las?
- Quatro meses! – E ainda o amava!
- Sim. Mas não amava apenas a ele, e como o bem-estar das outras pessoas era importante para mim, alegrava-me poupá-las do meu sofrimento. Agora posso pensar e falar sobre o assunto sem grande emoção. Não queria vê-la sofrer por minha causa, pois lhe garanto que eu já não sofro com isso. Tenho outras coisas para me amparar. Estou consciente de que não provoquei decepção por alguma imprudência de minha parte, suportei o máximo que pude, sem contar para ninguém. Absolvo Edward de qualquer má conduta. Desejo que ele seja feliz. Estou tão certa de que ele sempre cumprirá com sua obrigação que, apesar de agora sentir algum arrependimento, creio que no final será feliz. Lucy não necessita de juízo, e esta é a base para que todas as coisas boas sejam construídas. E afinal de contas, Marianne, tudo o que fascina na ideia de um amor único e permanente, e tudo que pode ser dito sobre a felicidade de alguém depender inteiramente de uma pessoa em especial, as coisas não são assim... Não é adequado... Não é

possível que assim seja. Edward se casará com Lucy, se casará com uma mulher superior em aspecto e inteligência, bem acima da média das outras mulheres; e o tempo e a rotina lhe ensinarão a esquecer que ele alguma vez pensou que outra fosse superior a ela.

- Se essa é a sua maneira de pensar - disse Marianne - se a perda de alguém tão valioso é facilmente compensada por algo mais, sua decisão e seu autocontrole são, talvez, menos admiráveis. Estão mais próximos da minha compreensão.

- Eu a entendo. Você talvez suponha que eu nunca senti muito. Por quatro meses, Marianne, tudo isso deu voltas na minha cabeça sem que eu tivesse a liberdade de contar a

alguém, sabendo que tal notícia deixaria você e mamãe muito tristes quando eu lhes contasse, ainda que não fosse possível prepará-las, pelo menos para isso. Fui informada da notícia, de algum modo fui forçada a sabê-lo pela própria pessoa cujo compromisso anterior arruinou todos os meus projetos, e disse-me, creio eu, com certo triunfo. Tive, portanto, que vencer as suspeitas de Lucy, tentando parecer indiferente justamente onde meu interesse era mais profundo. E não foi apenas uma vez, tive que ouvir suas esperanças e alegrias várias vezes. Eu já sabia que ficaria separada de Edward para sempre, sem saber de uma circunstância que pudesse me fazer desejar menos a união. Nada o tornava indigno, nem o tornava

indiferente a mim. Tive que lutar contra a falta de gentileza de sua irmã e a insolência de sua mãe; sofri a punição de um amor, sem aproveitar suas vantagens. E tudo isso aconteceu em um momento em que, como você sabe muito bem, não era a única dor que me afligia. Se puder crer que sou capaz de alguma vez ter sentido... certamente deve supor que sofri nesse momento. A tranquilidade com que posso, agora, falar sobre o assunto, o consolo que estou disposta a aceitar, tem sido resultado de um constante e doloroso esforço; não foram espontâneos, e no começo, não contava com eles para aliviar minha alma... Não, Marianne. Então, se eu não estivesse atada ao pacto de silêncio, talvez nada tivesse me impedido de expressar minha enorme infelicidade... nem sequer o que devo aos meus amigos mais queridos.

Marianne estava bastante convencida.

- Oh, Elinor! - exclamou - Você fez com que eu me odeie para sempre. Fui muito desalmada com você! Você, que sempre foi meu consolo, que acompanhou todo o meu sofrimento, que parecia sofrer unicamente por mim! É assim que lhe agradeço? É a única recompensa que posso lhe oferecer? Pois seu mérito salta aos meus olhos, e estive tentando desconhecê-lo.

As mais ternas carícias seguiram essa confissão. Por causa de seu atual estado de espírito, Elinor não teve dificuldade alguma em obter de Marianne todas as promessas que queria; e a seu pedido, Marianne prometeu nunca falar do caso com a menor amargura, além de encontrar com Lucy sem deixar

transparecer o menor sinal de que não gostava dela; e até ver Edward sem diminuir sua usual cordialidade para com ele, se por acaso se encontrassem. Todas eram grandes concessões, mas se Marianne sentisse que havia ferido alguém, nada que pudesse fazer para reparar seria exagerado.

Marianne cumpriu admiravelmente a promessa de ser discreta. Escutou tudo o que Mrs. Jennings tinha a dizer sobre o assunto, sem qualquer alteração em sua fisionomia, não divergiu dela em nada, e até disse por três vezes: “Sim, senhora.” Sua única reação ao ouvir falar de Lucy foi mudar de uma cadeira para outra e quando Mrs. Jennings mencionou o afeto de Edward, apenas sentiu um espasmo na garganta. Tantos atos de heroísmo da parte de Marianne fizeram com que Elinor se sentisse igualmente forte.

A manhã seguinte trouxe mais uma prova, com a visita de seu irmão, que chegou com um aspecto muito sério para falar sobre o lamentável ocorrido e trazer-lhes notícias de sua esposa.

- Vocês já souberam, suponho... - disse com grande solenidade, assim que se sentou - da chocante descoberta que fizemos ontem em minha casa.

Todas concordaram inclinando a cabeça. Parecia um momento terrível para falarem.

- Sua cunhada – continuou – sofreu espantosamente. Mrs. Ferrars também... Em suma, foi uma cena muito complicada e triste... Mas espero que a tempestade passe sem que nenhum de nós fique muito abalado. Pobre Fanny! Ficou com os nervos à flor da pele durante todo o dia de ontem. Mas não queria que ficassem muito alarmadas. Donavan disse que não havia nada a temer, Fanny tem uma boa constituição física e é capaz de enfrentar qualquer coisa. Passou por tudo isso com a força de um anjo! Disse que jamais pensará bem de alguém novamente; e não é de se estranhar, depois de ter sido enganada desta forma! Receber tamanha ingratidão após demonstrar tanta bondade e depositar tanta confiança! Foi obedecendo à generosidade de seu coração que ela convidou essas duas moças para se hospedarem em nossa casa; simplesmente porque pensava que mereciam um pouco mais de atenção, acreditava que eram moças inofensivas, comportadas, e seriam boas companhias. Pois, caso contrário, teríamos antes convidado você e Marianne para ficarem conosco, enquanto sua gentil amiga dava atenção à filha. E tudo isso para sermos recompensados dessa maneira! Disse a pobre Fanny, na sua maneira afetuosa: “Desejava, de todo coração, que tivéssemos convidado suas irmãs ao invés delas”.

Nesse momento, fez uma pausa para receber os agradecimentos e depois de recebê-los, continuou.

- Não posso descrever o quanto Mrs. Ferrars sofreu quando Fanny contou-lhe a notícia. Enquanto ela, com o mais

verdadeiro afeto, planejava uma união mais conveniente para o filho, como poderia supor que ele estivesse todo o tempo comprometido com outra pessoa! Tal suspeita jamais teria lhe ocorrido! Se ela suspeitasse de qualquer outra ligação da parte dele, não imaginaria que seria dali. “Estava bastante segura que dali não surgiria nada” disse minha sogra. Estava completamente agoniada. Conversamos entre nós, sobre o que deveria ser feito, e finalmente ela decidiu chamar Edward. Ele veio. Mas sinto muito ter que relatar o que ocorreu. Tudo o que Mrs. Ferrars pôde dizer para fazê-lo romper o compromisso, acompanhado pelos meus argumentos, como vocês devem imaginar, e pelas súplicas de Fanny, foi em vão. O dever, o afeto, tudo foi desconsiderado. Nunca pensei que Edward fosse tão obstinado, tão insensível. Sua mãe lhe explicou os generosos projetos que tinha para ele, caso ele se casasse com Miss Morton; disse que lhe daria a propriedade de Norfolk[2], a qual, descontados os impostos, daria uma boa renda de cerca de mil libras por ano. Inclusive prometeu, quando as coisas começaram a ficar desesperadoras, que lhe daria mil e duzentas libras. Mas, se ele continuasse a se opor e persistisse nessa união pouco vantajosa, mostrar-lhe-ia a penúria que tal união enfrentaria. Insistiu que ele teria apenas as duas mil libras a que tinha direito e que não queria vê-lo nunca mais; e que, além de não lhe conceder assistência alguma, caso ele viesse a exercer qualquer profissão para se sustentar, faria tudo o que estivesse em seu poder para impedir que fosse bem-sucedido.

Diante disso, Marianne, cheia de indignação, juntou as mãos e exclamou:

- Santo Deus! Será possível?
- Talvez você estranhe, Marianne – respondeu seu irmão –, a obstinação capaz de resistir a argumentos como estes. Seu espanto é muito natural.

Marianne ia replicar, mas lembrou-se de suas promessas e se reprimiu.

- Todos esses esforços, entretanto – continuou –, foram em vão. Edward disse muito pouco, mas quando falou foi de maneira muito determinada. Nada poderia convencê-lo a desistir de seu compromisso. Ele manteria sua palavra, custasse o que custasse.
- Então – exclamou Mrs. Jennings com brusca seriedade, incapaz de se manter em silêncio – ele agiu como um homem honesto! Peço-lhe desculpas, Mr. Dashwood, mas se ele tivesse agido de outra forma, eu o acharia um canalha. Tenho certo interesse no assunto, assim como você, já que Lucy Steele é minha prima, e acredito que não há melhor moça no mundo, nem outra mais merecedora de um bom marido.

John Dashwood ficou bastante espantado; mas era calmo por natureza, não era aberto a provocações, e não desejava

ofender ninguém, especialmente alguém de boa fortuna. Então respondeu, sem nenhum ressentimento:

- Minha cara senhora, eu jamais tive a intenção de falar desrespeitosamente sobre algum familiar seu. Miss Lucy Steele é, atrever-me-ia a dizer, uma jovem muito merecedora, mas no caso em questão, como deve saber, a união é impossível. E se comprometer em segredo com um jovem que estava sob a tutela de seu tio, o filho de uma mulher de tão grande fortuna quanto Mrs. Ferrars é, talvez, um pouco extraordinário. Em suma, não é minha intenção desmerecer o comportamento de qualquer pessoa a quem a senhora estime, Mrs. Jennings. Todos nós desejamos que ela seja muito feliz; e a conduta de Mrs. Ferrars foi a mesma que qualquer outra mãe consciente e bondosa adotaria nas mesmas circunstâncias. Foi uma atitude digna e generosa. Edward escolheu seu próprio destino e receio que tenha sido uma péssima escolha.

Marianne suspirou com a mesma apreensão, e o coração de Elinor ficou apertado ao pensar nos sentimentos de Edward, enquanto enfrentava as ameaças da mãe, por uma mulher que não poderia recompensá-lo.

- Bem, meu senhor, como tudo terminou? - disse Mrs. Jennings.

- Lamento dizer, senhora, que tudo terminou na mais infeliz ruptura: Edward perdeu para sempre a consideração de sua mãe. Deixou a casa ontem, mas para onde foi e se ainda está

na cidade, eu não sei, já que nós não podemos fazer nenhuma pergunta.

- Pobre rapaz! O que será dele?

- Sim, por certo, senhora! É um pensamento melancólico. Nascido com a expectativa de tanta riqueza! Não consigo imaginar uma situação mais deplorável. Com os juros de duas mil libras... Como uma pessoa poderá viver com isto? E quando se lembrar que, se não fosse pela sua estupidez, em três meses estaria recebendo duas mil e quinhentas libras (pois Miss Morton tem trinta mil libras), não consigo imaginar situação mais miserável. Todos sentimos pena dele, ainda mais se levar em consideração que não temos como ajudá-lo.

- Pobre rapaz! - exclamou Mrs. Jennings - Garanto-lhe que teria muito gosto em oferecer-lhe hospedagem e comida em minha casa. É o que eu diria, caso o encontrasse. Não é certo que tenha que ficar só agora, vivendo em hospedarias ou tabernas.

Elinor ficou agradecida de coração pela gentileza com Edward, embora não pudesse

evitar sorrir pela maneira como foi dita.

- Se ele apenas tivesse feito por si mesmo - disse John Dashwood - o que todos os seus amigos estariam dispostos a fazer por ele, estaria agora em uma situação adequada, e

nada lhe faltaria. Como escolheu outro caminho, está fora do alcance de todos poderem ajudá-lo. E ainda há algo mais contra ele, que deve ser o pior de tudo: sua mãe determinou, com um espírito bastante natural, passar imediatamente para Robert aquela propriedade que seria de Edward, em circunstâncias normais. Quando a deixei essa manhã, estava com seu advogado, conversando sobre o assunto.

- Bem! - disse Mrs. Jennings - Essa é sua vingança. Cada um age de acordo com seus pensamentos. Mas não penso que eu agiria assim, dar independência a um filho, porque o outro me aborreceu.

Marianne levantou-se e começou a andar pela sala.

- Pode haver algo mais vergonhoso para o espírito de um homem - continuou John - do que ver seu irmão mais novo receber a propriedade que deveria ter sido sua? Pobre Edward! Sinto muito por ele, sinceramente.

Depois de mais alguns minutos despendidos no mesmo tipo de lamentação, encerrou a visita. E após assegurar, por repetidas vezes, que não havia nenhum perigo na indisposição de Fanny, e que elas não deviam preocupar-se com ela, ele se foi, deixando as três damas com sentimentos unânimes a respeito da situação atual, ao menos no que se relacionava à conduta de Mrs. Ferrars, dos Dashwoods e de Edward.

A indignação de Marianne explodiu assim que ele deixou a sala, e como sua veemência tornou impossível qualquer discricção por

parte de Elinor, e desnecessária por parte de Mrs. Jennings, as três se uniram em uma animada crítica de todo o grupo.

[1] Em português é chamada de estrófulo, em inglês é conhecida como “strophulus”, “red gum” ou “teething rash”. É uma dermatose bastante comum em crianças pequenas, muitas vezes causada por distúrbios intestinais, provocando erupções na pele. (N. T.)

[2] Condado localizado no leste da Inglaterra. (N. T.)

C A P I T U L O XXXVIII

Mrs. Jennings foi muito calorosa ao elogiar a conduta de Edward, porém apenas Marianne e Elinor entenderam seu verdadeiro mérito. Somente elas sabiam como foram poucos os motivos que o instigaram à desobediência, e como era pequeno o consolo, além da consciência de fazer o certo, que lhe restaria após a perda de amigos e fortuna. Elinor orgulhava-se de sua integridade, e Marianne perdoou todas as suas ofensas por pena de seu castigo. Embora a confiança entre elas fosse restaurada, após o caso vir a público, não era um assunto que tivessem prazer em discutir quando estavam a sós. Elinor o evitava por princípio, tendendo a fixar-se ainda mais em seus pensamentos, pois das certezas calorosas e positivas de Marianne, que continuava a acreditar que Edward ainda gostava dela, a própria Elinor desejava se ver livre; e a coragem de Marianne para falar sobre o assunto acabou se esvaindo, já que sempre ficava mais insatisfeita do que nunca consigo mesma, pela comparação que necessariamente se impunha entre a conduta de Elinor e a sua própria.

Sentia todo o peso da comparação, mas não como Elinor havia esperado, de maneira que a fizesse esforçar-se. Ela a sentia com toda a dor de uma contínua autorreprovação, lamentando mais amargamente nunca ter se esforçado antes; mas isso trazia apenas a tortura da penitência, sem a esperança da reparação. Seu espírito se debilitara de tal maneira que ela

achava impossível qualquer esforço no momento, o que só servia para desanimá-la ainda mais.

Por um dia ou dois não ouviram nenhuma outra notícia vinda de Harley Street ou de Bartlett's Buildings. Mas, como já sabiam bastante sobre o assunto, Mrs. Jennings teria muito trabalho pela frente para espalhar a notícia, sem ter que averiguar mais. Desde o começo ela havia decidido fazer uma visita, assim que pudesse, para consolar e fazer perguntas às suas primas – e nada, senão o estorvo de receber mais visitas do que o usual, impediram-na de visitá-las logo.

Em um domingo, o terceiro dia após terem se inteirado do assunto, estava um clima tão agradável e o dia tão bonito, que muitos se dirigiram aos Jardins de Kensington, embora ainda fosse a segunda semana de março[1]. Mrs. Jennings e Elinor também foram passear, mas Marianne, que sabia que os Willoughbys estavam novamente na cidade, e vivia temerosa de encontrá-los, preferiu ficar em casa antes de aventurar-se a um lugar tão público.

Pouco depois de chegarem aos jardins, uma amiga íntima de Mrs. Jennings se juntou a elas, e Elinor não lamentou que ela as acompanhasse, pois as senhoras conversavam muito entre si, e Elinor pôde refletir tranquilamente sobre vários assuntos. Não viu os Willoughbys, nem Edward, e por algum tempo não viu ninguém nem nada que pudesse, por sua tristeza ou alegria, despertar seu interesse. No entanto, finalmente foi surpreendida ao ser interpelada por Miss Steele, que, embora

parecesse um tanto tímida, expressou enorme satisfação em encontrá-las, e sentindo-se encorajada pela especial bondade de Mrs. Jennings, deixou seu próprio grupo de amigos, por um curto período de tempo, para unir-se a elas. Mrs. Jennings imediatamente sussurrou a Elinor:

- Arranque dela tudo o que puder, minha querida. Se perguntar, certamente ela lhe contará tudo. Como pode ver, não posso abandonar Mrs. Clarke.

Felizmente para a curiosidade de Mrs. Jennings e também para a de Elinor, Miss Steele contava qualquer coisa sem a necessidade de que lhe fizessem perguntas, pois de outra forma, elas não saberiam de nada.

- Fico muito contente por encontrá-la - disse Miss Steele, tomando-a familiarmente pelo braço - porque queria vê-la mais que qualquer outra coisa. - Então, baixando o tom da voz, disse:

- Suponho que Mrs. Jennings saiba de tudo. Ela está zangada?

- Acredito que não esteja zangada com você.

- Que bom. E Lady Middleton, está zangada?

- Não consigo acreditar que ela possa se sentir assim.

- Fico imensamente contente. Graças a Deus! Ah! Tenho passado por tantas coisas. Nunca vi Lucy tão furiosa em toda

minha vida. Primeiro jurou que não me daria mais nenhum chapéu novo, não faria mais nada por mim, enquanto vivesse. Mas agora ela está mais calma e voltamos a ser amigas, como sempre. Veja, ela fez esse laço para meu chapéu e colocou essa pluma na noite passada. Bem, acho que você também vai rir de mim agora. Mas por que não posso usar fitas cor-de-rosa? Não me importa se é a cor favorita do Reverendo. Estou certa que, de minha parte, eu jamais saberia que ele gosta mais dessa cor do que de qualquer outra, se ele não tivesse dito isso por acaso. Minhas primas têm me irritado tanto! Às vezes não sei para onde olhar quando estou com elas.

Ela começara um assunto sobre o qual Elinor nada tinha a dizer, e então procurou um modo de voltar ao primeiro.

- Bem, Miss Dashwood - disse de forma triunfante - as pessoas podem falar o que quiserem sobre Mr. Ferrars ter declarado que não se casaria com Lucy, mas posso lhe garantir que isso não é verdade, e é muito vergonhoso que as pessoas sejam capazes de espalhar esses rumores odiosos. Seja o que for que Lucy pense sobre o assunto, ninguém tem o direito de fazer tais insinuações.

- Posso lhe garantir que nunca ouvi nenhuma insinuação como essa - disse Elinor.

- Oh, não ouviu? Mas isso foi dito, sei muito bem, e por mais de uma pessoa, e sei que Miss Godby disse a Miss Sparks que ninguém em seu juízo perfeito poderia esperar que Mr. Ferrars

fosse desistir de uma moça como Miss Morton, com trinta mil libras de fortuna, para se casar com Lucy, que não possui nada. Eu mesma ouvi Miss Sparks dizer. Além disso, meu primo Richard disse que, quando chegasse o momento, temia que Mr. Ferrars desistisse. E como Edward não veio nos visitar, após três dias eu já não sabia o que pensar, e acredito, de todo coração, que Lucy deu tudo por perdido, pois saímos da casa de seu irmão na quarta-feira, e não vimos Edward na quinta, nem na sexta ou no sábado e nem sequer soubemos o que havia acontecido com ele. A princípio, Lucy pensou em escrever-lhe, mas logo desistiu. Porém, ele veio nos visitar esta manhã, logo que chegamos da igreja, então tudo foi esclarecido: ele fora chamado a Harley Street, conversou com sua mãe e os outros membros da família, e declarou

que não amava outra pessoa senão Lucy, e que não se casaria com mais ninguém. Disse-nos o quanto ficara preocupado com o ocorrido, e, assim que deixou a casa da mãe, montou em seu cavalo e se dirigiu ao interior, tendo passado a quinta e a sexta em uma hospedaria para poder refletir com calma. E após refletir sobre o assunto diversas vezes, de acordo com o que ele nos contou, pensou que não seria justo obrigá-la a manter um compromisso, agora que ele não tinha mais fortuna, pois seria uma grande perda para ela, já que ele não possui mais nada além de duas mil libras, e não tem esperanças de receber mais nenhum rendimento. E se ele tivesse se ordenado, como havia

pensado, receberia apenas os rendimentos de um assistente de paróquia[2], e como viveriam com tão pouco? Não suportava pensar que ela não viveria bem, então implorou a Lucy que, se ela tivesse qualquer consideração, deveria colocar um fim imediato a todo o caso e deixar que ele seguisse seu caminho. Eu o escutei dizer tudo isso com bastante clareza. E o fez inteiramente para o bem dela, foi pensando em Lucy que disse tudo aquilo, não para o seu próprio bem. Posso jurar que ele nunca disse uma sílaba sobre estar cansado dela, ou que desejava se casar com Miss Morton, ou qualquer outra coisa parecida. Mas, para dizer a verdade, Lucy nunca deu ouvidos a tais conversinhas, então disse a Edward imediatamente (com muita doçura e amor, você sabe... todas estas coisas... Ah... não sou capaz de repetir as palavras, entende...), disse-lhe sem vacilar que não tinha nenhuma intenção de romper o compromisso, porque poderia viver com ele com o pouco que fosse, e mesmo que ele fosse pobre para sempre, ela ficaria contente com isto, ou algo assim. Ele ficou imensamente feliz, mesmo ganhando uma ninharia, e então os dois conversaram sobre o que deveriam fazer, e concordaram que ele deveria se ordenar o mais breve possível, e que deveriam se casar apenas quando ele recebesse os rendimentos da paróquia que ele assumir. E justo neste momento não pude continuar ouvindo a conversa, pois minha prima me chamou no andar de baixo para dizer-me que Mrs. Richardson acabara de chegar em sua carruagem e nos levaria aos Jardins Kensington; então fui forçada a entrar na sala e interrompê-los para perguntar a

Lucy se ela gostaria de ir conosco, mas ela não queria deixar Edward, então subi até meu quarto e coloquei um par de meias de seda e vim com os Richardsons.

- Eu não entendi o que quis dizer ao interrompê-los - disse Elinor - vocês estavam todos no mesmo cômodo, não é mesmo?

- Não, de jeito nenhum. Ora! Miss Dashwood, Você acha que os enamorados dizem palavras de amor quando há outras pessoas por perto? Oh, que vergonha! Para ser sincera, creio que você deve saber muito bem disso. (rindo de maneira afetada) Não, não... Eles estavam a sós na sala de estar, e eu ouvi tudo porque estava escutando atrás da porta.

- Como! - exclamou Elinor - Você está me contando coisas que ouviu detrás da porta? Lamento não ter sabido disso antes, pois de maneira alguma teria aceitado que me contasse detalhes de uma conversa que você mesma não tinha o direito de ouvir. Como pôde agir assim com sua irmã?

- Ah, não há nada demais nisso. Só fiquei junto à porta e escutei o que pude. E estou certa que Lucy teria feito o mesmo, já que um ou dois anos atrás, quando Martha Sharpe e eu tínhamos tantos segredos entre nós, ela nunca teve escrúpulos de se esconder em um armário, ou atrás da tela da lareira[3], com o propósito de ouvir nossas conversas.

Elinor tentou mudar de assunto, mas Miss Steele não podia deixar de falar nem por dois minutos, sobre o assunto que ocupava sua mente.

- Edward fala em ir logo para Oxford - disse ela - mas agora está hospedado no nº... em Pall Mall. Como sua mãe é má, não é mesmo? E seu irmão e sua cunhada também não foram amáveis! Porém, não irei falar deles para você, e para falar a verdade, eles nos mandaram embora em sua própria carruagem, o que foi mais do que eu esperava. E da minha parte, eu tinha receio que sua cunhada pedisse que nós devolvêssemos o porta-agulhas que ela dera a cada uma de nós um ou dois dias antes; mas não disse nada a respeito deles, e tratei logo de deixar o meu longe da vista. Edward nos disse que tinha alguns negócios em Oxford, então deveria ficar lá por um tempo, e depois disso, assim que conseguir um bispo, irá se ordenar. Imagino qual paróquia ele assumirá! Deus do céu! (dando uma risadinha boba enquanto falava) Apostaria minha vida para saber o que minhas primas dirão quando souberem. Dirão que eu deveria escrever ao Reverendo, e pedir que Edward seja seu novo assistente. Tenho certeza de que dirão isso, mas eu jamais faria tal coisa, por nada nesse mundo. Se perguntarem, serei muito direta: “como podem pensar em tal coisa? Escrever ao Reverendo, francamente!”

- Bem - disse Elinor - é um conforto estar preparada para o pior. Pois já se tem as respostas prontas.

Miss Steele ia continuar a falar da mesma coisa, porém a proximidade do seu grupo de amigos obrigou-a a mudar de assunto.

- Oh, aí vem os Richardsons. Tenho muito que lhe contar, porém não posso afastar-me deles por tanto tempo. Garanto-lhe que são pessoas muito gentis. O marido ganha um monte de dinheiro e possuem carruagem própria. Não tive tempo de falar pessoalmente com Mrs. Jennings, mas peço-lhe, por favor, que lhe diga que estou muito contente de saber que não está zangada conosco, e digo o mesmo em relação à Lady Middleton. E se acontecer alguma coisa e você e sua irmã tiverem que ir embora, e Mrs. Jennings precisar de companhia, tenho certeza de que ficaremos muito contentes de ir e ficar com ela o quanto quiser. Suponho que Lady Middleton não nos convide mais. Adeus! Sinto muito não ter visto Miss Marianne por aqui. Dê lembranças afetuosas a ela. Ah! Vejo que está usando seu vestido de musselina de bolinhas! Imagino o quanto tem medo de rasgá-lo.

Essa foi sua preocupação ao se despedirem, pois depois disso, teve tempo apenas para dizer adeus a Mrs. Jennings, antes que Mrs. Richardson reclamasse sua companhia. E assim, Elinor recebeu as notícias que alimentariam suas reflexões por algum tempo, embora ela tivesse ouvido muito pouco além do que havia previsto e suposto em seus pensamentos. O casamento de Edward com Lucy estava tão firmemente decidido e a data da cerimônia permanecia tão incerta, como ela havia esperado;

tudo dependia deste cargo que, até o momento, não tinha a menor chance de acontecer.

Assim que elas voltaram à carruagem, Mrs. Jennings estava aflita por novidades, mas como Elinor não desejava espalhar informações obtidas de maneira tão pouco justa, limitou-se a repetir alguns simples detalhes, que tinha certeza que Lucy, por seu próprio interesse, desejaria divulgar. A continuidade do compromisso e os meios que utilizariam para levá-lo adiante foi tudo o que disse, e isso provocou em Mrs. Jennings a seguinte natural observação:

- Esperar até que consiga um rendimento! Sim, todos nós sabemos como isso irá terminar: eles esperarão por um ano, e percebendo que assim não conseguirão nada, se acomodarão em uma paróquia de cinquenta libras anuais, mais os juros das duas mil libras de Edward e o pouco que Mr. Steele e Mr. Pratt puderem dar à Lucy. E depois terão um filho a cada ano! Que Deus os ajude! Como serão pobres! Tenho que ver o que posso oferecer-lhes para ajudá-los a mobiliar sua casa. Duas criadas e dois empregados... Eu dizia isso outro dia! Não, não, eles devem contratar uma moça forte para dar conta de todo o trabalho. A irmã de Betty não lhes será útil agora.

Na manhã seguinte, Elinor recebeu uma carta do correio expresso, enviada por Lucy.

Dizia o seguinte:

Bartlett's Buildings, março.

Espero que minha querida Miss Dashwood perdoe a liberdade que tomei ao escrever-lhe, mas sei que sua amizade por mim a fará contente de saber tão boas notícias minhas e do meu querido Edward, depois de todos os problemas que passamos recentemente. Portanto, não me desculparei mais e continuarei a dizer que, graças a Deus, embora tenhamos sofrido terrivelmente, estamos bem agora, e tão felizes como sempre deveremos estar com nosso amorum pelo outro. Enfrentamos duras provas e grandes perseguições, mas, ao mesmo tempo, devemos agradecer a muitos amigos, entre os quais você ocupa um dos lugares mais importantes, de cuja grande bondade me lembrarei para sempre com toda minha gratidão, assim como Edward, a quem contei tudo. Estou certa que ficará contente em saber, assim como minha querida Mrs. Jennings, que passei duas horas felizes ao lado dele ontem, ele não queria ouvir falar de nossa separação, apesar de eu ter insistido por prudência, como creio que era meu dever, e teria me separado dele imediatamente, se ele consentisse. Mas Edward disse-me que jamais teve tal pensamento, que não se importaria

com a raiva da mãe, enquanto tivesse minha afeição. Nossas perspectivas não são muito brilhantes, na verdade, devemos aguardar e esperar o melhor. Em breve ele será ordenado, e se estiver em seu poder recomendá-lo a alguém que possa lhe

oferecer um benefício eclesiástico, tenho certeza que você não se esquecerá de nós. Assim como acredito que minha querida Mrs. Jennings intercederá por nós a Sir John ou Mr. Palmer, ou qualquer outro amigo que seja capaz de nos ajudar. Pobre Anne, é bastante culpada pelo que fez, mas a coitada fez por bem, então não a repreendi. Espero que não seja um grande problema para Mrs. Jennings nos visitar, se alguma manhã vier por esses lados. Seria muita gentileza se ela viesse, e meus primos ficarão orgulhosos em conhecê-la. O papel obriga-me a encerrar a carta[4] pedindo-lhe que envie as minhas mais agradecidas e respeitadas lembranças a ela, a Sir John, a Lady Middleton e a seus queridos filhos, quando tiver a oportunidade de encontrá-los, e meu amor por Miss Marianne,

Sua, etc..

Assim que Elinor terminou de ler a carta, executou o que imaginava ser a intenção real de Lucy, entregando-a nas mãos de Mrs. Jennings, que leu em voz alta com muitos comentários de satisfação e louvor.

- Muito bem! Como Lucy escreve bem! Foi muito correto liberá-lo do compromisso se ele o quisesse. Foi bem próprio de Lucy. Pobre alma! Desejaria de todo coração poder dar a Edward algum rendimento. Ela me chama de querida Mrs. Jennings, como vê. Lucy tem o melhor coração do mundo. Juro que tem. Esta frase está muito bem escrita. Sim, sim, certamente irei vê-la. Como é atenciosa! Pensa em todo mundo! Obrigada, minha querida, por

mostrar-me isso. É a carta mais bonita que já vi, e mostra muito bem a inteligência e o coração de Lucy.

[1] O inverno ainda não havia terminado. (N. T.)

[2] Assistente paroquial (Curate em inglês) é uma espécie de assistente de um pastor, ou ministro da eucaristia do vigário. Os párocos que tinham mais de uma fonte de renda, frequentemente empregavam assistentes para cumprirem suas obrigações em paróquias onde não existiam residências para eles. Sem rendimentos próprios e muitas vezes mal pagos, os assistentes eram extremamente pobres. (N. T.)

[3] Tela de lareira (em inglês chimney-board), é uma peça decorativa, geralmente com desenhos e gravuras, usada para tampar a lareira quando não estava em uso, principalmente no verão. (N. T.)

[4] Os envelopes não eram usados com frequência, então a parte detrás da folha tinha que ser deixada em branco para que o nome do remetente e seu endereço fossem escritos, quando a carta fosse dobrada e lacrada com cera derretida. Neste caso, Lucy está dizendo que tem que encerrar a carta por falta de espaço. (N. T.)

C A P I T U L O XXXIX

As Dashwoods já estavam na cidade há mais de dois meses, e a impaciência de Marianne para ir embora aumentava a cada dia. Ela ansiava pelo ar puro, pela liberdade, pela tranquilidade do interior, e fantasiava que, se algum lugar lhe poderia trazer tranquilidade, este era Barton. Elinor estava também bastante ansiosa, seu desejo de partir só era menor que o de Marianne porque estava consciente das dificuldades de uma viagem tão longa, o que Marianne não admitia reconhecer. Ela começou, entretanto, a voltar seriamente seus pensamentos para a concretização dessa viagem, e já mencionara seus desejos à gentil anfitriã

- que resistiu a eles com toda eloquência de sua boa vontade - quando surgiu uma possibilidade que, apesar de mantê-las longe de casa por mais algumas semanas, pareceu a Elinor muito mais conveniente do que qualquer outro plano. Os Palmers deviam retornar a Cleveland mais ou menos no final de março, para os feriados de Páscoa, e Mrs. Jennings, assim como Marianne e Elinor, receberam um caloroso convite de Charlotte para acompanhá-los. Por si só, o convite não teria sido suficiente para a delicadeza de Miss Dashwood, mas como foi reforçado com verdadeira polidez pelo próprio Mr. Palmer, cujo trato para com elas melhorara radicalmente desde que soube que Marianne estava muito infeliz, Elinor acabou aceitando com prazer.

Quando disse a Marianne que havia aceitado o convite, porém, a primeira reação que ela teve não foi muito auspiciosa.

- Cleveland! - Marianne exclamou, com grande agitação - Não, não posso ir à Cleveland.

- Você se esquece - disse Elinor gentilmente - de que a localização... Não fica perto

de...

- Mas fica em Somersetshire... E eu não posso ir a Somersetshire... Ali, onde tanto

desejei ir... Não, Elinor, você não pode esperar que eu vá.

Elinor não quis discutir sobre a conveniência de superar tais sentimentos, limitou-se apenas a contrariá-los, apresentando outros; e assim, apresentou-lhe essa viagem como uma forma de fixar a data para retornar à casa de sua querida mãe, a quem tanto desejava ver, de maneira mais conveniente e cômoda, e talvez sem grande demora. De Cleveland, que ficava a alguns quilômetros de Bristol[1], a distância até Barton não seria de mais que um dia, apesar de ser um dia inteiro de viagem, e o empregado de sua mãe poderia facilmente ir buscá-las, e como não ficariam em Cleveland mais de uma semana, poderiam estar de volta a casa em pouco mais de três semanas a contar de agora. Como o afeto de Marianne por sua mãe era sincero, superou com pouca dificuldade os perigos imaginários que ela a princípio pensara.

Mrs. Jennings estava tão longe de estar cansada de suas hóspedes, que insistiu com grande veemência para que voltassem de Cleveland novamente para sua companhia. Elinor ficou muito agradecida pela delicadeza, mas nada a faria mudar de planos, e com o imediato consentimento da mãe, tomaram, logo que possível, todas as providências necessárias para

voltarem, e Marianne encontrou certo alívio em calcular as horas que ainda a separavam de Barton.

- Ah! Coronel, eu não sei o que você e eu faremos sem as Dashwoods - foram as palavras que Mrs. Jennings dirigiu a ele, na primeira vez em que a visitou, depois que acertaram a partida de Marianne e Elinor - pois estão decididas a voltar para casa depois que visitarem os Palmers. Como ficaremos solitários quando eu voltar! Deus! Vamos nos sentar aqui e bocejar como dois gatos aborrecidos.

Talvez Mrs. Jennings tivesse a esperança de que esse expressivo esboço de um futuro enfadonho o provocasse a fazer o pedido, o que lhe permitiria escapar de tal destino. E teve, logo em seguida, boas razões para pensar haver alcançado seu objetivo, pois, quando Elinor dirigiu-se à janela para tomar, com mais precisão, as medidas de uma gravura que copiaria para a amiga, ele a seguiu e, com um olhar particularmente significativo, conversou com ela durante vários

minutos. O efeito do discurso do Coronel sobre Elinor também não escapou à sua observação, pois, apesar de ser muito digna para ficar escutando, e tivesse mesmo mudado de lugar com o propósito de não ouvir, sentando-se junto ao piano em que Marianne estava tocando, ela não pode deixar de perceber que Elinor estava corada, escutava com grande agitação e estava bastante concentrada para continuar tirando as medidas da gravura. Confirmando ainda mais suas esperanças, no momento em que Marianne trocava as partituras, inevitavelmente pôde ouvir algumas palavras do Coronel, nas quais ele parecia estar se desculpando pelo mau estado de sua casa. Aquilo eliminou todas as suas dúvidas. De fato, ela imaginava porque o Coronel achou necessário dizê-lo, mas supôs ser a etiqueta correta. Mrs. Jennings não conseguiu entender o que Elinor respondeu, mas a julgar pelo movimento de seus lábios, acreditou que ela não julgava esta uma objeção de peso... E Mrs. Jennings, de todo coração, a exaltou por ter sido tão honesta. Então eles conversaram por mais alguns minutos sem que ela ouvisse sequer uma sílaba, quando outra feliz interrupção de Marianne trouxe-lhe estas palavras do Coronel, ditas com tranquilidade:

- Temo que não possa se realizar tão cedo.

Atônita e espantada diante de palavras tão estranhas para um enamorado, Mrs. Jennings quase exclamou em alto e bom som: “Deus! O que lhe impede de fazê-lo?”, mas contendo seu desejo,

limitou-se a pensar: “Que estranho! Ele não precisa esperar ficar mais velho”.

Esse atraso por parte do Coronel, no entanto, ao menos não pareceu ofender nem envergonhar Elinor, pois logo depois terminaram a conversa e caminharam em direções distintas.

Mrs. Jennings escutou claramente Elinor dizer, com voz bastante sincera:

- Sempre lhe serei muito grata.

Mrs. Jennings sentiu-se encantada diante dessa demonstração de gratidão, e apenas estranhou que tão logo o Coronel ouvisse essa frase, ele já estivesse de partida, como o fez imediatamente, com bastante sangue frio, sem ao menos dar uma resposta a Elinor! Jamais pensaria que seu velho amigo pudesse ser um pretendente tão indiferente.

O que realmente se passou entre eles foi o seguinte:

- Eu ouvi - disse ele com grande compaixão - sobre a injustiça que seu amigo Mr.

Ferrars sofreu de sua família; se estou certo, ele foi completamente castigado por ter mantido seu compromisso com uma moça bastante merecedora. Estou bem informado? Foi isso que aconteceu?

Elinor disse-lhe que sim.

- A crueldade, a grosseira crueldade - replicou ele, com grande emoção - de dividir, ou tentar dividir dois jovens que se gostam, é terrível! Mrs. Ferrars não sabe o que está fazendo, nem o que está induzindo seu filho a fazer. Eu já vi Mr. Ferrars duas ou três vezes em Harley Street, e simpatizei muito com ele. Ele não é um jovem que se possa chegar a conhecer intimamente em tão pouco tempo, mas vi o suficiente para desejar-lhe o bem por seus méritos próprios, e como é amigo seu, desejo-lhe ainda mais. Soube que pretende se ordenar. Peço-lhe a bondade de dizer-lhe que o benefício de Delaford, que acabou de vagar, conforme fui informado pelo correio de hoje, será dele, se ele achar que vale à pena aceitá-lo... Mas disso, devido às suas atuais circunstâncias, talvez seja falta de senso duvidar. Eu apenas gostaria que o benefício fosse maior. É uma casa paroquial, porém é pequena, o último beneficiário não recebia mais que duzentas libras por ano, e embora seja perfeitamente possível alguma melhoria, receio que não seja a quantia necessária para o conforto de Mr. Ferrars. No entanto, terei muito prazer em oferecê-lo. Por favor, transmita-lhe minha oferta.

O espanto de Elinor por esse encargo dificilmente teria sido maior, mesmo se o Coronel pedisse sua mão em casamento. Há apenas dois dias pensara que Edward não teria esperança alguma de conseguir uma condição que o permitisse se casar, e justo ela, dentre todas as pessoas no mundo, era a encarregada de concedê-la!... Sua emoção foi tão grande que

Mrs. Jennings a atribuiu a uma causa muito diferente... mas quaisquer que fossem os sentimentos pequenos, menos puros, ou menos agradáveis, que pudessem ter participado daquela emoção, também sentia uma enorme gratidão e apreço, que expressou com palavras calorosas, pela benevolência e sentimentos especiais de amizade que levaram o Coronel a tomar tal atitude. Agradeceu-lhe de todo coração e falou dos princípios e da disposição de Edward do modo que acreditava ele fosse merecedor, e prometeu cumprir o encargo com grande prazer, se fosse realmente seu desejo dar à outra pessoa a incumbência de uma tarefa tão agradável. Mas, ao mesmo tempo, ela não conseguiu deixar de pensar que ninguém mais cumpriria a tarefa melhor que ele. Era, em suma, uma tarefa da qual gostaria de ver-se poupada, pois não desejava causar constrangimento a Edward por receber um favor dela, mas o Coronel Brandon, motivado por igual delicadeza, parecia desejar tanto que fosse ela a mensageira da notícia, que Elinor não podia sequer recusar. Ela acreditava que Edward ainda estava na cidade, e felizmente ouvira Miss Steele mencionar seu endereço. Podia, portanto, cumprir sua missão, informando a Edward a novidade até o final do dia. Depois de tudo combinado, o Coronel Brandon começou a falar da vantagem que para ele representava ter conseguido um vizinho tão respeitável e agradável, e foi então que lamentou que a casa fosse pequena e simples, um mal a que Elinor, como Mrs. Jennings já havia imaginado, não deu grande importância, ao menos no que se referia ao tamanho.

- Quanto ao tamanho da casa - disse ela - eu não posso imaginar que seja algum impedimento, pois será proporcional ao tamanho da família e aos seus rendimentos.

O Coronel se surpreendeu que Elinor pensasse no casamento do rapaz como consequência direta de sua proposta, pois não imaginava possível que o benefício de Delaford pudesse, por si só, proporcionar uma renda com a qual alguém acostumado ao estilo de vida de Edward se aventurasse a se estabelecer, e disse:

- Essa pequena casa paroquial mal acomoda Mr. Ferrars como solteiro, não permite que se case. Sinto muito dizer que minha oferta termina aqui, e minha ajuda não poder ir além. Se, entretanto, por alguma imprevista oportunidade estiver em meu poder prestar-lhe melhor serviço, teria de mudar muito a minha opinião sobre ele, para não lhe ser útil como sinceramente quisera poder ser agora. O que estou fazendo, na verdade, não parece nada, uma vez que lhe permite avançar tão pouco em relação ao que deve ser seu principal e único objetivo de felicidade. O casamento dele pode continuar ainda muito distante, ao menos, temo que não possa se realizar tão cedo.

Foi essa a frase, que mal compreendida, ofendeu de maneira tão justa os delicados sentimentos de Mrs. Jennings; mas depois deste relato sobre o que realmente conversaram o

Coronel Brandon e Elinor, enquanto estiveram junto à janela, a gratidão expressa por ela ao se despedirem talvez possa parecer, afinal, não menos razoável, nem expressa com menos propriedade do que se decorresse de uma proposta de casamento.

[1] Bristol é a maior cidade do sudoeste da Inglaterra. (N. T.)

C A P I T U L O X L

- Bem, Miss Dashwood – disse Mrs. Jennings, com um sorriso sagaz, assim que o cavalheiro se retirou – Não vou lhe perguntar sobre o quê o Coronel estava conversando com você, embora, dou-lhe minha palavra que não tentei escutar; não pude evitar, porém, de escutar o suficiente para entender o que ele pretendia. Garanto-lhe que nunca fui tão feliz em minha vida, e desejo de todo coração que você seja muito feliz.

- Muito obrigada – disse Elinor. – É motivo de grande alegria para mim, e sinto-me sensibilizada pela bondade do Coronel Brandon. Não existem muitos homens que fariam o que ele fez. Poucos têm um coração tão compassivo! Nunca senti tamanha surpresa em minha vida.

- Deus! Minha querida, como você é modesta. Não me estranha nada, em absoluto, pois ultimamente tenho pensado muitas vezes no assunto, e não havia nada mais natural que pudesse acontecer.

- Julga a partir do seu conhecimento da benevolência do Coronel, mas, ao menos, não poderia prever que a oportunidade se apresentaria tão cedo.

- Oportunidade! – repetiu Mrs. Jennings – Ah! Quanto a isto, quando um homem já decidiu tal coisa, de algum modo irá encontrar o momento certo. Bem, minha querida, desejo-lhe toda felicidade novamente, e se alguma vez já houve um casal

tão feliz no mundo, creio que em breve saberemos onde encontrá-lo.

- Então pensa em ir a Delaford, eu suponho – disse Elinor, com um sorriso forçado.
- Claro, minha querida, certamente irei. E quanto ao fato da casa não ser boa, não entendo a que se referia o Coronel, pois é uma das melhores casas que já vi.
- Ele disse que precisava de reparos.
- Bem, e de quem é a culpa? Porque ele não faz os reparos? Quem mais poderia fazer isso a não ser ele?

Foram interrompidas pelo empregado que vinha anunciar que a carruagem já estava à porta, e Mrs. Jennings preparando-se imediatamente para sair, disse:

- Bem, minha querida, tenho que ir antes mesmo de dizer a metade do que eu pretendia. Mas podemos conversar detalhadamente à noite, pois estaremos a sós. Não lhe peço que venha comigo, pois imagino que está com a mente bastante ocupada para querer companhia, e, além disso, você deve estar ansiosa para contar a sua irmã.

Marianne tinha deixado a sala antes de começarem a conversar.

- Certamente, minha senhora, eu tenho que contar a Marianne, mas no momento não devo mencioná-lo a mais ninguém.

- Oh! Muito bem - disse Mrs. Jennings, um tanto desapontada. - Então você não deseja que eu mencione nada a Lucy, pois estava pensando em ir a Holborn hoje.

- Não senhora, nem mesmo para Lucy, se me faz o favor. Um dia a mais não fará

diferença, e até que eu tenha escrito a Mr. Ferrars, penso que não deve contar nada a ninguém. Escreverei a carta imediatamente. É importante não perder tempo em dizer-lhe, pois certamente terá muito que fazer até sua ordenação.

A princípio, esse discurso deixou Mrs. Jennings bastante perplexa. Porque Elinor deveria escrever a Edward sobre este assunto com tanta urgência, isso ela não conseguiu entender imediatamente. Alguns momentos de reflexão, porém, tiveram como resultado uma feliz ideia, que a fez exclamar:

- Oh! Agora entendo. Mr. Ferrars deverá ser a pessoa indicada. Bem, melhor para ele. Claro, ele deve se ordenar o mais rápido que puder, e estou contente ao ver que as coisas estão tão adiantadas entre vocês. Mas, querida, não é um pouco estranho? Não seria melhor que o Coronel escrevesse essa carta? Tenho certeza que seria a pessoa mais apropriada.

Elinor não entendeu o significado das primeiras palavras de Mrs. Jennings, nem pensou se valia à pena perguntar-lhe. E assim, respondeu apenas a parte final.

- O Coronel Brandon é um homem tão delicado, que preferiu que fosse qualquer outra pessoa a comunicar suas intenções a Mr. Ferrars.
- Então você foi forçada a fazê-lo. Bem, essa delicadeza é muito estranha! No entanto, não vou mais incomodá-la (observando que Elinor já se preparava para escrever). Você conhece melhor seus próprios assuntos. Então... Adeus, minha querida. Não recebo melhor notícia desde que Charlotte deu à luz.

Então partiu, mas voltou pouco tempo depois.

- Estive pensando na irmã de Betty, minha querida. Ficaria feliz se lhe arranjasse uma boa patroa. Mas na verdade não sei se será útil a uma dama. Sei que é uma excelente criada, e trabalha muito bem com a agulha. Mas creio que você decidirá tudo isso a seu tempo.
- Certamente senhora - respondeu Elinor, sem ouvir muito do que ela dizia, mais ansiosa para ficar sozinha do que dominar o assunto.

Como deveria começar... Como deveria se expressar em seu bilhete para Edward era agora toda sua preocupação. As peculiares circunstâncias entre eles tornavam difícil o que para qualquer outra pessoa seria a coisa mais fácil do mundo. Mas ela temia igualmente dizer demais ou dizer de menos, e ficou pensando em frente ao papel, com a pena na mão, até que foi interrompida pela entrada do próprio Edward.

Ele se encontrara com Mrs. Jennings na porta de casa, quando ela entrava na carruagem, ao chegar para entregar seu cartão de despedida. E ela, desculpando-se por não poder voltar com ele, insistiu para que entrasse, dizendo-lhe que Miss Dashwood estava no andar de cima, e queria conversar com ele sobre um assunto muito particular.

Elinor acabara de pensar, em meio à sua perplexidade, que embora fosse difícil expressar-se adequadamente por carta, pelo menos seria melhor que dar a notícia pessoalmente. Quando o visitante entrou, foi obrigada a fazer um grande esforço. Seu espanto e confusão foram enormes pela chegada de Edward! Ela não o tinha visto desde que seu compromisso tornara-se público, portanto, não se falaram depois que ele soube que Elinor estava a par do caso. E isso, com a consciência do que estivera pensando, e o que tinha para

dizer-lhe, fez com que se sentisse especialmente incomodada por alguns minutos. Edward também estava bastante perturbado, e sentaram-se um na frente do outro, em uma situação que prometia ser constrangedora. Ele não se lembrava se havia pedido licença para entrar na sala, mas, para maior segurança, o fez tão logo pôde dizer uma palavra e se sentou.

- Mrs. Jennings contou-me - disse Edward - que você deseja falar comigo, bem, foi o que eu entendi, ou caso contrário, não a teria incomodado dessa maneira. Embora, ao

mesmo tempo, eu me lamentasse muito em deixar Londres sem ter visto você e sua irmã, especialmente porque tudo indica que ficarei fora por algum tempo, e muito provavelmente não terei o prazer de encontrá-las novamente tão cedo. Parto para Oxford amanhã.

- Você não deveria ter ido, sem antes receber nossos votos de felicidades, mesmo que não fosse possível oferecê-los pessoalmente - disse Elinor, tentando se recuperar, e determinada a dizer o que pretendia o mais rápido possível. Mrs. Jennings estava muito certa no que disse. Tenho algo importante para lhe dizer, e estava pronta para escrever-lhe um bilhete. Recebi uma tarefa muito agradável (respirando mais rápido do que o normal, enquanto falava). Coronel Brandon, que esteve aqui há cerca de dez minutos, pediu-me para dizer-lhe que, sabendo que você pretende se ordenar, ele tem enorme prazer em lhe oferecer o benefício de Delaford, que acaba de vagar, desejando apenas que o rendimento fosse maior. Permita-me felicitá-lo por ter um amigo tão digno e prudente, e unir-me ao seu desejo de que o benefício, que chega a ser de duzentas libras por ano, fosse de valor mais considerável, de maneira que lhe permitisse... Que pudesse ser algo além de uma acomodação temporária para você... Em suma, que pudesse satisfazer todos os seus desejos de felicidade.

Como Edward não foi capaz de dizer o que sentiu, não era de se esperar que qualquer outra pessoa pudesse fazê-lo. Com o olhar, mostrava todo o espanto que uma informação tão

inesperada, tão impensável, não podia deixar de produzir, mas disse apenas essas duas palavras:

- Coronel Brandon!
- Sim - continuou Elinor, tornando-se mais decidida agora que, pelo menos em parte, o pior já havia passado. - O Coronel Brandon deseja, com isto, testemunhar sua preocupação pelo que recentemente lhe aconteceu: a situação cruel na qual a conduta injustificável de sua família o colocou. Uma preocupação que lhe asseguro que eu, Marianne, e todos os seus amigos compartilhamos; e também como prova da sua mais alta estima pelo seu caráter em geral, e de sua aprovação por seu comportamento no presente caso.
- O Coronel Brandon oferece-me um benefício! Como isso é possível?
- A falta de generosidade de seus parentes o leva a se espantar de encontrar amizade desinteressada em outras partes.
- Não - respondeu ele, com súbita consciência - não por encontrá-la da sua parte, pois não posso ignorar que a senhorita, e a sua bondade, são os responsáveis por isso. O que sinto... Expressaria se pudesse... Mas, como bem sabe, não sou dotado para a oratória.
- Está muito enganado. Garanto-lhe que o mérito é todo seu, pelo menos quase que inteiramente, além do discernimento do Coronel Brandon a respeito dele. Não tive nenhuma

participação nisso. Eu nem mesmo sabia, até ele contar-me o que pretendia, que o benefício

estava vago. Eu nem sequer suspeitava que ele tivesse tal benefício a oferecer. Como meu amigo e de minha família, ele pode, talvez... Sei que ele realmente tem prazer em oferecer-lhe o benefício, mas, dou-lhe minha palavra que nada me deve.

A verdade obrigou Elinor a reconhecer uma pequena participação no caso, mas, ao mesmo tempo, ela desejava tão pouco aparecer como a benfeitora de Edward, que o admitiu com hesitação; o que provavelmente contribuiu para aumentar essa suspeita na mente de Edward. Por um curto tempo, depois que Elinor terminou de falar, Edward manteve-se pensativo; por fim, como se fizesse um esforço, disse:

- O Coronel Brandon parece ser um homem de grande valor e respeitabilidade. Sempre ouvi as pessoas falarem dele nestes termos e sei que Mr. Dashwood, seu irmão, o tem em grande estima. Sem dúvida ele é um homem sensível, e age como um perfeito cavalheiro.

- De fato - respondeu Elinor - acredito que, ao conhecê-lo melhor, descobrirá que tudo o que dizem sobre ele é verdade; e como serão vizinhos muito próximos (pois creio que a casa paroquial fica muito próxima à mansão), é particularmente importante que ele seja tudo isso.

Edward não respondeu, mas quando ela virou a cabeça para o lado, olhou-a de modo tão sério, tão ansioso, tão triste que parecia dizer que preferia que a distância entre a casa pastoral e a mansão fosse muito maior.

- Creio que o Coronel Brandon mora em St. James Street. - disse Edward e, em seguida, se levantou da cadeira.

Elinor disse-lhe o número da casa.

- Tenho que apressar-me então, e fazer a ele o agradecimento que a senhorita não permite que lhe faça. Quero garantir ao Coronel que ele me fez um homem extremamente feliz.

Elinor não procurou detê-lo, e se separaram depois que ela lhe confirmou seus desejos mais profundos de felicidade em todas as situações de mudança que vivesse. E Edward fez algum esforço para retribuir da mesma forma, apesar de não saber expressar-se adequadamente.

“Quando eu voltar a vê-lo” - disse Elinor para si mesma, assim que ele fechou a porta

- “já será esposo de Lucy”.

E com esta agradável antecipação, Elinor sentou-se para reconsiderar o passado, lembrar as palavras, e se esforçou para compreender todos os sentimentos de Edward, e, é claro, para refletir sobre seu próprio descontentamento.

Quando Mrs. Jennings chegou em casa – apesar de ter visto pessoas que nunca havia visto antes, e sobre as quais, portanto, devia ter muito que falar – tinha a mente muito mais ocupada com um importante segredo que estava em seu poder, do que qualquer outra coisa, e retomou o tema assim que Elinor apareceu.

- Bem, minha querida – exclamou – eu lhe enviei o rapaz. Não agi corretamente? E suponho que você não teve grande dificuldade... Você não o achou pouco disposto a aceitar sua proposta?

- Não senhora, isso não seria muito provável.

- Bem, e quando ele estará pronto? Pois parece que tudo depende disso.

- Na realidade – disse Elinor – sei tão pouco desse tipo de formalidade, que dificilmente posso fazer conjecturas sobre o tempo ou a preparação que é necessária, mas suponho que em dois ou três meses poderá completar sua ordenação.

- Dois ou três meses! – exclamou Mrs. Jennings – Deus! Minha querida, como você fala calmamente sobre o assunto, e o Coronel pode esperar dois ou três meses! Deus do céu! Tenho certeza que eu não teria paciência! E, apesar de todos nós nos alegrarmos em fazer um favor ao pobre Mr. Ferrars, penso que na verdade não vale à pena esperá-lo por dois ou três meses.

Com certeza encontrarão alguém tão bom quanto ele, e que já tenha se ordenado.

- Minha querida senhora - disse Elinor - No que está pensando? Porque o único objetivo do Coronel Brandon é ser útil a Mr. Ferrars.

- Deus a abençoe, minha querida! Não creio que está tentando me convencer de que o Coronel se casará com você somente para dar dez guinéus a Mr. Ferrars!

A decepção não pôde continuar por mais tempo, e logo seguiu-se uma explicação, com a qual ambas se divertiram bastante naquele momento, sem qualquer perda de felicidade de ambas as partes, pois Mrs. Jennings simplesmente trocou uma forma de satisfação por outra, e sem abandonar suas expectativas a respeito da primeira.

- Sim, sim, a casa paroquial é pequena - disse ela, depois que a primeira ebulição de surpresa e satisfação havia passado - e provavelmente necessita de reparos. Mas escutar um homem se desculando, tal como pensei, por uma casa que, se bem me lembro, tem cinco salas de estar no primeiro piso, e segundo o que a governanta me disse, pode abrigar cerca de quinze leitos! E dizer isso a você, que mora em um chalé! Parece muito ridículo. Mas, minha querida, devemos sugerir ao Coronel que faça alguns reparos na casa paroquial e a deixe confortável para eles, antes que Lucy se mude para lá.

- Mas o Coronel Brandon não acredita que o benefício que Edward receberá será o suficiente para que eles se casem.
- O Coronel é um tolo, minha querida. Como ele tem duas mil libras por ano de rendimento, acredita que ninguém pode se casar com menos. Dou-lhe minha palavra que, se ainda estiver viva, farei uma visita à casa paroquial de Delaford antes da festa de São Miguel, e garanto que não irei se Lucy não estiver lá.

Elinor tinha a mesma opinião: provavelmente eles não iriam esperar muito tempo mais.

C A P I T U L O X L I

Depois de agradecer ao Coronel Brandon, Edward foi até a casa de Lucy para contar de sua felicidade, e quando chegou a Bartlett's Buildings estava tão feliz que, no dia seguinte, Lucy pôde assegurar a Mrs. Jennings, que veio visitá-la novamente para felicitá-la, que nunca, em toda sua vida, o vira tão feliz.

Pelo menos a felicidade de Lucy e seu estado de espírito não deixavam margem a dúvidas, e com grande entusiasmo se uniu a Mrs. Jennings em suas expectativas de um grato encontro na casa paroquial de Delaford antes do dia de São Miguel. Ao mesmo tempo, estava tão longe de retirar de Elinor o crédito que Edward lhe concedera, que falou de sua amizade por ambos com a mais entusiasmada gratidão, estava pronta a reconhecer o quanto lhe deviam, e declarou abertamente que Miss Dashwood não pouparia nenhum esforço para ajudá-los, quer seja no presente ou no futuro, e isso não a surpreendera, pois acreditava que Elinor seria capaz de qualquer coisa por aqueles a quem realmente apreciava. E quanto ao Coronel Brandon, não apenas estava disposta a adorá-lo como um santo, mas ainda mais ansiosa para que todos lhe dessem o verdadeiro valor, e desejava que seus dízimos[1] aumentassem ainda mais, e secretamente decidiu avaliar, assim que estivessem em Delaford, os seus empregados, sua carruagem, suas vacas e suas criações.

Já se passara uma semana desde a visita de John Dashwood a Berkeley Street, e como desde então não tinham nenhuma notícia sobre a indisposição de sua esposa, além do inquérito verbal, Elinor começou a sentir a necessidade de visitá-la. No entanto, tal obrigação não apenas ia contra suas próprias inclinações, como também não recebia nenhum estímulo de suas companheiras. Marianne, não satisfeita em negar-se a ir, tentou com todas as forças impedir que sua irmã fosse; e quanto a Mrs. Jennings, apesar de sua carruagem estar sempre à disposição de Elinor, detestava tanto Mrs. John Dashwood, que nem mesmo sua curiosidade de ver como ela estava depois da recente descoberta, nem seu forte desejo de afrontá-la tomando o partido de Edward, podiam superar o desprazer de estar novamente em sua companhia. Como resultado, Elinor partiu sozinha para fazer uma visita, para a qual ninguém poderia estar menos inclinada do que ela, além de correr o risco de conversar a sós com uma mulher a quem nenhuma das outras tinha tantos motivos para detestar.

Mrs. John Dashwood não estava[2], mas antes que a carruagem partisse, por mero acaso, o marido apareceu. Ele demonstrou grande prazer em encontrar Elinor, disse-lhe que estava indo visitá-las em Berkeley Street, e garantindo-lhe que Fanny ficaria muito feliz ao vê-la, convidou-a a entrar.

Subiram até a sala de estar. Porém, não havia ninguém ali.

- Suponho que Fanny esteja em seu quarto - disse ele - Irei até ela, pois tenho certeza que ela não tem motivos para não

lhe ver. Muito ao contrário, na verdade. Principalmente agora... Mas, de qualquer maneira, você e Marianne sempre foram suas favoritas. Por que Marianne não veio?

Elinor se desculpou do melhor jeito que pôde.

- Não lamento vê-la sozinha - respondeu - pois tenho muitas coisas para lhe dizer. Esse benefício do Coronel Brandon, é verdade? Ele realmente ofereceu a Edward? Eu escutei ontem por acaso, e estava indo fazer-lhe uma visita para averiguar se a notícia era verdadeira.

- É verdade sim. O Coronel Brandon deu o benefício de Delaford a Edward.

- Mesmo! Bem, isso é surpreendente! Não há nenhuma relação, nenhum parentesco entre eles! E justo agora que os benefícios subiram! Qual é o valor?

- Cerca de duzentas libras por ano.

- Muito bem... E para conceder esse valor... Suponho que o último titular já estivesse velho e doente, e com mostras de que o desocuparia em breve... Estou certo de que ele poderia obter cerca de mil e quatrocentas libras. E como é possível que não resolvesse a questão antes da morte dessa pessoa? Agora, com certeza, é muito tarde para vender a nomeação[3], mas um homem de juízo como o Coronel Brandon! Me pergunto como ele pode ter sido tão imprevidente em um assunto que é tão

comum, tão natural que se preocupasse! Bem, estou convencido de que quase todos os seres humanos possuem grandes incoerências. Suponho, porém... Que o caso deve ser o seguinte. Edward receberá o benefício até que a pessoa a quem o Coronel vendeu a nomeação tenha idade suficiente para tomar posse do cargo. Sim, sim, é esse o caso, pode ter certeza.

Elinor contradisse-o com bastante veemência, e o obrigou a aceitar seu conhecimento sobre o assunto contando-lhe que o Coronel Brandon lhe pedira para fazer a oferta a Edward, e, portanto, tinha que entender bem os termos nos quais o benefício era concedido.

- É verdadeiramente assombroso! - ele exclamou após ouvir o que Elinor disse - Qual poderia ser o motivo do Coronel?

- Um motivo muito simples: ser útil a Mr. Ferrars.

- Bem, bem. Qualquer que seja o motivo do Coronel Brandon, a verdade é que Edward é um homem de sorte. Não conte a notícia à Fanny, pois embora eu já tenha lhe falado sobre o assunto, e ela o tenha recebido muito bem, não vai querer mais falar sobre ele.

Elinor teve muita dificuldade em conter-se para não dizer que Fanny poderia suportar com grande compostura o aumento da riqueza de seu irmão, já que isso não implicaria no empobrecimento dela nem de seu filho.

- Mrs. Ferrars - acrescentou John, baixando o tom de voz para demonstrar a importância do assunto -, até o momento,

não sabe nada sobre isso, e creio que será melhor ocultar-lhe a notícia tanto quanto possível. Quando o casamento se realizar, temo que venha a saber de tudo.

- Mas, por que devem tomar tais precauções? Embora não seja de se esperar que Mrs. Ferrars sinta a menor satisfação ao saber que o filho tem dinheiro suficiente para se manter... Pois tal coisa seria impensável. E, por que, depois do que ela fez, era de se esperar que se importasse com algo? Expulsou Edward de casa, e fez com que todos aqueles sobre os quais ela tinha influência fizessem o mesmo. Certamente, depois de ter feito tudo o que fez, Mrs. Ferrars não pode querer que as pessoas esperem que ela tenha qualquer sentimento de dor ou

alegria em relação ao filho... Ela não deve estar interessada em nada que o favoreça. Não seria tão inconstante de expulsar um filho e mantê-lo no coração de mãe!

- Ah, Elinor! - disse John - seu raciocínio é muito bom, mas está baseado na ignorância da natureza humana. Quando o infeliz casamento de Edward acontecer, não tenha dúvidas de que sua mãe sofrerá tanto como se nunca o tivesse expulsado; portanto, qualquer circunstância que possa acelerar esse evento terrível deve lhe ser ocultada o máximo possível. Mrs. Ferrars nunca pode se esquecer de que Edward é seu filho.

- Você me surpreende, pensei que ela já tivesse quase se esquecido dele.

- Você está muito enganada. Mrs. Ferrars é uma das mães mais afetuosas do mundo. Elinor ficou em silêncio.

- Agora, estamos pensando em casar Robert com Miss Morton - disse Mr. Dashwood, após uma breve pausa.

Elinor, sorrindo do tom grave e decisivo do irmão, respondeu calmamente:

- A moça, eu suponho, não tem direito de escolha.

- Escolha! O que você quer dizer?

- Eu apenas quero dizer que eu suponho, por sua forma de falar, que para Miss Morton tanto faz se casar com Edward ou Robert.

- Certamente que não há diferença, pois Robert, agora, para todos os efeitos e propósitos, será considerado o filho mais velho. Além disso, ambos são jovens e muito agradáveis... Não creio que um seja superior ao outro.

Elinor não disse mais nada, e John ficou por um momento em silêncio. Colocou um fim às suas reflexões, dizendo:

- De uma coisa, minha querida irmã - tomando uma de suas mãos carinhosamente e sussurrando - eu posso lhe assegurar, e o farei porque sei que deve lhe trazer alegria. Tenho boas razões para pensar... Na verdade, ouvi da melhor autoridade no assunto, ou talvez seja melhor eu não dizer, talvez não seja certo... Mas sei por fonte segura... Não que eu

tenha ouvido diretamente dos lábios de Mrs. Ferrars... Mas sua filha ouviu, e me contou... Que, em suma, qualquer objeção que pudesse ter existido contra certo... Um certo parente... Você me compreende... Essa ligação teria sido muito mais agradável a ela, não teria lhe causado metade da tristeza que este lhe causou. Fiquei extremamente contente ao saber que ela considerava a questão sob essa perspectiva... Uma circunstância muito gratificante para nós todos. Ela disse algo como: “Não teria comparação, dos males o menor, e agora estaria alegre em aceitar o menor dos males”. No entanto, isso está fora de questão... Tal ideia não pode ser pensada nem mencionada... Já que qualquer compromisso, você sabe... Não poderia acontecer... Tudo está encerrado. Mas, pensei que eu deveria lhe contar isso, pois sei o quanto ficaria contente. Não que você tenha algum motivo para se lamentar, minha querida Elinor. Não restam dúvidas de que você agiu corretamente... Muito bem, ou melhor, talvez se considerarmos todas as coisas. Você encontrou o Coronel Brandon recentemente?

Elinor já ouvira o suficiente, não para enaltecer sua vaidade e aumentar sua autoestima, mas para agitar seus nervos e encher seu pensamento... E se alegrou, portanto, já

que a entrada de Mr. Ferrars a salvou de ter que responder alguma coisa ou correr o risco de ter que ouvir mais alguma palavra do irmão. Depois de alguns minutos de conversa, John Dashwood, lembrando-se que ainda não avisara Fanny da

presença da irmã, deixou a sala e foi tentar encontrá-la. E Elinor ficou ali, com a tarefa de tentar melhorar sua relação com Robert, que, com sua alegre despreocupação e a feliz autocomplacência de seus modos – enquanto desfrutava da injusta divisão do amor e da generosidade de sua mãe, em prejuízo de seu irmão banido, um privilégio que ele só recebia graças à sua vida dissoluta e à integridade do irmão – só confirmava a Elinor a opinião desfavorável que tinha sobre seu caráter e seu coração.

Ficaram apenas dois minutos a sós quando Robert começou a falar de Edward, pois também soubera do benefício e fez muitas perguntas a respeito. Elinor repetiu os detalhes que já havia dito a John, e o efeito que teve em Robert, apesar de muito diferente, não foi menos forte. Ele riu sem nenhuma moderação. A ideia de Edward se tornar um clérigo e viver em uma pequena casa paroquial o divertia além da conta, principalmente quando a isso foi somada a imagem fantástica de Edward lendo orações com uma sobrepeliz[4], e fazendo os proclamas do casamento entre John Smith e Mary Brown, não conseguia pensar em mais nada ridículo.

Elinor, enquanto esperava a conclusão da zombaria em silêncio e com imóvel gravidade, não pôde evitar que seus olhos se fixassem nos dele com uma expressão que mostrava todo seu desprezo. Foi um olhar, entretanto, muito bem direcionado, pois aliviou seus sentimentos sem que ele percebesse alguma coisa. Então ele se recuperou da insensatez e tornou-se mais sóbrio,

não por alguma reprovação dela, mas por sua própria sensibilidade.

- Podemos tratar isto como uma piada - disse ele, recuperando-se de uma gargalhada afetada que prolongara consideravelmente a genuína alegria do momento - mas, dou-lhe minha palavra que é algo muito sério. Pobre Edward! Está arruinado para sempre. Lamento profundamente tudo isso... Pois sei que ele é um homem de bom coração, talvez a pessoa com as melhores intenções do mundo. Não o julgue, Miss Dashwood, baseando-se no pouco que o conhece. Pobre Edward! É verdade que ele não tem maneiras tão naturais. Mas, como você sabe, nem todos nascemos com as mesmas qualidades, com o mesmo porte. Pobre coitado! Vê-lo em um círculo de estranhos! Isso é muito lamentável! Mas, dou-lhe minha palavra que ele possui o melhor coração de todo o reino, e lhe digo e asseguro que nada me desestruturou tanto como o fato ocorrido. Não pude crer que fosse verdade. Minha mãe foi a primeira pessoa a contar-me a notícia, e eu, sentindo que tinha que agir com decisão, imediatamente disse à minha mãe: “Minha querida senhora, não sei o que pretende fazer em uma situação como essa, mas, quanto a mim, devo dizer-lhe que se Edward se casar com essa moça, nunca mais o verei novamente”. Foi o que eu disse imediatamente. Estava muito chocado! Pobre Edward! Prejudicou-se completamente, para sempre ficará à margem da sociedade decente! Mas, como dizia diretamente à minha mãe, não me surpreendia em nada

com isso, pois, pela educação que recebeu, era o mínimo que se podia esperar. Minha pobre mãe quase enlouqueceu.

- Você já viu a moça?

- Sim, uma vez, quando estava hospedada nesta casa. Fiz uma visita rápida de dez minutos, e foi o suficiente para conhecê-la. Uma simples moça do interior, sem estilo, sem

elegância, e quase sem nenhuma beleza. Lembro-me dela perfeitamente. É o tipo de moça que seria capaz de cativar o pobre Edward. Imediatamente me ofereci para conversar com ele e tentar convencê-lo a desistir do compromisso, assim que minha mãe me relatou o caso. Mas, já era tarde demais, descobri que por falta de sorte eu não estive ali nos primeiros momentos e não soube do ocorrido até depois da ruptura, quando, como você sabe, não tinha condições de intervir. Mas, se tivessem me informado algumas horas antes, provavelmente poderia ter feito algo. Certamente teria feito Edward ver as coisas com outros olhos. “Meu caro irmão” - teria dito - “considere o que você está fazendo. Está comprometendo-se com a mais desafortunada união, que toda sua família desaprova de maneira unânime”. Enfim, não pude evitar pensar que conseguiríamos uma saída. Mas agora é tarde demais. Edward deve estar passando necessidades, como deve imaginar, necessidades imensas.

Ele acabara de fazer essa afirmação, quando a chegada de Mrs. John Dashwood colocou um ponto final no assunto. Apesar de ela nunca ter falado nisso fora da família, Elinor pôde ver a influência em seu espírito, no semblante um tanto confuso com que entrou, e na tentativa de cordialidade no tratamento para com ela. Tentou até mesmo demonstrar preocupação em saber que Elinor e sua irmã deixariam a cidade em breve, pois tinha muita vontade de encontrar-se com elas mais vezes; um esforço no qual seu marido, que a conduzia até a sala e acompanhava cada uma de suas palavras com um ar apaixonado, parecia encontrar tudo o que há de mais afetuoso e gracioso.

[1] O pastor local recebia um décimo da produção anual de cada propriedade rural. Edward receberia então uma parte da produção da fazenda. (N. T.)

[2] Os cavalheiros ou as damas da casa que não gostariam de receber visitas indesejáveis, instruíaam os empregados a dizerem que seus patrões não estavam em casa. (N. T.)

[3] Na maioria das igrejas do interior, os donos da terra tinham o direito de oferecer os benefícios de uma paróquia aos filhos mais jovens ou parentes. Quando eles não possuíam parentes a quem concedê-lo, podiam vender a nomeação do benefício. Neste caso, John Dashwood se espantou que o

Coronel Brandon, por não ser parente de Edward, não tivesse interesse em ganhar dinheiro vendendo a nomeação. (N. T.)

[4] Vestimenta branca que os religiosos usam sobre a roupa.
(N. T.)

C A P I T U L O XLII

Outra breve visita à Harley Street, em que Elinor recebeu as felicitações do irmão por fazerem tão longa viagem, até Barton, sem nenhuma despesa, e pelo fato de o Coronel acompanhá-las a Cleveland em um ou dois dias, encerrou o contato entre irmão e irmãs em Londres. Um lânguido convite de Fanny, de que fossem a Norland sempre que passassem pela região, o que de todas as coisas era a menos provável de acontecer, e uma promessa mais calorosa, apesar de menos pública, de John a Elinor, de que iria vê-la em Delaford muito em breve, foi tudo o que se disse a respeito de um futuro encontro no interior.

Elinor se divertia a observar que todos os seus amigos pareciam decididos a mandá-la para Delaford, um lugar que, de todos os outros, era o que tinha menos vontade de visitar, ou desejo de morar, pois não apenas era considerado como seu futuro lar por seu irmão e Mrs. Jennings, mas até Lucy, quando partiu, fez o convite para que a visitasse ali.

Em um dos primeiros dias de abril, nas primeiras horas da manhã, os dois grupos de Hanover Square e Berkeley Street saíram de seus respectivos lares para se encontrarem no caminho, conforme haviam combinado. Para a comodidade de Charlotte e seu filho, estenderiam a viagem por mais de dois dias, e Mr. Palmer, viajando rapidamente com o Coronel

Brandon, se juntaria a elas em Cleveland logo depois que chegassem.

Marianne, que passara poucas horas alegres em Londres, e que há muito estava ansiosa por partir, quando chegou o momento, não conseguiu dizer adeus à casa onde pela última vez havia desfrutado das esperanças e da confiança em Willoughby, que agora se haviam extinguido para sempre, sem grande pesar. Não pôde sequer abandonar o lugar em que Willoughby ficara, entregue aos novos compromissos e novos planos, dos quais ela não faria parte, sem derramar muitas lágrimas.

A satisfação de Elinor, no momento da partida, foi mais positiva. Não havia nada em Londres que cativasse seus pensamentos, não deixara ninguém para trás, cuja separação definitiva lhe causasse algum arrependimento. Estava contente por ver-se livre da perseguição da amizade de Lucy, estava agradecida por levar sua irmã de volta sem que ela tivesse visto Willoughby após seu casamento, e tinha grandes esperanças de que alguns meses de tranquilidade em Barton seriam suficientes para restaurar a paz de espírito de Marianne, e fortalecer a sua própria.

A viagem transcorreu sem contratemplos. E o segundo dia as levou ao querido (ou proibido) condado de Somerset, que assim aparecia alternadamente na imaginação de Marianne; e na manhã do terceiro dia chegaram a Cleveland.

A casa em Cleveland era espaçosa e moderna, situada em uma encosta coberta de grama. Não havia um park[1], mas os jardins de passeio eram de bom tamanho, e como qualquer outro lugar da mesma importância, tinha uma plantação de arbustos e um bosque para passeio, protegido por muros: um caminho de cascalho circundava a plantação, levando à entrada da casa. Havia um gramado cheio de árvores, a própria casa estava protegida por

abetos, sorveiras e acácias, e uma área de espessa vegetação, constituída por todos eles, unidos por altos choupos[2] da Lombardia[3], encobria a área de serviços.

Marianne entrou na casa com o coração cheio de emoção por saber que estava a apenas cento e cinquenta quilômetros de Barton, e menos de sessenta quilômetros de Combe Magna; e, antes de passar cinco minutos dentro de seus muros, enquanto os demais estavam ocupados ajudando Charlotte a mostrar seu filho à governanta, ela saiu de novo, escapando às escondidas pelos sinuosos arbustos, que agora começavam a florescer, para alcançar um monte distante, onde havia um templo grego[4]; seus olhos, percorrendo uma grande paisagem a sudeste, poderiam descansar felizes nos distantes montes do horizonte, e imaginar que de seus cumes poderia ver Combe Magna.

Em tais momentos de preciosa e incomparável angústia, as lágrimas a confortaram da agonia de estar em Cleveland. E ao retornar a casa por um caminho diferente, sentindo todo o feliz privilégio de gozar da liberdade do campo, de perambular de um lugar a outro em uma livre e luxuosa solidão, Marianne decidiu dedicar quase todas as horas de seus dias ao prazer de fazer esses passeios solitários, enquanto estivesse hospedada na casa dos Palmers.

Ela retornou justo a tempo de reunir-se aos demais, no momento em que saíam da casa para uma excursão pelas imediações. O resto da manhã passou rapidamente enquanto passeavam pelo quintal, examinando as trepadeiras já floridas sobre os muros, e escutando o jardineiro se lamentar das pragas... Passeando pela estufa, onde a perda de suas plantas favoritas, indevidamente expostas e queimadas pelas geadas, fizeram com que Charlotte risse... E visitando o aviário, onde ela achou outros motivos para rir, pois encontraram a empregada bastante desapontada e sem esperanças, já que as galinhas haviam abandonado seus ninhos ou foram apanhadas por uma raposa, ou ainda por não haver ninhadas promissoras.

A manhã estava bonita e sem umidade no ar. Marianne, com seu projeto de passear a maior parte do tempo, não pensou que o clima poderia mudar durante sua permanência em Cleveland. Foi com grande espanto, portanto, que foi surpreendida por uma chuva que a impediu de sair novamente depois do jantar. Estava certa de que faria um passeio no final

da tarde até o templo grego, e talvez caminhasse pelos outros gramados - algo que uma noite úmida e fria não a impediria de fazer, mas, diante de uma chuva forte e persistente como essa, nem mesmo ela podia imaginar um tempo seco e agradável para passear.

O grupo era pequeno, e as horas passavam tranquilamente. Mrs. Palmer tinha que cuidar do filho e Mrs. Jennings bordava, falaram dos amigos que haviam deixado para trás, organizaram os compromissos de Lady Middleton e várias vezes se perguntaram se Mr. Palmer e o Coronel Brandon conseguiriam chegar até Reading[5] naquela noite. Elinor, apesar do pouco interesse na conversa, participava dela. E Marianne, que tinha o dom de encontrar em cada casa o caminho da biblioteca, apesar do lugar ser evitado pelos donos da casa, logo pegou um livro.

Mrs. Palmer não deixava que lhes faltasse nada, com seu humor constante e amigoso procurava fazer de tudo para que se sentissem bem-vindas. A franqueza e a cordialidade de seus modos mais do que compensavam a falta de compostura e elegância que a tornavam menos educada; sua gentileza, realçada por seu bonito rosto, era envolvente; sua frivolidade,

embora evidente, não era desagradável, porque não era presumida; e Elinor poderia perdoar qualquer coisa menos seu riso.

Os dois cavalheiros chegaram no dia seguinte já tarde, para o jantar, garantindo uma agradável ampliação do grupo e uma bem-vinda variedade de assuntos em sua conversa, a qual uma longa manhã de chuva contínua reduzira a níveis muito baixos.

Elinor tinha visto tão pouco de Mr. Palmer, e nesse pouco havia visto tanta variedade no modo como tratava a ela e a irmã, que não sabia o que esperar, quando estivesse no seio da família. Porém, descobriu que ele agia como um perfeito cavalheiro com todos os seus convidados, e só ocasionalmente era rude com sua esposa e sua sogra. Descobriu que ele era capaz de ser uma boa companhia, e a única coisa que o impedia de ser sempre assim era a excessiva capacidade de sentir-se tão superior às pessoas de um modo geral como acreditava ser em relação à Mrs. Jennings e Charlotte. O restante do seu caráter e hábitos eram marcados, até onde Elinor conseguiu perceber, por traços não incomuns aos homens de sua idade. Mr. Palmer era educado ao comer, mas não era pontual. Adorava o filho, mas fingia desdenhá-lo. Passava jogando bilhar as manhãs que deveriam ser dedicadas aos negócios. De um modo geral, Elinor gostava dele, muito mais do que havia esperado, e em seu coração não lamentava que não pudesse gostar mais; não lamentava que a observação de seu epicurismo[6], seu egoísmo e sua vaidade, a fizessem lembrar-se com carinho do temperamento generoso, gostos simples e sentimentos modestos de Edward.

Elinor teve notícias de Edward, ou de assuntos de seu interesse, através do Coronel Brandon, que há pouco tempo estivera em Dorsetshire e que, dirigindo-se a ela como uma amiga desinteressada de Mr. Ferrars e sua gentil confidente, falava abertamente sobre a casa paroquial de Delaford, descrevia suas deficiências e lhe contava o que pretendia fazer para solucioná-las. Seu comportamento para com ela nesse caso, assim como em qualquer outro assunto, seu prazer sincero ao vê-la após uma ausência de apenas dez dias, sua disposição para conversar com ela e seu respeito pela sua opinião, podiam muito bem justificar a crença de Mrs. Jennings em um afeto entre os dois, e seria talvez suficiente para que Elinor também suspeitasse, se desde o começo não soubesse que Marianne era sua favorita. Mas, do modo como eram as coisas, esta ideia nunca teria passado por sua mente, não fossem as insinuações de Mrs. Jennings; e não podia deixar de acreditar que era a melhor observadora das duas... Observava os olhos do Coronel, enquanto Mrs. Jennings pensava apenas em seu comportamento. E enquanto os olhos dele se preocupavam ansiosamente com os sentimentos de Marianne, a moça começou a sentir, pelas dores de cabeça e de garganta, que chegava um forte resfriado, o qual, por não se exprimir através de palavras, escapava completamente à observação de Mrs. Jennings. Elinor podia ver nos olhos do Coronel os vivos sentimentos e o desnecessário alarme de um homem apaixonado.

Duas caminhadas vespertinas ao terceiro e quarto dias de sua estada em Cleveland, não apenas pelo caminho de cascalho, mas pelos gramados, e especialmente nas partes mais distantes da propriedade, onde havia mais umidade do que em outros lugares, onde as árvores eram mais velhas e o capim estava alto e úmido - com o acréscimo da enorme imprudência de manter os sapatos e as meias molhadas - trouxeram a Marianne um resfriado tão violento que, embora ela tratasse com descaso e negasse por um dia ou dois, acabou impondo-se a ela

mesma e aos demais, à custa de seus sofrimentos crescentes. Surgiram receitas de todos os lados, e como sempre, foram recusadas. Apesar de sentir-se pesada e febril, com os membros doloridos, tosse e garganta irritada, uma boa noite de sono poderia curá-la completamente. E foi com bastante dificuldade que Elinor conseguiu convencê-la, quando foi se deitar, a tomar um ou dois dos remédios mais simples.

[1] Vasta área verde que circundava uma propriedade rural, muitas vezes servia de pasto para animais de criação. Geralmente a área era mantida intacta na propriedade mais com o objetivo de contemplação do que para finalidades agropecuárias. (N. T.)

- [2] Árvores da família das salicáceas. Exemplo: salgueiro. (N. T.)
- [3] Região da Itália. (N. T.)
- [4] Naquela época eram muito comuns as réplicas da arquitetura grega. (N. T.)
- [5] Cidade localizada entre a confluência do Rio Tâmisa e de seu afluente, o Rio Kennet, localizado a 64 quilômetros de Londres. (N. T.)
- [6] Devoção ao gosto refinado na arte, música e culinária. (N. T.)

C A P I T U L O XLIII

Marianne se levantou na manhã seguinte na hora habitual; todas as vezes que perguntavam como estava, dizia que estava se sentindo melhor, e tentou provar isso a si mesma dedicando-se às suas ocupações habituais. Mas, ficar sentada tremendo mesmo em frente à lareira, um dia inteiro com um livro nas mãos, que era incapaz de ler, ou deitada no sofá, prostrada e sem forças, não eram sinais de sua melhora. E quando, enfim, foi mais cedo para a cama sentindo-se ainda pior, o Coronel Brandon ficou completamente impressionado com a calma de Elinor, que, embora acompanhando-a e tratando-a o dia inteiro, contra a vontade de Marianne, e forçando-a a tomar os remédios certos à noite, confiava, assim como Marianne, na certeza da eficácia do sono, e não estava realmente alarmada.

No entanto, passou uma noite muito agitada e febril, o que frustrou as esperanças de ambas. E quando Marianne, após insistir em se levantar, confessou ser incapaz de sentar-se e voltou para a cama voluntariamente, Elinor se mostrou muito disposta a aceitar o conselho de Mrs. Jennings e chamar o boticário[1] dos Palmer.

O boticário veio, examinou a paciente, e embora tivesse animado Miss Dashwood a esperar que em poucos dias a saúde de sua irmã estaria restabelecida, acabou falando que a doença tinha uma tendência infecciosa, e ao deixar escapar a

palavra “infecção”, provocou instantâneo alarme em Mrs. Palmer por causa do bebê. Mrs. Jennings, que desde o começo acreditava que a enfermidade era mais séria, diferente do que pensava Elinor, escutou gravemente o relato de Mr. Harris, e confirmando os temores e a preocupação de Charlotte, imediatamente lhe recomendou que se mudasse com a criança. E Mr. Palmer, embora achasse que suas preocupações fossem vãs, se viu incapaz de resistir à enorme ansiedade e insistência da esposa. Sua partida então ficou decidida, e antes que se passasse uma hora da chegada de Mr. Harris, ela seguiu, com seu filho e a enfermeira, para a casa de um parente de Mr. Palmer, que vivia a alguns quilômetros dali, do outro lado de Bath. Após grande insistência de sua parte, o marido prometeu que se juntaria a ela em um ou dois dias, e ela desejava, com igual urgência, que sua mãe também a acompanhasse. Mrs. Jennings, porém, com uma bondade que fez Elinor realmente admirá-la, declarou que estava decidida a não sair de Cleveland enquanto Marianne estivesse enferma, e se esforçaria, com um atencioso cuidado, a suprir-lhe o lugar da mãe, de quem ela a havia afastado; e em todos os momentos Elinor encontrou na boa senhora uma colaboradora ativa e disposta, desejosa de compartilhar de todas as suas fadigas, e frequentemente usando da sua maior experiência em cuidar de pessoas doentes, bastante útil no caso.

Pobre Marianne, abatida e lânguida pela natureza de sua doença e sentindo-se completamente indisposta, já não

poderia esperar que estivesse recuperada no dia seguinte. E a incerteza do que traria o amanhã, tornou a infeliz doença algo muito sério, pois, naquele dia, elas começariam sua viagem de volta para casa, e, acompanhadas pelo empregado de Mrs. Jennings, fariam uma grande surpresa à mãe na manhã seguinte. O pouco que falou foi para lamentar este inevitável atraso, e Elinor tentava elevar seu ânimo, fazendo-a acreditar, assim

como ela mesma acreditava então, que seria um atraso muito curto.

O dia seguinte trouxe pouca ou nenhuma alteração no estado da paciente – evidentemente não estava melhor. Mas, apesar de não haver melhoras, também não havia nenhuma piora. O grupo agora estava bastante reduzido, pois Mr. Palmer, apesar de não ter intenção de ir embora, tanto por espírito humanitário quanto por bom coração, ou simplesmente para não parecer medroso por causa da exigência da mulher, foi convencido pelo Coronel Brandon a cumprir a promessa que fizera à esposa de se juntar a ela. E enquanto ele se preparava para partir, o próprio Coronel Brandon, fazendo um esforço ainda maior, também começou a falar em ir-se.

Neste ponto, porém, a generosidade de Mrs. Jennings interpôs-se de maneira mais positiva, pois permitir a partida do Coronel enquanto sua amada sofria, por causa da irmã, significaria

privar a ambos de todo consolo, e assim, foi dizendo ao Coronel que a permanência dele era necessária em Cleveland até para ela mesma, que precisava dele para jogar cartas, enquanto Miss Dashwood cuidava da irmã, etc. Insistiu tanto para que ele ficasse, que ele, ao ceder, cumprindo apenas com o que seu coração desejava, não pôde sequer fingir qualquer objeção, especialmente quando o pedido de Mrs. Jennings foi acompanhado pelo pedido de Mr. Palmer, que parecia sentir-se aliviado por deixar ali uma pessoa tão capaz de apoiar e aconselhar Miss Dashwood em qualquer emergência.

Marianne, é claro, foi mantida na mais completa ignorância a respeito desses arranjos. Não sabia que por sua causa os proprietários de Cleveland foram obrigados a deixar a casa antes de completar uma semana da sua chegada. Não ficou surpresa por não ter visto Mrs. Palmer, assim como também não ficou preocupada, por isso nem sequer mencionava seu nome.

Passaram-se dois dias desde a partida de Mr. Palmer, e as condições da paciente mantinham-se as mesmas, com poucas alterações. Mr. Harris, que a visitava todos os dias, de maneira bastante audaciosa continuava falando de sua rápida recuperação, e Miss Dashwood se mostrava igualmente otimista; os demais, porém, não tinham perspectivas tão boas. Logo no início da crise, Mrs. Jennings havia se convencido de que Marianne nunca se recuperaria, e o Coronel Brandon, que era obrigado a escutar os presságios de Mrs. Jennings, não

estava com o estado de ânimo capaz de resistir a sua influência. Tentou recorrer à razão para superar os temores que, segundo a opinião do boticário, eram absurdos; mas as muitas horas do dia que passava sozinho propiciavam a aceitação de ideias melancólicas, e ele não conseguia tirar da cabeça a ideia de que nunca mais veria Marianne.

Na manhã do terceiro dia, porém, as sombrias previsões de ambos quase desapareceram; pois, quando Mr. Harris chegou, ele declarou que sua paciente estava visivelmente melhor. Sua pulsação estava mais forte e os sintomas eram bem mais favoráveis que em sua visita anterior. Elinor estava muito alegre, ao serem confirmadas as suas esperanças. Estava satisfeita de ter, nas cartas que escrevera à mãe, expresso muito mais seu próprio julgamento do que a opinião de seus amigos, dando pouca importância à indisposição que havia atrasado sua partida de Cleveland, e quase se atrevendo a marcar a data em que Marianne estaria em condições de viajar.

Mas o dia não terminou de maneira tão auspiciosa como havia começado. Quando

chegou a noite, Marianne piorou novamente, a febre tornou-se mais forte, e ela ficou mais agitada e indisposta do que antes. Sua irmã, no entanto, continuava otimista, preferia atribuir a mudança apenas ao cansaço de ter permanecido sentada enquanto arrumavam sua cama; e, administrando

cuidadosamente os remédios prescritos, com alegria viu-a cair no sono, o qual esperava que lhe trouxesse os maiores benefícios. Seu sono, embora não fosse tão tranquilo quanto Elinor esperava, durou um tempo considerável; e ansiosa por observar os resultados, decidiu ficar ao seu lado até a hora que despertasse. Mrs. Jennings, que não sabia da mudança do estado da paciente, foi dormir mais cedo; sua empregada, que era uma das principais encarregadas em cuidar de Marianne, estava descansando no quarto da governanta, e Elinor ficou sozinha com Marianne.

O sono de Marianne começou a ficar cada vez mais agitado. E Elinor, que em nenhum momento deixava de observar atentamente suas contínuas mudanças de posição e escutar os frequentes, porém inarticulados, sons que saíam de seus lábios, estava quase decidida a acordá-la de um sono tão doloroso quando Marianne, repentinamente desperta depois de ouvir um ruído na casa, ergueu-se sobressaltada, exclamando bastante febril:

- Mamãe está vindo?
- Ainda não - respondeu Elinor, ocultando seu terror e ajudando Marianne a deitar- se novamente - Mas logo ela estará aqui, assim espero. É um longo caminho daqui a Barton, você sabe.

- Mas não deve dar a volta por Londres - exclamou Marianne, com o mesmo tom de voz inquieto - Nunca voltarei a vê-la, se passar por Londres.

Elinor percebeu, alarmada, que Marianne estava delirando, e apesar de tentar acalmá-la, tomou-lhe o pulso ansiosamente. Estava mais fraco e mais rápido do que nunca! E ao perceber que Marianne continuava chamando pela mãe, seu temor aumentou tanto, que ela decidiu mandar chamar Mr. Harris, e enviar um mensageiro para avisar sua mãe em Barton.

Consultar o Coronel Brandon sobre a melhor forma de enviar um mensageiro à mãe pareceu-lhe a melhor maneira de colocar em prática seu plano. E assim que pediu à empregada que assumisse seu lugar e ficasse tomando conta de Marianne, se apressou para descer à sala, onde sabia que ele permanecia até horas mais tardias que a presente.

Não era momento para hesitar. Imediatamente comunicou-lhe seus temores e suas dificuldades. O Coronel Brandon não teve coragem, nem confiança para tentar acabar com os medos de Elinor; escutou-os com silencioso desalento; mas suas dificuldades logo foram abreviadas, pois com uma rapidez que parecia evidenciar o que mentalmente já havia previsto, se colocou a disposição para ser, ele mesmo, o mensageiro que traria Mrs. Dashwood. Elinor não fez nenhuma objeção que não pudesse ser facilmente resolvida. Agradeceu-lhe com palavras breves, porém fervorosas, e enquanto ele apressava seu criado para levar uma mensagem para Mr. Harris, e uma ordem para

que preparassem os cavalos de posta imediatamente, Elinor escreveu algumas linhas para sua mãe.

Elinor sentiu enorme gratidão pelo consolo de ter um amigo como o Coronel Brandon naquele momento – ou tal companhia para sua mãe! Uma companhia cujo bom senso poderia guiá-la, cujo auxílio poderia aliviá-la, e cuja amizade devia acalmá-la! A companhia do Coronel

poderia suavizar a perturbação que tal chamado provocaria em sua mãe, e estava certa de que sua presença, seus modos e sua ajuda contribuiriam para isso, tanto quanto possível.

Ele, entretanto, quaisquer que fossem os seus sentimentos, agiu com a firmeza de uma mente tranquila, tomou todas as providências necessárias com a maior diligência e calculou com exatidão o momento em que poderia esperar sua volta. Não perdeu nenhum instante. Os cavalos chegaram, antes do esperado, e o Coronel Brandon, limitando-se apenas a estender-lhe a mão com um olhar solene, e com poucas palavras ditas em voz baixa demais para que chegassem aos seus ouvidos, se apressou para entrar na carruagem. Era quase meia-noite, e Elinor retornou ao quarto da irmã para esperar a chegada do boticário, e ficar junto a ela o resto da noite. Foi uma noite de sofrimentos quase iguais para as duas irmãs. Marianne passou, hora após hora, insone em sua dor e delírio, e Elinor sentindo a mais cruel ansiedade, antes da chegada de

Mr. Harris. À medida que suas apreensões cresciam, Elinor pagou pelo excesso de confiança que a princípio tivera; e a empregada que sempre a acompanhava, pois ela não admitiu que chamassem Mrs. Jennings, a torturava ainda mais, insinuando coisas que sua patroa havia pensado desde o começo.

Os pensamentos de Marianne ainda estavam fixos incoerentemente na mãe, e cada vez que mencionava seu nome, Elinor sentia um aperto no coração, repreendia-se por não ter dado importância à doença por tantos dias e, desejando um alívio imediato, pensava que em breve um pronto restabelecimento seria em vão, que havia adiado demais, e imaginava sua aflita mãe chegando demasiado tarde para ver sua preciosa filha, ou para vê-la lúcida.

Estava a ponto de mandar chamar novamente Mr. Harris ou, caso ele não pudesse vir, solicitar algum outro auxílio, quando o boticário – não antes das cinco da manhã – finalmente chegou. Sua opinião, entretanto, compensou sua demora, pois apesar de reconhecer uma mudança inesperada e desfavorável em sua paciente, insistiu que não havia perigo grave e se referiu ao alívio que um novo tipo de tratamento poderia proporcionar com uma confiança que, mesmo em grau menor, foi comunicada a Elinor. Prometeu vir novamente dentro de três ou quatro horas, e deixou tanto a paciente quanto sua ansiosa irmã mais tranquilas do que as encontrara.

Com muita preocupação e muito sentida por não ter sido chamada, Mrs. Jennings ouviu o que se passara na manhã seguinte. Seus antigos temores, que agora se fortaleciam, não lhe deixaram dúvida alguma sobre o ocorrido; apesar de tentar consolar Elinor, sua certeza sobre o perigo que Marianne corria não lhe permitia oferecer nenhum tipo de esperança. Seu coração estava realmente pesaroso. O rápido declínio, a morte prematura de uma moça tão jovem e adorável como Marianne, afetaria até mesmo uma pessoa que não fizesse parte de seu círculo de amizades. Mas Marianne podia esperar mais da compaixão de Mrs. Jennings. Durante três meses lhe servira de companhia, ainda estava sob seus cuidados, e sabia que ela fora ferida profundamente e que havia sofrido por muito tempo. Via também a angústia da irmã, sua favorita; e quanto à mãe das moças, quando Mrs. Jennings pensava que Marianne poderia ser para sua mãe o que Charlotte era para ela, sentia uma sincera simpatia por seus sofrimentos.

Mr. Harris foi pontual em sua segunda visita, mas as esperanças que a visita anterior

havia produzido foram frustradas. Seus medicamentos haviam falhado, a febre persistia; e Marianne, apenas um pouco mais calma – já não era dona de si – permanecia em pesado estupor. Elinor, percebendo todos os receios do boticário, além de seus receios do momento, decidiu pedir outra opinião. Porém, o boticário achou desnecessário, ainda tinha algo mais a tentar,

uma nova prescrição cujo êxito confiava tanto quanto a última, e terminou sua visita com palavras encorajadoras que chegaram aos ouvidos de Elinor, mas não ao seu coração. Ela estava calma, exceto quando pensava na mãe. Porém quase não tinha mais esperanças, e permaneceu assim até o meio-dia, quase sem se afastar do lado da irmã, com o pensamento vagueando de uma imagem de dor à outra, de um amigo que sofria para outro, e com a alma oprimida pela última conversa que teve com Mrs. Jennings, que não teve escrúpulos em atribuir a gravidade e o perigo dessa crise às muitas semanas que Marianne esteve indisposta por causa de sua decepção. Elinor sentia que ela tinha razão, o que aumentou ainda mais o sofrimento que a consumia.

Por volta do meio-dia, ela começou – com cautela, com receio de desapontar-se, o que por algum tempo a manteve em silêncio, até mesmo com sua amiga – a imaginar, a ter a esperança de estar percebendo uma ligeira melhora no pulso de sua irmã. Esperou, observou e examinou várias vezes, e finalmente, com uma agitação mais difícil de ocultar sob a calma exterior, que toda sua angústia anterior, aventurou-se a comunicar suas esperanças. Mrs. Jennings, embora forçada a reconhecer uma recuperação temporária, tentou evitar que sua jovem amiga acreditasse na sua continuidade. E Elinor, recorrendo mentalmente a todos os argumentos que a levavam a descreer, decidiu-se a não alimentar esperanças. Mas já era tarde demais. Já estava completamente esperançosa, e

sentindo sua ansiosa palpação, ela inclinou-se sobre a irmã para observar... Mal sabia o quê. Passou meia hora, e os sintomas favoráveis continuavam abençoando-a. Surgiram outros que favoreceram esta confirmação. A respiração, a pele e os lábios de Marianne, todos indicavam sinais de melhora para Elinor; e Marianne fixou seus olhos na irmã com um olhar racional, apesar de lânguido. A ansiedade e a esperança a oprimiam em igual medida, e não teve sequer um momento de tranquilidade até a chegada de Mr. Harris, às quatro horas - quando as certezas que ele lhe deu, suas felicitações pela recuperação da irmã, que inclusive superava suas expectativas, trouxeram à Elinor confiança, conforto e lágrimas de alegria.

Marianne estava, sob todos os pontos de vista, notavelmente melhor, e ele declarou que ela estava fora de perigo. Mrs. Jennings, talvez satisfeita com a justificação parcial de suas previsões, que expressara no recente alarme que haviam vivido, permitiu-se confiar no juízo do boticário e admitiu com alegria sincera e sem equívocos a probabilidade de uma recuperação completa.

Elinor não podia mostrar-se alegre. Sua alegria era diferente, e a levava a um contentamento interior. Ver Marianne de volta à vida, à saúde, aos amigos e à sua amorosa mãe, era uma ideia que enchia seu coração de intenso conforto e o expandia em fervorosa gratidão; porém, não se manifestava em demonstrações exteriores de alegria, nem em palavras ou

sorrisos. Tudo o que Elinor sentia no peito era uma intensa e silenciosa satisfação.

Ela continuou ao lado da irmã, com poucas interrupções, durante toda a tarde, acalmando cada um de seus receios, satisfazendo cada uma das indagações do seu espírito

enfraquecido, prestando-lhe todo o auxílio necessário e observando cada olhar seu, cada respiração. A possibilidade de uma recaída por alguns momentos lhe ocorria, para recordá-lo do que fora sua ansiedade – mas quando ela viu, no seu frequente e minucioso exame, que cada sintoma de recuperação se mantinha, e notou que Marianne, às seis da tarde, mergulhava em um sono tranquilo, pesado, e aparentemente confortável, todas as suas dúvidas foram silenciadas.

Chegava o momento em que se podia esperar o retorno do Coronel Brandon. As dez horas, ou ao menos não muito depois disso, ela acreditava que sua mãe se veria livre do suspense que agora deveria sentir enquanto viajava. O Coronel também! – talvez só um pouco menos merecedor de piedade! Oh! Como passava devagar o tempo que ainda os mantinha na completa ignorância do que estava acontecendo!

As sete, deixando Marianne ainda entregue a um sono tranquilo, uniu-se à Mrs. Jennings na sala para tomar o chá. Seus temores a impediram de tomar o café da manhã, e a

mudança repentina do estado de saúde de Marianne não permitiu que se alimentasse corretamente ao jantar; aquela refeição, portanto, parecia particularmente bem-vinda, pois se sentia muito contente. Mrs. Jennings quis convencê-la a descansar um pouco até a chegada de sua mãe, e se ofereceu para ficar ao lado de Marianne; mas Elinor não parecia cansada, nem conseguiria dormir naquele momento, e não queria se manter longe da irmã sem necessidade, nem por um instante. Mrs. Jennings a acompanhou até o quarto de Marianne para verificar se tudo estava bem, deixou-a entregue novamente aos seus cuidados e pensamentos, e retirou-se para seu quarto para escrever algumas cartas e dormir.

A noite estava fria e tempestuosa. O vento rugia em volta da casa e a chuva batia contra as janelas, mas Elinor, tão feliz, sequer notava isso. Marianne dormia mesmo com as rajadas. E os viajantes receberiam uma rica recompensa por toda presente inconveniência.

O relógio marcou oito horas. Se fosse dez, Elinor estaria convencida de ter ouvido naquele momento o barulho de uma carruagem; e foi tão grande sua certeza de ter escutado, apesar de ser quase impossível que já tivessem chegado, que se dirigiu ao quarto de vestir mais próximo e abriu uma veneziana da janela, para convencer-se da verdade. Instantaneamente descobriu que seus ouvidos não a haviam enganado. Conseguiu enxergar logo as lanternas de uma carruagem. Naquela luz fraca, pensou discernir que era

conduzida por quatro cavalos, e isto, embora demonstrasse o enorme temor de sua pobre mãe, explicou em parte aquela inesperada rapidez.

Nunca em sua vida Elinor teve tanta dificuldade para se manter calma como naquele momento. Saber o que sua mãe devia estar sentindo no instante em que a carruagem parou diante da porta... Sua dúvida, seu temor, talvez seu desespero!... e o que mais ela tinha para contar! Diante das circunstâncias era impossível ficar calma. Tudo o que lhe restava a fazer era se apressar, e aguardou apenas até conseguir que a empregada de Mrs. Jennings ficasse com sua irmã. Depois desceu as escadas correndo.

A agitação que viu no vestíbulo, enquanto passava por um saguão interno, assegurou- lhe que eles já estavam dentro da casa. Elinor correu até a sala de estar, e quando entrou... viu apenas Willoughby.

[1] Era equivalente a um farmacêutico, porque preparava e vendia medicamentos na botica (um tipo de farmácia), porém apenas no final do século XIX é que a profissão de farmacêutico foi formalizada. (N. T.)

CAPÍTULO XLIV

Elinor obedeceu ao primeiro impulso de seu coração, recuando com o olhar aterrorizado ao vê-lo e voltando-se imediatamente para sair da sala. Sua mão já se encontrava na maçaneta quando parou ao ver que Willoughby avançava rapidamente, dizendo, com um tom de voz mais imperativo que suplicante:

- Miss Dashwood, meia hora... Dez minutos... É tudo o que eu lhe peço... Por favor,

fique.

- Não senhor - respondeu com firmeza - não ficarei aqui nem mais um minuto. O

senhor nada tem a tratar comigo. Os empregados certamente se esqueceram de dizer-lhe que Mr. Palmer não está em casa.

- Se eles tivessem me falado que Mr. Palmer e todos seus parentes tinham ido para o inferno, mesmo assim eu não teria me afastado desta porta - exclamou Willoughby com veemência. - É com a senhorita que quero falar, e apenas consigo.

- Comigo! - disse bastante espantada - Bem senhor... Seja rápido... E se puder, menos

violento.

- Sente-se e eu cumprirei suas ordens.

Ela hesitou, não sabia o que fazer. A possibilidade de o Coronel Brandon chegar e

encontrá-lo ali passou pela sua cabeça. Mas havia prometido que o ouviria, e estava comprometida não apenas por sua curiosidade, mas principalmente por sua honra. Após um momento de reflexão, no entanto, concluindo que a prudência exigia presteza e que seu consentimento era a melhor maneira de obtê-la, caminhou silenciosamente em direção à mesa e sentou-se. Ele sentou-se na cadeira em frente, e durante um minuto e meio não disseram uma palavra.

perder.

- Por favor, seja rápido senhor - disse Elinor, com impaciência - não tenho tempo a

Ele estava sentado em uma atitude de profunda meditação, e parecia não escutá-la.

- Sua irmã está fora de perigo - disse ele, abruptamente, logo em seguida. - Eu ouvi o

empregado dizer. Deus seja louvado! Mas, é verdade?

Realmente é verdade?

Elinor não iria responder. Ele repetiu a pergunta com mais ansiedade ainda.

- Pelo amor de Deus, ela está fora de perigo, não está? - disse ele.

- Esperamos que sim.

Ele se levantou e caminhou pela sala.

- Se eu soubesse disso há meia hora... Mas, já que estou aqui... (falou com vivacidade forçada, enquanto voltava para sua cadeira) O que isto significa? Por uma vez, Miss Dashwood... Talvez pela última vez... Alegremo-nos juntos. Estou com disposição para a alegria... Diga-me honestamente - seu rosto se iluminou com um rubor mais profundo - você acha que

eu sou um canalha ou um tolo?

Elinor olhou para ele mais espantada que nunca. Começou a pensar que devia estar embriagado, pois era a única justificativa para uma visita como esta, para agir desta

maneira. E com esta impressão, colocou-se imediatamente de pé e disse:

- Mr. Willoughby, eu o aconselho a voltar à Combe... Não disponho de mais tempo para permanecer aqui com o senhor. Qualquer que seja o assunto que deseje falar comigo, será melhor se recompor e me explicar amanhã.

- Compreendo-a - respondeu ele, com um sorriso expressivo e a voz perfeitamente calma. - Sim, estou muito embriagado... Um copo de cerveja preta e uma porção de rosbife que comi em Marlborough[1] foi o suficiente para me transtornar.

- Em Marlborough! - exclamou Elinor, entendendo cada vez menos o que ele desejava.

- Sim, deixei Londres por volta das oito horas desta manhã, e os únicos dez minutos que passei fora da minha carruagem, desde então, foram para fazer uma refeição em Marlborough.

A firmeza de seus modos e a inteligência de seus olhos enquanto falava, convenceram Elinor que qualquer que fosse a loucura imperdoável que o trouxera a Cleveland, não era consequência de sua embriaguez. Após um momento de reflexão disse:

- Mr. Willoughby, o senhor deve sentir, assim como eu sinto... que depois de tudo o que se passou... Sua vinda aqui, desta maneira, impondo-me sua presença, exige uma justificativa muito especial. Que pretende com isto?

- O que pretendo - disse ele, sério e enérgico - se é que posso, é fazer com que me odeie menos do que agora. Meu objetivo é oferecer-lhe algum tipo de explicação, alguma desculpa, pelo ocorrido no passado. Quero abrir-lhe meu coração, e convencê-la de que, embora eu tenha sido um cabeça-dura, nem sempre fui um canalha, e desta forma, obter algo parecido com o perdão de Ma... de sua irmã.

- Este é o real motivo de sua visita?

- Juro por minha alma que é verdade - foi sua resposta, dita com um fervor que fez Elinor se lembrar do antigo Willoughby, e a despeito de si mesma, acreditou que ele estava sendo sincero.

- Se isto é tudo, pode se sentir satisfeito, pois Marianne... Ela já o perdoou há muito tempo.

- É verdade? - exclamou ele, com a mesma ansiedade. - Então ela me perdoou antes do tempo. Mas me perdoará outra vez, e desta vez por motivos muito mais racionais. Agora me escutará?

Elinor concordou com a cabeça.

- Eu não sei - disse ele, após uma pausa de expectativa da parte de Elinor e de meditação da parte dele - como considerou meu comportamento para com sua irmã, ou qual motivo diabólico me terá imputado. Talvez não consiga pensar

bem de mim, porém, vale a pena tentar, e deve ouvir tudo. No começo de minha amizade com sua família, eu não tinha

nenhuma outra intenção, nenhum outro interesse além de passar momentos agradáveis durante minha forçada estadia em Devonshire, mais agradáveis do que eu já vivenciara antes. Sua irmã, sendo uma pessoa adorável e de maneiras atrativas, não podia deixar de me encantar; e seu comportamento para comigo, desde o princípio foi... É espantoso, quando penso como tudo aconteceu, como ela me tratava, que meu coração tivesse sido tão insensível! Mas primeiramente devo confessar que isto só aumentou minha vaidade. Sem preocupar-me com a felicidade de Marianne, pensando apenas em minha própria diversão, permitindo-me sentimentos que sempre tive o hábito de cultivar em minha vida, esforcei-me de todas as maneiras para tornar-me agradável a ela, sem nenhuma intenção de corresponder ao seu afeto.

Miss Dashwood, neste momento, olhando-o com desprezo, interrompeu-o dizendo:

- Não vale a pena, Mr. Willoughby, continuar o seu relato, ou para eu continuar escutando-o. Tal começo não vai levá-lo a nada... Não me faça sofrer ao ter que ouvir mais alguma coisa sobre o assunto.

- Eu insisto em que ouça tudo o que tenho a dizer - ele respondeu. - Minha fortuna nunca foi grande, e eu sempre fui

perdulário, sempre tive o costume de envolver-me com pessoas de rendimentos superiores aos meus. Desde a maioridade, ou até mesmo antes, acredito que aumentava minhas dívidas ano após ano, na crença de que a morte de minha prima, Mrs. Smith, viesse a me liberar de algumas delas; mas esse era um evento incerto, e talvez muito distante, por isso, durante algum tempo, tive a intenção de restabelecer minha situação casando-me com uma mulher de fortuna. Portanto, unir-me a sua irmã, era algo impensável. E por me encontrar em um estado de mesquinhez, egoísmo, crueldade... que nem mesmo um olhar de indignação ou desprezo, nem mesmo o seu olhar, Miss Dashwood, poderia censurar-me o suficiente, eu agia com o propósito de conquistar o afeto de Marianne, sem intenções de correspondê-lo. Mas uma coisa digo em meu favor: mesmo neste horrendo estado de egoísta vaidade, eu não sabia a extensão do dano que causaria, porque até então não sabia o que era amar. Mas, alguma vez eu soube o que é o amor? Talvez seja duvidoso, se eu realmente a amasse teria sacrificado meus sentimentos à vaidade ou à avareza? Ou, o que é pior, teria sacrificado os dela? Mas acabei fazendo isso. Para evitar uma pobreza relativa, da qual seu afeto e sua companhia teriam me compensado de todos os horrores, eu consegui, elevando-me à fortuna, perder tudo o que a tornaria uma benção.

- Então - disse Elinor, já mais calma - o senhor sentiu algo por ela durante algum

tempo?

- Ter resistido a tais atrativos, ter resistido a tanta ternura!

Que homem no mundo

teria conseguido? Sim, pouco a pouco, sem dar-me conta, vi-me sinceramente apaixonado por ela, e as horas mais felizes de minha vida foram as que passei ao seu lado, quando sentia que minhas intenções eram totalmente honradas e meus sentimentos irrepreensíveis. Mesmo então, porém, quando estava completamente decidido a corresponder aos seus sentimentos, permiti-me, contra todo decoro, adiar, dia após dia, o momento de fazê-lo, por não querer firmar um compromisso enquanto estivesse naquela situação embaraçosa. Não vou justificar isto... nem vou impedi-la de divagar sobre o absurdo, e pior que absurdo, da minha falta de escrúpulo em comprometer minha palavra onde minha honra já estava comprometida. Minhas ações

demonstraram o quanto fui completamente tolo, fazendo com que me tornasse desprezível e desgraçado para sempre. Por fim, ao menos minha resolução estava tomada, e eu tinha decidido que, assim que conseguisse ficar a sós com ela, falaria abertamente sobre as atenções que invariavelmente lhe concedia, e lhe garantiria minha afeição, que tanta dor me causava demonstrar. Mas nesse ínterim, em um intervalo de poucas horas, antes que eu tivesse a oportunidade de

conversar com Marianne a sós, ocorreu uma circunstância, uma infeliz circunstância, para arruinar toda minha resolução e todo meu bem-estar. Descobriram – neste momento ele hesitou e baixou os olhos. – Mrs. Smith foi informada, de uma forma ou de outra, creio que por algum parente distante, cujo interesse era privar-me de sua herança, sobre um assunto... Uma relação... Bem, não preciso contar muitos detalhes, (ele acrescentou, olhando-a bastante corado e com um olhar inquiridor) pois através de seu amigo íntimo, provavelmente já sabe de toda história há muito tempo.

– Já sei – respondeu Elinor, bastante ruborizada, tentando endurecer seu coração contra qualquer sentimento de compaixão por ele. – Eu já sei de tudo. E como você poderá se eximir de sua culpa nesse assunto terrível, confesso que está além da minha compreensão.

– Lembre-se – exclamou Willoughby – de quem lhe contou. Ele poderia ter sido imparcial? Reconheço que eu deveria ter respeitado a situação e o caráter da moça. Não quero me justificar, mas ao mesmo tempo não quero que você pense que não tive nada para me encorajar... Que, porque ela sofreu, era irrepreensível, e porque fui libertino, ela deveria ser considerada uma santa. Se a violência de suas paixões, a fraqueza de seu entendimento... Eu não quero, entretanto, me defender. O afeto dela por mim merecia melhor tratamento, e eu, às vezes, com grande remorso, lembro-me da ternura que durante um breve momento teve o poder de despertar em mim certa

correspondência. Eu desejo... Desejo de todo coração que nunca tivesse feito isso. Mas acabei magoando mais alguém além dela, pois magoei alguém cuja afeição por mim (posso dizê-lo?) era pouco menor do que a dela, e cuja mente... Oh! O quão infinitamente superior!

- Mas sua indiferença, entretanto, em relação àquela infeliz moça... Devo dizer, por mais desagradável que seja para eu discutir tal assunto... Sua indiferença não é desculpa para sua cruel negligência. Não pense que pode se desculpar por nenhuma fraqueza, nenhuma falta de entendimento por parte dela, nada pode desculpar a insensível crueldade que você demonstrou. Você deveria saber que, enquanto se divertia em Devonshire com novos planos, sempre alegre, sempre feliz, ela estava reduzida a mais extrema indigência.

- Mas, dou minha palavra, que não sabia de nada - respondeu ele calorosamente; - Eu não me lembro de ter omitido meu endereço para ela, e o simples bom senso deveria tê-la ensinado como me encontrar.

- Bem, senhor, e o que Mrs. Smith disse?

- Imediatamente censurou a ofensa que eu havia cometido, e pode imaginar o quanto fiquei confuso. A pureza de sua vida, seus princípios convencionais, sua ignorância do mundo, tudo estava contra mim. Não podia negar o fato, e qualquer esforço para tentar amenizar a situação foi em vão. Ela estava predisposta a duvidar da moralidade da minha conduta em

geral e, além disso, estava descontente com minha pouca atenção, com o pouco tempo que eu

lhe dedicava naquela visita. Em poucas palavras, terminou em uma ruptura total. Apenas uma coisa teria me salvado. No mais extremo de sua moralidade, boa mulher!, ela se ofereceu para perdoar o passado se eu me casasse com Eliza. Isso não era possível... e fui formalmente expulso de seus favores e de sua casa. Como tinha que partir na manhã seguinte, à noite, logo após a conversa com Mrs. Smith, refleti sobre qual rumo meu futuro deveria tomar. O esforço foi muito grande... Mas logo terminou. Meu afeto por Marianne, minha certeza de que gostava de mim... foram insuficientes para superar o medo da pobreza, ou para deixar de lado essas falsas ideias sobre a necessidade de riqueza, que tão naturais me pareciam, e que uma sociedade rica só me fazia engrandecer. Tinha razões para acreditar na aceitação da minha atual esposa, caso optasse por ela, e convenci-me de que não me restava nada mais prudente a fazer. Porém, uma difícil situação me aguardava antes de partir de Devonshire; estava comprometido a jantar em sua casa nesse mesmo dia, portanto, necessitava de uma desculpa para faltar a este compromisso. Custei a decidir se escreveria uma desculpa ou falaria pessoalmente. Sentia que seria terrível ver Marianne, e até mesmo duvidava se poderia vê-la novamente e manter minha decisão. Nesse ponto, entretanto, subestimei minha própria capacidade, como os

fatos o provam; pois eu fui, encontrei-a, vi como ficou triste e deixei-a assim mesmo... E a deixei, esperando não vê-la nunca mais.

- Por que foi à nossa casa, Mr. Willoughby? – disse Elinor, reprovando-o. – Um bilhete resolveria tudo. Era necessário ir pessoalmente?

- Era necessário para o meu orgulho. Não suportava deixar o campo permitindo que vocês e o resto dos vizinhos, suspeitassem qualquer coisa do que havia ocorrido entre Mrs. Smith e eu, então decidi parar em sua casa quando estava a caminho de Honiton[2]. Ver sua querida irmã, no entanto, foi realmente terrível, e para piorar as coisas, encontrei-a sozinha. Todas haviam saído, não sei para onde. Na noite anterior eu a deixara, tão decidido e resoluto de que faria a coisa certa! Em poucas horas nós estaríamos comprometidos para sempre, e lembro-me como eu estava feliz, e como estava alegre enquanto voltava do chalé até Allenham, satisfeito comigo mesmo, encantado com todo mundo! Mas neste encontro, o último de nossa amizade, eu a abordei com um sentimento de culpa que quase me tirou toda a capacidade de fingir. Sua dor, sua desilusão, seu profundo arrependimento, quando lhe disse que era obrigado a deixar Devonshire imediatamente... Eu nunca os esquecerei... de tal modo estavam unidos à sua confiança em mim! Oh, Deus! Que canalha sem coração eu fui!

Os dois ficaram em silêncio por alguns momentos. Elinor foi a primeira a falar.

- Disse para Marianne que voltaria logo?
- Eu não sei o que disse a ela - ele respondeu, impacientemente - menos do que exigia o passado, sem nenhuma dúvida, e com toda probabilidade muito mais do que justificava o futuro. Não posso pensar nisso... Não devo... Depois veio sua gentil mãe me torturar ainda mais com sua bondade e confiança. Graças a Deus que isso me torturou. Eu me sentia infeliz! Miss Dashwood, a senhorita não tem ideia do consolo que me dá relembrar minha própria infelicidade. É tão grande o rancor que guardo pela estúpida e vil loucura do meu coração, que todos os meus sofrimentos passados hoje são apenas triunfo e exaltação para mim. Bem, eu parti, deixei para trás tudo o que amava, e fui ao encontro daqueles por quem,

na melhor das hipóteses, apenas sentia indiferença. Minha viagem a Londres... em minha própria carruagem, tão entediante, sem ninguém com quem conversar... Que pensamentos alegres... Quando pensava no que me esperava! Quando me lembrava de Barton, que imagem reconfortante... Oh, foi uma viagem abençoada!

Ele parou.

- Muito bem, senhor, isso é tudo? - disse Elinor, que embora sentindo pena dele, estava impaciente por sua partida.
- Ah! Não... Você já se esqueceu do que ocorreu em Londres? Aquela carta infame! Ela lhe mostrou?

- Sim, vi todos os bilhetes que escreveram.
- Quando recebi o primeiro bilhete de Marianne (o que aconteceu imediatamente, pois eu estava na cidade o tempo todo), o que senti foi... como dizem... é impossível de se expressar; em palavras simples... talvez simples demais para despertar alguma emoção... meus sentimentos foram muito, muito dolorosos. Cada linha, cada palavra era... uma adaga no meu coração – em uma vulgar metáfora que tomo emprestada de um de seus mais queridos escritores, que se ela estivesse aqui certamente proibiria. Saber que Marianne estava na cidade era, na mesma linguagem, era um trovão. Trovões e punhaladas! Como ela me repreenderia! Seu gosto, suas opiniões... creio que os conheço melhor que os meus próprios, e com toda certeza os aprecio mais.

O coração de Elinor, que tinha sofrido muitas mudanças durante esta conversa, agora estava mais calmo novamente. Mas ainda assim sentia que era seu dever evitar pelo menos que seu visitante falasse certas coisas.

- Isto não está certo, Mr. Willoughby. Lembre-se que agora é um homem casado. Fale somente aquilo que sua consciência acredita ser necessário que eu ouça.
- O bilhete de Marianne, assegurando-me que eu ainda lhe era tão querido como antes, que apesar das muitas e muitas semanas que estivemos separados, mantinha-se constante em seus sentimentos, e tão confiante na constância dos meus

como sempre, despertou-me um grande remorso. Digo que despertou, porque o tempo e Londres, os negócios e a vida dissipada, de alguma maneira os tinham adormecido e eu me transformara em um vilão completamente endurecido, acreditando que era indiferente a ela e insistindo em acreditar que ela também me era indiferente; dizendo a mim mesmo que nosso compromisso passado era apenas um passatempo, uma coisa à toa, e sacudia os ombros como prova disso, silenciando qualquer censura, passando por cima de qualquer escrúpulo, dizendo-me uma vez ou outra: “Ficarei feliz de todo coração se souber que ela se casou bem”. Mas este bilhete fez com que eu me conhecesse melhor. Senti que a amava muito mais do que qualquer outra mulher no mundo, e que eu estava me comportando de maneira infame. Mas, tudo já estava então acertado entre Miss Grey e eu. Era impossível retroceder. Tudo o que tinha a fazer era evitar encontrar-me com as duas. Não enviei nenhuma resposta para Marianne, tentando evitar que ela tivesse mais notícias minhas, e por algum tempo estava decidido a não visitá-las em Berkeley Street... Mas, finalmente, julgando ser melhor apenas fingir um sentimento de fria e comum amizade que qualquer outra coisa, esperei que saíssem de casa, em uma manhã, e

deixei meu cartão.

- Esperou que saíssemos de casa!

- Sim, isso mesmo. Ficaria surpresa se soubesse quantas vezes eu as vi, quantas vezes estive prestes a encontrá-las. Entrei em muitas lojas para evitar que me vissem, enquanto a carruagem passava. Vivendo em Bond Street, não havia quase um dia em que não avistasse uma das duas, e a única coisa que nos manteve separados por tanto tempo foi minha constante observação, e um forte desejo de manter-me longe de seus olhos. Evitava os Middletons tanto quanto possível, assim como qualquer outra pessoa que pudesse ser um amigo em comum. Sem saber que eles estavam na cidade, entretanto, eu topei com Sir John, creio que no dia de sua chegada, que foi o dia seguinte à minha visita à casa de Mrs. Jennings. Ele me convidou para uma festa, um baile em sua casa à noite. Mesmo que não tivesse dito, para convencer-me, que você e sua irmã estariam ali, senti que isso era muito provável para atrever-me a ir. Na manhã seguinte chegou um novo bilhete de Marianne, ainda afetuosa, sincera, ingênua, confiante... Tudo que podia tornar minha conduta mais odiosa. Não pude responder o bilhete. Tentei... Mas não consegui sequer escrever uma frase. Mas pensei em Marianne em cada momento do dia. Se puder sentir pena de mim, Miss Dashwood, tenha piedade da situação em que me encontrava então. Com minha cabeça e coração cheios de sentimentos por sua irmã, fui forçado a representar o papel de feliz enamorado de outra mulher! Aquelas três ou quatro semanas foram as piores de todas. Bem, finalmente, como não é necessário que o diga, nós nos encontramos. E que doce imagem encontrei! Que noite de agonia foi aquela! De um

lado, Marianne bonita como um anjo, dizendo meu nome da maneira mais doce possível! Oh, Deus! Estendendo-me a mão, exigindo uma explicação, com seus belos olhos fixos em mim com tão expressiva solicitude! E Sophia, ciumenta como o demônio, do outro lado, olhando tudo o que... Enfim, o que importa agora, já está tudo acabado. Que noite aquela! Fugi de vocês tão logo pude, porém não antes de ter visto o doce rosto de Marianne branco como a morte. Essa foi a última, a última visão que tive dela, o modo como a vi pela última vez. Foi horrível! Mas quando hoje pensei que ela estava realmente morrendo, senti uma espécie de conforto ao imaginar que eu sabia perfeitamente a exata aparência que teria para os que a vissem pela última vez. Ela estava diante de mim, constantemente na minha frente, durante toda a viagem, com o mesmo olhar e a mesma palidez.

Seguiu-se uma breve pausa de mútua reflexão. Willoughby se levantou primeiro, e quebrou o silêncio dizendo:

- Bem, devo apressar-me e ir embora. Tem certeza que sua irmã está melhor, está fora de perigo?
- Temos certeza disso.
- E sua mãe também! Gosta tanto de Marianne.
- Mas e sobre a sua carta, Mr. Willoughby, tem algo a dizer sobre ela?
- Sim, sim, essa em particular. Sua irmã escreveu-me novamente, como sabe, na manhã seguinte. Você leu o que ela

escreveu. Eu estava tomando o café da manhã na casa dos Ellisons, e a carta de Marianne me foi entregue, assim como outras que me foram enviadas da minha pousada. Aconteceu de a carta chamar a atenção de Sophia antes de eu mesmo vê-la, e pelo

tamanho, pela elegância do papel, a letra, tudo foi motivo para que ela suspeitasse. Já chegara aos seus ouvidos notícias sobre minha relação com uma jovem de Devonshire, e o ocorrido na noite anterior havia indicado quem era a moça em questão, tornando-a mais ciumenta do que nunca. Fingindo aquele ar de brincadeira, que só é delicioso na mulher que se ama, abriu a carta e leu seu conteúdo. Foi bem recompensada por sua imprudência. Leu as palavras que a deixaram infeliz. Eu poderia suportar sua infelicidade, mas sua ira... sua maldade... Tive que acalmá-la de qualquer maneira. E, em suma, o que você acha do estilo de escrita da minha esposa? Não é delicado, terno, verdadeiramente feminino?

- Sua esposa! A carta foi escrita com a sua própria letra!
- Sim, mas meu único mérito foi ter copiado servilmente as sentenças sob as quais tive vergonha de assinar meu nome. A original foi inteiramente dela, foram dela aqueles felizes pensamentos e gentil redação. Mas, o que eu poderia fazer! Estávamos noivos, estavam preparando tudo, a data já estava quase marcada... Mas... Falo como um tolo. Preparações! Data!

Falando honestamente, o dinheiro de Sophia me era necessário, e em uma situação como a minha, tinha que fazer qualquer coisa para evitar um rompimento. E, além disso, que importância poderia ter para a opinião de Marianne e de seus amigos sobre o meu caráter, a linguagem em que fora escrita minha resposta? Devia servir apenas a um único propósito. Restava apenas declarar-me um patife, e pouco importava se eu o fizesse educadamente ou de forma grosseira. “Estou completamente arruinado na opinião delas” – foi o que disse a mim mesmo. “Estou banido para sempre de seu convívio, se já pensam que sou um homem sem princípios, esta carta só fará com que pensem que eu seja um canalha.” Estes eram meus pensamentos enquanto, em uma espécie de calma desesperada, copiei as palavras de minha esposa e me separei das últimas relíquias de Marianne. Os três bilhetes que me enviara, infelizmente estavam na minha carteira, ou eu teria negado a existência deles e os teria conservado para sempre. Fui forçado a devolvê-los e nem sequer pude beijá-los. E o cacho de cabelo – também sempre carregava comigo em minha carteira, que agora era vasculhada pela minha mulher com a mais cativante virulência... Meu querido cacho de cabelos... Tudo, todas as recordações foram arrancadas de mim.

- Está muito enganado, Mr. Willoughby, suas palavras são muito censuráveis – disse Elinor, enquanto sua voz, a despeito de si mesma, traía sua emoção compadecida. – O senhor não

tem o direito de falar dessa maneira, não pode falar assim nem de Mrs. Willoughby nem de minha irmã. Fez sua escolha. Não foi forçado. Sua esposa tem direito a sua cortesia, ao seu respeito ao menos. Ela deve gostar de você, caso contrário não teria se casado. Tratá-la com indelicadeza, falar dela desrespeitosamente, não repara o dano que fez a Marianne... E acredito que também não alivie sua consciência.

- Não mencione minha esposa - disse ele com um profundo suspiro. - Ela não merece sua compaixão. Sabia que não gostava dela quando nos casamos. Bem, nos casamos, fomos a Combe Magna para sermos felizes, e depois voltamos a Londres para nos divertirmos. E agora, tem pena de mim, Miss Dashwood? Ou eu disse tudo isso em vão? Em sua opinião, sou, mesmo que seja um pouco, menos culpado do que antes? Minhas intenções nem sempre foram erradas. Justifiquei em parte minha culpa?

- Sim, você certamente removeu uma pequena parte da culpa. De um modo geral, provou ser menos culpado do que eu pensava. Demonstrou que seu coração é menos perverso, muito menos perverso. Mas é difícil saber... A dimensão da infelicidade que você causou, acho difícil pensar que poderia ter sido pior.

- Quando sua irmã se recuperar, irá contar-lhe tudo o que eu lhe disse? Por favor, permita que ela tenha uma melhor opinião a meu respeito, assim como a senhorita agora tem.

Disse-me que ela já me perdoou. Permita-me acreditar que um melhor conhecimento de meu coração, de meus sentimentos atuais, conseguirá dela um perdão mais espontâneo, mais natural, mais gentil, menos superior. Conte-lhe sobre minha infelicidade e meu arrependimento, diga-lhe que meu coração nunca lhe foi infiel, e se desejar, diga-lhe que neste momento ela me é tão querida como sempre o foi.

- Eu direi a Marianne tudo o que for necessário para que, relativamente, possa ser chamado de sua justificativa. Mas você ainda não me explicou qual foi o motivo de sua visita, nem me disse como soube de sua doença.

- Ontem à noite, no saguão de Drury Lane[3], encontrei-me com Sir John Middleton, e quando ele viu quem era - foi nosso primeiro encontro nestes dois meses - dirigiu-me a palavra. Que ele tivesse me cortado de suas relações desde o meu casamento, não me deixou surpreso nem ressentido. Agora, entretanto, com sua boa, honesta e estúpida alma, cheio de indignação contra mim, e muito preocupado com sua irmã, não pôde resistir à tentação de contar-me o que achava necessário... embora ele provavelmente não tivesse pensado... que me afetaria terrivelmente. Contou-me, tão bruscamente como pôde, que Marianne Dashwood estava à beira da morte por causa de uma febre infecciosa em Cleveland... Uma carta enviada por Mrs. Jennings naquela manhã declarava o perigo eminente, e os Palmers já haviam se mudado, etc... O golpe foi demasiadamente forte para que pudesse fingir insensibilidade,

mesmo diante de um homem tão pouco perspicaz quanto Sir John. Seu coração se abrandou ao ver o quanto eu sofria, e uma boa parte de sua má vontade passou, pois quando nos despedimos ele quase apertou minha mão, enquanto lembrava-me de uma antiga promessa que lhe fizera de lhe presentear com um filhote de pointer. O que senti ao ouvir que sua irmã estava morrendo... E morrendo acreditando que eu era o maior canalha do mundo, desprezando-me, odiando-me em seus últimos momentos... Como saber quais terríveis planos não me teria imputado? Uma pessoa, estava certo, seria capaz de apresentar-me como capaz de tudo... O que senti foi terrível! Rapidamente tomei uma decisão, e hoje às oito da manhã já estava em minha carruagem. Agora sabe de tudo.

Elinor não respondeu. Seus pensamentos estavam silenciosamente fixos no dano irreparável que uma independência muito precoce e os consequentes hábitos de ociosidade, dissipação e luxo fizeram na mente, no caráter, e na felicidade de um homem que possuía todas as vantagens pessoais e de talento, unidas a uma disposição naturalmente sincera e honesta e a um temperamento sensível e afetuoso. O mundo o tornara extravagante e vaidoso... A extravagância e a vaidade o tornaram frio e egoísta. A vaidade, que o levava a buscar seu próprio triunfo culposos à custa de outrem, envolveu-o em uma afeição de verdade, a qual a extravagância, ou pelo menos sua consequência, a necessidade, havia exigido que

sacrificasse. Cada um de seus defeitos, ao conduzi-lo ao mal, também o conduziram ao castigo. O afeto,

que contra toda honra, contra todo sentimento, contra qualquer um de seus melhores interesses, arrancara de si, agora, quando não lhe era mais permitido, dominava todos os seus pensamentos. E a união, pela qual, sem o menor escrúpulo, deixara sua irmã à mercê do infortúnio, revelava-se para ele uma fonte de infelicidade de natureza muito mais incurável. De um devaneio como esse, após alguns minutos, Elinor foi chamada a realidade por Willoughby, que, despertando de um devaneio pelo menos tão doloroso quanto o dela, se preparava para sair, e disse:

- Não adianta ficar mais aqui, devo ir embora.
- Voltará a Londres?
- Não, irei a Combe Magna. Tenho negócios lá, e em um ou dois dias seguirei para Londres. Adeus.

Ele estendeu-lhe a mão. Elinor não poderia recusar-lhe a sua... Willoughby apertou-a com afeição.

- E agora pensa um pouco melhor a meu respeito? – disse ele, soltando sua mão e apoiando-se na proteção da lareira, como se tivesse esquecido que estava prestes a ir embora.

Elinor garantiu-lhe que sim, que o perdoava, tinha pena dele, e lhe desejava o bem... Inclusive desejava que fosse feliz... E

acrescentou alguns conselhos gentis sobre como obter esta felicidade. A resposta de Willoughby não foi muito animadora.

- Quanto a isto - disse - viverei como puder. A felicidade doméstica está fora de questão. Se, entretanto, tiver o direito de pensar que você e sua família têm interesse em minha sorte e em meus atos, pode ser uma maneira... Pode colocar-me em guarda... Pelo menos, será um motivo pelo qual viver. Certamente Marianne está perdida para sempre. Mas se, por algum motivo abençoado, eu estiver livre novamente...

Elinor interrompeu-o com uma censura.

- Bem - ele respondeu - mais uma vez digo adeus. Agora devo partir e viver aterrorizado por um evento.

- O que quer dizer?

- O casamento de sua irmã.

- Você está muito enganado. Ela não poderia estar mais perdida para o senhor do que está agora.

- Mas ela será ganha por outro. E se esse outro for o mesmo que, entre todos os homens, considero o mais insuportável... Mas não permanecerei, para não perder toda a sua compassiva boa vontade, mostrando que a quem mais feri, é quem menos posso perdoar. Adeus! Deus a abençoe!

E com estas palavras, ele saiu quase correndo da sala.

[1] Cidade localizada no condado de Wiltshire, antigamente era o caminho que ligava Bath a Londres, sendo o caminho mais utilizado.

[2] Cidade situada próxima ao Rio Otter, a 32 quilômetros de Exeter no condado de Devon. (N. T.)

[3] Famoso teatro inglês, localizado em Westminster. O teatro foi inaugurado em 1663, tendo sido reconstruído três vezes.
(N. T.)

CAPÍTULO XLV

Durante um bom tempo depois da partida de Willoughby, inclusive depois que o som da carruagem se esvaiu, Elinor permaneceu bastante abatida por um turbilhão de ideias, muito diferentes entre si, mas cujo resultado geral era a tristeza, a ponto de sequer pensar em sua irmã.

Willoughby, o próprio Willoughby que apenas meia hora atrás era odiado por ela como o mais desprezível dos homens, e que, apesar de todos os seus defeitos, despertou nela certa compaixão pelos sofrimentos por ele mesmo provocados; e que agora a faziam pensar nele – separado para sempre de sua família – com uma espécie de ternura e pena, que eram, como ela própria admitia, mais pelos seus desejos que por seus méritos. Sentiu que a influência dele sobre ela se via aumentada por circunstâncias que não deviam significar nada para ela: sua aparência singularmente atrativa, seus modos francos e afetuosos que não constituía mérito algum possuir; e por ainda sentir um amor ardente por Marianne, que nem mesmo era inocente permitir-se. Mas sentia que ainda estava longe, bem longe de sentir essa influência diminuir.

Quando finalmente voltou para junto de Marianne, que de nada sabia, encontrou-a despertando, renovada por um longo e doce sono, tal como havia esperado. O coração de Elinor estava pesado. O passado, o presente, o futuro, a visita de Willoughby,

ver Marianne a salvo, a expectativa da chegada de sua mãe, a deixaram tão agitada que a impediam de sentir-se fatigada, e a tornavam apenas temerosa de trair-se perante a irmã.

Entretanto, ficou preocupada por pouco tempo, pois cerca de meia hora após a partida de Willoughby, foi novamente chamada ao andar de baixo pelo barulho de outra carruagem. Ansiosa por evitar que sua mãe sofresse com um suspense desnecessário, correu imediatamente para o hall e alcançou a porta bem a tempo de recebê-la e ampará-la na entrada.

Mrs. Dashwood, cujo terror à medida que se aproximavam da casa lhe dera quase a certeza de que Marianne já havia morrido, não teve voz para perguntar por ela, nem mesmo para falar com Elinor. Mas esta, sem esperar cumprimentos nem perguntas, deu-lhe imediatamente a feliz notícia e sua mãe, recebendo-a com o habitual entusiasmo, no momento seguinte estava transbordando de felicidade, tanto quanto antes sofrera por seus temores. Ela foi conduzida até a sala de estar por sua filha e seu amigo; e lá, derramando lágrimas de felicidade, embora ainda incapaz de dizer algo, abraçou Elinor várias vezes, separando-se dela apenas para apertar a mão do Coronel Brandon, com olhares que expressavam ao mesmo tempo sua gratidão e a certeza de estar compartilhando com ele a alegria daquele momento. Porém, ele a compartilhava em um silêncio ainda maior que o dela.

Assim que Mrs. Dashwood se recuperou, seu primeiro desejo foi ver Marianne; e em dois minutos já se encontrava ao lado da

filha amada, a quem a ausência, a infelicidade e o perigo tornaram ainda mais querida. O prazer de Elinor ao ver o que cada uma delas sentia ao se encontrarem foi refreado apenas pelo temor de estarem roubando a Marianne algumas horas de sono. Mas Mrs. Dashwood poderia estar calma, poderia ser prudente, quando a vida

de uma filha estivera em perigo? E Marianne, satisfeita em ver a mãe ao seu lado, consciente de ainda estar muito fraca para conversarem, se submeteu prontamente ao silêncio e ao descanso que lhe recomendavam todas as pessoas ao seu redor. Mrs. Dashwood insistiu em velar o sono da filha durante toda a noite, e Elinor, obedecendo ao pedido de sua mãe, foi se deitar. Mas o descanso que parecia tão necessário, depois de uma noite em claro e de muitas horas da mais exaustiva ansiedade, foi impedido pela exaltação de seu ânimo.

Willoughby, “pobre Willoughby”, como ela mesma agora se permitia chamá-lo, estava constantemente em seus pensamentos; preferia não ter ouvido sua defesa, e ora se culpava, ora se redimia por tê-lo julgado com tanta dureza. Mas sua promessa de contar tudo à irmã também era muito dolorosa. Temia fazê-lo, temia os efeitos que poderia exercer sobre Marianne; duvidava até que, depois de tal explicação, ela pudesse ser feliz com outro, e por um momento desejou que Willoughby ficasse viúvo. Então, lembrando-se do Coronel Brandon, censurou-se a si mesma, sentindo que seus

sofrimentos e sua constância, muito maiores do que os de seu rival, mereciam ter Marianne como recompensa e desejou qualquer coisa menos a morte de Mrs. Willoughby.

O choque causado em Mrs. Dashwood pela mensagem que o Coronel Brandon levava a Barton foi reduzido pelo seu próprio alarme anterior, pois tão grande era a sua preocupação com Marianne, que já havia decidido ir até Cleveland naquele mesmo dia, sem esperar por mais nenhuma informação; e os preparativos de sua viagem estavam tão avançados antes da chegada do Coronel, que esperava os Careys a qualquer momento para levarem Margaret, pois sua mãe não queria levá-la onde havia perigo de infecção.

Marianne continuou se recuperando a cada dia, e a radiante alegria no semblante e no ânimo de Mrs. Dashwood demonstravam que ela era, tal como disse repetidas vezes, uma das mulheres mais felizes do mundo. Elinor não podia ouvir essa declaração, nem testemunhar suas provas, sem às vezes imaginar se sua mãe alguma vez se lembrou de Edward. Porém, Mrs. Dashwood, confiando no relato tranquilo de Elinor a respeito de sua própria decepção, permitiu que a exuberância de sua alegria a levasse a pensar somente no que podia fazer para aumentá-la. Marianne lhe fora restituída de um perigo no qual ela contribuíra para colocá-la, como agora começava a sentir, com seu próprio julgamento errôneo encorajando a filha à infeliz ligação com Willoughby; e sua recuperação tinha ainda outro motivo de alegria, no qual Elinor não havia pensado.

Então lhe contou assim que teve uma oportunidade de conversar a sós com a filha.

- Finalmente estamos a sós. Minha querida Elinor, você ainda não sabe da minha maior felicidade! Coronel Brandon ama Marianne. Ele mesmo me disse.

Elinor, sentindo-se ora contente, ora pesarosa, ora surpresa ora não, ouvia atenta e em silêncio.

- Você nunca será como eu, querida Elinor, não sei como consegue manter sua compostura em um momento como esse. Se alguma vez tivesse parado para pensar no que seria melhor para minha família, teria concluído que o casamento do Coronel Brandon com uma de vocês era o mais desejável. E eu acredito que Marianne será mais feliz com ele do que você.

Elinor estava um pouco tentada a perguntar-lhe porque ela acreditava que seria assim, sabendo que não poderia dar-lhe razão alguma, que tudo se sustentava em

considerações imparciais sobre a idade, o caráter ou os sentimentos deles, mas a mãe sempre se deixava levar por sua imaginação em todos os assuntos que a interessavam e, assim, em vez de perguntar, apenas sorriu.

- O Coronel Brandon abriu-me seu coração ontem enquanto viajávamos. Foi meio que ao acaso, não houve premeditação. Eu, como você pode imaginar, não podia falar de nada que não

fosse relacionado à minha filha; e ele não conseguia disfarçar sua preocupação. Vi que a angústia dele era igual à minha, e ele, talvez pensando que uma mera amizade, tal como são as coisas hoje, não poderia justificar uma simpatia tão ardente – ou talvez, sem pensar em nada, como suponho – dando vazão a sentimentos irresistíveis, confessou-me sua profunda, terna e constante afeição por Marianne. Ele já a amava, querida Elinor, desde o primeiro momento em que a viu.

Neste ponto Elinor percebeu que aquelas palavras não eram nem a linguagem, nem as declarações do Coronel Brandon, mas os floreios naturais da imaginação de sua mãe, que embelezava tudo que lhe agradasse.

– Seu afeto por ela, que sobrepassa infinitamente tudo que Willoughby sentiu ou fingiu sentir, por mais cálido, mais sincero e mais constante que seja – como quer que o chamemos – sobreviveu até ao conhecimento da infeliz predileção de Marianne por aquele jovem sem valor! E sem egoísmo, sem alimentar esperanças! Como pôde vê-la feliz com outro? Que nobreza de espírito! Que franqueza, que sinceridade! Ninguém pode se enganar com ele.

– O caráter de Coronel Brandon – disse Elinor – como de um excelente homem, é algo que ninguém tinha dúvidas.

– Eu sei disso – respondeu sua mãe seriamente –, pois depois de tal aviso eu seria a última pessoa a encorajar tal amor ou mesmo a ficar contente com ele. Mas do jeito que ele

veio a mim, como o fez, com uma amizade tão ativa e solícita, é prova suficiente de que é um homem de grande valor.

- Seu caráter, entretanto - respondeu Elinor - não se baseia apenas em um gesto de bondade, ao qual seu afeto por Marianne, se deixarmos de lado seu espírito humanitário, o teria conduzido. Mrs. Jennings, os Middletons, faz tempo que o conhecem intimamente; eles o respeitam e o amam da mesma forma. Inclusive por mim, embora só o tenha conhecido recentemente, é bastante considerado; e tenho-o em tão alta estima e o valorizo tanto, que se Marianne acredita que pode ser feliz com ele, estarei tão disposta como a senhora a pensar que essa amizade é para nós a maior bênção do mundo. Que resposta deu a ele? Permitiu que tivesse esperanças?

- Oh! Meu amor, eu não poderia falar de esperanças nem para ele nem para mim. Marianne podia estar morrendo nesse momento. Mas ele não pediu que eu lhe desse esperanças ou que o animasse. O que ele fez foi uma confidência involuntária, um desabafo irrepreensível a uma amiga... não um pedido a uma mãe. Embora no começo eu me sentisse muito abalada, depois de certo tempo eu disse que se ela sobrevivesse, como eu acreditava que iria, a minha maior felicidade seria promover o casamento dos dois; e desde a nossa chegada, desde que tivemos certeza de que ela está a salvo, tenho-lhe repetido isso diversas vezes, tenho-lhe dado todo tipo de encorajamento que posso. Algum tempo, só um pouco mais

de tempo, disse a ele; tudo vai se resolver. O coração de Marianne não deve ser desperdiçado para sempre com um homem como Willoughby. Os próprios méritos do Coronel logo a conquistarão.

- A julgar pelo ânimo do Coronel, porém, a senhora não conseguiu torná-lo muito

otimista.

- Não. Ele acredita que o amor de Marianne está demasiadamente arraigado para

que possa sofrer alguma mudança por um longo tempo; e mesmo supondo que seu coração esteja novamente livre, não confia o suficiente em si para pensar que, com tanta diferença de idade e temperamento, ele possa atraí-la. Neste ponto ele está bastante equivocado. A diferença de idades é uma vantagem, pois fortalece seu caráter e princípios; e quanto ao seu jeito de ser, estou convencida que é exatamente a pessoa certa para fazer sua irmã feliz. E a sua pessoa, as suas maneiras, também estão a favor dele. Minha parcialidade não me cega; é verdade que ele não é tão bonito quanto Willoughby, mas ao mesmo tempo, existe algo muito mais agradável em seu semblante. Você se lembra que sempre havia algo nos olhos de Willoughby que, às vezes, eu não gostava?

Elinor não lembrava daquilo; mas sua mãe, sem esperar que ela concordasse, continuou:

- Os seus modos, os modos do Coronel não somente são mais agradáveis para mim do que os de Willoughby jamais foram, como também são de um tipo que eu sei que chamará mais a atenção de Marianne. Sua gentileza, sua atenção genuína com as outras pessoas e sua simplicidade máscula e espontânea está muito mais de acordo com o jeito de ser de sua irmã, do que a vivacidade muito vezes artificial e inoportuna do outro. Tenha plena certeza que se Willoughby tivesse se revelado tão amável como se mostrou o contrário disso, Marianne nunca teria sido tão feliz com ele, como ela será com o Coronel Brandon.

Ela calou-se. Sua filha não estava totalmente de acordo com ela, mas sua discordância não foi ouvida e, portanto, não a ofendeu.

- Em Delaford, ela estará muito perto de mim - acrescentou Mrs. Dashwood - mesmo se eu permanecer em Barton. E muito provavelmente, já que soube que essa vila é muito grande, certamente deve haver uma casinha ou um chalé por perto que possa nos acomodar tão bem como nossa atual moradia.

Pobre Elinor! Ali estava um novo esquema para levá-la a Delaford! Mas seu espírito era obstinado.

- E a fortuna do Coronel! Porque na minha idade, você sabe, todos se preocupam com isso; e embora eu não saiba e nem queira saber o quanto ele realmente tem, estou certa que é uma boa quantia.

Nesse momento elas foram interrompidas pela entrada de uma terceira pessoa, e Elinor se retirou para refletir sobre tudo aquilo, para desejar sucesso ao seu amigo e, ainda que o desejasse, sentia um aperto no coração por Willoughby.

C A P I T U L O XLVI

A doença de Marianne, apesar de debilitante, não foi tão longa a ponto de tornar lenta sua recuperação; e sua juventude, sua energia natural, e a presença da mãe a facilitaram de tal maneira, que passados apenas quatro dias da chegada de Mrs. Dashwood, Marianne pôde ser instalada no quarto de vestir de Mrs. Palmer. Ao chegar lá, ela mesma solicitou que chamassem o Coronel Brandon, pois estava impaciente para lhe agradecer por ter ido buscar sua mãe.

Tal foi sua emoção ao entrar no quarto, ao ver as feições alteradas de Marianne e receber a pálida mão que ela imediatamente lhe estendeu, que levou Elinor a pensar que a grande emoção que ele demonstrou devia ter origem em algo mais do que seu afeto por Marianne, ou a consciência de que os outros sabiam de seus sentimentos; e logo Elinor descobriu na melancolia de seus olhos e na mudança do seu semblante quando ele olhava para sua irmã, a provável lembrança de cenas de angústia passadas em sua mente, trazidas de volta pela semelhança, já reconhecida, entre Marianne e Eliza, agora fortalecida pelos olhos fundos, a pele sem brilho, pela postura de prostração e pelo caloroso agradecimento por um favor especial.

Mrs. Dashwood, não menos atenta do que a filha ao que se passava, mas com a mente influenciada por ideias bem

diferentes, e esperando, portanto, efeitos bem diferentes, não viu nada no comportamento do Coronel Brandon que não viesse das mais simples e evidentes sensações, enquanto nas ações e palavras de Marianne persuadiu-se a pensar que já havia nascido algo maior que uma simples gratidão.

Ao final de um ou dois dias, com Marianne recuperando-se visivelmente a cada doze horas, Mrs. Dashwood, impulsionada tanto por seus próprios desejos como pelos desejos da filha, começou a falar em voltar a Barton. Dessas medidas dependiam seus dois amigos: Mrs. Jennings que não poderia sair de Cleveland durante a estadia das Dashwood e o Coronel Brandon, que obedecendo ao pedido unânime de todas elas, logo foi levado a considerar sua própria estadia lá como certa e igualmente indispensável. A pedido dele e de Mrs. Jennings, Mrs. Dashwood foi convencida a aceitar a carruagem dele na viagem de volta a casa, para a comodidade de sua filha doente; e o Coronel, diante do convite conjunto de Mrs. Dashwood e de Mrs. Jennings, cuja bondade a tornava gentil e hospitaleira tanto para os outros quanto para si própria, comprometeu-se com prazer a ir buscar de volta a carruagem em uma visita ao chalé, dentro de poucas semanas.

O dia da separação e da partida chegou; e Marianne, depois de uma especial e demorada despedida de Mrs. Jennings, tão cheia de gratidão, tão cheia de respeito e desejos de felicidade, vindos do fundo do seu coração devido ao secreto conhecimento de sua antiga falta de atenção para com a

senhora, disse adeus ao Coronel Brandon com a cordialidade de uma amiga, e subiu na carruagem cuidadosamente ajudada por ele, que parecia empenhado em que ela ocupasse pelo menos a metade do espaço. Mrs. Dashwood e Elinor entraram em

seguida, deixando os outros ali, a conversar sobre as viajantes, já sentindo o desalento que os invadia, até que Mrs. Jennings voltou à sua cadeira para se reconfortar da perda das suas jovens amigas com as fofocas da criada; e o Coronel Brandon, logo em seguida, seguiu seu caminho solitário para Delaford.

As Dashwoods viajaram por dois dias, e Marianne suportou a viagem sem se fatigar muito. Tudo que a mais zelosa afeição, o mais solícito cuidado podiam fazer para tornar-lhe a viagem mais confortável era executado pelas atenciosas acompanhantes, e ambas se viram recompensadas por seu bem-estar físico e sua tranquilidade de espírito. Para Elinor era particularmente gratificante observar essa tranquilidade.

Depois de observar, semana após semana, o constante sofrimento de Marianne, de vê-la com o coração oprimido por uma angústia que ela não tinha nem a coragem de expressar, nem a força necessária para ocultar, agora via nela, com uma satisfação que ninguém mais poderia igualmente compartilhar, uma aparente serenidade que, se fosse, como ela esperava, o resultado de uma reflexão, com o tempo poderia trazer-lhe contentamento e alegria.

De fato, ao se aproximarem de Barton, passando por lugares onde cada campo, cada árvore lhe trazia alguma lembrança peculiar e dolorosa, ela ficou silenciosa e pensativa, e, virando o rosto para que não a vissem, olhava fixamente pela janela. Mas Elinor não pôde se admirar ou culpá-la por aquilo; e quando ela percebeu, ao ajudar Marianne a sair da carruagem, que ela estivera chorando, considerou essa emoção bastante natural em si mesma para despertar uma resposta menos terna que a piedade e, dada a discrição com que se manifestara, achou a atitude de Marianne muito louvável. Em todo seu comportamento subsequente percebeu os indícios de uma mente disposta a um esforço razoável, pois assim que entraram na sala de estar, Marianne olhou à sua volta com uma expressão firme e decidida, como se estivesse resolvida a se acostumar de imediato à vista de cada objeto que poderia ser associado à lembrança de Willoughby. Ela falou pouco, porém cada sentença era cheia de alegria, e mesmo que ocasionalmente desse um suspiro, sempre o compensava com um sorriso. Depois do jantar ela tentaria tocar piano. Marianne foi até o instrumento; mas a primeira música sobre a qual seus olhos se fixaram foi uma ópera, um presente de Willoughby, contendo alguns de seus duetos favoritos e que trazia na primeira página seu próprio nome escrito com a letra dele. Aquela não servia. Marianne balançou a cabeça, deixou a partitura de lado e após dedilhar o instrumento durante um minuto, queixou-se de que seus dedos estavam fracos e

fechou-o novamente, declarando, entretanto, com toda firmeza, que deveria praticar muito no futuro.

A manhã seguinte não trouxe abatimento a esses felizes sintomas. Ao contrário, com a mente e o corpo igualmente fortalecidos pelo descanso, seus gestos e palavras pareciam genuinamente animados, antecipando o prazer do retorno de Margaret, e falava de seu querido grupo familiar agora recomposto, de suas ocupações comuns e da sua alegre companhia como a única felicidade digna de ser desejada.

- Quando o tempo melhorar, e eu tiver recuperado minhas forças - disse ela - faremos longas caminhadas juntas todos os dias. Vamos caminhar até a fazenda no sopé da colina e ver como estão as crianças; podemos caminhar pelas novas plantações de Sir John em Barton Cross e Abbeyland. Talvez possamos ir até as ruínas antigas do priorado, e tentaremos

explorar suas fundações até onde nos disseram que chegavam antigamente. Sei que seremos felizes. Sei que o verão vai passar alegremente. Pretendo não me levantar nunca depois das seis e desde essa hora até o jantar repartirei cada instante entre a música e a leitura. Tenho meus planos, e estou determinada a seguir meus estudos seriamente. Já conheço nossa biblioteca muito bem para recorrer a ela por algo mais que simples entretenimento. Mas há muitas obras que valem à pena ler em Barton Park, e outras mais modernas que posso

pedir emprestado ao Coronel Brandon. Lendo apenas seis horas por dia, certamente em um ano terei conquistado um bom nível de instrução, que agora sinto que me faz falta.

Elinor elogiou-a por um plano tão nobre como esse; apesar de sorrir ao ver a mesma fantasia ansiosa que a levava aos maiores extremos de lânguida indolência e descontentamento egoísta, agora a serviço de levar a termo um esquema de tão racional ocupação e virtuoso autocontrole. Seu sorriso, porém, mudou para um suspiro ao lembrar-se que ainda não tinha cumprido a promessa que fizera a Willoughby, e temeu ter que comunicar algo que outra vez poderia alterar a mente de Marianne, e destruir, pelo menos por um tempo, esta grata perspectiva de tranquilidade. Desejosa, pois, de adiar o momento fatal, resolveu esperar até que a saúde da irmã estivesse mais firme, para que pudesse fazer a confissão. Mas a decisão foi tomada apenas para não ser cumprida.

Marianne permaneceu em casa por dois ou três dias, antes que o tempo estivesse bom o suficiente para que uma convalescente como ela pudesse se aventurar a sair. Mas por fim o dia amanheceu suave e maravilhoso, capaz de tentar os desejos da filha e a confiança da mãe; e Marianne, apoiando-se no braço de Elinor, foi autorizada a passear o quanto pudesse sem se cansar, no caminho em frente da casa.

As irmãs partiram em um passo lento, exigido pela fraqueza de Marianne, em um exercício que não tentara desde que caíra doente, e haviam se afastado de casa apenas o suficiente para

ter uma visão completa da colina, a grande colina situada atrás da casa, quando pousando nela os olhos, Marianne disse calmamente:

- Ali, foi exatamente ali - apontando com mão -, foi ali que cai e encontrei Willoughby pela primeira vez.

Sua voz sumiu quando disse o nome, mas imediatamente revigorando-se, acrescentou:

- Como estou contente por descobrir que posso contemplar esse lugar com tão pouca dor! Será que podemos falar sobre esse assunto, Elinor? - disse com voz vacilante. - Ou não será bom? Espero poder falar disso agora, como eu sempre quis.

Elinor convidou-a, ternamente, a ser franca.

- Quanto ao ressentimento - disse Marianne -, isso já passou, pelo menos no que diz respeito a ele. Não quero falar-lhe do que foram meus sentimentos por ele, mas do que são agora. No momento, se eu puder me satisfazer em uma questão, se puder pensar que nem sempre ele estava representando um papel, não estava sempre me enganando... Mas, acima de tudo, se pudesse ter certeza de que nem sempre ele foi tão perverso quanto os meus medos me fizeram imaginar, desde que ouvi a história daquela pobre moça...

Ela calou-se. Elinor recebeu com alegria suas palavras enquanto dizia:

- Se você pudesse ter certeza disso, ficaria tranquila?
- Sim. Minha paz de espírito está duplamente envolvida nisso, pois não só é horrível suspeitar que uma pessoa, que significou para mim tanto como ele, seja capaz de tais atos... mas, o que devo pensar de mim mesma?... Em uma situação como a minha, nada além de um afeto vergonhosamente indiscreto poderia me expor...

- Então - perguntou a irmã - como você explica seu comportamento?

- Eu pensaria que ele... oh, como eu ficaria feliz em pensar que ele é apenas muito volúvel, muito volúvel.

Elinor não disse mais nada. Debatia-se internamente sobre a conveniência de começar sua história imediatamente ou adiá-la até que Marianne estivesse mais forte, e seguiram caminhando lentamente durante alguns minutos em silêncio.

- Eu não estou lhe desejando um grande bem - disse finalmente Marianne com um suspiro - quando desejo que seus pensamentos íntimos não lhe sejam mais ingratos do que os meus. Ele sofrerá bastante com eles.

- Você compara a sua conduta com a dele?

- Não, eu a comparo ao que devia ter sido, comparo com a sua.

- Nossas situações não têm muita semelhança.

- São mais parecidas do que se parecem nossos comportamentos. Não deixe, minha querida Elinor, que sua bondade defenda o que seu julgamento censura. Minha doença fez-me pensar, deu-me tempo e calma para meditar com seriedade sobre as coisas. Muitos antes de eu estar em condições de falar, já podia perfeitamente refletir. Eu pensei sobre o passado: tudo o que vi em meu próprio comportamento, desde o início de nossa amizade com ele no outono passado, foi uma série de imprudências contra mim mesma e de falta de gentileza com os demais. Vi que meus próprios sentimentos prepararam meus sofrimentos, e que minha falta de força para enfrentá-los quase me levou ao túmulo. Minha doença, eu bem sei, foi inteiramente provocada por mim mesma, consequência de tal negligência com minha saúde, que mesmo naquela ocasião sentia estar errada. Se eu tivesse morrido, seria autodestruição. Não soube do perigo em que havia me colocado até que esse perigo desapareceu; mas com os sentimentos que essas reflexões me trouxeram, admirava-me de minha recuperação, admirava-me que a mesma intensidade da minha ânsia de viver, para ter tempo de arrepende-me diante de Deus e de todas vocês, não me tivesse matado de imediato. Se eu tivesse morrido, em que terrível tristeza havia de deixá-la, Elinor, a você que foi minha enfermeira, minha amiga, minha irmã! Você, que tinha visto todo o irritante egoísmo dos meus últimos dias, que conhecia todos os segredos do meu coração! Como iria viver em sua lembrança? E minha mãe também! Como você poderia

consolá-la? Não consigo expressar com palavras o quanto me odiei. Cada vez que olhava para o passado, via algum dever que negligenciei ou alguma falta que deixei passar. Todos pareciam ofendidos por mim. A gentileza de Mrs. Jennings, sua incessante gentileza, eu havia respondido com um ingrato desprezo. Com os Middletons, com os Palmers, com as Steeles, e até com os conhecidos eu tinha sido insolente e injusta; meu coração estava insensível aos seus méritos e meu temperamento irritado com suas atenções. A John e Fanny, sim, mesmo a eles, por pouco que mereçam, concedi ainda menos do que eu devia. Mas você,

você acima de todos, mesmo de nossa mãe, você foi ofendida por mim. Eu, somente eu, conhecia seu coração e suas mágoas, e ainda assim me influenciaram? Não, não me tornou mais compassiva, beneficiando a mim ou a você. Eu tinha seu exemplo bem na minha frente, mas, de que me serviu? Tive mais consideração com você e com seu bem-estar? Imitei sua indulgência, ou aliviei as suas obrigações, assumindo algumas dessas mostras de complacência ou gratidão particular, que recaíram sobre você sozinha? Não, nem quando sabia que você estava infeliz, ou quando acreditava que estava bem, eu assumi qualquer esforço que o dever ou a amizade exigiam; dificilmente admitindo que a dor existisse para alguém além de mim, e lamentando somente aquele coração que havia me

abandonado e enganado, deixei você, a quem eu professava uma afeição sem limites, ser infeliz por minha causa.

Aqui cessou o rápido fluxo de seu espírito de reprovação; e Elinor, impaciente por aliviar a irmã, embora sincera demais para fazer lisonjas, deu-lhe imediatamente os elogios e o apoio que sua franqueza e arrependimento tão bem mereciam.

Marianne apertou sua mão e respondeu:

- Você é muito boa. O futuro deve ser minha prova. Já elaborei meu plano, e se for capaz de cumprir-lo chegarei ao domínio dos meus sentimentos e melhorarei meu temperamento. Não serei mais motivo de preocupação para os outros, nem tormento para mim mesma. Agora viverei unicamente para minha família. Você, minha mãe e Margaret, de agora em diante, serão todo o meu mundo, todo meu afeto será dedicado a vocês. Nunca mais terei desejo de afastar-me de vocês e de nossa casa; e se eu frequentar outras companhias, será apenas para mostrar que meu espírito é humilde, meu coração restaurado, e que posso exercer as menores obrigações da vida social com gentileza e paciência. E quanto a Willoughby, seria vão dizer que logo ou que algum dia o esquecerei. Nenhuma modificação das circunstâncias ou das opiniões poderá vencer as recordações que tenho dele. Mas estarão dominadas e refreadas pela religião, pela razão, pelo trabalho constante.

Ela fez uma pausa, e acrescentou em voz baixa:

- Se ao menos eu pudesse conhecer seu coração, tudo seria mais fácil.

Elinor, que agora já estava refletindo sobre a conveniência ou inconveniência de aventurar-se a fazer seu relato de imediato, sem se sentir mais decidida do que no começo, ouviu estas palavras; percebeu que, como a reflexão não produzira nenhum resultado, a resolução podia acertar tudo, e viu-se logo a expor os fatos conhecidos.

Conseguiu fazer o relato, como esperava, com habilidade; preparou a ansiosa ouvinte com cuidado; relatou com simplicidade e honestidade os pontos principais em que Willoughby sustentava sua defesa; fez justiça ao seu arrependimento e atenuou apenas as declarações de que ainda a amava. Marianne não disse uma palavra. Tremia, os olhos estavam fixos no chão, os lábios mais brancos do que quando esteve doente. Brotavam muitas perguntas de seu coração, mas não se atrevia a fazer nenhuma. Escutou cada sílaba com avidez; sua mão, sem que se desse conta, apertou forte a da irmã e as lágrimas cobriram seu rosto.

Elinor, temendo que ela estivesse cansada, conduziu-a em direção a casa e, até chegarem à porta do chalé, facilmente imaginando como a irmã estaria curiosa, embora nenhuma pergunta fosse feita, falou apenas de Willoughby e da conversa que tiveram. Foi

cuidadosa ao contar cada detalhe do que haviam falado e de seu semblante, desde que pudessem ser revelados com segurança. Assim que entraram na casa, Marianne a beijou com gratidão e apenas articulando essas palavras em meio ao choro, “conte à mamãe”, se separou da irmã e subiu lentamente as escadas. Elinor não queria perturbar uma solidão tão razoável como a que ela buscava agora, e prevendo ansiosamente seus possíveis resultados, decidida a tocar no assunto novamente, caso Marianne não conseguisse fazê-lo, entrou na sala de estar para cumprir o seu último mandato.

C A P I T U L O XLVII

Mrs. Dashwood não ouviu impassível a defesa de seu antigo favorito. Alegrou-se por vê-lo absolvido de parte da culpa que lhe era imputada, sentia pena dele, desejava que fosse feliz. Mas os sentimentos do passado não poderiam ser revividos. Nada poderia restituí-lo com uma fé inabalável e um caráter sem mácula perante Marianne. Nada poderia fazer desaparecer o conhecimento do que ela havia sofrido por sua causa, nem eliminar a culpa de seu comportamento com Eliza. Nada poderia devolvê-lo, portanto, ao lugar que ocupava em sua estima, nem prejudicar os interesses do Coronel Brandon.

Se, como sua filha, Mrs. Dashwood tivesse ouvido a história diretamente dos lábios de Willoughby, se tivesse sido testemunha de sua angústia e tivesse experimentado a influência de seu olhar e de suas atitudes, provavelmente sua compaixão teria sido maior. Mas não estava ao alcance de Elinor, nem, tampouco, era sua intenção, despertar tais sentimentos nas outras pessoas com uma explicação detalhada, como inicialmente acontecera com ela própria. A reflexão trouxera tranquilidade ao seu juízo e moderara sua própria opinião sobre os méritos de Willoughby. Ela desejava, portanto, dizer somente a verdade e deixar claro certos fatos que realmente poderiam ser atribuídos ao seu caráter, sem floreios de ternura que pudessem despertar a imaginação.

À noite, quando as três estavam juntas, Marianne começou, voluntariamente, a falar dele novamente. Mas não foi sem esforço, e mostrou claramente a agitada e intranquila preocupação em que antes estivera mergulhada desde algum tempo; o rubor na face aumentava e a voz estava vacilante.

- Desejo assegurar-lhes - disse ela - que vejo tudo como vocês querem que eu veja.

Mrs. Dashwood a teria interrompido imediatamente, com consoladora ternura, se Elinor, que realmente desejava escutar a opinião imparcial de sua irmã, não lhe fizesse um sinal, com certa ansiedade, para que ela permanecesse calada. Marianne continuou lentamente:

- O que Elinor me contou esta manhã, foi um grande alívio para mim, ouvi exatamente o que eu desejava ouvir.

Por alguns momentos sua voz sumiu, mas recuperou-se... E com calma maior do que antes, ela acrescentou:

- Estou bastante satisfeita, não desejo que nada mude. Eu nunca poderia ser feliz com ele, depois de saber tudo isto - cedo ou tarde eu saberia. Teria perdido toda a confiança, toda estima que sentia. Nada poderia evitar que eu sentisse isso.

- Eu sei disso, eu sei - exclamou sua mãe. - Ser feliz com um homem de práticas libertinas! Com um homem que tirou a paz do mais querido de nossos amigos e o melhor dos homens! Não, a minha Marianne não tem um coração que possa ser feliz com um homem assim! Sua consciência, sua sensível

consciência, teria sentido tudo aquilo que a consciência de seu marido deveria ter sofrido.

Marianne suspirou e repetiu:

- Não desejo que nada mude.
- Você está considerando a questão, disse Elinor, exatamente como uma pessoa de mente capaz e bom entendimento deveria considerar; e atrevo-me a dizer que você encontrará, assim com eu, não apenas nesta, mas em muitas outras circunstâncias, motivos suficientes para se convencer de que o casamento com Willoughby lhe traria muito mais inquietudes e desilusões, e teria pouco apoio de um afeto que, da parte dele, seria muito incerto. Se vocês tivessem se casado, teriam sido pobres para sempre. Até ele mesmo reconhece que faz gastos excessivos, e toda sua conduta indica que abnegação é uma palavra que ele não conhece. As demandas de Willoughby e sua inexperiência, Marianne, acrescidos de uma renda tão, tão pequena, colocariam vocês em apuros que, por serem completamente desconhecidos ou impensáveis antes, nem por isso lhe seriam menos penosos. Seu senso de honra e honestidade a teriam levado, bem sei, ao dar-se conta de sua situação, a tentar todas as possibilidades de economia que lhe parecessem possíveis; e talvez, enquanto a frugalidade afetasse apenas o seu próprio conforto, você poderia ter sido capaz de praticá-la, ainda que sofresse, mas, se fosse além

disso... E quão pouco poderia fazer, até o maior de seus esforços isolados, para deter uma ruína que havia começado antes do seu casamento? Além disso, se você tivesse tentando, mesmo que do modo mais sensato, reduzir as diversões dele, não seria de se temer que, ao invés de vencer os próprios sentimentos egoístas para consentir com tal sugestão, você veria diminuída a influência que tivesse sobre o coração dele, e o faria se arrepender da união que o envolveu em tantas dificuldades?

Os lábios de Marianne tremeram, e ela repetiu a palavra “Egoísta?” em um tom que indagava, “acha mesmo que ele seja egoísta?”.

- Todo seu comportamento, respondeu Elinor, desde o início até o final do relacionamento, foi baseado no egoísmo. Foi o egoísmo que primeiramente o fez brincar com seus sentimentos. Foi o que, logo depois, quando os próprios sentimentos dele já estavam comprometidos, o fez adiar a confissão do que sentia e, por último, foi o que o fez partir de Barton. Seu próprio prazer ou sua própria tranquilidade foram sempre, em cada ponto, os princípios que guiaram sua conduta.

- Isso é bem verdade. Minha felicidade nunca foi o objetivo dele.

- No momento – continuou Elinor – ele se arrepende do que fez. E por que se arrepende? Porque descobriu que aquilo não foi bom para ele e não o fez feliz. Já não tem problemas

econômicos, não sofre com isso, e apenas pensa que se casou com uma mulher de temperamento menos amável que o seu. Mas, será que ele estaria feliz se tivesse se casado com você? As dificuldades seriam diferentes. Ele teria sofrido com as dificuldades financeiras que agora não tem, por isso não dá a menor importância. Teria tido uma esposa de cujo temperamento não poderia se queixar, mas teria vivido sempre necessitado, sempre pobre; e provavelmente em pouco tempo teria aprendido a valorizar muito mais as inumeráveis comodidades de uma bela propriedade e de uma boa renda para a felicidade no lar, do que o mero temperamento de uma esposa.

- Eu não tenho dúvidas disto - disse Marianne - e não me arrependo de nada, nada

além da minha imprudência.

- Basta dizer que a imprudência é de sua mãe, minha filha, eu sou a responsável - disse Mrs. Dashwood.

Marianne não a deixaria prosseguir e Elinor, satisfeita ao ver que as duas perceberam seus próprios erros, desejava evitar todo tipo de análise do passado que pudesse fazer o espírito de sua irmã fraquejar; e foi logo retomando o primeiro assunto:

- Creio que apenas uma conclusão justa pode ser tirada de toda a história: que todos os problemas de Willoughby surgiram da primeira ofensa contra a moral, no seu

comportamento com Eliza Williams. Esse crime foi a origem de todos os outros menores, e de toda a sua atual insatisfação.

Marianne concordou de todo coração com aquela observação, e sua mãe foi levada por ela a uma enumeração dos sofrimentos e dos méritos do Coronel Brandon, com um calor que só a amizade e um objetivo, juntos, poderiam ditar. Sua filha, porém, não parecia ter prestado muita atenção.

Elinor, de acordo com sua expectativa, viu, nos dois ou três dias seguintes, que Marianne não continuou a recuperar suas forças como antes, mas enquanto sua determinação estivesse intacta, e ela ainda tentasse parecer alegre e tranquila, sua irmã poderia confiar, sem receios, que o tempo a curaria.

Margaret voltou e a família estava reunida novamente na tranquilidade do chalé e, se não continuaram seus estudos habituais com a mesma energia de quando haviam recém chegado a Barton, ao menos tinham intenções de retomá-los vigorosamente no futuro.

Elinor começou a ficar impaciente por não receber notícias de Edward. Não soubera mais nada sobre ele desde que deixaram Londres. Nada novo sobre seus planos, nada certo sobre sua atual residência. Havia trocado algumas cartas com o irmão, por causa da doença de Marianne, e a primeira que John enviou continha a frase: “Não sabemos nada a respeito de nosso desafortunado Edward e não podemos fazer perguntas a respeito de um tema proibido, mas acreditamos que ele esteja

em Oxford”. Essa foi toda a informação que a correspondência lhe proporcionou sobre Edward, pois em nenhuma das cartas posteriores seu nome foi mencionado. Entretanto, ela não estava condenada a permanecer na ignorância por muito tempo.

Em uma manhã, o empregado da casa foi enviado a Exeter com alguns negócios para resolver. Assim que voltou, enquanto servia à mesa, respondia as perguntas de sua patroa a respeito de seus afazeres, quando fez um comentário voluntário:

- Creio que a senhora já sabe que Mr. Ferrars se casou.

Marianne teve um violento sobressalto, fixou os olhos em Elinor, viu como ela ficou pálida e histérica, reclinando-se na cadeira. Mrs. Dashwood, cujos olhos intuitivamente seguiram a mesma direção enquanto respondia a indagação do criado, sentiu um forte impacto ao perceber no semblante de Elinor o quanto ela sofria, e no momento seguinte, igualmente preocupada com a situação de Marianne, não sabia a qual das filhas deveria acudir primeiro.

O criado, que viu apenas que Miss Marianne estava doente, foi bastante sensato para

chamar uma das criadas, que, com a ajuda de Mrs. Dashwood, a conduziram para outro cômodo. Àquela altura, Marianne estava melhor, e sua mãe, deixando-a sob os cuidados de Margaret e da criada, voltou ao encontro de Elinor, que embora

estivesse muito descomposta, havia recuperado o uso da razão e da voz o suficiente para começar a interrogar Thomas sobre a fonte daquela informação. Mrs. Dashwood imediatamente se encarregou de tal tarefa e Elinor pôde beneficiar-se da informação sem o esforço de ter que pedi-la.

- Quem lhe disse que Mr. Ferrars está casado, Thomas?

- Eu vi, senhora, com meus próprios olhos esta manhã em Exeter, Mr. Ferrars com sua esposa, Miss Steele como era chamada. Eles estavam parando a carruagem em frente à hospedaria New London, quando entrei com uma mensagem de Sally, de Barton Park, para seu irmão, que trabalha como carteiro. Aconteceu de eu olhar para a carruagem e ver que era a mais jovem das Steeles, então eu tirei o chapéu, ela me reconheceu, me chamou e perguntou pela senhora, pelas moças e especialmente por Miss Marianne, além de encarregar-me de trazer-lhe os cumprimentos dela e de Mr. Ferrars, suas melhores saudações, e o quanto lamentavam não terem tempo para visitá-las, pois tinham pressa em seguir a viagem, porque lhes faltava um bom trecho para percorrer, mas, de todo modo, quando eles estivessem de volta, deram-me certeza de vir ver a senhora.

- Mas ela lhe contou que estava casada, Thomas?

- Sim, senhora. Ela sorriu, e disse como havia mudado de sobrenome desde a última vez que estive por estes lados.

Sempre foi uma jovem muito amistosa e sincera, e muito bem educada. Então, tomei a liberdade de desejar-lhe felicidades.

- Mr. Ferrars estava com ela na carruagem?

- Sim, senhora, eu o vi sentado ali dentro, no entanto, sequer levantou os olhos. O cavalheiro nunca foi de conversar muito.

O coração de Elinor podia facilmente explicar porque ele não havia se mostrado, e Mrs. Dashwood provavelmente imaginou a mesma razão.

- Não havia mais ninguém na carruagem?

- Não, senhora, somente os dois.

- Você sabe de onde vinham?

- Eles vinham de Londres, pelo que Miss Lucy... Mrs. Ferrars me contou.

- Estavam indo para oeste?

- Sim, senhora, mas não vão se demorar muito. Logo estarão de volta e passarão por aqui.

Mrs. Dashwood neste momento olhou para a filha, mas Elinor sabia muito bem que

não deveria esperar por essa visita. Reconheceu Lucy inteira na mensagem, e tinha bastante certeza de que Edward não se aproximaria delas. Em voz baixa comentou com a mãe que eles

deveriam estar a caminho da casa de Mr. Pratt, perto de Plymouth.

Thomas parecia ter terminado de contar as novidades. Elinor olhou para ele como se esperasse ouvir mais.

- Você os viu partir antes de voltar para casa?
- Não, senhora, estavam acabando de tirar os cavalos, mas eu não podia me demorar mais, estava preocupado em não me atrasar.
- Mrs. Ferrars parecia bem?
- Sim, senhora, ela me disse o quanto se sentia bem; para mim ela sempre foi uma jovem bonita e parecia bastante contente.

Mrs. Dashwood não pôde pensar em mais nada para perguntar, assim, tanto Thomas quanto a toalha de mesa agora pareciam desnecessários, portanto foram logo em seguida dispensados. Marianne já havia avisado que não iria comer mais nada. Mrs. Dashwood e Elinor perderam o apetite e Margaret podia dar-se por satisfeita, pois, apesar das inúmeras inquietações que ambas as irmãs haviam experimentado ultimamente, com tantas razões para não se preocuparem com as refeições, ela nunca havia sido obrigada a ficar sem jantar.

Quando serviram a sobremesa e o vinho e Mrs. Dashwood e Elinor ficaram a sós, permaneceram muito tempo juntas,

ambas meditando em silêncio. Mrs. Dashwood não se atreveu a fazer nenhuma observação nem se arriscou a oferecer consolo. Dava-se conta agora de que havia se equivocado ao confiar na representação de Elinor e concluiu com justiça que tudo havia sido amenizado na época, para poupá-la de uma infelicidade maior, considerando o quanto estava sofrendo por Marianne. Descobriu que a cuidadosa e considerada atenção da filha a levava ao engano de pensar que o afeto, que um dia havia compreendido tão bem, era na realidade muito menos sério do que acreditava, ou do que agora ficara provado. Temia que, ao se convencer daquilo, tivesse sido injusta, desatenta ou até indelicada com sua querida Elinor; pois a aflição de Marianne, que era mais evidente, mais patente aos seus olhos, havia absorvido demais a sua ternura, levando-a a quase se esquecer de que Elinor poderia estar sofrendo tanto quanto ela, porém com menos demonstrações de dor e maior coragem.

C A P I T U L O XLVIII

Elinor havia descoberto a diferença entre a expectativa de um evento desagradável, por mais certo que a razão o considere, e a certeza do fato em si. Havia descoberto que, mesmo contra a vontade, sempre tivera a esperança, enquanto Edward permanecesse solteiro, de que algo aconteceria para evitar que ele se casasse com Lucy; que alguma resolução dele mesmo, alguma mediação dos amigos, ou uma oportunidade mais interessante para Lucy se estabelecer, acabaria surgindo para a felicidade de todos. Mas agora ele estava casado e ela culpou seu próprio coração por essa fantasia secreta, que aumentava ainda mais a dor da notícia.

No começo, surpreendeu-se um pouco de que ele houvesse se casado tão cedo, antes (segundo ela imaginava) de sua ordenação e, conseqüentemente, antes de tomar posse de seu benefício na casa paroquial. Mas logo ela percebeu o quanto era provável que Lucy, cuidando de seus próprios interesses e ansiosa por garanti-lo para si, correria qualquer risco, menos o risco do adiamento. Eles estavam casados, casaram-se em Londres, e agora iam para a casa do tio dela. O que sentiu Edward ao estar a menos de sete quilômetros de Barton, ao ver o empregado de sua mãe, ao escutar a mensagem de Lucy!

Supôs que eles logo se estabeleceriam em Delaford. Delaford – o lugar pelo qual tantos conspiravam para despertar seu

interesse, um lugar que queria conhecer e também evitar. Rapidamente imaginou os dois na casa paroquial, viu Lucy como uma administradora ativa, ao mesmo tempo unindo o desejo de elegância com a maior frugalidade, e envergonhada de que suspeitassem de metade das suas práticas econômicas; em busca de seus próprios interesses em cada pensamento, cortejando os favores do Coronel Brandon, de Mrs. Jennings e de cada um de seus amigos mais abastados. Elinor não sabia muito bem como veria Edward, nem o que queria ver... feliz ou infeliz... nada lhe agradava. Afastou de sua mente qualquer pensamento sobre ele.

Elinor tinha a ilusão de que algum de seus conhecidos de Londres lhe escreveria para anunciar o casamento, e dar-lhe mais detalhes, porém, os dias se passaram e nenhuma carta chegou, nenhuma notícia. Ainda que não estivesse certa de que alguém fosse culpado, criticava cada um de seus amigos ausentes. Todos eram desatenciosos ou indolentes.

- Quando a senhora vai escrever ao Coronel Brandon, mamãe? - foi a pergunta que brotou de sua mente, impaciente para saber mais informações.

- Eu escrevi para ele semana passada, meu amor, e antes espero vê-lo do que receber notícias suas outra vez. Eu insisti para que nos visitasse, e não ficaria surpresa ao vê-lo chegar aqui hoje, amanhã ou outro dia qualquer.

Isto já era algo que podia se esperar. Coronel Brandon tinha que ter informações para dar.

Mal acabava de concluir tal coisa, quando a figura de um homem a cavalo atraiu seus olhos para a janela. Ele parou no portão. Era um cavalheiro, era o próprio Coronel Brandon.

Agora ela poderia saber mais notícias, e tremeu ao imaginá-lo. Mas não era o Coronel Brandon... não tinha seu porte, nem sua altura. Se fosse possível, diria que devia ser Edward. Voltou a olhar. O homem acabara de descer do cavalo... Não podia se enganar... Era Edward. Elinor se afastou e procurou um lugar para sentar. “Ele vem da casa de Mr. Pratt com o propósito de nos ver. Tenho que ficar calma, hei de me controlar”.

Elinor logo percebeu que as outras também estavam cientes do engano. Viu Marianne e sua mãe corarem, viu que olhavam para ela e sussurravam algo entre si. Daria tudo no mundo para poder falar e fazê-las compreender que esperava que não demonstrassem a menor frieza ou menosprezo para com ele. Mas não conseguiu falar e foi obrigada a contar com o discernimento da mãe e das irmãs.

Não trocaram uma sílaba entre si. Esperaram em silêncio que o visitante aparecesse. Escutaram seus passos ao longo do

caminho de cascalho, em um momento estava no corredor, e no momento seguinte estava diante delas.

O semblante dele, quando entrou na sala, não era muito feliz, até mesmo para Elinor. Estava pálido de agitação e parecia temeroso da forma como seria recebido, consciente de não merecer uma acolhida amável. Mrs. Dashwood, entretanto, conformando-se com o que ela acreditava ser o desejo de sua filha, aquela por quem ansiava, de coração, ser guiada em todas as coisas, o recebeu com um olhar de alegria forçada, estendeu-lhe a mão e desejou-lhe felicidades.

Ele corou e murmurou uma resposta ininteligível. Os lábios de Elinor haviam se movido junto com os de sua mãe, e quando o momento de agir já havia passado, desejou ter lhe dado a mão também. Mas já era tarde demais e, com uma expressão no rosto que pretendia ser sincera, ela sentou-se novamente e começou a falar sobre o tempo.

Marianne, tentando ocultar sua aflição, retirara-se da vista dos demais o mais rápido possível, e Margaret, entendendo em parte o que ocorria, mas não por completo, pensou que sua obrigação era comportar-se dignamente, portanto sentou-se o mais longe possível de Edward e manteve o mais estrito silêncio.

Quando Elinor terminou de alegrar-se com o clima seco da estação, sucedeu-se uma horrível pausa. Ela foi quebrada por Mrs. Dashwood, que se sentiu obrigada a desejar que Mrs.

Ferrars estivesse gozando de boa saúde. Apressadamente ele respondeu que sim.

Outra pausa.

Elinor, decidindo fazer um esforço, embora temesse ouvir o som da própria voz, disse:

- Mrs. Ferrars está em Longstaple?
- Longstaple! - respondeu ele, surpreso. Não, minha mãe está em Londres.
- Eu referia-me - disse Elinor, pegando um trabalho manual que estava sobre a mesa
- a Mrs. Edward Ferrars.

Ela não ousou levantar os olhos, mas sua mãe e Marianne olharam para ele. Edward ficou vermelho, parecia perplexo, olhou com um olhar de dúvida e, após hesitar um pouco, disse:

- Talvez se refira ao meu irmão, talvez queira dizer Mrs. Robert Ferrars.

- Mrs. Robert Ferrars! - Marianne e sua mãe repetiram bastante assustadas.

E embora Elinor não pudesse falar, seus olhos estavam fixos em Edward com a mesma admiração impaciente. Ele se levantou da cadeira, caminhou até a janela, aparentemente sem saber o que fazer; pegou uma tesoura que estava por ali, e enquanto

cortava alguns pedaços da bainha que a guardava, disse, com voz apressada:

- Talvez vocês não saibam... ou não devem ter ouvido que meu irmão se casou recentemente... com a mais nova... com Miss Lucy Steele.

As palavras dele foram repetidas com assombro indescritível por todas elas menos Elinor, que continuou sentada com a cabeça inclinada sobre seu trabalho, em um estado de agitação tão grande que ela mal sabia dizer onde estava.

- Sim - disse ele - eles se casaram na semana passada, e estão agora em Dawlish.

Elinor não conseguia mais ficar sentada. Saiu quase correndo da sala, e assim que a porta foi fechada, rompeu em lágrimas de tamanha felicidade que, a princípio, ela pensou que não fossem mais parar. Edward, que neste momento olhava para qualquer outra parte menos para ela, viu-a correr pela porta, e talvez tenha notado, ou até mesmo ouvido, a sua emoção; pois logo em seguida ele caiu em um devaneio que nenhum comentário, nenhuma pergunta, nenhuma palavra gentil de Mrs. Dashwood pôde interromper. E finalmente, sem dizer uma palavra, deixou a casa e caminhou em direção à vila, deixando as outras completamente estupefatas e perplexas diante de uma mudança tão maravilhosa e repentina em sua situação - perplexidade que não conseguiam atenuar, a não ser por meio de suas próprias conjecturas.

CAPÍTULO XLIX

Porém, por mais inexplicáveis que parecessem a toda família as circunstâncias de sua liberação, o certo é que Edward estava livre; e todas perceberam facilmente em que ele poderia utilizar essa liberdade: após experimentar os benefícios de um compromisso imprudente, contraído sem o consentimento de sua mãe, como fora o caso por mais de quatro anos, depois do fracasso deste, nada mais se poderia esperar do que a imediata contração de outro.

O motivo de ele estar em Barton, de fato, era simples. Era apenas para pedir Elinor em casamento, e considerando que não era totalmente inexperiente no assunto, pode parecer estranho que tenha se sentido tão desconfortável nesta ocasião, como na verdade se sentia, sempre necessitado de encorajamento e de ar fresco.

Não é necessário, porém, contar em detalhes com que presteza ele decidiu tomar aquela resolução, quão rápido viu a oportunidade de colocá-la em prática, de que maneira se expressou e como foi recebido. A única coisa importante a dizer é que, quando todos se sentaram à mesa às quatro horas, cerca de três horas depois de sua chegada, ele já havia conseguido a mão de sua amada, o consentimento de Mrs. Dashwood, e não apenas professava o discurso arrebatado do enamorado, como também, na realidade da razão e da

verdade, se considerava o mais feliz dos homens. De fato, sua alegria era maior do que o comum. Tinha mais do que o triunfo normal do amor correspondido para fazer transbordar seu coração e elevar seu ânimo. Estava livre de seu compromisso, sem nenhuma culpa de sua parte, livre de um embaraço que há muito tempo o fazia infeliz, de uma mulher que há muito tempo já não amava

- e, ao mesmo tempo, encontrara segurança junto de outra, na qual ficava pensando quase com desespero, desde o momento em que começou a desejá-la. Fora trazido, não da dúvida ou da incerteza, mas da desgraça para a felicidade; e essa mudança era abertamente expressa com uma alegria tão genuína, tão transbordante, tão agradecida, como suas amigas nunca haviam conhecido.

Seu coração agora estava aberto para Elinor, confessou todas as suas fraquezas, todos os seus erros, e tratou seu primeiro amor infantil por Lucy com toda a dignidade filosófica de seus vinte e quatro anos.

- Foi uma inclinação boba e inútil de minha parte - disse ele - consequência da ignorância do mundo e da falta de ocupação. Se minha mãe tivesse me oferecido uma profissão ativa, assim que fiz dezoito anos e fui afastado da tutela de Mr. Pratt, creio... não, tenho certeza de que nada disso jamais teria ocorrido; pois embora tenha deixado Longstaple com o que julgava ser, na época, a mais invencível devoção por sua sobrinha, ainda assim, se eu tivesse qualquer ocupação,

qualquer coisa em que ocupar meu tempo e manter-me longe dela por alguns meses, logo teria superado esse amor de fantasia, especialmente se tivesse convivido mais com outras pessoas, como em tal caso eu deveria ter feito. Porém, em vez de ter qualquer coisa para fazer, em vez de ter qualquer profissão escolhida para mim, ou de ter permissão

para escolhê-la, voltei para casa e permaneci completamente ocioso. E durante os doze meses seguintes, não tive sequer a ocupação universitária, já que entrei em Oxford somente quando completei dezenove anos. Não tinha, portanto, nada para fazer, a não ser imaginar-me apaixonado. Como minha mãe não criava em minha casa um clima agradável, como eu não tinha amigos, nem sequer a companhia de meu irmão, e também não gostava de conhecer novas pessoas, era natural que fosse com frequência a Longstaple, onde eu sempre me senti em casa, sempre fui bem recebido. Passei ali a maior parte do tempo entre os meus dezoito e dezenove anos de idade. Lucy parecia tudo o que havia de mais amável e gentil. E era bonita também, pelo menos eu pensava assim naquela época, e como conhecia tão poucas mulheres, não podia fazer comparações nem ver-lhe defeitos. Portanto, levando tudo em consideração, creio que, por mais insensato que fosse nosso compromisso, por mais insensato que tenha se mostrado desde então, nessa época não foi um ato anormal ou indesculpável.

A mudança que em algumas horas se produzira no espírito e na felicidade das Dashwoods foi tal – tão intensa – que prometia proporcionar a todas elas a satisfação de uma noite em claro. Mrs. Dashwood, feliz demais para sentir-se calma, não sabia como demonstrar seu amor por Edward ou elogiar Elinor o suficiente, não tinha ideia de como ser grata por vê-lo livre do compromisso sem ser indelicada, nem como oferecer-lhes oportunidade para conversarem livremente e, ao mesmo tempo, desfrutar da presença e companhia de ambos, como era seu desejo.

Marianne podia manifestar sua felicidade unicamente através das lágrimas. Surgiriam comparações, pesares também apareceriam, e sua alegria, ainda que tão sincera como seu amor pela irmã, não era de um tipo que lhe trouxesse entusiasmo nem palavras.

Mas e quanto a Elinor, como descrever seus sentimentos? Desde o momento em que soube que Lucy havia se casado com outro, que Edward estava livre, até o momento em que ele justificou as esperanças que imediatamente passara a ter, ela sentiu tudo menos tranquilidade. Mas quando o primeiro momento passou, quando viu que todas as suas dúvidas, todas as suas preocupações foram aplacadas, quando pôde comparar sua situação com a dos últimos tempos – e o viu honradamente livre de seu compromisso anterior, e logo aproveitando a oportunidade para dirigir-se a ela e declarar-lhe tão terno afeto, tão constante como ela sempre havia

pensando – sentiu-se oprimida e vencida por sua própria felicidade. E apesar da afortunada tendência da mente humana de aceitar rapidamente qualquer mudança para melhor, foram necessárias várias horas para que ela voltasse à serenidade de ânimo e seu coração ficasse tranquilo.

Edward permaneceria no chalé pelo menos por uma semana, pois, quaisquer que fossem suas outras obrigações, era impossível dedicar menos de uma semana a desfrutar da companhia de Elinor – período, aliás, insuficiente para dizer tudo o que deveria ser dito sobre o passado, o presente e o futuro; pois, embora umas poucas horas passadas no duro trabalho de falar sem parar sejam suficientes para esgotar mais assuntos do que os que podem realmente existir em comum entre duas criaturas racionais, já com os enamorados é diferente. Entre eles nunca assunto algum se esgota, nenhuma comunicação é de fato feita sem que tenha sido repetida pelo menos vinte vezes.

O casamento de Lucy, a inesgotável e previsível surpresa de todos, foi certamente uma das primeiras conversas entre os enamorados, e o conhecimento particular que Elinor tinha de cada uma das partes fez com que o caso lhe parecesse, de todos os pontos de vista, como uma das circunstâncias mais extraordinárias e inconcebíveis de que já tivera conhecimento. Como eles puderam se unir e o que atraiu Robert a ponto de levá-lo a se casar com uma moça, de cuja beleza ela mesma o

ouvira falar sem qualquer admiração, uma moça já comprometida com seu irmão, e por quem esse irmão havia sido expulso da família, tudo isso era algo que estava além da compreensão de Elinor. Para seu coração era algo maravilhoso, para sua imaginação era algo ridículo, mas para sua razão, seu julgamento, era um perfeito enigma.

Edward poderia apenas tentar explicar com a suposição de que, talvez, depois de um primeiro encontro acidental, a vaidade de um insuflada pela bajulação do outro, levasse pouco a pouco a todo o resto. Elinor lembrou-se do que Robert lhe dissera em Harley Street, da opinião que ele tinha sobre as consequências de sua própria intervenção na vida particular do irmão, se soubesse a tempo. Ela contou para Edward a conversa que tiveram.

- Isso é típico de Robert - foi seu comentário imediato. - E é o que certamente tinha em mente no começo de sua relação com Lucy - acrescentou. - E Lucy, no começo, talvez quisesse apenas conquistar a simpatia de Robert em nosso favor. Quaisquer outros objetivos devem ter surgido depois.

Por quanto tempo aquilo estava acontecendo entre eles, porém, Edward, assim como Elinor, não tinha como saber com certeza, pois já em Oxford, onde escolhera permanecer desde que deixara Londres, não tivera notícias dela, a não ser as que ela mesma lhe enviava. Até o último momento suas cartas não foram nem menos frequentes, nem menos afetuosas do que sempre haviam sido. Por isso, não tinha a menor suspeita, nada

o preparou para o que se seguiria. E quando finalmente recebeu a notícia em uma carta da própria Lucy, ele ficou por algum tempo estupefato, entre a surpresa, o horror e a alegria da liberdade recuperada. Colocou a carta nas mãos de Elinor.

Caro senhor,

Com a certeza absoluta de que já perdi seu afeto há muito tempo, senti-me livre para entregar o meu à outra pessoa e não tenho dúvida de que serei tão feliz com ele como pensei um dia que seria feliz com o senhor. Mas recuso-me a aceitar a mão de alguém cujo coração pertence à outra. Sinceramente, desejo que seja feliz em sua escolha,

e não será minha culpa se não formos bons amigos, como o nosso próprio parentesco torna apropriado. Sem nenhuma dúvida posso dizer que não lhe tenho rancor, e estou certa de que será bastante generoso para não nos prejudicar. Seu irmão conquistou por completo minha afeição, e como não podemos viver um sem o outro, acabamos de voltar do altar. Agora seguiremos para Dawlish para passar algumas semanas, lugar que seu querido irmão tem grande curiosidade em conhecer, mas pensei que antes deveria incomodá-lo com estas poucas linhas. Permanecerei para sempre

Sua sincera amiga e cunhada, que lhe quer bem, Lucy Ferrars.

P.S. Queimei todas as suas cartas, e devolverei seu retrato na primeira oportunidade. Por favor, destrua meus rabiscos, mas o anel com minha mecha de cabelos sinta-se à vontade para guardar.

Elinor leu a carta e devolveu-a sem qualquer comentário.

- Eu não perguntarei sua opinião a respeito da redação da carta - disse Edward. - Por nada no mundo gostaria que lesse uma carta dela em outros tempos. Para uma cunhada já é bastante ruim, mas para uma esposa! Eu creio que posso dizer que desde os primeiros seis meses deste tolo... negócio... esta é a única carta que recebi dela em que o conteúdo compensa, de certa forma, os defeitos de estilo.

- Seja como for que aconteceu - disse Elinor, depois de uma pausa -, é certo que estão casados. E sua mãe recebeu uma punição mais que merecida. A independência financeira concedida a Robert, por ressentimento contra você, deu a ele o poder de escolher por si mesmo. Ela, na verdade, subornou um dos filhos com mil libras anuais para que fizesse a mesma coisa pela qual deserudara o outro filho, que apenas o pretendia. Suponho que dificilmente ficará menos magoada com o casamento de Robert e Lucy do que teria ficado com seu casamento com ela.

- Ela ficará mais magoada, pois Robert sempre foi seu favorito. Há de ficar mais ofendida, mas de acordo com o mesmo princípio, irá perdoá-lo muito mais rápido.

Edward não sabia em que estado estavam as relações entre eles nesse momento, pois não havia tentando nenhuma comunicação com ninguém da família. Havia deixado Oxford menos de vinte e quatro horas após receber a carta de Lucy, com um único objetivo em mente, ir à Barton. Não teve tempo de traçar nenhum plano de ação ao qual esse caminho não estivesse intimamente ligado. Não poderia fazer mais nada até que soubesse do seu destino com Miss Dashwood, e é de se supor, pela rapidez com a qual buscou esse destino, apesar dos ciúmes que antes tivera do Coronel Brandon, apesar da modéstia com que avaliava seus próprios méritos e da gentileza com que falava de suas dúvidas, em último caso, não esperava uma recepção muito cruel. Era sua obrigação, porém, dizer que sim e ele o disse com perfeição. O que ele poderia dizer a respeito deste assunto, um ano mais tarde, é algo que deve ficar na imaginação dos casais.

Para Elinor estava claro que Lucy certamente tentou enganá-la e quis despedir-se com um toque de malícia contra Edward em seu recado trazido por Thomas, e o próprio Edward, vendo agora com toda clareza como era seu caráter, não tinha dúvidas de que ela seria capaz das maiores leviandades. Apesar de seus olhos estarem abertos há muito tempo, mesmo antes de conhecer Elinor, para a ignorância e a falta de liberalidade de algumas de suas opiniões, imputou-as à falta de instrução dela; e até receber sua última carta, sempre acreditara que ela fosse uma moça bem intencionada, de bom

coração, e muito apaixonada por ele. Nada senão essa convicção podia impedi-lo de pôr um fim no compromisso que, muito antes de ser descoberto e de tê-lo exposto à raiva da mãe, já era uma fonte contínua de inquietude e arrependimento para ele.

- Eu pensei que fosse meu dever - disse ele - independentemente dos meus sentimentos, dar-lhe a opção de continuar ou não o compromisso, quando minha mãe me

deserdou e fiquei aparentemente sem nenhum amigo no mundo que pudesse me ajudar. Em uma situação como essa, em que parecia não haver nada que pudesse servir de tentação à avareza ou à vaidade de nenhuma criatura viva, como poderia supor, quando ela insistiu com tanta intensidade e paixão em compartilhar meu destino, fosse ele qual fosse, que seu motivo fosse algo mais que um afeto desinteressado? E mesmo agora, não consigo entender o que a levou a se comportar dessa maneira ou que vantagem imaginária poderia ter para ela estar ligada a um homem pelo qual não tinha a menor consideração e que tinha apenas duas mil libras. Ela não podia prever que o Coronel Brandon fosse me dar algum benefício.

- Não, mas ela poderia imaginar que algo bom aconteceria em seu favor, que com o tempo, sua própria família cederia. E em todo caso, não perdeu nada em continuar com o

compromisso, pois, como deixou bem claro, não se sentia obrigada por ele nem em seus desejos nem em suas ações. A união era certamente respeitável, e provavelmente a fazia ganhar consideração entre seus amigos e, se nada mais vantajoso acontecesse, seria melhor para ela casar-se com você do que ficar solteira.

Edward convenceu-se imediatamente, é claro, que nada podia ser mais natural que o comportamento de Lucy, nem mais evidente que o seu motivo.

Elinor repreendeu-o (com a dureza que as damas sempre utilizam para repreender uma imprudência que lhes serve de cumprimento) por ter ficando tanto tempo com elas em Norland, quando devia ter tido consciência de sua própria inconstância.

- Seu comportamento foi, certamente, muito errado - disse ela -, pois, para não falar de minhas próprias convicções, nossos amigos foram levados a imaginar e a esperar algo que, devido à sua situação na época, não podia acontecer.

Edward só pôde apresentar como desculpa a ignorância de seu próprio coração e uma equivocada confiança na força de seu compromisso.

- Eu era ingênuo a ponto de pensar que, se havia empenhado minha palavra à outra pessoa, não havia perigo em permanecer em sua companhia; e que a consciência do meu compromisso deveria resguardar meus sentimentos,

tornando-os tão seguros e sagrados quanto minha honra. Percebi que a admirava, mas dizia a mim mesmo que era apenas amizade, e até começar a fazer comparações entre você e Lucy, eu não sabia até onde esse sentimento poderia ir. Depois disso, suponho que não foi correto permanecer tanto tempo em Sussex, e os argumentos com os quais me reconciliei com a conveniência da minha permanência não eram melhores do que estes: o risco é todo meu, não causei dano a ninguém a não ser a mim mesmo.

Elinor sorriu e balançou a cabeça.

Edward ouviu com prazer que esperavam a visita do Coronel Brandon, pois não apenas desejava conhecê-lo melhor, como também queria ter a oportunidade de convencê-lo de que não estava ofendido por ter-lhe oferecido o benefício de Delaford.

- Pois até hoje - disse ele - com os agradecimentos tão pouco entusiasmados que recebeu de minha parte naquela ocasião, pode continuar acreditando que não o perdoei por ter me oferecido.

Agora ele se admirava de nunca ter ido conhecer o lugar. Mas se interessara tão pouco

pelo assunto, que devia todo o conhecimento da casa, do jardim, das terras, a extensão da paróquia, as condições das terras e o valor dos dízimos, à própria Elinor, que havia

escutado tantas vezes Coronel Brandon dizer, e ouvira com tanta atenção, que tinha completo domínio sobre o assunto.

Depois disso, havia apenas uma questão em aberto entre eles, uma dificuldade a ser vencida. Eles haviam se unido pelo afeto mútuo, com a mais calorosa aprovação de seus verdadeiros amigos e o conhecimento íntimo que tinham um do outro era uma base segura para sua felicidade - só lhes faltavam os meios para conseguir viver. Edward tinha duas mil libras e Elinor mil, as quais, somadas ao rendimento do benefício de Delaford, eram tudo o que tinham de seu, pois parecia impossível que Mrs. Dashwood pudesse lhes adiantar algo, e nenhum deles estava tão apaixonado a ponto de pensar que trezentas e cinquenta libras por ano seriam o suficiente para uma vida confortável.

Edward não perdera completamente as esperanças de alguma mudança favorável da mãe em relação a ele, e confiava nisso para obter o restante de suas rendas. Mas Elinor não tinha a mesma confiança, pois como Edward continuava sem poder se casar com Miss Morton e, nas palavras elogiosas dela, Mrs. Ferrars havia se referido à Elinor unicamente como um mal menor do que a escolha de Lucy Steele, temia que a ofensa de Robert só servisse para enriquecer Fanny.

Cerca de quatro dias após a chegada de Edward, Coronel Brandon apareceu, para a satisfação de Mrs. Dashwood, que teve a honra, pela primeira vez desde que fora viver em Barton, de ter mais companhia do que sua casa podia acolher. Edward

manteve o privilégio do primeiro a chegar, e o Coronel Brandon, portanto, teve que caminhar a cada noite para seus antigos aposentos em Barton Park, dos quais voltava a cada manhã, cedo o bastante para interromper a primeira conversa dos enamorados antes do café da manhã.

Depois de três semanas de permanência em Delaford, onde, pelo menos à noite, pouco tinha a fazer senão calcular a desproporção entre trinta e seis e dezessete anos de idade, chegou a Barton em um estado de ânimo tal que, para alegrar-se, precisou de todo o estímulo dos olhares de Marianne, toda gentileza de sua recepção e todo o estímulo das palavras de sua mãe. Entre tais amigos, porém, e tantas amabilidades, pareceu ganhar ânimo novo. Nenhum rumor sobre o casamento de Lucy havia chegado até ele, não sabia nada sobre o ocorrido, e, conseqüentemente, passou as primeiras horas de sua visita escutando e se surpreendendo. Tudo lhe era explicado por Mrs. Dashwood, dando-lhe novos motivos para alegrar-se com o que fizera por Mr. Ferrars, porque acabara resultando em um benefício para os interesses de Elinor.

Seria desnecessário dizer que os cavalheiros avançaram na boa opinião um do outro, à medida que se conheciam melhor, pois não poderia ser de outra maneira. A semelhança de seus bons princípios e bom senso, de humor e de maneira de pensar, provavelmente já seria suficiente para uni-los como amigos sem necessidade alguma de outro atrativo. Mas o fato de estarem apaixonados por duas irmãs, e duas irmãs que se

adoravam, tornou inevitável e imediato o afeto mútuo que em outras condições talvez tivesse de esperar pelo efeito do tempo e do discernimento.

As cartas vindas de Londres, que alguns dias antes teriam estremecido cada nervo do corpo de Elinor, agora chegavam para serem lidas com menos emoção do que alegria. Mrs. Jennings escreveu para contar toda a fantástica história, para desabafar sua honesta indignação contra a leviana moça e expressar sua compaixão pelo pobre Edward que, certamente, estava completamente apaixonado por aquela assanhada e, pelos seus cálculos, estava agora em Oxford com o coração despedaçado. A carta continuava assim:

Creio que ninguém nunca agiu de maneira tão dissimulada, pois apenas dois dias antes Lucy me visitou e ficou umas duas horas comigo. Ninguém suspeitou de nada, nem mesmo Nancyque, pobre criatura! chegou aqui no dia seguinte chorando, terrivelmente alarmada com medo de Mrs. Ferrars e por não ter como chegar a Plymouth, pois

Lucy, segundo parece, pediu-lhe emprestado todo o dinheiro antes de casar-se, talvez para poder se exhibir, e a pobre Nancyficou com apenas sete xelins, então, alegrei-me muito ao dar-lhe cinco guinéus para poder ir a Exeter, onde pensa em passar três ou quatro semanas com Mrs. Burgess, na esperança, como eu lhe disse, de encontrar-se novamente com

o reverendo. Edevo confessar que o pior de tudo foi a má vontade de Lucy em não levá-la consigo na carruagem. Pobre Mr. Edward! Não consigo tirá-lo de minha cabeça, mas devem convidá-lo para vir a Barton, e Miss Marianne deve tentar consolá-lo.

O tom de Mr. Dashwood era mais solene. Mrs. Ferrars era a mais desafortunada das mulheres... e a pobre Fanny havia suportado tantas agonias... ele estava agradecido ao ver que não sucumbiram diante de tal golpe. A ofensa de Robert era imperdoável, mas a de Lucy era infinitamente pior. Nunca mais se deveria mencionar o nome dos dois na presença de Mrs. Ferrars, e mesmo se mais tarde ela fosse levada a perdoar o filho, sua esposa jamais seria reconhecida como nora ou seria autorizada a aparecer em sua presença. O segredo com que haviam tratado o assunto entre eles, foi racionalmente considerado como um enorme agravante do crime, porque, se os outros tivessem suspeitado de alguma coisa, teriam tomado medidas para impedir o casamento; e John convidava Elinor a se unir a ele para lamentar que o casamento de Lucy e Edward não tivesse se realizado, pois acabara sendo um meio de espalhar ainda mais a desgraça na família. E continuava assim: Mrs. Ferrars nunca mais mencionou o nome de Edward, o que não nos surpreende, mas o que nos assombra muito é não termos recebido sequer uma linha dele sobre o ocorrido. Talvez ele se mantenha calado por receio de ofendê-la e, portanto,

vou dar a ele uma sugestão, vou escrever-lhe algumas linhas e enviar a Oxford insinuando-lhe que sua irmã e eu pensamos que uma carta em que demonstre uma submissão adequada, endereçada talvez a Fanny e

por ela mostrada à sua mãe, pode não ser levada a mal, já que todos nós conhecemos a ternura do coração de Mrs.

Ferrars, que não deseja mais do que estar bem com seus filhos.

Este parágrafo tinha certa importância para os planos e a conduta de Edward. Ele decidiu tentar uma reconciliação, embora não fosse exatamente da maneira sugerida por seu cunhado e sua irmã.

- Uma submissão adequada! - repetiu Edward - Será que querem que eu peça perdão a minha mãe pela ingratidão de Robert para com ela e pela forma como ele ofendeu a minha honra? Não posso mostrar nenhuma submissão. O ocorrido não me tornou mais humilde nem mais arrependido. De fato, fez-me muito feliz, mas isso não interessa. Não sei de nenhum

gesto de submissão que eu deva realizar.

- Você pode pedir perdão - disse Elinor - porque a ofendeu, e acho que agora deveria demonstrar certa preocupação por ter firmado um compromisso que provocou a ira de sua mãe.

Ele concordou que poderia fazê-lo.

- E quando ela o tiver perdoado, talvez seja conveniente uma pequena demonstração de humildade ao informar a sua mãe um segundo compromisso que, aos olhos dela, é quase tão imprudente quanto o primeiro.

Ele não tinha nenhuma objeção, porém ainda resistia à ideia de uma carta em que se mostrava adequadamente submisso, e assim, para tornar seu ato mais fácil, visto que manifestava uma disposição muito maior para fazer concessões verbais do que por escrito, ficou resolvido que, em vez de escrever a Fanny, ele iria a Londres e lhe pediria pessoalmente que intercedesse por ele.

- E se eles realmente se interessarem - disse Marianne, em sua nova personalidade benevolente - em conseguir uma reconciliação, terei que pensar que nem mesmo John e Fanny são inteiramente desprovidos de méritos.

Depois de uma visita de três ou quatro dias, da parte do Coronel Brandon, os dois cavalheiros deixaram Barton juntos. Dirigiram-se imediatamente a Delaford, para que Edward pudesse conhecer pessoalmente seu futuro lar e ajudar seu protetor e amigo a decidir quais melhorias eram necessárias; e depois de passar ali duas noites, ele seguiria sua viagem para Londres.

CAPITULO L

Depois de uma apropriada e bastante enérgica resistência por parte de Mrs. Ferrars, uma atitude firme e bastante para salvá-la da acusação que sempre pareceu recear, a de ser muito amável, Edward foi admitido em sua presença e declarado novamente seu filho.

Sua família ultimamente andava muito incerta. Durante muitos anos de sua vida tivera dois filhos, mas o crime e o afastamento de Edward, há poucas semanas, lhe havia roubado um deles; e um afastamento similar de Robert a havia deixado por quinze dias sem nenhum dos filhos; mas agora, pela ressurreição de Edward, voltara a ter um.

Apesar de ter recebido a permissão para viver, não sentiu segurança na continuidade de sua existência até que revelasse seu compromisso atual, porque, ao tornar pública essa situação, Edward temia uma repentina reviravolta que o fizesse morrer tão rápido quanto antes. Então, fez sua revelação com receosa cautela e foi ouvido com inesperada calma. A princípio Mrs. Ferrars tentou dissuadi-lo de se casar com Miss Dashwood, recorrendo a todos os argumentos ao seu alcance. Disse a ele que encontraria em Miss Morton uma mulher de alta posição e grande riqueza, e reforçou tal afirmação observando que Miss Morton era filha de um nobre e dona de trinta mil libras, enquanto Miss Dashwood apenas era filha de um cavalheiro e

não tinha mais que três mil libras. Mas quando viu que, embora admitindo a verdade de sua argumentação, Edward não tinha a menor intenção de deixar-se guiar por ela, julgou mais sábio, por sua experiência passada, submeter-se... E assim, após uma demora desagradável, que servia tanto para a manutenção de sua própria dignidade como para evitar toda suspeita de boa vontade, ela decretou seu consentimento para o casamento de Edward e Elinor.

O que ela passou a considerar em seguida foi como aumentar sua renda, e aqui, ficou ainda mais claro que, mesmo que Edward fosse seu único filho no momento, ele não era o herdeiro. Pois ainda que Robert recebesse inevitavelmente mil libras por ano, não se fez a menor objeção contra o fato de Edward ordenar-se por duzentas e cinquenta, no máximo; tampouco prometeu nada para o presente nem para o futuro, além das dez mil libras que Fanny recebera.

Aquilo era, porém, mais do que o esperado por Edward e Elinor, já que Mrs. Ferrars, com suas evasivas desculpas, parecia a única pessoa surpresa por não dar mais.

Com uma renda suficiente para garantir suas necessidades, depois que Edward tomou posse do benefício, eles não tinham mais nada que esperar a não ser o término das obras da casa, na qual o Coronel Brandon, com um forte desejo de acomodar Elinor, fez consideráveis melhorias. E, depois de experimentar por algum tempo, como de costume, as mil desilusões e atrasos dos trabalhadores, Elinor, como sempre, voltou atrás em sua

decisão de só se casar quando tudo estivesse pronto, e a cerimônia se realizou na igreja de Barton, no começo do outono.

O primeiro mês depois do casamento foi passado com seu amigo na mansão do

Coronel Brandon, de onde podiam supervisionar os progressos na casa paroquial e conduzir as coisas como queriam no próprio local. Podiam escolher os papéis de parede, planejar onde plantar os arbustos e inventar um caminho sinuoso até a casa. As profecias de Mrs. Jennings, ainda que embaralhadas, foram cumpridas em sua maior parte: ela pôde visitar Edward e sua esposa na casa paroquial no dia de São Miguel, e encontrou em Elinor e seu esposo, tal como havia pensando, um dos casais mais felizes do mundo. De fato, eles não tinham mais nada a desejar, salvo o casamento do Coronel Brandon com Marianne e pastos melhores para suas vacas.

Eles foram visitados, logo que se instalaram, por quase todos os seus parentes e amigos. Mrs. Ferrars veio inspecionar a felicidade, que quase se envergonhava de ter autorizado, e até mesmo os Dashwoods pagaram os custos de uma viagem desde Sussex para fazer-lhes as honras.

- Eu não direi que estou desapontado, minha querida irmã - disse John, enquanto caminhavam juntos uma manhã diante dos portões de Delaford House - isso seria exagero, pois tal

como são as coisas, na verdade você se tornou uma das mulheres mais afortunadas do mundo. Mas confesso que me daria grande prazer chamar o Coronel Brandon de cunhado. Sua propriedade aqui, sua posição, sua casa, tudo tão admirável e em excelentes condições! E os bosques! Em nenhuma parte em Dorsetshire vi madeiras como as que estão em Delaford Hanger! E, mesmo que Marianne não pareça ser a pessoa ideal para atraí-lo, penso que seria aconselhável que as convidassem com frequência para virem ficar com vocês, pois como o Coronel Brandon parece passar muito tempo em casa, ninguém sabe o que poderia acontecer... Quando duas pessoas estão sempre juntas, sem ver mais ninguém... E sempre estará em suas mãos ressaltar seu melhor lado, etc... Em suma, você poderia oferecer-lhe uma oportunidade... Você me entende.

Embora Mrs. Ferrars tivesse vindo visitá-los e sempre os tratasse com fingido afeto, eles nunca receberam o insulto de seus favores reais e sua preferência. Isso estava reservado à insensatez de Robert e à astúcia de sua esposa, que conseguiram tal façanha antes que muitos meses se passassem. A sagacidade egoísta de Lucy, que no começo havia arrastado Robert àquela enrascada, foi o principal instrumento para liberá-lo de lá; pois sua humildade respeitosa, suas atenções constantes e suas intermináveis adulações, tão logo encontrou uma pequena oportunidade para exercitá-las, reconciliaram Mrs. Ferrars com a escolha do filho, e restabeleceram-no completamente como seu filho favorito.

Todo o comportamento de Lucy no caso e a prosperidade que o coroou pode, portanto, ser tido como exemplo estimulante de que uma intensa e incessante atenção aos próprios interesses, por mais obstáculos que pareçam obstruir o caminho, pode proporcionar todas as vantagens da fortuna, sem sacrificar outra coisa além do tempo e da consciência. Quando Robert a procurou pela primeira vez, e visitou-a em Bartlett's Buildings, sua única intenção era resolver o caso do irmão. Só queria convencê-la a desistir do compromisso, e como o único obstáculo que imaginava possível era o afeto de ambos, logicamente esperava que uma ou duas conversas fossem suficientes para resolver o assunto. Nesse ponto, porém, e apenas nesse, equivocou-se... pois, embora Lucy logo lhe desse provas de que sua eloquência a convenceria a tempo, sempre era preciso outra visita, outra conversa para conseguir convencê-

la. Quando se separavam, Lucy sempre tinha dúvidas, que só podiam ser resolvidas com mais uma conversa com Robert. Desta maneira garantia uma nova visita, e o resto seguiu seu curso natural. Em vez de falar de Edward, passaram gradualmente a falar de Robert, um assunto sobre o qual ele sempre tinha mais a dizer do que sobre qualquer outro, e no qual ela demonstrou um imediato interesse, quase igual ao dele próprio. Em poucas palavras, rapidamente tornou-se evidente para ambos que ele havia suplantado por completo a

preferência dela pelo irmão. Robert estava orgulhoso de sua conquista, orgulhoso de enganar Edward, e mais ainda por ter se casado secretamente sem o consentimento da mãe. O que aconteceu depois já se sabe. Passaram alguns meses felizes em Dawlish, pois Lucy tinha muitos parentes e velhos conhecidos com quem contar, e Robert desenhava muitos planos para magníficos chalés. Quando voltaram a Londres, obtiveram o perdão de Mrs. Ferrars pelo simples expediente de pedi-lo, procedimento este adotado por instigação de Lucy. O perdão, a princípio, obviamente foi dado apenas a Robert, e Lucy, que não tinha nenhuma obrigação com sua sogra e, portanto, não podia transgredir nenhuma, permaneceu algumas semanas sem ser perdoada. Mas a perseverança de um comportamento humilde e as mensagens onde assumia a culpa pela ofensa de Robert, e declarava estar grata pela dureza com que era tratada, proporcionaram-lhe, com o tempo, o altivo reconhecimento de sua existência pela sogra, a quem conquistou com sua graciosidade e que logo a conduziu, em rápida sucessão, ao mais alto grau de afeto e influência. Lucy tornou-se tão necessária a Mrs. Ferrars como Robert ou Fanny; e enquanto Edward nunca foi perdoado de todo coração por uma vez ter pretendido casar-se com ela, e se referirem a Elinor, apesar de superior a Lucy em fortuna e berço, como uma intrusa, ela sempre foi considerada e abertamente declarada como a nora favorita. Foram morar em Londres, receberam um apoio muito generoso de Mrs. Ferrars e tinham o melhor relacionamento possível com os Dashwoods; e, deixando de

lado os ciúmes e a má vontade que persistia entre Fanny e Lucy, na qual seus maridos, é claro, tomavam parte, bem como os frequentes desentendimentos domésticos entre Robert e Lucy, nada poderia superar a harmonia em que todos viviam juntos.

O que Edward tinha feito para perder seus direitos de filho primogênito poderia ter deixado muitas pessoas confusas, e o que Robert fizera para obtê-lo podia deixar essas pessoas ainda mais perplexas. Foi um acordo, porém, justificado por suas consequências, senão por sua causa; pois nada no estilo de vida de Robert ou no seu jeito de falar levantou a suspeita de que lamentasse o montante de suas rendas, seja por deixar demasiado pouco ao irmão, seja por proporcionar-lhe tanto... E se Edward fosse julgado pelo imediato cumprimento de seus deveres, em todos os detalhes, por um crescente apego à sua esposa e ao seu lar e pelo constante bom humor, poderia se supor que não estava menos contente com sua sorte, nem menos livre de desejar qualquer mudança.

O casamento de Elinor só a separou de sua família o mínimo de tempo necessário para não deixar o chalé de Barton completamente inútil, já que sua mãe e suas irmãs passavam mais da metade do tempo com ela. As visitas frequentes de Mrs. Dashwood a Delaford eram motivadas tanto pelo prazer como pela prudência, pois seu desejo de unir Marianne ao Coronel Brandon era pouco menos firme, embora fosse bem mais liberal do que o expresso por John. Era agora seu objetivo

mais querido. Apesar da companhia da filha lhe ser preciosa, não

havia nada que desejasse mais do que renunciar a ela em favor do seu querido amigo. E ver Marianne estabelecida na mansão de Delaford também era o desejo de Edward e Elinor. Os dois percebiam o sofrimento do Coronel e suas próprias obrigações para com ele, e pelo consenso geral, Marianne deveria ser a recompensa de tudo.

Com tal conspiração contra ela... com o íntimo conhecimento da bondade do Coronel... com a certeza de seu enorme afeto por ela, que há muito tempo todos já haviam notado... nasceu um sentimento em Marianne. O que mais ela poderia fazer?

Marianne Dashwood nascera para um destino extraordinário. Nascera para descobrir a falsidade de suas próprias opiniões e para contrariar, pela sua conduta, suas máximas favoritas. Nascera para vencer um afeto que surgiu já aos dezessete anos, e, sem nenhum sentimento superior a um grande apreço e uma profunda amizade, voluntariamente dar a mão a outro! E esse outro era um homem que havia sofrido não menos que ela por causa de seu antigo afeto, e a quem, dois anos antes, havia considerado velho demais para se casar, e ainda por cima procurava proteger a saúde usando coletes de flanela!

Mas assim foi. Em vez de sacrificar-se a uma paixão irresistível, como uma vez ela tinha orgulhosamente esperado fazer... em

vez de permanecer para sempre com a mãe, tendo a reclusão e os estudos como seus únicos prazeres, como mais tarde, com o juízo mais calmo e sóbrio, decidira... aos dezenove anos viu-se entregue a novos afetos, aceitando novos deveres, instalada em outra casa, uma esposa, uma dona de casa e senhora de uma vila.

O Coronel Brandon agora estava tão feliz como todos os que o amavam acreditavam que ele merecia. Encontrava em Marianne o consolo para todas as aflições passadas, seu afeto e sua companhia reanimaram seu espírito e devolveram-lhe o bom humor; e que Marianne encontrasse a sua própria felicidade em ser o objeto da felicidade dele, era a certeza e o prazer de cada um de seus amigos. Marianne não poderia amar pela metade, e, com o tempo, entregou inteiramente seu coração ao esposo, como havia feito antes com Willoughby.

Willoughby não soube do casamento de Marianne sem sentir uma pontada de dor, e seu castigo foi completo quando foi perdoado por Mrs. Smith, a qual, ao declarar que deveria agradecer sua clemência ao fato de ter se casado com uma mulher de caráter, deu-lhe motivos para pensar que, se houvesse agido honrosamente com Marianne, poderia ter sido rico e feliz ao mesmo tempo. Não há motivos para duvidar da sinceridade do seu arrependimento pela má conduta, que lhe trouxe seu próprio castigo, nem tampouco que, durante muito tempo, pensava no Coronel Brandon com inveja e em Marianne com remorso. Mas não devemos supor que ficou inconsolável

para sempre, ou que tenha evitado a boa sociedade, ou que havia adquirido um temperamento sombrio, ou que tinha morrido por causa do coração partido... pois nada disso aconteceu... Ele viveu intensamente e muito satisfeito. Sua esposa nem sempre estava mal-humorada, nem sua casa era desconfortável. E na criação de cavalos e cães e em todo tipo de esportes encontrou um grau considerável de felicidade doméstica.

Por Marianne, porém, apesar de sua indelicadeza em sobreviver à sua perda, sempre manteve esse decidido afeto que o fazia interessar-se por tudo que lhe dizia respeito, e transformou-a em seu ideal secreto de perfeição feminina. E no futuro haveria de olhar com desdém muitas beldades, quando fossem comparadas a Mrs. Brandon.

Mrs. Dashwood foi prudente o bastante para permanecer no chalé, sem tentar uma mudança para Delaford, e felizmente para Sir John e Mrs. Jennings, quando ficaram sem Marianne, Margaret já havia chegado a uma idade muito apropriada para bailes, e não de todo inadequada para ter um namorado.

Entre Barton e Delaford havia aquela constante comunicação que surge naturalmente de um grande afeto familiar. E dentre os méritos e alegrias de Elinor e Marianne, não era menos considerável o fato que, embora fossem irmãs e vivessem quase à vista uma da outra, pudessem conviver sem

desavenças entre si e sem causar desentendimentos entre os maridos.

InfoLivros.org

